



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**IZABEL ADRIANA GOMES DE SENA SIMÕES**

**EDUCAÇÃO E FAMÍLIA: a influência da trajetória familiar no  
acesso dos jovens de periferia ao ensino superior**



RECIFE

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

IZABEL ADRIANA GOMES DE SENA SIMÕES

**EDUCAÇÃO E FAMÍLIA: A INFLUÊNCIA DA TRAJETÓRIA FAMILIAR NO  
ACESSO DOS JOVENS DE PERIFERIA AO ENSINO SUPERIOR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de doutora em Educação.

**Linha de Pesquisa:** Teoria e História da Educação

**Orientador:** Prof<sup>o</sup>. Dr. Edílson Fernandes de Souza.

RECIFE

2018



**IZABEL ADRIANA GOMES DE SENA SIMÕES**

**EDUCAÇÃO E FAMÍLIA: A INFLUÊNCIA DA TRAJETÓRIA FAMILIAR NO  
ACESSO DOS JOVENS DE PERIFERIA AO ENSINO SUPERIOR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: **Teoria e História da Educação**

Aprovada em: 31/ 08/2018

Pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Edilson Fernandes de Souza (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Magda Carmelita Sarat Oliveira (Examinadora Externa)  
Universidade Federal da Grande Dourados

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Cristina da Silva (Examinadora Externa)  
Secretaria de Educação de Pernambuco

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Vilde Gomes de Menezes (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Henrique Gerson Kohl (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

RECIFE

2018

Dedico este trabalho a minha grande família, presente de Deus. A minha querida avó Izabel (*in memoriam*), a minha mãe Elvani, ao meu pai Nilson, ao meu padrasto Roberto, a minha filha Júlia, ao meu esposo José Luís, ao meu enteado Gustavo e, principalmente, a todas as famílias que participaram da pesquisa.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus pela vida, pela família e por estar comigo em todos os momentos da minha trajetória. Nas horas mais delicadas e importantes da minha vida, a presença de Deus foi e é fundamental. A minha determinação é fruto da minha fé. Gratidão por tudo!

Agradeço a minha família: aos meus pais pelo amor, pelos exemplos de integridade e valores que ajudaram na construção do meu caráter. Eles semearam valores, sementes de vida, de amor ao próximo, respeito, honestidade, educação, entre outros princípios que se tornaram alicerces para mim. Gostaria de fazer um agradecimento especial a minha mãe por cuidar da minha filha durante os momentos em que precisei ausentar-me para realizar a escrita desse trabalho.

A Izabel, uma avó (mãe), pelo exemplo guerreiro, um ser humano forte que, diante dos sofrimentos da vida, não desistiu, enfrentou-os. Essa mulher, com origem indígena, não sabia ler nem escrever, criada sem a presença da mãe que morreu cedo e a deixou com apenas dois anos de idade. Veio do interior de Pernambuco para o Recife com o marido que logo após faleceu e deixou-a com dois filhos bem pequenos. Dona Izabel sofreu todas as agruras da pobreza e resistiu fortemente. Sim, com ela, aprendi o verdadeiro significado da resiliência.

Minha avó sempre contava sua trajetória de vida que me serviu de inspiração. Só após o término desse trabalho, consegui entender e fazer as conexões com as reais contribuições que as suas histórias de vida tiveram sobre a minha trajetória educativa.

Agradeço ao meu esposo José Luís, por ser um grande amigo, meu amor, meu incentivador. Agradeço pelo amor, pelos incentivos, por acreditar, pelas pequenas mas significativas leituras e críticas a esse trabalho.

A minha filha Júlia, que nasceu em meio a esse trabalho e deu mais luz e alegrias a minha vida. A experiência de ser mãe me presenteou com um diferente olhar sobre a categoria família. Muito obrigada, filha linda!

Ao meu enteado, Gustavo, pelo carinho, por me ajudar nas transcrições das primeiras entrevistas e pelas conversas que me motivavam a seguir firme com essa pesquisa.

Ao meu padasto Roberto pelo carinho e cuidado ofertado a mim e minha filha.

Ao meu irmão, Messias e minhas primas. Com eles passei os melhores momentos da minha infância (Cris, Lívia, Lígia e Aline).

A minhas tias, Edna e Ednalda. Agradeço pelo carinho e atenção de sempre.

Aos meus sobrinhos (primos) Elisa, Danilo, Camila, Izabel, Igor, Letícia e Andrews. Ao vê-los, meu coração se enche de alegria sempre!

As minhas cunhadas, Rosana e Rosália. Rosália é uma grande incentivadora desta pesquisa e da vida.

Agradeço ao professor Edílson Fernandes de Souza pela confiança e por estar ao meu lado durante os percursos desse trabalho. Com ele, divido o melhor. Um grande orientador, um exemplo de profissional, uma inspiração. Sua delicadeza nas críticas e nas análises foi fundamental. Elas contribuíram significativamente para o desenvolvimento desta tese. Muito obrigada por acreditar nas possibilidades dessa pesquisa, por me fazer enxergar os excessos e as faltas, pelo incentivo e entusiasmo nas leituras. Admiro-o como professor e, sobretudo, como ser humano.

À Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e em especial ao Programa da Pós-Graduação em Educação, por possibilitar a realização dessa pesquisa acadêmica.

À Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio da bolsa que muito contribuiu para a realização desse trabalho.

Aos professores da Pós-Graduação em Educação da UFPE que, de alguma maneira, contribuíram para minha formação.

Aos colegas e companheiros da Pós-Graduação em Educação da UFPE, em especial os da turma treze.

Ao amigo Oscar pela revisão do resumo na língua espanhola e pelos diálogos acadêmicos.

Aos professores Vilde Menezes, Henrique Khol e Sandra Silva que participaram da minha banca de qualificação e de defesa, contribuindo grandemente com as indicações de leituras e observações necessárias. Agradeço pela leitura atenta e pelas palavras carinhosas durante a defesa desse trabalho.

Agradeço à professora Magda Sarat por aceitar participar como examinadora externa da defesa final dessa pesquisa, por suas significativas críticas propositivas com observações minuciosas que destacaram a relevância acadêmica desse trabalho.

Aos educadores da Escola de Referência em Ensino Médio Joaquim Nabuco que, de alguma maneira, me incentivaram e ajudaram durante o processo da construção deste trabalho. Em especial, ao professor Eurico Cabral que, emprestou-me vários livros e apresentou-me ao seu irmão gêmeo, o professor Augusto Cabral, que gentilmente leu este trabalho e contribuiu com observações e críticas construtivas. Cabral, muito obrigada!

À professora Andréa Cavalcante que com carinho e generosidade me incentivou. Obrigada pelas lindas caixas temáticas construídas pelos estudantes da oficina de arte, elas serviram para a entrega desse trabalho aos examinadores.

Agradeço a todos os estudantes da Escola de Referência em ensino médio Joaquim Nabuco.

A todos os amigos que me dedicaram palavras amigas e sinceras de incentivos, em especial a Rossana, Roseane, Viviane, Marcos, Juliana, Jackeline, Alessandra, Edllian, Ednéa, Mônica, Vicente, Ana Paula e Ozielma. Com eles, dividi algumas angústias e dificuldades do processo de pesquisa.

Agradeço às amigas Viviane Gomes e Juliana Oliveira por fazerem a revisão ortográfica deste trabalho.

À amiga Sandra Silva pela leitura atenta e crítica que contribuíram com esse trabalho.

À Ana Paula Figueiroa pela gentil disponibilidade em ler e fazer as correções da ABNT com presteza. Sou grata pelas palavras de carinho.

Aos moradores da comunidade do Coque que, de diferentes maneiras, participaram dessa investigação. Em especial, aos sujeitos cujas às famílias foram pesquisadas, pois, eles abriram literalmente as portas das suas casas e me acolheram durante todo o processo dessa investigação.

Imensamente sou grata aos depoentes que contribuíram e verdadeiramente tornaram possível o desenvolvimento da tese. Agradeço pela acolhida, pelo tempo, por dividirem suas histórias de vida durante longos e intensos momentos. Com eles divido a alegria da pesquisa. Como foi bom poder estar junto com eles durante esse trajeto. Muito obrigada!



**Família e Educação**

O princípio básico de uma família é a educação. Porque a educação diz que vem de berço, é não, não vem de berço não! Isso vem do ensinamento da sua família, quem dá o ensinamento básico a uma família, pra pessoa passar a ser educado é a família, não vem de berço, porque ninguém nasce educado, a educação se aprende.

**(Gilberto Firmino)**

## RESUMO

Esta tese teve como objetivo investigar as trajetórias familiares e analisar suas influências sobre a formação educacional dos estudantes moradores da periferia urbana da região metropolitana do Recife, comunidade do Coque, que ingressaram nas universidades federais do Estado de Pernambuco no período de 2002 a 2012. Buscou-se compreender em que medida as trajetórias de vida das famílias inseridas na configuração social da comunidade do Coque influenciaram os jovens a ingressar em instituições de nível superior. A hipótese é que as trajetórias familiares estão diretamente imbricadas com o desenvolvimento educacional dos estudantes e, portanto, mesmo as famílias em condições socioeconômicas desfavoráveis têm significativa influência no sucesso escolar dos jovens. A metodologia adotada está direcionada ao campo das pesquisas qualitativas, tendo como foco as narrativas dos indivíduos. Utilizou-se a história oral como abordagem teórico-metodológica, que auxiliou na teorização, na análise do conteúdo e no estudo das categorias. As táticas e práticas identificadas no cotidiano das famílias pesquisadas auxiliaram no desvelamento das impressões, das trajetórias de vida e das memórias familiares. Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Ecléa Bosi, Michel de Certeau entre outros estudiosos, serviram de aporte para as discussões acerca da categoria família, das abordagens metodológicas e seus procedimentos, das aproximações entre as instituições família-escola, das trajetórias de vida dos depoentes e da apresentação analítica das histórias e memórias dos indivíduos através das categorias *a priori* e das subcategorias. Identificou-se que a inexpressiva formação educacional dos membros das famílias pesquisadas os levam a depositar suas expectativas de mobilidade sociocultural e econômica na formação escolarizada dos jovens estudantes. Portanto, a influência exercida pelas famílias sobre os estudantes egressos das escolas públicas localizadas no entorno da comunidade do Coque que ingressaram no ensino superior, está diretamente relacionada com o desejo de mobilidade social a longo prazo. Assim, as práticas realizadas pelas famílias, por mais sutis e descompromissadas que possam parecer, constituem-se em táticas educativas que possibilitam ao indivíduo a obtenção de um desenvolvimento educativo e esse contribui significativamente para o seu sucesso escolar.

**Palavras-chave:** História da Educação. Trajetória familiar. História de vida. Comunidade do Coque. Universidade Pública.

## ABSTRACT

This thesis aimed to investigate the family trajectory and analyze their influences on the educational training of the students residents of the urban periphery of the metropolitan region of Recife, the Coque community, which entered the federal universities of the State of Pernambuco in the period from 2002 to 2012. It was sought to understand to what extent the family life trajectories inserted in the social configuration of the Coque community influenced young people to enter higher education institutions. The hypothesis is that family trajectories are directly imbricated with the educational development of the students and, therefore, even families with unfavorable socioeconomic conditions have a significant influence on the school success of the youngsters. The methodology adopted is directed to the field of qualitative research, focusing on the subjects' narratives. Oral history was used as a theoretical-methodological approach, something that aided in theorization, content analysis and the study of categories. The tactics and practices identified in the daily life of the families researched helped to unveil the impressions, life trajectories and family memories. Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Ecléa Bosi, Michel de Certeau among other scholars, served as a contribution to discussions about the family category, methodological approaches and procedures, the approximations between the family-school institutions, the life trajectories of the concur and the analytical presentation of the stories and memories of individuals through the categories a priori and the subcategories. It was identified that the inexpressive educational training of the members of the families surveyed, led them to deposit their expectations of socio-cultural and economic mobility in the education of the young students. Therefore, the influence exerted by families on students graduating from public schools located around the Coque community that entered higher education is directly related to the long-term desire for social mobility. It was concluded that the practices performed by families, however subtle and uncompromising, may constitute educational tactics that enable the individual to obtain an educational development and that contributes significantly to their school success.

**Keywords:** History of Education. Family trajectory. Life's history. Coque Community. Public University.

## RESUMEN

Esta tesis tuvo como objetivo investigar las trayectoria familiares y analizar sus influencias sobre la formación educativa de estudiantes habitantes de los suburbios de la región metropolitana de Recife, comunidad del Coque, y que ingresaron a las universidades federales del Estado de Pernambuco entre 2002 e 2012. Se indagó en qué medida las trayectorias de vida de las familias ubicadas en la configuración social de la comunidad del Coque, influenciaron a los jóvenes a ingresar en las instituciones de nivel superior. La hipótesis es que las trayectorias familiares están directamente vinculadas con el desarrollo educativo de los estudiantes y, por lo tanto, incluso las familias en condiciones socio-económicas desfavorables tienen una significativa influencia en el éxito escolar de los jóvenes. La metodología adoptada se localiza en el campo de las investigaciones cualitativas, teniendo como foco las narrativas de los individuos. Se utilizó la historia oral como enfoque teórico-metodológico, lo cual contribuyó en la teorización, en el análisis del contenido y en el estudio de las categorías. Las tácticas y prácticas identificadas en el cotidiano de las familias investigadas ayudaron en el desvelamiento de las impresiones, de las trayectorias de vida y de las memorias familiares. Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Ecléa Bosi, Michel de Certeau entre otros teóricos, sirvieron de aporte para las discusiones acerca de la categoría familia, de los enfoques metodológicos y sus procedimientos, de las aproximaciones entre las instituciones familia-escuela, de las trayectorias de vidas de los entrevistados y, también, en la presentación analítica de las historias y memorias de los individuos a través de los individuos, las categorías *a priori* y las categorías. Se identificó que la inexpresiva formación educativa de los miembros de las familias investigadas, los llevan a depositar sus expectativas de movilidad sociocultural en la formación escolarizada de los jóvenes estudiantes. Por tal motivo, la influencia ejercida por las familias sobre los egresados de las escuelas públicas ubicadas en el entorno de la comunidad del Coque y que ingresaron en la educación superior, está directamente relacionada con el deseo de movilidad social a largo plazo. Se concluyó que las prácticas realizadas por las familias, por más sutiles y desinteresadas que puedan parecer, se constituyen en tácticas educativas que posibilitan al individuo la obtención de un desarrollo educativo, contribuyendo significativamente en su éxito escolar.

**Palabras clave:** Historia de la Educación. Trayectoria familiar. Historia de vida. Comunidad del Coque. Universidad Publica.

## ZUSAMMEN

Diese These zielt darauf ab, die Familien flugbahn zu untersuchen und analysieren Ihre Einflüsse auf die Ausbildung der Studenten Bewohner der städtischen Peripherie der Metropolregion Recife, der Coque-Gemeinde, die die Bundes Universitäten des Staates eingetragen Pernambuco in der Zeit von 2002 bis 2012. Es wurde versucht, das Ausmaß zu verstehen, in dem die Lebensverläufe der Familien, die in die soziale Konfiguration der Coque-Gemeinschaft eingefügt wurden, junge Menschen dazu beeinflussten, sich übergeordnete Institutionen anzuschließen. Die Hypothese ist, dass Familien Verläufe direkt mit der pädagogischen Entwicklung der Studierenden und damit auch Familien in ungünstigen sozioökonomischen Bedingungen haben einen erheblichen Einfluss auf den schulischen Erfolg der jungen Menschen. Die angewandte Methodik richtet sich an den Bereich der qualitativen Forschung, die sich auf die Erzählungen der Themen. Mündliche Geschichte wurde als eine theoretisch-methodische Ansatz, etwas, das in der Theorie, die Analyse der Inhalte und die Untersuchung der Kategorien. Die im täglichen Leben der Befragten Familien identifizierten Taktiken und Praktiken halfen bei der Enthüllung der Eindrücke, Lebensverläufe und Familienerinnerungen. Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Ecléa Bosi, Michel de Certeau, unter anderen Gelehrten, dienten als Beitrag zu Diskussionen über die Familienkategorie, methodische Ansätze und Verfahren, die Annäherung zwischen den Familien Schuleinrichtungen, die Bahnen Des Lebens der übereinstimmen und auch in der analytischen Darstellung der Geschichten und Erinnerungen der Individuen durch die Kategorien a priori und die Unterkategorien. Es wurde festgestellt, dass die inausdrückliche Bildungs Ausbildung der Mitglieder der Befragten Familien dazu führte, dass Sie Ihre Erwartungen an die sozio-kulturelle Mobilität in der Ausbildung von jungen Studenten niederlegten. Und daher ist der Einfluss von Familien auf Studenten, die an öffentlichen Schulen in der Coque-Gemeindeteil nehmen, die in die Hochschulbildung eingetreten sind, direkt mit dem langfristigen Wunsch nach sozialer Mobilität verbunden. Es wurde der Schluss gezogen, dass die Praktiken, die von den Familien durchgeführt, so subtil und Uncommitted, wie Sie scheinen mag, bilden in pädagogischen Taktiken, die es dem Individuum ermöglichen, eine pädagogische Entwicklung zu erhalten und dies trägt wesentlich zu seinem Erfolg Schule.

**Schlüsselwörter:** Geschichte der Bildung. Familien Flugbahn. Lebensgeschichte. Gemeinschaft von Coque. Universität Veröffentlicht.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                   |     |
|-------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Imagem 1-</b> Olhar sobre as palafitas da favela do Coque..... | 20  |
| <b>Imagem 2-</b> Palafitas nas margens do Rio Capibaribe.....     | 31  |
| <b>Imagem 3</b> - Ruas do Coque .....                             | 51  |
| <b>Imagem 4</b> - Rua Imperial em Recife na década de 1940.....   | 53  |
| <b>Imagem 5</b> - Os moradores.....                               | 56  |
| <b>Imagem 6-</b> A favela e suas ausências.....                   | 57  |
| <b>Imagem 7-</b> O comércio do Coque.....                         | 60  |
| <b>Imagem 8-</b> Os puxadinhos.....                               | 61  |
| <b>Imagem 9</b> -Brincadeira de criança.....                      | 64  |
| <b>Imagem 10-</b> Família e escola.....                           | 66  |
| <b>Imagem 11-</b> Os familiares.....                              | 85  |
| <b>Imagem 12-</b> A linha do metrô.....                           | 189 |
| <b>Imagem 13-</b> O Coque.....                                    | 213 |
| <b>Imagem 14</b> - Praça localizada na Vila do Motorista.....     | 232 |
| <b>Imagem 15</b> -Praça localizada na Vila do Motorista1.....     | 232 |
| <b>Imagem 16</b> -Vila do Motorista.....                          | 233 |

|                                                                                               |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Imagem 17</b> -Vila Zenaide.....                                                           | 233 |
| <b>Imagem 18</b> - Vila Zenaide1.....                                                         | 234 |
| <b>Imagem 19</b> - Vila Zenaide 2.....                                                        | 234 |
| <b>Imagem 20</b> - Escola de Referência em Ensino Médio Joaquim Nabuco.....                   | 235 |
| <b>Imagem 21</b> - Escola Monsenhor Manuel Leonardo de Barros Barreto.....                    | 235 |
| <b>Imagem 22</b> - Escola Municipal Professor José Costa Porto.....                           | 236 |
| <b>Imagem 23</b> - Escola Municipal do Coque.....                                             | 236 |
| <b>Imagem 24</b> - Avenida Sul 1.....                                                         | 237 |
| <b>Imagem 25</b> -Avenida Sul2.....                                                           | 237 |
| <b>Imagem 26</b> -Proximidades do Terminal de Passageiros Joana Bezerra.....                  | 238 |
| <b>Imagem 27</b> -Rua próxima ao Terminal de Passageiros Joana Bezerra.....                   | 238 |
| <b>Imagem 28</b> - Proximidades do Terminal de Passageiros Joana Bezerra 2.....               | 239 |
| <b>Imagem 29</b> -Proximidades do Terminal de Passageiros Joana Bezerra.....                  | 239 |
| <b>Imagem 30</b> - Baia de cavalos instalada em espaço público.....                           | 240 |
| <b>Imagem 31</b> - Núcleo do Programa Saúde da Família Professor Berilo Pernambucano<br>..... | 240 |
| <b>Imagem 32</b> -Estudantes no caminho da escola.....                                        | 241 |

|                                                                                                           |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Imagem 33</b> -Rua próxima ao NEIMFA.....                                                              | 241 |
| <b>Imagem 34</b> - Rua onde está localizado o NEIMFA.....                                                 | 242 |
| <b>Imagem 35</b> - Rua próxima ao NEIMFA.....                                                             | 242 |
| <b>Imagem 36</b> - Ruas que foram pavimentadas recentemente.....                                          | 243 |
| <b>Imagem 37</b> - Roupas em varais no meio da rua.....                                                   | 243 |
| <b>Imagem 38</b> - Jovens realizando trabalhos informais: lavagem de carro e entrega de água potável..... | 244 |
| <b>Imagem 39</b> - Rua Cabo Eutrópio, proximidades à escola Professor Costa Porto.....                    | 244 |



## **FIGURAS E QUADROS**

**Figura 1-** Mapa da localização da Favela do Coque.....52

**Quadro 1** – Distribuição das Pesquisas na área de Educação com a temática família nos anos de 2000 a 2011.....40

**Quadro 2-** Instituições localizadas na comunidade do Coque.....55

## **LISTA DE SIGLAS**

**AACD-** Associação de Assistência à Criança Deficiente

**BNH-** Banco Nacional da Habitação

**CNPJ-** Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica

**DEER-** Departamento de Estrada de Rodagem

**DNA-** Ácido Desoxirribonucleico

**GRE-** Gerência Regional de Educação

**IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IFECTC-** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense

**IMIP-** Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira

**LDB-** Leis de Diretrizes e Bases

**NEIMFA-** Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis

**PSF-** Posto de Saúde da Família

**SUS-** Sistema Único de Saúde

**UDH-** Unidade de Desenvolvimento Humano

**UFC-** Universidade Federal do Ceará

**UFPE-** Universidade Federal de Pernambuco

**UFSC-** Universidade Federal de Santa Catarina

**USP-** Universidade de São Paulo

**UTI-** Unidade de Terapia Intensiva

**PROUNI-** Programa Universidade Para Todos

**PUC-MG-** Pontifícia Universidade Católica Minas Gerais

**ZEIS-** Zona Especial de Interesse Social

## SUMÁRIO

|                                                                                                 |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b>                                                                            | <b>20</b> |
| <b>2. CAMINHOS DA PESQUISA: O ENCONTRO ENTRE OS PROCESSOS METODOLÓGICOS E A TEORIA</b>          | <b>31</b> |
| 2.1 O ENTRELAÇAMENTO ENTRE O MÉTODO E A TEORIA.....                                             | 32        |
| 2.2 HISTÓRIA ORAL DE VIDA.....                                                                  | 35        |
| 2.3 OS PROCESSOS DA INVESTIGAÇÃO.....                                                           | 40        |
| 2.4 A CONFIGURAÇÃO SOCIAL PESQUISADA: O LUGAR E OS INDIVÍDUOS.....                              | 51        |
| 2.5 A CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA FAVELA.....                                                        | 57        |
| <b>3. FAMÍLIA E ESCOLA: UMA RELAÇÃO A CATIVAR.....</b>                                          | <b>66</b> |
| 3.1 A HISTÓRIA DA FAMÍLIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DOS PROCESSOS HISTÓRICOS.....          | 67        |
| 3.2 O PAPEL DA FAMÍLIA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA.....                           | 71        |
| 3.3 ESCOLA LUGAR DE TRANSFORMAÇÃO E LACUNAS: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA NO BRASIL..... | 75        |
| <b>4. CAMINHO DA MEMÓRIA: A ARTE DE OUVIR E CONTAR VIDAS</b>                                    | <b>85</b> |
| 4.1 A FAMÍLIA DE MONIK FRANÇA: RELATOS DE VIDA, LEMBRANÇAS, MEMÓRIAS DO VIVIDO.....             | 87        |
| 4.1.1 Paulina Lourenço da Silva, avó adotiva de Monik: sua vida suas histórias.....             | 88        |
| 4.1.2 Edimilson de França e Silva: Sr. Misso, avô biológico de Monik.....                       | 97        |
| 4.1.3 Andréa: uma vizinha que é tia, irmã adotiva, amiga e confidente de Monik.....             | 112       |
| 4.1.4 Relatos de vida de Mônica mãe biológica de Monik: fragmentos de lembranças.....           | 129       |
| 4.2 FAMÍLIA DE BERLANE FIRMINO: o caminho, a praça, a casa, o lugar da entrevista .....         | 151       |
| 4.2.1 Conversando com D. Izabel, mãe de Berlane.....                                            | 152       |
| 4.2.2 O pai de Berlane Firmino, Gilberto Firmino da Silva.....                                  | 156       |

|                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------|-----|
| 4.3 FAMÍLIA DE EDSON SILVA: o percurso .....                   | 170 |
| 4.3.1 A mãe de Edson Silva, D. Cleonice Maria de Oliveira..... | 170 |
| 4.3.2 O padrasto de Edson da Silva, Sr. Israel da Rocha.....   | 180 |
| 5. TRAJETÓRIAS DE VIDA: ANÁLISES E REFLEXÕES.....              | 189 |
| 5.1 REVISITANDO MINHA INFÂNCIA, MEU LUGAR.....                 | 190 |
| 5.2 ESCOLA, LUGAR ONDE “EU” ESTUDEI.....                       | 194 |
| 5.3 EM CASA A GENTE CONVERSAVA SOBRE O QUE ACONTECIA NA ESCOLA | 199 |
| 5.4 A UNIVERSIDADE, A DECISÃO E OS INCENTIVOS.....             | 203 |
| 5.4.1 A Universidade e os significados para o futuro .....     | 208 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                  | 213 |
| REFERÊNCIAS.....                                               | 220 |
| APÊNDICE A- Trajeto fotográfico do Coque.....                  | 232 |
| ANEXO A- Modelo do termo de livre consentimento.....           | 245 |

## 1 INTRODUÇÃO



**Fonte:** [www.google.com](http://www.google.com) -Olhar sobre as palafitas da favela do Coque, (2015).

## 1 INTRODUÇÃO

Na locomotiva da vida há muitos vagões cheios de pessoas, de lembranças da infância, das brincadeiras, das alegrias, das dores, dos medos e das ausências. Essas memórias do vivido levam os sujeitos a viajar para dentro de si e buscar entender como se deu seu trajeto de vida, por quais trilhos passou, quem os acompanhou ou não, quais estações conheceu e em que momento da viagem se encontra.

Foi na perspectiva de uma viagem para dentro de si que esse estudo construiu-se: rotas foram traçadas, caminhos foram seguidos, companhias para o percurso foram escolhidas e como em todas as viagens, houve dificuldades durante os percursos; alguns desvios, mas muitas aprendizagens, imagens e marcas que ficaram na memória.

Esta tese está inserida no Núcleo de Teoria e História da Educação e teve como objetivo investigar as trajetórias familiares e analisar suas influências sobre a formação educacional dos estudantes moradores da periferia urbana da região metropolitana do Recife, comunidade do Coque, que ingressaram nas universidades federais do Estado de Pernambuco no período de 2002 a 2012.

Buscou também compreender em que medida esses trajetos realizados pelas famílias pobres inseridas na periferia, influenciaram os jovens a continuar sua caminhada educativa e ingressar no ensino superior.

A tese apresentada foi que, as trajetórias familiares estão diretamente imbricadas com o desenvolvimento educacional dos estudantes e, portanto, mesmo as famílias em condições socioeconômicas desfavoráveis têm significativa influência no sucesso escolar dos jovens. A inexpressiva formação educacional aliada aos problemas socioeconômicos dos familiares da configuração estudada, contribuiu para que a maioria deles depositassem suas expectativas de mobilidade sociocultural na formação escolarizada dos seus filhos e ou parentes.

Portanto, a resposta à problemática desta tese foi que a influência exercida sobre os estudantes egressos das escolas públicas localizadas no entorno da comunidade do Coque que ingressaram nas universidades federais de Pernambuco, está diretamente relacionada com o desejo de mobilidade social a longo prazo.

Esse estudo percorreu caminhos que foram na contramão da maioria das pesquisas que buscam analisar o fracasso escolar, a importância da escola e dos seus educadores, as contribuições das políticas públicas para a educação, a relação família-escola com suas tensões e lacunas educacionais. Essas são relevantes e contribuem para alargar as

discussões e reflexões sobre a temática, inclusive servem para subsidiar a implantação de novas políticas públicas.

No entanto, considero que interpretar situações de sucesso e longevidade escolar de jovens moradores de periferia e em condição socioeconômica desprestigiadas são igualmente pertinentes e ampliam os debates acadêmicos.

No que se refere ao envolvimento pessoal com a pesquisa, reitero que foi no ambiente escolar que encontrei a oportunidade de expandir o olhar para as trocas, para a reflexão sobre as vivências dos indivíduos e experimentar práticas educativas que vão além do processo educativo, enxergando o outro e procurando entendê-lo a partir do seu contexto histórico-social e suas vivências do cotidiano.

Assim, as questões pessoais que me moveram a realizar essa pesquisa estão diretamente ligadas aos elos que foram construídos com os estudantes moradores da comunidade do Coque desde o ano de 2006.

Em 2006, passei num concurso do Governo do Estado de Pernambuco para professor(a) de História. Iniciei as atividades em uma escola localizada na comunidade do Coque, Escola Monsenhor Manuel Leonardo de Barros Barreto.

Nessa escola conheci estudantes que me instigaram a realizar uma primeira pesquisa de mestrado intitulada: Educação e Violência sob os Olhares e Vozes dos Estudantes Moradores da Favela do Coque (2011), na qual investiguei as percepções dos estudantes sobre a educação e a violência.

Os estudantes pesquisados relataram a infância, as brincadeiras, os lugares, a violência, a escola e a família. Para eles é na relação familiar que se constitui a educação. Portanto, é na configuração familiar que se aprendem conceitos e valores morais que influenciam os comportamentos e relacionamentos dos indivíduos. Os achados dessa primeira pesquisa despertaram o interesse em compreender a participação das famílias pobres da periferia na formação educacional dos jovens.

No decorrer dos anos, construí elos ainda maiores com a comunidade e, em especial, com muitos estudantes. Esses aos poucos deixaram a escola, porém, não os vínculos de amizade que ultrapassaram os muros escolares. Alguns estudantes ao sair das escolas foram ocupar as cadeiras das universidades, ou seja, prosseguimento aos estudos e, naturalmente ano a ano acompanhei esse processo.

Essa tese oportunizou o desvelamento dos sujeitos sociais pesquisados, que foram apresentados a partir dos seus próprios olhares, memórias e relatos de experiências. Entendo que as abordagens desse estudo a respeito da influência das famílias de periferia

sobre a educação dos jovens possuem vulto social e dessarte contribuem para o alargamento dos debates e reflexões a respeito da temática.

No decurso dessa investigação, identificaram-se categorias e subcategorias que ora auxiliaram na construção teórico-empírica, ora na análise dos achados e, desse modo, se fizeram suportes presentes e efetivos no esclarecimento dos sujeitos e, por conseguinte, nos resultados encontrados.

No tocante à família, foi observado que ela vem passando por diferentes processos de transformação: arranjos e desarranjos sociais. Entendo a família como a primeira mediadora entre o ser humano e sua cultura, coparticipante da transmissão dos signos, dos valores e das crenças da sociedade em que os indivíduos estão inseridos.

Portanto, sua influência, sobre o comportamento dos mesmos, é intensamente complexa. É na esfera doméstica que as crianças e os adolescentes aprendem as diferentes formas de se relacionar em sociedade.

A família pode ser vista funcionalmente como um subsistema social e agente da cultura, estando sua organização conformada às necessidades pessoais e coletivas de “adestramento” e capacitação individual através da assimilação de valores e padrões de conduta exigidos pelos papéis sociais.

É no espaço social familiar que existem as redes de parentesco nas quais são realizadas as transmissões das “disposições”, ou seja, dos diferentes componentes do “*habitus*”, que também pode ser compreendido como reprodução.

O *habitus*, que aqui foi apresentado está baseado na teoria de Bourdieu (2009), desse modo, serviu como um instrumento conceptual que auxiliou o pensamento sobre a relação e a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos inseridos na pesquisa em questão.

Esse *habitus* não é entendido como destino, antes disso, pode ser uma noção que auxilia a refletir acerca das características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, de um sistema de orientação consciente ou não. Verifico que esse campo conceitual contribuiu na análise da configuração familiar, onde inicia-se a interiorização dos condicionamentos socioculturais dos indivíduos.

As experiências desenvolvidas nos lócus familiares têm um significado fundamental na constituição da estrutura do *habitus*, ou seja, dos valores, das tensões, dos estilos, das noções de espaço físico que o sujeito constrói ao longo da vida. Os valores transmitidos pelos educadores familiares podem levar à homogeneização do modo de produção do “*habitus*” e consequentemente, à homogeneidade das disposições e



interesses dos indivíduos. Contudo, durante esse processo os conflitos e as contradições podem se desencadear.

A noção de *illusio*, ou seja, interesse é entendida como uma motivação inerente a todo indivíduo dotado de um *habitus* e em um determinado campo. Na perspectiva de Bourdieu, *illusio* significa “sentido do jogo”, como um conhecimento prático e não necessariamente racional que facilita a realização das ações dos indivíduos de forma quase que automática. Todo campo, enquanto produto histórico gera o interesse, que é condição de seu funcionamento. *Illusio*, *habitus* e campo são conceitos muito utilizados por Bourdieu em suas diferentes pesquisas.

O *habitus* como base norteadora das práticas e dos sistemas das representações, está presente nos espaços habitados, como a casa que é um lugar privilegiado pela objetivação dos esquemas geradores dos “*habitus*”. O processo de construção dos *habitus* individuais passa a ser mediado pela coexistência de distintas instâncias produtoras de valores culturais e referências identitárias. Destaco o papel da família, como uma das instâncias socializadoras que coexistem numa intensa relação de interdependência.

Na perspectiva de que a família é uma instituição social também responsável pela reprodução cultural dos indivíduos observamos a existência do capital cultural repassado pela família com elementos permeados de signos voltados para a escolarização dos jovens. Em consonância, a escolarização é vista como um recurso importante na promoção da relativa mobilidade social familiar.

A família aqui apresentada é entendida como esfera norteadora para o desenvolvimento dos indivíduos e está diretamente ligada ao desenvolvimento do ser no mundo, ou seja, no campo emocional e também profissional. Ela é uma das bases formadoras e/ou “deformadoras” do indivíduo no mundo da vida.

Sobre a diversificação do papel educativo da família e suas respectivas mudanças ao longo dos processos históricos, verifico significativas modificações acerca da ideia de família na sociedade brasileira. Ao longo do tempo, essa instituição social sofreu inúmeras variações. É possível numa mesma época e lugar encontrar definições bem distintas sobre significado e a significância da família.

No processo histórico, o Brasil passou de sociedade rural, na qual predominava a família patriarcal e fechada em si mesma, para uma sociedade de base industrial com as suas implicações de mobilidade social, geográfica e cultural. Isso acarretou também transformações marcantes na estrutura do modelo tradicional da concepção de família.

O conceito de família nuclear e a instituição casamento intimamente ligada à família, passaram por um vasto processo de transformação. Podemos dizer que no final da década de sessenta do século XX, houve expressivo aumento no número de separações.

Assim, surgiram inúmeras organizações familiares “alternativas” como: casamentos sucessivos com parceiros distintos e filhos de diferentes uniões; casais homossexuais adotando filhos legalmente; casais com filhos ou parceiros isolados ou mesmo cada um vivendo com uma das famílias de origem; as chamadas “produções independentes” tornam-se mais frequentes, a saber, as mães solteiras ou já separadas também compartilhando a criação de seus filhos.

Desse modo, chegamos ao século XXI com a família sendo denominada por alguns estudiosos de pós-moderna ou pluralista. Entendo a família como uma configuração social constituída por pessoas capazes de ofertar um ambiente seguro, estável e emocionalmente equilibrado às suas crianças e ou jovens que não necessariamente está ligada às questões biológicas, mas antes disso, é aquela que as funções sociais do pai e da mãe são preenchidas, independentemente dos vínculos biológicos.

É inegável a importância dos vínculos afetivos para o propício desenvolvimento do indivíduo. Pesquisas apontam que os filhos quando em ambientes protegidos e amorosos desempenham melhor atividades coletivas e se apresentam mais confiantes em suas habilidades e competências.

Nas chamadas famílias “não organizadas”, encontram-se as marcas do desordenamento do Estado com as ausências governamentais que afetam a vida econômica e social das pessoas. Desse modo, alguns familiares que estão inseridos nesse contexto não têm a oportunidade de cumprir a função que lhes cabe de garantir o desenvolvimento afetivo e um ambiente com as condições básicas para os seus filhos e ou parentes.

Nessa conjuntura, reconheço as limitações dessas configurações familiares, pois, em diferentes momentos, foi identificado que elas encontram-se num processo de desarranjo. Entretanto, mesmo imbricadas às tensões e lacunas, as famílias se mantêm resilientes em meio às miscelâneas sociais e encontram formas de marcar, impulsionar e influenciar de forma significativa a vida dos indivíduos.

Na configuração social do Coque, existem inúmeras famílias inseridas nesse contexto complexo, submerso nos problemas estruturais. E é, dessa maneira, permeados pelas ausências, dificuldades e omissões que esses indivíduos se constroem resilientes.

Para a teoria sistêmica, a resiliência familiar é apresentada como a capacidade coletiva de organizar e ou reorganizar-se frente às circunstâncias difíceis. Segundo Delage (2002), a família surge como meio de sustentação quando um ou mais de seus membros vivenciam situações adversas.

É dentro das casas na esfera doméstica, que os indivíduos têm suas primeiras atividades socializadoras e essas se tornam palco para as diferentes posturas corporais, condutas morais e habilidades intelectuais, sendo assim, é nesse campo que também pode se construir os sujeitos resilientes.

Uma das formas das famílias populares se mostrarem resilientes é através do comprometimento efetivo com a vida escolar das suas crianças e dos seus jovens. Principalmente quando esse compromisso com a educação escolarizada vai além das perspectivas de curto prazo.

Quando o estudante percebe o reconhecimento dos seus parentes sobre o seu bom desempenho escolar ele passa a ver, mesmo que inconscientemente, os estudos como fonte alimentadora da sua autoestima. Dessa forma, os educadores familiares incentivam, impulsionam e conduzem seus filhos e/ou parentes à escolarização, através das diferentes práticas e táticas cotidianas.

Para a melhor compreensão das escolhas construtivas e da estruturação dessa tese, discorro nesse momento, sobre as seis partes em que a mesma foi elaborada. Na INTRODUÇÃO são apresentados os objetivos, problemas, hipótese inicial, justificativas, a temática família que é uma das categorias norteadoras da pesquisa e algumas considerações iniciais sobre a instituição família, identificada como uma das principais responsáveis pela reprodução cultural e igualmente pela busca do capital cultural para os sujeitos, essa reproduz significados que de diferentes modos apontam a educação escolarizada como uma possível mola propulsora para a conquista da mobilidade social.

No primeiro capítulo, CAMINHOS DA PESQUISA: o encontro entre os processos metodológicos e a teoria, foi anunciada a escolha metodológica com os seus procedimentos. Essa pesquisa encontra-se no campo das pesquisas qualitativas com o foco direcionado às narrativas dos sujeitos. A história oral de vida foi a abordagem teórica e metodológica que auxiliou na análise e no estudo das categorias, dessa forma colaborou com o desvelamento das impressões, das vivências e das lembranças dos pesquisados.

A história oral de vida deu lugar às pessoas que fizeram ou vivenciaram a história, possibilitou que as pessoas se expressassem ao seu modo, com suas próprias palavras e,

nesse sentido, oportunizou a escuta atenta para as vozes daqueles que por muitas vezes são silenciados, estigmatizados e marginalizados pela sociedade.

A relevância de revisitar o passado dos sujeitos e de aprender com as suas experiências foram evidenciadas ao longo da discussão teórica e metodológica construída neste capítulo. Um dos primeiros procedimentos metodológicos realizados foi a elaboração de um quadro demonstrativo contendo dissertações e teses da área de educação que foram realizadas no Brasil no período de 2000 a 2011. Esses dados foram extraídos do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

As demandas, que surgiram do cotidiano dos sujeitos, instigaram meu olhar em diferentes momentos desafiando-me a mudar as perspectivas, a repensar e a reelaborar o método e os procedimentos no decurso investigativo.

No processo da investigação, apontei alguns obstáculos que apareceram durante os percursos, pois, trabalhar com as trajetórias de vida das pessoas, analisar suas memórias e juntar os pedaços das suas recordações não foram tarefas fáceis. A pesquisa trouxe alguns entraves, mas igualmente ofereceu encontros e oportunizou o conhecimento do outro com o outro e em seu cenário.

Sobre o cenário da pesquisa, apresentei o Coque, lugar da nascente das minhas inquietações. O Coque apareceu nessa investigação, ora como favela e ora como comunidade que está localizada entre os bairros de São José e Joana Bezerra, na capital pernambucana, nordeste do Brasil. Uma região que teve o início de sua povoação por volta do final do século XIX e início do século XX.

O segundo capítulo, FAMÍLIA E ESCOLA: suas histórias e relações construídas ao longo do tempo, trouxe uma discussão sobre as instituições família e escola, onde foram destacadas as transformações da família e sua relação com a educação escolarizada. Observou-se que as configurações familiares possuem modelos distintos com diversas formas de estrutura e funcionamento que se modificam de acordo com a história e com a cultura.

Sobre os estudos referentes à educação familiar, mais especificamente a história da infância, foi destacado o estudo de Philippe Ariès (2009) que analisa os percursos históricos e auxilia o entendimento acerca da história da infância e o funcionamento da estrutura da família da Idade Média até a então chamada Idade Moderna.

Ainda foi realizada uma discussão acerca do papel da família e suas conexões com a educação escolarizada, esses diálogos aconteceram de forma interdisciplinar e permitiram relacionar as fontes teóricas e metodológicas com as narrativas dos sujeitos.

Sobre a importância das famílias pobres de periferia, foi observada a construção da resiliência diante às ausências e ineficácia das instâncias governamentais.

No que se refere à instituição escola, foram evidenciadas as transformações que ocorreram ao longo do tempo e o aparecimento dos resinificados das suas práticas educativas. Nesse processo histórico, a escola também alargou lacunas e igualmente criou abismos que propiciaram fragilidades e limitações no que tange às tentativas de corrigir as injustiças e obter a equalização social.

Contudo, observou-se que as instituições escolares são diversas no que se refere a sua constituição e seus agentes, existem variações no modo de organização, nos princípios pedagógicos adotados, nos critérios de avaliação e na forma como norteiam cada um dos sujeitos implicados no processo de escolarização.

No terceiro capítulo intitulado, NO CAMINHO DA MEMÓRIA: a arte de ouvir e contar vidas, foi construído um caminho que leva às memórias, aos relatos do vivido, às lembranças da infância, aos ambientes familiares, à escola e às trajetórias de vida dos sujeitos pesquisados.

Nessa parte, foram narradas as memórias do outro, sem arestas acadêmicas. Nessas linhas, foram escritos os trajetos vividos. Entendo que se trata da parte central da pesquisa. Pois, foi a partir dela que a metodologia ajustou-se resignificando a teoria.

Essas histórias de vida lograram o centro da investigação, pois não se tratou delas simplesmente estarem no trabalho para adornar e ou meramente fazerem parte no apêndice. Antes disso, reconheço que nesse experimento, a história de vida das pessoas é a própria pesquisa.

A partir das histórias de vida dos narradores foi aplicada a metodologia desse estudo adequando a realidade da investigação, essa parte ressaltou os teóricos escolhidos e auxiliou nas análises. Três famílias foram escolhidas para narrar suas histórias e memórias.

Os percursos foram descritos para chegar às casas dos pesquisados, o caminhar pela comunidade, os pequenos encontros, o meio do caminho, as observações do campo empírico que por vezes, foram rápidas e despretensiosas com os pequenos “nadas” que ressaltam aos olhos no momento do trajeto.

Nos relatos, os narradores ressaltaram as lembranças da infância, suas experiências vividas ou não no ambiente escolar, a experiência precoce com o mundo do trabalho, a relação com os atores familiares, a vida adulta e a experiência de ter um parente próximo com ensino superior. E, portanto, os significados do sucesso educacional dos seus filhos e/ou parentes para a configuração familiar.

O quarto capítulo denominado, TRAJETÓRIAS DE VIDA: análises e reflexões destinou-se à análise das trajetórias de vida a partir dos temas que apareceram nas narrativas, como: Revisitando minha infância, meu lugar; Escola, lugar onde “eu” estudei; A escola pública no passado era melhor; Em casa a gente conversava sobre o que acontecia na escola; A universidade, a decisão e os incentivos; A universidade e os significados para o futuro.

Os relatos dos educadores familiares pesquisados trouxeram um conhecimento fragmentado sobre a importância do ingresso dos seus filhos e/ou parentes nas universidades, mas ao mesmo tempo foi identificado em seus discursos a relevância do estudo para a mudança de vida. Ou seja, o capital cultural é entendido como importante, pois pode proporcionar a mobilidade social.

Nas entrelinhas, apareceu o cuidado com tempo dedicado aos estudos, surgiram também o acompanhamento das atividades escolares, a provisão dos espaços para o estudo, entre outros. Portanto, isso mostra que as famílias das camadas populares não agem com indiferença à escolarização dos filhos e/ou parentes.

As famílias desenvolvem diferentes formas de influenciar, intervir e imprimir conceitos educativos sobre seus filhos e ou parentes. Isso se constitui de maneira subjetiva e, em alguns casos, com contradições e interdependência entre a família e as demais instituições sociais.

Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS foi direcionado o olhar para as trajetórias de vida dos sujeitos, na busca para compreender de quais maneiras esses trajetos vividos pelas famílias inseridas na configuração social da comunidade do Coque influenciaram no sucesso educacional dos seus filhos e ou parentes.

A hipótese inicial foi que as trajetórias familiares estão diretamente imbricadas com o desenvolvimento educacional dos estudantes e, portanto, as famílias em condições socioeconômicas desfavoráveis têm significativa influência no sucesso escolar dos jovens.

Nesse contexto, emergiram diferentes questões e abordagens que não necessariamente, precisam de respostas diretas. Mas, que são elucidadas com o auxílio da

reflexão sobre as subjetividades dos fatos, das táticas e das práticas desenvolvidas pelos sujeitos dentro e fora dos seus lares influenciando significativamente na formação humana dos indivíduos integrantes da configuração familiar.

Dos familiares pesquisados apenas um teve acesso ao ensino superior, grande parte não conseguiu cursar o ensino fundamental. Alguns, mal aprenderam a ler e escrever. Contudo, todos os pesquisados ressaltaram a importância do estudo, da escola e do acesso à universidade, fato que foi evidenciado durante a análise das entrevistas.

A educação escolarizada tem um lugar na memória das pessoas e seus signos trazem significados para suas vivências do cotidiano. Mas, do mesmo modo, a ausência da escola e a impossibilidade de frequentá-la também deixam marcas. E, essas marcas das ausências e das perdas ao serem transmitidas aos filhos e/ou parentes igualmente marcaram, tocaram e impulsionaram a mudar o trajeto da vida buscando possibilidades para trilhar outros caminhos que os levassem para mudança de vida.

Mesmo sem o real entendimento sobre o papel da universidade e a complexidade da sua contribuição para a formação profissional dos indivíduos, todos os entrevistados identificaram a universidade como algo que possibilita crescimento da condição social das pessoas.

Portanto, ver os filhos e/ou parentes prosseguindo com os estudos e ingressando nas universidades é motivo de orgulho e apresenta-se como uma vitória frente às barreiras socioeconômicas impostas às famílias oriundas da periferia.

## 2. CAMINHOS DA PESQUISA: O ENCONTRO ENTRE OS PROCESSOS METODOLÓGICOS E A TEORIA



**Fonte:** [www. bing.com](http://www.bing.com). Sem título e data.



## **2. CAMINHOS DA PESQUISA: O ENCONTRO ENTRE OS PROCESSOS METODOLÓGICOS E A TEORIA**

Este capítulo tece uma discussão acerca do método, dos procedimentos escolhidos e da teoria que serviram como aportes para a construção deste trabalho. A imagem 2 que abre esta parte do trabalho, retrata as palafitas às margens do rio Capibaribe.

A história oral de vida foi escolhida para auxiliar na condução das teorias e das demandas dos sujeitos que apareceram durante os percursos investigativos. Identificou-se que, através da oralidade a captação das experiências vividas são evidenciadas e facilitam a análise e o entendimento dos aspectos mais íntimos das suas vidas.

### **2.1 O ENTRELAÇAMENTO ENTRE O MÉTODO E A TEORIA**

O início da caminhada metodológica exige escolhas. Estas não são fáceis e muito menos, simples. É importante definir os possíveis caminhos teóricos, os processos, os métodos e as análises da pesquisa. A escolha foi feita! Caminhar com a história oral foi um desafio que igualmente se tornou uma fonte de prazer nos encontros com as pessoas e suas memórias.

A investigação foi direcionada ao campo das pesquisas qualitativas, método facilitador da crítica e da emancipação dos atores sociais, que auxilia na compreensão das histórias de vida e do “mundo da vida” em que os indivíduos estão inseridos.

Nessa perspectiva, observa-se que as formações da sociedade e suas respectivas memórias são descontínuas, uma vez que as pessoas criam e recriam imagens, tradições e identidades suas e dos outros. A história oral de vida aliada a um tipo de procedimento, a análise de conteúdo de Bardin (2009), serviram como suporte metodológico desse estudo.

A pesquisa qualitativa reconhece as experiências humanas e seus múltiplos formatos de forma evidente e sem desprezar a rigorosidade. Desse modo, o método qualitativo não precisa estar confinado aos processos nomotéticos para análise e descrição.

Segundo Creswell (2010), as principais características das pesquisas qualitativas são: ambiente natural; o pesquisador como um instrumento principal; múltiplas fontes de dados; análise de dados indutiva; significados dos participantes; projeto emergente; lente

teórica; interpretativo; relato holístico. E, além dessas características existem estratégias investigativas que estão concentradas na coleta, na análise e na redação dos dados.

Essa é uma pesquisa interpretativa e como investigadora estive em todo momento imbricada nos estudos. Contudo, muitos foram os esforços para construir táticas éticas durante os percursos da investigação, algo que é imprescindível a qualquer pesquisa.

Sobre a confiabilidade das pesquisas qualitativas, Creswell (2010) mostra a importância dos pesquisadores demonstrarem com clareza suas propostas e os passos dos seus estudos para verificar a credibilidade de seus resultados. A confiança nas pesquisas qualitativas está diretamente ligada à consistência na verificação e abordagens realizadas durante todos os processos do estudo.

Algumas táticas que auxiliam na validação das pesquisas qualitativas são: triangulação de diferentes fontes de informação examinando as evidências das fontes; verificação dos membros para determinar a precisão dos resultados; descrição rica e densa para comunicar os resultados; esclarecimento do viés que o pesquisador traz para o estudo; apresentação das informações negativas ou discrepantes as quais se opõem aos temas; passar um tempo prolongado no campo; revisão por pares para aumentar a precisão do relato; utilização de um auditor externo para examinar todo o trabalho.

Sobre as generalizações das pesquisas qualitativas observa-se que esse fato acontece quando existe um tipo de replicação dos resultados encontrados em uma determinada pesquisa para outras investigações em contexto diferentes. Para YIN *apud* CRESWELL (2010, p.228), pesquisadores qualitativos estudam casos adicionais e generalizam os resultados para novos casos. É o mesmo que a lógica da replicação utilizada na pesquisa experimental.

Os resultados de um estudo em um novo cenário exigem uma documentação e procedimentos qualitativos de boa qualidade, assim como um protocolo para documentar o problema em detalhes e o desenvolvimento de um banco de dados completo do estudo.

A respeito das pesquisas narrativas, elas podem ser realizadas de diferentes formas e com uma ampla variedade analítica, através da coleta de histórias de indivíduos, documentos e conversas coletivas que relatam as suas experiências vividas.

Essas histórias podem surgir a partir das informações relatadas ao pesquisador. Nesse sentido, existe uma colaboração efetiva na pesquisa narrativa. Assim, os indivíduos têm a possibilidade de relatar suas experiências individuais e coletivas, revisitar suas memórias e se identificar enquanto protagonistas das suas histórias. Conforme explicita Creswell a seguir:

Histórias narrativas falam de experiências individuais e podem lançar luz sobre as identidades dos indivíduos e as imagens que eles têm de si mesmos. Histórias narrativas são reunidas a partir de várias formas de coletas de dados, como por meio de entrevistas, que podem construir a fonte de dados principal, e também por meio de observações, documentos, imagens e outras fontes de dados qualitativos. (CRESWELL, 2010, p. 69).

Existem diversos tipos de narrativas como: estudo biográfico, autoetnografia, história de vida, história oral, dentre outros. Destaco que esse trabalho não está aprisionado a um método ou a um único modelo teórico, logo recuso o engessamento do pensamento e das práticas adotadas.

Durante a condução dessa investigação, avaliou-se o método e o mesmo foi adaptado para a realidade do nosso contexto investigativo. Para que a pesquisa se tornasse inteligível, foi necessário descrever, comparar, observar as fragilidades e, principalmente, buscar o entendimento em relação ao contexto em que estão inseridos os sujeitos dessa investigação.

A escolha pelos trilhos da história oral de vida foi assertiva na condução dessa viagem investigativa, pois facilitou o olhar sobre o método e a teoria, com ênfase sobre as demandas vindas do cotidiano dos indivíduos, fato que auxiliou na reelaboração do próprio método de pesquisa.

A história oral de vida auxiliou no estudo das memórias, no entendimento da constituição das identidades e das representações. Alberti, (2004, p.27) observa que a história oral é bastante adequada para o estudo da história das memórias, das representações do passado, ou seja, estudar essa história é dá ênfase ao trabalho de constituição e de formalização das memórias. A constituição da memória é importante porque está atrelada à composição da identidade.

Assim, ressaltamos que essa metodologia consiste em um conjunto de reflexões pessoais sobre eventos múltiplos e contribui para retratar a vida de um ou mais indivíduos. A história de experiência pessoal é um estudo narrativo que apresenta as experiências individuais vividas em um ou vários episódios, situações particulares ou em contextos coletivos.

Através da oralidade, podemos captar as experiências vividas pelas pessoas, analisar e entender aspectos mais íntimos das suas vidas. Quanto mais elas se expõem a seu modo, mais rico e eficaz são os seus relatos.

A narrativa é a melhor forma para captar as experiências de vida e as histórias detalhadas de um único indivíduo ou as vidas de um número pequeno de indivíduos. É importante escolher um ou mais indivíduos que tenham histórias ou experiências de vidas a serem contadas e passar um tempo considerável com eles, colhendo suas histórias por meio de diferentes meios de coletar as informações.

A memória narrada ajuda com o posicionamento crítico avesso às antinomias com um elo entre o prático e o teórico. No pensamento acadêmico, a separação das formas de conhecimentos em cognitivo *versus* emocional tem recebido um novo significado.

Nessa direção Bruner (1990) argumenta acerca do conhecimento narrativo, demonstrando que esse é mais do que mera expressão de emoção, sendo uma forma legitimada de raciocínio de saber que ajuda a entender a complexidade das histórias relatadas pelos indivíduos sobre as tensões e dilemas de suas vidas.

Assim, a experiência observada num relato, capta a riqueza e os detalhes dos significados nos diferentes assuntos humanos embasando as evidências do mundo da vida.

Esse método da história oral auxilia o pesquisador a reconstruir as experiências humanas, refletindo sobre o vivido e dando significado ao sucedido. As narrativas organizam as experiências, quando as coisas são como devem ser (Bruner, 1990) as explicações da psicologia não se fazem necessárias.

Sobre as narrativas da história oral, Bruner (1990) destaca as contribuições para as diferentes pesquisas, frisando que grande parte está fundamentada na psicologia cultural e que essa abordagem mais histórica e interpretativa serve para apresentar como a "realidade" é construída em nossa sociedade.

O próximo subitem ressaltará a história oral de vida e suas contribuições para as pesquisas qualitativas.

## 2.2 HISTÓRIA ORAL DE VIDA

A história oral de vida é voltada para a memória dos indivíduos e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. As lembranças das pessoas individuais e, também, dos indivíduos inseridos em contextos de grupos como, familiar e social, são retratados através de recordações que estão envoltas por inferências coletivas.

Benjamin (1985, p.224), elucida que articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.

A história no passado era transmitida de uma geração a outra através da tradição oral e pela crônica escrita. Contudo, foi posteriormente ao advento do aparelho tecnológico conhecido como gravador, que a metodologia da história oral começou a ser utilizada, na década de 1950, por pesquisadores das mais diversas áreas de conhecimentos. Historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos entre outros, utilizaram-se da oralidade para a realização dos seus estudos.

A história oral estuda acontecimentos históricos, sociais, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos entre outros. Ela registra e perpetua as impressões, as vivências, as lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade.

Por conseguinte, pode ser conhecida como um método de pesquisa das ciências humanas que privilegia as entrevistas com os atores que viveram ou testemunharam diferentes acontecimentos, trazendo um conhecimento do vivido muito mais complexo e dinâmico para os experimentos no campo das histórias cotidianas das comunidades, instituições, biografias, tradições culturais entre outros.

Uma entrevista de história oral ajuda a reconstruir trajetórias cotidianas, que geralmente não estão registrados em outro tipo de fonte. Assim, recompor o cotidiano não é uma tarefa simples, normalmente as pessoas recordam das ações não muito óbvias ou evidentes, essas são as que mais se mantêm na lembrança.

Desse modo, ao solicitarmos do entrevistado que reconstitua seu cotidiano, há risco de o resultado acabar sendo determinado pelas perguntas, que só conseguem trazer à lembrança alguns aspectos da vida diária. Então cabe ao entrevistador lançar mão de estratégias que permitam ao entrevistado encontrar-se com o seu passado, recordar e, assim, relatar o vivido.

Segundo Paul Thompson (1992), a história oral cresceu onde subsistia uma tradição de trabalho de campo dentro da própria história, como a história política, história operária, a história local, ou onde os historiadores têm entrado em contato com outras disciplinas como a sociologia e a antropologia.

A oralidade nos faz descobrir seu papel através das lembranças, representações e auxilia na construção de uma determinada história, que não é de forma alguma, de menor relevância e, portanto, é história viva e necessária à organização das relações sociais.

A história cultural, por sua vez, identifica como objeto de estudo a realidade social que se constitui no interior dos lugares, de maneira que podemos lê-la e pensá-la, facilitando nossas percepções sobre o mundo real construído pelas pessoas.

Para Thompson (1992), a história oral é uma metodologia favorável às pesquisas em diversas áreas de conhecimentos e pode contribuir para o resgate da memória nacional. O autor ainda ressalta a necessidade da preservação da memória dos indivíduos e a evidência de fatos coletivos.

A história oral foi basilar no desenvolvimento desta pesquisa, pois, a mesma, revisita o passado através das memórias, das experiências e dos relatos dos indivíduos. Para corroborar com esse entendimento, observa-se que a história oral deriva justamente do fascínio do vivido, quando a experiência histórica do depoente o conduz ao passado mais concreto e, por isso, torna-o mais atraente na divulgação do conhecimento.

A oralidade tem um elevado potencial de ensinamento do passado com uma fascinante experiência que se relaciona ao mundo do outro. Essa relevância destaca a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e veicula as entrevistas.

No entanto, fica evidente que são inúmeras as dificuldades que permeiam os pesquisadores que utilizam esse tipo de método. Em algumas pesquisas, o método se funde à teoria e a história oral passa a ser um suporte teórico-metodológico.

Ouvir o outro por longas horas, transcrever suas falas, redigir cuidadosamente, analisar o conteúdo do dito e publicar de forma respeitosa as histórias do outro não são tarefas fáceis. Mas, é diante da complexidade que os pesquisadores são levados a enveredar para o campo da oralidade.

Corroborando com esse pensamento, Portelli (2010) afirma: “[...] pessoas não são livros, não podem ser estudadas como livros nem sequer podem ser colocadas nos livros. Há uma relação complexa entre as pessoas, as histórias que contam, e os livros que lemos, que estudamos e escrevemos.”

A história oral é constituída na narração dialógica quando existe o encontro entre os indivíduos que narram e aqueles que pesquisam. O pesquisador dá início a esse encontro, cria espaço narrativo. É relevante observar que o depoente ou narrador não contaria a sua história da mesma maneira, com as mesmas palavras para uma outra pessoa.

Pois, cada entrevista realizada e documentada é fruto de dois autores, os que narram suas memórias e os que questionam, que os fazem lembrar.

A entrevista é também um momento de aprendizado quando o pesquisador precisa se aproximar dos seus objetivos de pesquisa e igualmente do narrador, respeitando seus relatos e, caso o narrador saia do foco da pesquisa, é o papel daquele que pesquisa demonstrar interesse pelo que está sendo dito para não causar distanciamentos e silenciar o narrador.

Durante a pesquisa, o depoente está vinculado a alguns condicionantes na narrativa de suas histórias, geralmente elabora um todo dos diversos acontecimentos, abrigando, em algum ponto, o topo de sua história. No decurso, o relator conduz a atenção do ouvinte para o ápice de sua história. Ele precisa sintetizar os demais elementos importantes da sua memória. Por último, necessita justapor em sua narrativa as informações que são premissas para a compreensão da história.

Durante as entrevistas se o pesquisador for atento poderá observar as tensões implícitas, o sugerido, o encoberto, o não dito. Cabe-os interpretar tanto lembranças quanto esquecimentos. Esquecimentos, omissões, os trechos desafiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas em um determinado momento histórico.

A reflexão sobre a vida contada pelo outro a partir das suas experiências, dos infortúnios, dos medos, das expectativas, das frustrações e da esperança de dias melhores é o que moveu essa investigação na busca de uma melhor compreensão acerca da configuração familiar em questão.

Foi através da oralidade que se descobriu o lugar, as vivências cotidianas e a forma como as pessoas se vêem. Elas puderam se expressar com suas próprias palavras oportunizando os olhares e as vozes para aqueles que, por muitas vezes, foram silenciados e marginalizados pela sociedade.

O diálogo entre o conceito do *a priori* com o empírico, ou seja, o *a posteriori*, possibilita a elucidação de alguns signos e respectivos significados das histórias de vida e memórias.

Burke (2000) observa a memória como reconstrução do passado, uma vez que recordá-lo e escrever sobre ele não é uma atividade ingênua e inocente como muitos julgavam anteriormente. Identificar acontecimentos públicos relevantes para o nosso grupo que são incorporados em nosso cotidiano passam a ser incorporados e filtrados por nossas estruturas comportamentais.

A memória é uma ferramenta preciosa para a construção da crônica do cotidiano. Mas, ela corre o risco de cair numa “ideologização” da história do cotidiano, como se essa fosse o avesso oculto da história política hegemônica.

Nessa perspectiva, a memória pode ser trabalhada como um intermediário entre as gerações. A História oral de vida pode auxiliar e amparar os testemunhos vivos, reconstruindo comportamentos e sensibilidades de uma época.

Para Bosi (2013), a memória é parte do presente e, através das fontes orais, pode-se colher diferentes pontos de vista e assim auxiliar na recomposição da história, como observa-se na seguinte afirmativa:

Como arrancar do fundo do oceano das idades um “fato puro” memorizado? Quando puxarmos a rede veremos o quanto ela vem carregada de representações ideológicas. Mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida quotidiana. Colhe pontos de vista diversos, às vezes opostos, é uma recomposição constante de dados. Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”. A fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curva e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa. (BOSI, 2013, p. 19-20-Aspas no original).

Partindo dessa observação de Bosi sobre a fonte oral, apresentou-se os depoentes escolhidos para relatar suas histórias de vida nessa pesquisa. Os sujeitos são familiares dos estudantes moradores da comunidade do Coque que ingressaram nas universidades federais de Pernambuco no período de 2002 a 2012.

Para falar sobre os pesquisados é imprescindível entender de onde esses falam, o seu lugar, a casa, a relação com a comunidade, a sua configuração familiar entre outros aspectos. A pesquisa em questão, busca entender como os fatos ocorridos no passado das famílias pobres moradoras da periferia influenciaram na formação dos seus filhos e ou parentes mais próximos.

Para tal, foi necessário aprofundar a interação com os sujeitos, transformando as informações dos depoimentos em relatos de vida e, ainda, respeitar a disposição e o tempo do outro, dispondo da atenção generosa e envolvida. Essa dedicação profusa nos convida a privar tudo o que chamamos de eu da luz da atenção e transferi-la para o que está fora de nós.

Assim, surge a oportunidade de aguçar as faculdades e realizar a entrega, através do olhar e da escuta do secreto, do silencioso e do quase inaudível. A atenção vislumbra



ultrapassar as barreiras das conclusões apressadas, do desinteresse angustiante por determinados assuntos que aparentemente não interessam ao pesquisador.

A dinâmica da vida com suas memórias, suas imagens, suas identidades construídas são sempre incompletas e correspondem a uma multiplicidade de experiências vividas por indivíduos e grupos sociais que não se encontram parados no tempo, mas em continua transformação.

No próximo subitem, foram apresentados os processos realizados nesta investigação.

### 2.3 OS PROCESSOS DA INVESTIGAÇÃO

Essa pesquisa teve como ponto de partida o estudo dos temas referenciais: família, histórias de vidas e educação escolarizada. Essas categorias serviram de base para aprofundar os conhecimentos relativos às questões da importância da configuração familiar na escolarização dos indivíduos, assim como compreender o lugar da educação escolarizada na vida das pessoas e como realiza-se o acesso dos estudantes pobres moradores de periferias às universidades públicas.

Um dos primeiros procedimentos realizados foi a elaboração de um quadro demonstrativo contendo dissertações e teses na área de educação que foram realizadas no Brasil no período de 2000 a 2011. Os dados foram pesquisados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

**Quadro 1** - Distribuição das Pesquisas na área de Educação com a temática família nos anos de 2000 a 2011

| TÍTULOS                                                                                           | NATUREZA    | INST | ANO  | AUTOR                            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|------|------|----------------------------------|
| <b>Família e socialização:</b> um estudo das implicações da situação de presença/ausência paterna | Tese        | USP  | 2000 | Alaide Maria Zabloski Barufi     |
| <b>Representações sociais dos professores sobre o sucesso e o fracasso escolar</b>                | Dissertação | UFPE | 2000 | Ana de Fátima P. de S. Abranches |
| <b>O Mito da Erradicação do Trabalho Infantil via Escola.</b>                                     | Dissertação | UFPE | 2000 | Cláudio de Lira Santos Júnior    |
| <b>Leitores com síndrome de down:</b> a voz que vem do coração                                    | Dissertação | UFCE | 2001 | Adriana Leite Lima Verde Gomes   |

|                                                                                                                                                                                               |             |        |      |                                    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|--------|------|------------------------------------|
| <b>Cultura, Formação e Subjetividade no Pensamento de Herbert Marcuse</b>                                                                                                                     | Tese        | PUC-SP | 2002 | Abel Silva Borges.                 |
| <b>Trabalho e Educação: A Formação dos funcionários da fábrica Kaiser de Araraquara-SP</b>                                                                                                    | Dissertação | UFSCAR | 2002 | Ada Maria de Almeida               |
| <b>A batalha pela sobrevivência no mundo do trabalho: trajetórias ocupacionais de egressos do ensino fundamental</b>                                                                          | Dissertação | UFSC   | 2004 | Adélia Doraci de Oliveira Ferreira |
| <b>Memórias e trajetórias dos estudantes de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá</b>                                                                                                       | Tese        | PUC-RJ | 2005 | Adriana de Andrade Gomes           |
| <b>As famílias com filhos deficientes e a escolha da escola: o caso do colégio coração de Jesus</b>                                                                                           | Tese        | PUC-SP | 2006 | Adarzilse Mazzuco Dallabrida       |
| <b>Relações de saber e com o saber em jovens das camadas populares - o caso do programa avizinhar/USP</b>                                                                                     | Dissertação | UNESP  | 2006 | Adriana Alves                      |
| <b>Oculto, invisível e inacessível: Trabalho infantil doméstico dentro de seu próprio domicílio</b>                                                                                           | Tese        | UNIMEP | 2007 | Acácia de Fátima Ventura           |
| <b>Aprendendo a ser professora: um estudo sobre a socialização profissional de professoras iniciantes no município de Curitiba</b>                                                            | Tese        | PUC-SP | 2008 | Adriane Knoblauch                  |
| <b>A educação feminina nos séculos XVIII e XIX: intenções dos bispos para o recolhimento Nossa Senhora de Macaúbas</b>                                                                        | Dissertação | UFMG   | 2008 | Adair José dos Santos Rocha        |
| <b>Diagnóstico e Perspectiva de Desenvolvimento sócio-educacional dos Assentados rurais da comunidade de Vila Nova, Santa Rosa do Sul - SC e a participação do IFECTC - Campus de Sombrio</b> | Dissertação | UFRJ   | 2009 | Adalberto Reinke                   |
| <b>A Criança, o Brincar e a Aprendizagem</b>                                                                                                                                                  | Dissertação | UEL    | 2009 | Adnan de Carvalho                  |
| <b>O silêncio e a transgressão: contribuições das narrativas de uma menina e de um menino com trajetórias marcadas pelo insucesso na leitura e na escrita</b>                                 | Dissertação | UFMT   | 2009 | Ádriana Maria Ribeiro Rodrigues    |

|                                                                                                                                                                               |             |        |      |                                         |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|--------|------|-----------------------------------------|
| <b>Cultura Escolar e Perfil Discente no Colégio de Aplicação da UFSC (1966-1973)</b>                                                                                          | Dissertação | UDESC  | 2010 | Ademir Soares Luciano Junior            |
| <b>O proeja no instituto federal de Goiás - Campus Goiânia: um estudo sobre os fatores de acesso e permanência na escola</b>                                                  | Dissertação | UNB    | 2011 | Josué Vidal Pereira                     |
| <b>A constituição do sujeito surdo na cultura guarani-kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola</b>                                     | Dissertação | UFGD   | 2011 | Luciana Lopes Coelho                    |
| <b>Política de ações afirmativas na UFRGS: o processo de resiliência na trajetória de vida de estudantes cotistas negros com bom desempenho acadêmico</b>                     | Dissertação | UFRGS  | 2011 | Luciane Bello                           |
| <b>O Prouni como política pública de ação afirmativa: uma análise do impacto sociocultural na trajetória de egressos, oriundos das camadas populares, do Prouni da PUC-MG</b> | Dissertação | PUC-MG | 2011 | Luiz Eduardo Rodrigues de Almeida Souza |

**Fonte:** Banco de Teses e Dissertações da CAPES, (2011).

Sobre os trabalhos que abordam a temática da família encontramos os seguintes na área da educação:

Na pesquisa intitulada, **Família e Socialização**: um estudo das implicações da situação de presença/ausência paterna, Barufi (2000) discute o processo de socialização em grupos familiares residentes em bairros populares da cidade de Dourados e, que vivem a situação típica de afastamento e de presença do pai, em decorrência de sua atividade ocupacional em frente de trabalho rural.

Abranches (2000), na pesquisa **Representações sociais dos professores sobre o sucesso e o fracasso escolar**, trata das representações sociais das professoras da primeira série do Ensino Fundamental da Prefeitura da Cidade do Recife sobre o sucesso e o fracasso escolar dos alunos, tendo como suporte a Teoria das Representações Sociais tal como proposta por Moscovici.

Júnior (2000), no trabalho **O Mito da Erradicação do Trabalho Infantil via Escola**, investiga o programa "Toda Criança na Escola", do governo Fernando Henrique

Cardoso (1995-1998, 1999-2002), enquanto um dos pilares de sua política para a erradicação do trabalho infantil.

Gomes (2001), em sua pesquisa **Leitores com síndrome de down: a voz que vem do coração**, realizou um estudo de caso com cinco sujeitos leitores com síndrome de down, na cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, Brasil. Foi motivada pelo interesse e pela necessidade de compreender como essas pessoas se tornaram leitoras. O estudo investigou suas histórias de aprendizagem da leitura, com o objetivo de analisar as contribuições sociais familiares e escolares sobre essa aquisição.

Borges (2002), com a investigação **Cultura, Formação e Subjetividade no Pensamento de Herbert Marcuse**, teve como objetivo investigar as possíveis relações entre cultura, formação e subjetividade no pensamento de Herbert Marcuse. Uma das hipóteses deste trabalho foi que a concepção de Marcuse acerca da formação e seus conceitos correlatos e/ou interdependentes de subjetividade, família, cultura e sociedade devem variar ao longo de sua obra, tendo em vista os novos interlocutores e a modificação da sociedade.

Almeida (2002), na obra **Trabalho e Educação: A Formação dos funcionários da fábrica Kaiser de Araraquara-SP**, realizou um estudo sobre a formação da mão-de-obra da cervejaria Kaiser de Araraquara-SP. Para proceder a esse estudo foram analisados, as trajetórias profissionais e escolares da família dos trabalhadores da empresa, incluindo três gerações, avós paternos e maternos, pais e filhos.

Ferreira (2004), no trabalho **A batalha pela sobrevivência no mundo do trabalho: trajetórias ocupacionais de egressos do ensino fundamental**, buscou estudar as trajetórias ocupacionais de jovens egressos do ensino fundamental da Escola Básica José do Valle Pereira, localizada no Bairro João Paulo em Florianópolis / SC, durante o período 1991 - 2003 e identificou as estratégias adotadas na inserção e manutenção do emprego, procurando também estabelecer relações entre emprego, desemprego e escolarização.

Gomes (2005), com a pesquisa **Memórias e trajetórias dos estudantes de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá**, investiga as memórias e as trajetórias dos estudantes de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá. A partir de vinte entrevistas semiestruturadas, procurou-se conhecer os fatores que contribuíram para que alcançassem o ensino superior, tendo em vista que a maior parte dos entrevistados é oriunda de segmentos populares. Entre os fatores estudados está a maneira complexa e ambivalente com que se apropriam das formas de pensar e agir aprendidas em família e socialmente.

Dallabrida (2006), em sua obra **As famílias com filhos deficientes e a escolha da escola: o caso do colégio coração de Jesus**, analisa as motivações e as expectativas das famílias que selecionaram o Colégio Coração de Jesus, localizado em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, para proporcionar educação formal a seus filhos deficientes, entre as décadas de 1970 a 1990, e descreve a organização, o funcionamento e os resultados obtidos nas classes especiais implantadas nesta instituição para atender a esta população. Com relação à família, buscou-se entender os critérios e as motivações, correlacionando com a expectativa de escolarização e de futuro do filho deficiente.

Alves (2006), com o estudo **Relações de saber e com o saber em jovens das camadas populares - o caso do programa avizinhar/USP**, procurou apreender e analisar as relações de saber e com o saber de jovens de classes populares, pauperizados, moradores de duas comunidades vizinhas ao campus da Universidade de São Paulo: as comunidades São Remo e Jaguaré. Elencou-se quatro categorias temáticas, interdependentes e que foram selecionadas por critérios qualitativos e quantitativos, a saber: Família, Escola, Programa Avizinhar e a Comunidade. Buscou-se compreender a influência da família, de forma não determinista, nas relações de saber.

Ventura (2007), na pesquisa **O culto, invisível e inacessível: Trabalho infantil doméstico dentro de seu próprio domicílio** investigou a situação das crianças e adolescentes de 5 a 12 anos de idade em relação ao trabalho infantil doméstico em seus próprios domicílios no município de Araras – SP. Teve como objetivo conhecer a importância do trabalho das crianças para suas famílias. Onde o trabalho infantil doméstico tenha sido o que “restou” para famílias de baixa renda.

Knoblauch (2008), no estudo **Aprendendo a ser professora: um estudo sobre a socialização profissional de professoras iniciantes no município de Curitiba**, discutiu a socialização profissional de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental em início de carreira do município de Curitiba, com base nos estudos de Bourdieu. O objetivo do trabalho foi compreender o modo pelo qual ocorre a socialização profissional de professores iniciantes por entender que tais aspectos fazem parte do amplo processo de formação de professores.

Rocha (2008), no trabalho **A educação feminina nos séculos XVIII e XIX: intenções dos bispos para o recolhimento Nossa Senhora de Macaúbas**, objetivou observar a compreensão do caráter educacional da instituição por meio daquilo que os bispos rescreveram para a educação feminina, trazendo elementos para uma melhor

compreensão deste espaço educação das filhas de famílias mais abastadas e qual era o tipo de formação que elas deveriam receber. (UFMG).

Reinke (2009), no estudo **Diagnóstico e Perspectiva de Desenvolvimento socioeducacional dos Assentados rurais da comunidade de Vila Nova, Santa Rosa do Sul - SC e a participação do IFECTC - Campus de Sombrio**, realizou uma pesquisa participante contribuindo diretamente para a resolução de problemas de interesse coletivo. As famílias do assentamento rural de Vila Nova e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - Campus Sombrio são os protagonistas.

Carvalho (2009), na obra **A Criança, o Brincar e a Aprendizagem**, refletiu sobre a atuação do pedagogo em instituições não-escolares como a hospitalar, e os novos caminhos para a educação a partir do acompanhamento pedagógico em âmbito hospitalar. Dentre outros objetivos, destacamos, conhecer as percepções das crianças/adolescentes e dos familiares sobre o brincar e a aprendizagem dentro deste contexto.

Rodrigues (2009), no estudo **O silêncio e a transgressão: contribuições das narrativas de uma menina e de um menino com trajetórias marcadas pelo insucesso na leitura e na escrita**, discutiu sobre o insucesso escolar na leitura e na escrita, problema vivenciado por inúmeros alunos que frequentam a escola pública brasileira. Essa realidade foi mobilizadora da investigação que teve como objeto o insucesso na alfabetização e letramento de meninos e meninas, focando um espaço onde esse fenômeno não deveria, mais acontecer, ou seja, no sexto ano de escolaridade.

Junior (2010), no estudo intitulado **Cultura Escolar e Perfil Discente no Colégio de Aplicação da UFSC (1966-1973)**, investigou o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, criado no começo da década de 1960, e o seu processo de elitização. Para perceber o resultado dessa mudança na população escolar, foram circunscritas pela pesquisa as primeiras turmas formadas pelo Colégio de Aplicação no ensino de 2º grau até o momento da extinção do exame de seleção para uma vaga na escola, ocorrido em 1973.

Pereira (2011), no trabalho **O Proeja no instituto federal de Goiás - Campus Goiânia: um estudo sobre os fatores de acesso e permanência na escola**, realizou um estudo de caso com a finalidade analisar os fatores de que favorecem ou dificultam o acesso e a permanência dos estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) desenvolvido no Campus Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG).

Coelho (2011), no estudo intitulado **A constituição do sujeito surdo na cultura guarani-kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola**, investigou a constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá e os processos de interação e comunicação na família e na escola.

Bello (2011), na pesquisa **Política de ações afirmativas na UFRGS: o processo de resiliência na trajetória de vida de estudantes cotistas negros com bom desempenho acadêmico**, analisou o processo de resiliência em estudantes cotistas de escolas públicas autodeclarados negros com bom desempenho acadêmico (taxa integralização média acima de 50%), que ingressaram pelo sistema de reserva de vagas aprovado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2008. A partir de um breve histórico da política de ações afirmativas no mundo, no Brasil e na Universidade, há o destaque sobre as desvantagens que jovens negros vivem para ter acesso ao ensino superior neste país.

Souza (2011), no trabalho **O Prouni como política pública de ação afirmativa: uma análise do impacto sociocultural na trajetória de egressos, oriundos das camadas populares, do Prouni da PUC-MG**, analisou o impacto sociocultural do ProUni, como política pública de ação afirmativa, na trajetória de bolsistas egressos, oriundos das camadas populares, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), tendo em vista as limitações e as possibilidades deste programa atravessado por marcas da ideologia neoliberal no campo educacional.

Esses estudos acadêmicos iniciais aliados aos conhecimentos adquiridos com as vivências profissionais tais como: professora de ensino básico, gestora escolar e também com as pesquisas acadêmicas durante a construção da dissertação de mestrado serviram para alargar os saberes acerca das abordagens temáticas e impactaram no direcionamento desse trabalho de tese.

A costura conceitual teórico-metodológica da pesquisa, assim como a delimitação do período a ser estudado foi constituído após a entrada no campo empírico que ocorreu em meados de junho de 2015. Com as autorizações necessárias para o desenvolvimento da investigação, visitamos as escolas localizadas na área da comunidade do Coque que ofereciam a modalidade de ensino médio durante os anos de 2002 a 2012.

No referido período, foram implantadas políticas afirmativas como; cotas para estudantes de escolas públicas, afrodescendentes, entre outros projetos de incentivo ao acesso às universidades públicas e privadas.

O Programa Universidade Para Todos (PROUNI) que foi lançado em 2004, consiste em concessão de bolsas de estudo para estudantes de graduação em universidades privadas. Foram disponibilizadas bolsas parciais para os estudantes cuja renda familiar, por pessoa, era de até três salários mínimos e bolsas integrais para aquelas cuja renda familiar era inferior a um salário e meio.

O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) que foi lançado em 2007, objetiva a ampliação de vagas nas universidades e a redução das taxas de evasão nos cursos presenciais de graduação.

O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) lançado em 2007 e, que, diferentemente dos outros programas, constitui-se em uma espécie de programa guarda-chuvas, sob o qual se alinham os demais programas e ações do governo para toda a educação desde o ensino infantil à pós-graduação.

Ainda nesse período, foi implantada a Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012 que garante a reserva de 50% das vagas nas universidades federais, com um prazo progressivo de até quatro anos, para estudantes que cursaram o ensino médio em escolas públicas. O critério de seleção foi feito de acordo com o resultado dos estudantes no Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). Essa lei foi sancionada pela então presidente da república, Dilma Rousseff.

Durante as visitas às escolas, observou-se a inexistência de dados concretos sobre o quantitativo de estudantes egressos dessas instituições escolares localizadas no entorno da comunidade do Coque, cujos estudantes conseguiram o acesso às universidades federais de Pernambuco no período de 2002 a 2012. Esse foi um dos fatos que dificultou inicialmente a pesquisa.

No decorrer da pesquisa, identificou-se mais de dez estudantes que tinham estudado na Escola Monsenhor Manuel Leonardo de Barros Barreto e na Escola de Referência em Ensino Médio Joaquim Nabuco no período em que eu, a pesquisadora, havia trabalhado como professora de História e gestora escolar.

Dentre esses estudantes, Monik França, Berlane Firmino e Edson Silva, moradores da comunidade do Coque, egressos do ensino público que ingressaram nas universidades federais de Pernambuco no período entre 2002 a 2012.

Monik França realizou o curso de Turismo no período de 2008 a 2012, Edson Silva cursou Filosofia no período de 2011 a 2015 e Berlane Firmino cursou Administração no Centro Acadêmico do Agreste durante o período de 2011 a 2017, todos vinculados à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).



Os referidos estudantes e seus respectivos familiares foram convidados para participar dessa investigação, explicitou-se todos os procedimentos desde as visitas, as entrevistas e as autorizações para a publicação do trabalho.

Com esses educandos existiam vínculos para além da sala de aula, fato que inicialmente foi entendido como facilitador para a inicialização da pesquisa, viabilizando o acesso à casa, ao ambiente familiar e o contato mais aproximado com seus respectivos familiares. Contudo, exigiu-se o exercício da elaboração interna do afastamento emocional.

Apesar do vínculo com os estudantes ser um notório facilitador, havia a necessidade de atentar para a “justa medida”, buscando entender a existência de uma linha tênue entre o que é facilitador e aquilo que pode igualmente tornar-se um dificultador do processo.

Assim, a aproximação e o afastamento entre pesquisadores e pesquisados necessitam ser utilizados de maneira transparente, fato que possibilita o alargamento ainda maior dos elos com os indivíduos investigados.

Houve o distanciamento das práticas tecnicistas e burocráticas para melhor entender a relevância das relações afetivas entre os pesquisadores e os pesquisados. Bosi (2013), ao descrever algumas sugestões para os pesquisadores que estão iniciando as investigações em história oral, faz as seguintes observações:

A entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade; tenhamos sempre na lembrança que a relação não deveria ser efêmera. Ela envolve responsabilidade pelo outro e deve durar quanto dura uma amizade. Da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista. Se não fosse assim, a entrevista teria algo semelhante ao fenômeno da mais-valia, uma apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro. Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter passado tão digno de rememorar quanto das pessoas ditas importantes. (BOSI, 2013, p.60-61).

Considerando as reflexões de Bosi (2013), foi realizada uma pré-entrevista como um estudo exploratório que auxiliou na reconstrução dos roteiros iniciais das entrevistas. Desse encontro extraiu-se as questões referentes à linguagem usual, observou-se a dificuldade de agendar as visitas e os entraves das falas no momento da gravação. Ainda foram observadas as problemáticas dos ruídos no ambiente da casa escolhido pelos

entrevistados para a realização da entrevista, dentre outros elementos do processo investigativo.

Desafios foram surgindo durante a pesquisa, dentre eles, a falta de entendimento dos pesquisados sobre a relevância do estudo, barreiras que foram transpostas com o diálogo contínuo, com o firmamento dos elos entre pesquisados e pesquisadora e com a posterior devolutiva parcial da pesquisa.

Para melhor explicitar as dificuldades enfrentadas no início e no decorrer da investigação, elaboramos um diário de campo, no qual se registrou algumas dúvidas, dificuldades, falhas, entre outros aspectos relevantes à pesquisa. Esse diário ficou sob os cuidados da pesquisadora em arquivo pessoal.

No processo da investigação, alguns obstáculos foram aparecendo, pois trabalhar com histórias de vidas, com o passado das pessoas, tentar trazê-lo o mais próximo possível para o presente, fazer os recortes necessários, juntar os pedaços das recordações é uma atividade complexa que exige dedicação e desprendimento em sua inteireza.

Existem muitas dificuldades e entraves nas pesquisas baseadas na oralidade mas, igualmente, elas oferecem encontros e oportunizam o conhecimento do outro em seu cenário, aproximando o pesquisador do campo e revelando sentidos nos recortes, nos pedaços de vida que o outro se permite mostrar.

Em diferentes momentos, a impossibilidade de recompor o vivido é recorrente, pois, segundo Alberti (2004), não existe filme sem cortes, sem edições, sem mudanças de cenário. Como um filme, a entrevista nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços, têm-se a sensação de que o passado está presente.

Desse modo, os entraves da pesquisa também servem de incentivo para o aprofundamento da teoria e dos métodos da história oral de vida. Segundo Bosi (2003), os procedimentos de história de vida e perguntas exploratórias se combinam em termos técnicos desde que o recordador tenha liberdade para encadear e compor, à sua maneira, os momentos do seu passado. Sobre os caminhos processuais e o contato com os depoentes observa-se a afirmativa de Bosi (2003, p.56):

Se a memória é não passividade, mas forma organizadora, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo da sua experiência do seu grupo[...] Quanto mais o pesquisador entra em contato com o contexto histórico preciso onde viveram os depoentes, cotejando e cruzando informações e

lembranças de várias pessoas, mais vai-se configurando a seus olhos a imagem do campo de significações já pré-formada nos depoimentos.

Anteriormente aos encontros com os depoentes foram recolhidas informações sobre o contexto social de cada entrevistado, algo que auxiliou no roteiro das entrevistas e de certa forma, também estimulou os depoentes a falar com maior desenvoltura e tranquilidade.

As entrevistas foram orientadas em parte, por Thompson (1998), com as seguintes temáticas: A casa e a família informações básicas; Rotina doméstica; Refeições; Relação geral com os pais, (educadores familiares): ascendência e disciplina; Atividades da família; Religião, Política; Outros interesses dos pais (educadores familiares); Lazer durante a infância; Comunidade e classe social; Escola; Trabalho; A vida em casa depois de começar a trabalhar em tempo integral\deixar a escola; Casamento; Filhos; Vida familiar depois do casamento.

As narrativas foram gravadas em dois tipos de mídia: gravador portátil e aparelho de celular com aplicativo de gravação de voz. Elas foram armazenadas num computador particular sob a responsabilidade da pesquisadora.

Primeiramente as entrevistas foram transcritas na íntegra, sem nenhum tipo de corte ou interferência nas falas; depois foram todas revisadas (houve ajustes sutis na escrita em alguns vícios de linguagem como: né e aí). Em respeito aos depoentes foi decidido manter na íntegra suas histórias de vida.

Para analisar as entrevistas, utilizou-se, a análise de conteúdo, baseados na teoria de Bardin (2009). A análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas analíticas das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Existe um “jogo” entre as hipóteses e as técnicas de interpretação.

Para uma aplicabilidade coerente do método, de acordo com os pressupostos de uma interpretação das mensagens e dos enunciados, a análise de conteúdo deve ter como ponto de partida uma organização. Bardin (2009) indica as diferentes fases da análise de conteúdo e sugere a organização em torno de três momentos: a pré-análise, a exploração do material, e o tratamento dos resultados, ou seja, a inferência e a interpretação.

Durante a análise dos depoimentos, houve o cuidado com o desnível das experiências vividas pelos indivíduos que compartilharam os mesmos contextos sociais

em épocas diferentes, foi necessário uma descrição criteriosa para além das informações factuais.

As análises das entrevistas foram embasadas nos teóricos que auxiliaram no debate e construção dessa investigação, assim como nas próprias falas dos depoentes e nas reflexões e entendimento da pesquisadora. Portanto, realizou-se um tipo de triangulação analítica.

## 2.4 A CONFIGURAÇÃO SOCIAL PESQUISADA: O LUGAR E OS INDIVÍDUOS

**Imagem 3** - Ruas do Coque



Fonte: Daniel Lackberg, 2018.

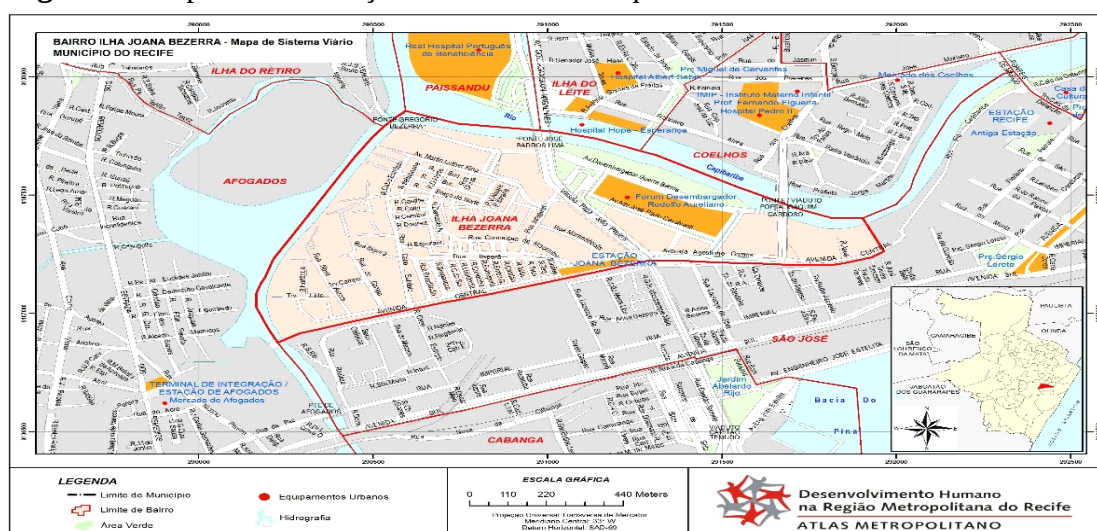
A imagem 3 Ruas do Coque, retrata a comunidade do Coque, que está localizada entre os bairros de São José e Ilha Joana Bezerra na capital pernambucana, nordeste do Brasil. Essa região teve o início de sua povoação por volta do final do século XIX e início do século XX com a figura marcante do capanga, homens vindos do interior contratados pelos donos de engenho. Eles tinham como função garantir a segurança dos patrões, bem como dos produtos transportados pelo porto do Recife.

Segundo Freyre (1961), os homens conhecidos como capangas escolhiam a região próxima ao bairro de São José, pela proximidade do porto do Recife e também pelos bares e prostíbulos que estavam localizados no arrabalde desta região.

O bairro de São José é um dos mais antigos da cidade do Recife. As primeiras ocupações foram realizadas em um território onde historicamente foram desencadeados eventos significativos na vida política do país, como os embates das tropas republicanas, durante a Confederação do Equador (1824) e a Intentona Comunista (1935).

A maioria das famílias é oriunda de cidades interioranas do Estado de Pernambuco, do Agreste, da Zona da Mata e do Sertão. Como é sabido, o êxodo rural é impulsionado pela esperança de uma melhor qualidade de vida nas cidades e, nesse caso, foi também estimulado pela promessa do governo de Figueiredo (1979 - 1984) de que os moradores da região receberiam a posse da terra.

**Figura 1-** Mapa da localização da Favela do Coque



**Fonte:** [www.bing.com](http://www.bing.com). Mapa da localização do Coque, (2005).

A comunidade do Coque como mostrada na figura 1, tem localização “privilegiada”, pois fica a aproximadamente 2,5 km do centro da cidade (capital do Estado de Pernambuco) e 3,5 km de Boa Viagem, um dos bairros de maior renda da capital na atualidade, onde circula durante todo o ano, grande quantidade de turistas por ser uma região de praias.

Foi no bairro de São José que nasceu o clube de alegoria carnavalesca, O Galo da Madrugada. Em 1995, esse bloco foi considerado o maior bloco carnavalesco do planeta, conforme o livro dos records, Guinness Book.

O Coque também faz fronteira com a Ilha do Leite, o mais importante polo médico da capital. O fato de suas fronteiras serem as áreas nobres da cidade evidencia as desigualdades. Para Freitas (2005), é comum, por exemplo, assaltos registrados nas

imediações do bairro Ilha do Leite conhecido como pólo médico e o bairro turístico de Boa Viagem, serem atribuídos aos moradores do Coque.

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no censo de 2000, a população estimada era de 12.755 mil habitantes, sendo 6.121 homens e 6.634 mulheres. Porém, contrariando essa pesquisa os levantamentos diretos realizados pela Empresa de Urbanização do Recife (2000), através da Diretoria de Integração Urbanística, indicam uma população de aproximadamente 40 mil habitantes.

O bairro da Ilha Joana Bezerra faz parte da Zona Especiais de Interesse Social (ZEIS) e, segundo o Atlas do Desenvolvimento do Recife (2005) e outras pesquisas da Unidade de Desenvolvimento Humano (UDH), esse bairro tem a maior proporção de mães na faixa etária de quinze a dezessete anos: 30,21% das mulheres nessa faixa etária têm pelo menos um filho.

**Imagem 4** - Rua Imperial em Recife na década de 1940



**Fonte:** [www.google.com.br](http://www.google.com.br) – Rua Imperial na década de 1940, (1940).

A imagem 4 retrata a Rua Imperial na década de 1940. Nesse período era um lugar de destaque com moradias e alguns comércios e já existia a unidade escolar Joaquim Nabuco.

O site da prefeitura do Recife apresenta as seguintes informações sobre os bairros Ilha de Joana Bezerra e São José. A Ilha de Joana Bezerra faz parte da RPA: 1, Microrregião: 1.3, Distância do Marco Zero (km)<sup>1</sup> é de 2,89 km; População com 12.629 habitantes; Área territorial: 87 (hectare)<sup>2</sup>; População por sexo masculino: 47,53% e



feminino: 52,47%; População por faixa etária, 0-4 anos: 9,17%, 5-14 anos: 21,75%, 15-17 anos: 6,64%, 18-24 anos: 13,36%, 25-59 anos: 42,53%, 60 a mais anos: 6,55%;

População por cor ou raça, branca: 24,62, preta: 16,17%, parda: 58,22%, outras: 0,99%; Densidade demográfica é de 144,85; Número de domicílios 3.606; Média de moradores por domicílio: 3,5; Proporção de mulheres responsáveis pelos domicílios: 57,31%; Valor de rendimento médio mensal dos domicílios: 705,83 reais; Taxa de alfabetização da população de 10 anos e mais é de: 83,2 % e a Taxa média geométrica de crescimento anual da população (2000/2010): 0,04 %.<sup>1</sup>

São José pertence a RPA: 1, Microrregião: 1.3, Distância do Marco Zero (km)1 é de 2,21 km; População com 8.688 habitantes; Área territorial: 326 (hectare)<sup>2</sup>; População por sexo masculino: 48, 24% e feminino: 51,76%; População por faixa etária, 0-4 anos: 7,69%, 5-14 anos: 18,88%, 15-17 anos: 5,16%, 18-24 anos: 11,77%, 25-59 anos: 46,85%, 60 a mais anos: 9,65%;

População por cor ou raça, branca: 28,67, preta: 8,14%, parda: 62,43%, outras: 0,77%; Densidade demográfica é de 26,62; Número de domicílios 2.704; Média de moradores por domicílio: 3,2; Proporção de mulheres responsáveis pelos domicílios: 51,56%; Valor de rendimento médio mensal dos domicílios: 1.402,11 reais; Taxa de alfabetização da população de 10 anos e mais é de: 87,2 % e a Taxa média geométrica de crescimento anual da população (2000/2010):-0,10 %.<sup>2</sup> Esses dados acerca dos bairros servem para alargar o olhar sobre o lugar e a configuração do Coque.

Sobre o bairro, Michel de Certeau (2013) afirma que é uma porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e o espaço quantificado, surgindo como domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele em seu cotidiano, mas é também parte da cidade e tem seus limites geográficos e distinções entre os espaços públicos e privados. As pessoas resignificam seus espaços de vivências e criam pouco a pouco seus vínculos orgânicos com o lugar em que residem.

O bairro constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora. E é na tensão entre esses dois termos, um dentro e um fora, que vai aos poucos se tornando o prolongamento de um dentro, que se efetua a apropriação do espaço. Um bairro poder-se-ia dizer é assim uma ampliação do habitáculo; para o usuário, ele se

<sup>1</sup> **Fonte:** <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/ilha-joana-bezerra?op=NzQ0Mg==>. Acesso em março de 2018.

<sup>2</sup> **Fonte:** <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/sao-jose?op=NzQ0Mg==>. Acesso em março de 2018.

resume à soma das trajetórias inauguradas a partir do seu local de habitação. (CERTEAU, 2013, p.42).

São nos bairros onde acontecem as manifestações e engajamentos sociais, onde surge a convivência com os parceiros, os vizinhos, um lugar permeado de histórias de vidas, de encontros, de convivência, de aproximação e repulsa. É nesse espaço social, onde os sujeitos se relacionam como seres sociais, onde realizam algumas das suas atividades cotidianas ou meramente o rito da passagem.

**Quadro 2-** Instituições localizadas na comunidade do Coque

| COMUNIDADE DO COQUE – Ilha Joana Bezerra |                                               |                                                                                                                             |
|------------------------------------------|-----------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| BIBLIOTECA COMUNITÁRIA                   |                                               | <u>Biblioteca Popular do Coque</u><br>Criada por uma voluntária moradora da comunidade, é aberta ao público diariamente.    |
| TRANSPORTES                              |                                               | <u>Terminal Integrado Joana Bezerra</u><br>Estação de Metrô com duas linhas.<br>Integração com mais de 10 linhas de ônibus. |
| ESCOLAS PÚBLICAS                         |                                               | <u>Creche Mãezinha do Coque</u><br>Crianças de 03 anos                                                                      |
|                                          |                                               | <u>EM Josué de Castro</u><br>Ed. Infantil                                                                                   |
|                                          |                                               | <u>EM Novo Manque</u><br>Ed. Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental                                                 |
|                                          |                                               | <u>EM do Coque</u><br>Anos Iniciais do Ensino Fundamental                                                                   |
|                                          |                                               | <u>EM Costa Porto</u><br>Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Finais                                                        |
|                                          |                                               | <u>EE Joaquim Nabuco</u><br>Ensino Médio                                                                                    |
| POSTO DE SAÚDE                           |                                               | <u>USF São José do Coque</u><br><u>USF Dr Berilo Pernambucano</u>                                                           |
| PROJETOS SOCIAIS                         | Dentro do bairro                              | <u>Pão da Vida</u>                                                                                                          |
|                                          |                                               | <u>NEIMFA</u>                                                                                                               |
|                                          |                                               | <u>Núcleo</u>                                                                                                               |
|                                          | Em outros bairros, mas atendendo à comunidade | <u>Ilhas</u>                                                                                                                |
| <u>Arte e Vida</u>                       |                                               |                                                                                                                             |
|                                          |                                               | <u>Orquestra Cidadã Meninos do Coque</u>                                                                                    |
| ÁREAS DE LAZER                           |                                               | <u>Academia da Cidade</u>                                                                                                   |
|                                          |                                               | <u>Campo do Barro</u>                                                                                                       |
|                                          |                                               | <u>Clube Mocidade do Coque</u>                                                                                              |
| OUTRAS INSTITUIÇÕES                      |                                               | <u>Fórum Rodolfo Aureliano</u>                                                                                              |
|                                          |                                               | <u>AACD – Associação de Amparo a Criança com Deficiência</u>                                                                |
|                                          |                                               | <u>Museu do Coque – Cultura Viva</u>                                                                                        |

Fonte: BARBOSA *et al* (2014).

No quadro 2 foram descritas algumas instituições que estão localizadas na comunidade do Coque e, dessa maneira, atendem os dois bairros que abrigam essa comunidade.



O bairro também pode inscrever na história dos sujeitos suas marcas de pertencimento e de apropriação do espaço como lugar seu. Este sentimento do bairro como um lugar seu, cria a pertença, o vínculo e o elo é construído não apenas com o espaço geográfico, mas sobretudo, com o lugar das pessoas, do fazer, do ser no mundo.

Quando o indivíduo se instala em um bairro é levado a inserir-se nele de diferentes maneiras. A simples prática de andar pelas ruas o fará reconhecível e a prática do bairro o levará à convenção coletiva tácita, implícita, mas imposta aos seus usuários através do comportamento, da linguagem, dos códigos criados cotidianamente. E esses códigos de condutas servem como objetos de exclusão ou inclusão de aproximação ou afastamento entre os usuários do bairro, ou seja, entre os vizinhos.

**Imagem 5 - Os moradores**



**Fonte:** Daniel Lackberg, 2018.

Na imagem 5, estão retratados os moradores da comunidade do Coque. O comportamento no espaço social da rua é observado e monitorado muitas vezes, de maneira oculta, através do olhar sobre o vestuário, os gestos de cortesia, o ritmo do andar, a forma como se utiliza e valoriza os equipamentos públicos e os espaços coletivos.

Verifica-se também o papel da conveniência nas relações entre os vizinhos. A conveniência, de certa forma, é a gerenciadora simbólica da face pública dos indivíduos. Nesse sentido, entendemos que:

[...] a conveniência mantém relações muito estreitas com os processos de educação implícitos a todo o grupo social: ela se encarrega de promulgar as “regras” do uso social, enquanto o social é o espaço do outro, e o ponto médio da posição da pessoa enquanto ser público. (CERTEAU, 2013, p.49- Aspas no original).

A conveniência impõe regras de comportamento e reprime os usuários do bairro, pois ela se coloca no lugar da lei, ditando o que é conveniente nas relações sociais. Analisando esse jogo das conveniências e as observações realizadas acerca dos lugares onde as pessoas moram e realizam suas práticas cotidianas, vamos aproximar o olhar para as configurações de favelas e seus meandros existentes. No subitem a seguir realizou-se uma discussão acerca da favela e seus processos.

## 2.5 A CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA FAVELA

Os territórios de favela estão no imaginário e nas representações sociais como lócus das ausências e da homogeneização. Entretanto, é necessário analisar esses espaços sociais atentando para suas diferenças e particularidades que sobressaem e igualmente marcam as configurações das favelas.

**Imagem 6-** A favela e suas ausências



**Fonte:** Daniel Lackberg, 2018.

A imagem 6 retrata as ausências da comunidade do Coque e igualmente representa a falta de saneamento básico e outras estruturas urbanísticas da maioria das favelas brasileiras.

A história das cidades e o fenômeno da favelização estão interligados, as favelas atualmente fazem parte da cartografia das grandes cidades brasileiras e estão inseridas como partícipes de suas redes, tanto na ordem material como na simbólica e cultural.

A palavra favela carrega uma história de lutas e resistências no campo da política e da cultura brasileira. O emprego inicial dessa palavra, segundo alguns pesquisadores, ocorreu no início do século XX no Rio de Janeiro para descrever o ajuntamento popular localizado no morro da Providência.

Após o término do conflito conhecido como Guerra de Canudos (1896-1897) que ocorreu no interior do Estado da Bahia, muitos soldados retornaram ao Rio de Janeiro na esperança de receber do Ministério da Guerra uma premiação em forma de moradia pelo triunfo alcançado no conflito e os soldos atrasados.

Contudo, isso não ocorreu e os ex-combatentes, agora os “desocupados” de farda, decidiram que se manteriam nas proximidades da zona portuária num morro do Rio de Janeiro que chamaram inicialmente de Favela. Isso porque parecia com uma elevação estratégica que eles haviam se assentado durante os combates na Guerra de Canudos. Essa elevação tinha o nome de Favela, nome de designação popular de uma planta muito comum, *Cnidoscolus quercifolius*.

Segundo Meirelles (2014), a revista semanal chamada Careta, em 1909, publicou a palavra favela ainda como substantivo próprio e, aos poucos, a palavra favela passou a representar uma categoria de aglomerados habitacionais.

Em 1930, o fenômeno das favelas era considerado como o “mundo rural na cidade”. É inegável a vasta gama de interlocutores que se debruçaram sobre a construção social das representações da favela.

Para Valladares (2005), existia uma multiplicidade de interpretações e olhares a partir do legado de jornalistas, médicos, engenheiros, urbanistas, entre outros que estavam preocupados com o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, com o futuro da República. Vejamos a periodização do processo histórico de transformação da favela apresentado por Valladares (2005, p.23):

[...] 1º) anos 1930- início do processo de favelização do Rio de Janeiro e reconhecimento da existência da favela pelo Código de Obras de

1937; 2º) anos de 1940- a primeira proposta de intervenção pública corresponde à criação dos parques proletários durante o período Vargas; 3º) anos de 1950 e início dos anos 1960 até o final dos anos 1970- eliminação das favelas e sua remoção durante o regime autoritário; 5º) anos 1980- urbanização das favelas pelo BNH (Banco Nacional da Habitação) e pelas agências de serviço público após o retorno à democracia; 6º) anos 1990- urbanização das favelas pela política municipal da cidade do Rio de Janeiro, com o Programa Favela-Bairro.

Essa periodização cronológica baseada em datas, eventos e intervenções públicas realizadas pelo poder estatal, não falam por si só. Portanto, a autora convida a romper com a lógica da periodização e direcionar o olhar para a história reflexiva e intelectual sobre a favela.

A formação das favelas cariocas apresentada em algumas investigações, mostra o processo inicial de ocupação dos morros com a construção de convivências e inconveniências.

Na favela Santa Marta, no Rio de Janeiro, a partir de 1924, surgiram edificações humildes, fruto também dos esforços do padre José Maria Natuzzi para oferecer ocupação aos mais pobres que estavam empregados nas obras do conceituado Colégio Santo Inácio e na capela agregada.

O bairro Cidade de Deus foi erguido na década de 1960 e está inserido nesse processo de desterritorialização das comunidades. Inicialmente os moradores que foram transferidos provinham de 63 favelas. Segundo Meirelles *et all* (2014, p.46), 70% deles anteriormente residentes nos núcleos Catacumba, Rocinha, Praia do Pinho, Parque da Gávea, Ilha das Dragas e Parque do Leblon.

Ainda sobre as figurações das áreas de favela, o Observatório de Favelas<sup>3</sup> destaca a importância de buscar novos olhares sobre esses espaços e superar os estereótipos construídos em torno das favelas com a concepção de que a favela se contrapõe à ideia de cidade. Portanto, Fernandes *et all* (2009, p.28) sublinham a importância de desenvolver uma percepção da favela como lugar da diversidade, da alegria e da dor, da criação de sentidos, valores, saberes e práticas.

Assim, a favela se constitui como lugar plural, diverso e que faz parte da construção das cidades. São inúmeras as terminologias utilizadas pelo Instituto Brasileiro

---

<sup>3</sup>O Observatório de Favelas é uma organização da sociedade civil de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos. Buscam afirmar uma agenda de direitos à cidade, fundamentada na resignificação das favelas, também no âmbito das políticas públicas. Ver mais no site: <http://of.org.br/apresentacao/>



de Geografia e Estatística (IBGE) para denominar esses territórios nas diferentes regiões do país, são algumas delas: palafitas, mocambos, malocas, aglomerados subnormal<sup>4</sup>, entre outros.

No entanto, a denominação favela que, por muitas vezes, é observada e utilizada na ordem pejorativa, também sofreu um processo identitário por uma parte de seus moradores. Pois, nesse mesmo espaço de exclusões, estigmas e precariedades socioeconômicas encontramos moradores de favelas resilientes, dispostos a buscar soluções para melhorar suas condições de vida dentro dessa configuração social.

A favela é um ambiente de impermanência, descompassos urbanísticos e ingerências dos governos, onde os moradores se defendem com duras armaduras sociais que os fazem fortificados, resistentes às carências e resilientes no dia a dia.

Algumas favelas movimentam o mercado imobiliário, principalmente aquelas que têm suas localizações próximas aos centros. Os pequenos comércios, a prestação de serviços e as produções artísticas são atividades que sustentam a base econômica da maioria dos moradores das favelas brasileiras, como afirma Oliveira (2007, p.34), a favela, como parte da cidade, está no mundo das mercadorias, do mercado imobiliário (e da renda que ele pode oferecer), da produção cultural e de serviços.

#### **Imagem 7- O comércio do Coque**



**Fonte:** Daniel Lackberg, 2018.

<sup>4</sup> Segundo o IBGE, aglomerados subnormal é o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das seguintes características: irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou carência de serviços públicos essenciais como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública.

Na imagem 7, observa-se uma parte do comércio da comunidade do Coque. Diversas favelas brasileiras já passaram pelo processo de urbanização e outras já estão inseridas em projetos/programas urbanísticos realizados por iniciativas governamentais e também pela mobilização dos próprios moradores. Como ressalta Oliveira (2007) a pesar das condições adversas em que vivem os moradores de favela, eles estão sempre procurando melhorar/ampliar suas residências e suas condições de habitação.

O lugar da favela está constantemente em transformação e desenvolvimento assim como a cidade. É Observado que os chamados “puxadinhos”, ou seja, a ampliação das moradias se realiza constantemente por diferentes questões: aumento do número de filhos, problemas na infraestrutura das moradias, ampliação dos cômodos, entre outros.

**Imagem 8-** Os puxadinhos



**Fonte:** Daniel Lackberg, 2018.

Na imagem 8, observa-se as adaptações das moradias da comunidade do Coque, muitas vezes as reformas, os chamados “puxadinhos” são realizados pelos próprios moradores. A população da favela convive com as diferentes adversidades sociais proporcionadas também pelos problemas de estrutura dos territórios onde residem.

Contudo, os residentes das comunidades periféricas sofrem ainda mais com os “estigmas da pobreza”. Alguns estudos sobre segurança pública no Brasil trazem essa discussão polêmica da associação da pobreza à violência.

O determinismo sociológico que aponta a condição da pobreza como meio ideal para as práticas violentas, não considera as vontades dos indivíduos em relação às suas ações. Os rótulos construídos por essa visão preconceituosa assumem condições perversas, transformando os moradores de favelas em propensos criminosos.

Com relação a essa discussão, Zaluar (1994) relata que anteriormente existia um determinismo voltado para as questões religiosas. Na atualidade, esta concepção dá lugar ao determinismo sociológico que considera a pobreza o meio social ideal para o aparecimento do criminoso. Os valores espirituais atribuídos aos “pobres bem aventurados” perdem seus papéis no mundo moderno, como observa-se na afirmativa seguinte:

[...] a pobreza perdeu o seu sinal positivo mais forte e adquiriu, mais claramente, o sentido negativo de falta, estendida também ao plano moral, fazendo desaparecer as fronteiras entre o “pobre honesto” e o “marginal”. (ZALUAR, 1994, p. 181- Destaque no original).

O Observatório de Favelas considera que a favela é um território constituinte da cidade caracterizada em parte ou em sua totalidade pelas seguintes referências: insuficiência histórica de investimentos do Estado e do mercado formal, principalmente de imobiliário, de financeiro e de serviços; forte estigmatização socioespacial, especialmente inferida por moradores de outras áreas da cidade; níveis elevados de subemprego e informalidade nas relações de trabalho.

E as edificações são predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, que não se orientam pelos parâmetros definidos pelo Estado; apropriação social do território com uso predominante para fins de moradia; alta densidade de habitações no território; taxa de densidade demográfica acima da média do conjunto da cidade; alta concentração de negros e descendentes de indígenas, de acordo com a região brasileira; grau de vitimização das pessoas, sobretudo, a letal acima da média da cidade, entre outros.

A ideia da favela, como um espaço marginal diretamente relacionado à pobreza que serve de abrigo para os marginais, é pautada pelas complexas discussões que, em alguns momentos, se aproximam e, em outros, estão afastados por abismos conceituais.

Essas diferenças, no que se refere ao pobre marginalizado e ao pobre na condição de marginal são diversas como sinaliza Cabral (2013, p.103), o conceito de pobreza é mais abrangente e se diferencia da marginalidade social, apesar de ambos estarem frequentemente ligados. É como se os marginalizados estivessem fora da sociedade que

os exclui e aos que estão em situação de pobreza estão fadados a ocupar os níveis mais inferiores da estrutura social.

Nesse contexto, a favela do Coque, de certa forma, se enquadra dentro da maioria das características acima mencionadas, principalmente no que se refere ao estigma da pobreza relacionada diretamente à marginalidade.

Os estigmas criados sobre as comunidades pobres das grandes cidades são complexos e de grande dimensão, pois a mídia tem ajudado na construção de um imaginário que marca negativamente as comunidades de favela.

Em alguns momentos, a mídia<sup>5</sup> tem se posicionado como uma máquina de produção de estigmas, preconceitos e revolta contra os pobres moradores das periferias e, sobretudo, dos jovens negros das favelas.

O imaginário estigmatizado sobre o ambiente e os moradores das favelas é hiperbolizado e, dessa forma, influencia na construção do preconceito tanto de fora quanto do interior das configurações sociais das camadas populares.

Assim, o preconceito social é estendido aos grupos de moradores das favelas e, nesse contexto, são identificados dois ou mais grupos que estão interligados, mas que estigmatizam uns aos outros.

Acerca dos estigmas construídos sobre os moradores da favela do Coque, o pesquisador Freitas (2005, p.258) realiza a seguinte afirmação:

Apesar de estar praticamente localizado no centro do Recife, o Coque não está integrado à vida da cidade. Há uma espécie de “barreira invisível” que funciona como um bloqueio dos projetos de desenvolvimento na área. Um dos motivos apontados pelos moradores para essa situação deve-se justamente à fama de ser uma comunidade violenta. Representada dessa forma, os moradores encontram-se enredados em um ciclo vicioso. Ninguém colabora porque a região é violenta, e a comunidade é violenta porque ninguém contribui com o desenvolvimento da localidade.

O imaginário de que o Coque é uma das favelas mais violentas da cidade do Recife e, por sua vez, possui um grande quantitativo de criminosos, também interfere na construção do imaginário dos próprios moradores que se sentem discriminados. Os estigmas do exterior colaboram na criação dos estigmas do interior.

---

<sup>5</sup> Na dissertação de mestrado intitulada, **COQUE: MORADA DA MORTE? Práticas e disputas discursivas em torno de um bairro do Recife**, 2010. Nesse trabalho foi realizada uma discussão sobre a influência da mídia na construção dos estigmas sobre a comunidade do Coque.



Segundo Zaluar (2000) apesar da grande parte dos moradores do Coque conviver com as ausências das políticas públicas voltadas para o enfrentamento dos problemas socioeconômicos, eles se mantêm afastados das ações criminosas, contrapondo o pensamento que a maioria está inserida na criminalidade.

**Imagem 9** – Brincadeira de criança



**Fonte:** Daniel Lackberg, 2018.

Na imagem 9, é retratada a infância na favela, duas crianças uma negra e outra branca brincam livremente pelas ruas da comunidade em meio aos problemas estruturais que são evidenciados na referida imagem.

Para a maior parte dos moradores das comunidades pobres o trabalho é a melhor opção como aponta Zaluar (2000, p.159) “melhor ele ser pedreiro do que está aí, roubando da parte dos outros”. Isso tem a ver com a ética de trabalho que é uma ética de provedor.” Assim, esses trabalhadores enxergam o trabalho com algo moralmente superior.

Contudo, observa-se que, na constituição dos estigmas do interior, ou seja, daqueles que vivem a favela, existe uma ambivalência no pensar o bandido morador da favela, principalmente quando o bandido tem vínculos afetivos com quem fala.

O criminoso que ora era visto com repugnância pode passar a ser um indivíduo revoltado com sua condição de oprimido pela sociedade prioritariamente.

Zaluar (2000, p.163) afirma que, “quando quem fala é parente ou amigo do bandido ou simplesmente alguém que se identifica com ele como oprimido, pobre, humilhado e ofendido, a palavra usada é ‘revolta’”.

Portanto, o “jovem bandido” é estigmatizado e sua ação criminosa fica em segundo plano. Para justificar a chamada “revolta”, esses parentes realizam observações sobre as condições materiais, as privações e as experiências de submissão e humilhação que alguns destes jovens envolvidos com a delinquência passaram.

Nessa direção, o bandido é visto por alguns moradores da favela como igual. Assim observa Zaluar (2000, p.164) “O bandido é do pedaço. O bandido é pobre. O bandido é gente como todos”.

A delinquência juvenil que se constitui na configuração social das favelas se desenvolve também a partir dos grupos de jovens dispostos a se fazerem ‘visíveis’ para o resto da sociedade. Existe uma conexão entre o consumo de bens simbólicos e a criação de gangues. Nesse sentido, desenvolve-se o ‘aprendizado’ do tráfico e do roubo como atividades que trazem maior retorno financeiro e uma ilusória mudança na condição social desses jovens.

Nesse emaranhado social nascem os diferentes estigmas, para Bourdieu (2009), o estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituído assim em emblema – segundo o paradigma *black is beautiful* e que termina na institucionalização do grupo produzido e pelos efeitos econômicos e sociais da estigmatização.

Historicamente o Brasil manteve os espaços de exclusão tanto com os quilombos, quanto agora com as favelas. Essas possuem as marcas do estigma e da exclusão social nas diferentes cidades brasileiras e o consumismo incentivado pelo sistema capitalista vigente alarga ainda mais o fosso social.

No próximo capítulo constam discussões que abrangem a história das famílias e a sua importância na relação com a escola. Nesse sentido, buscou-se entender como as famílias inseridas nos espaços sociais periféricos influenciam seus jovens a permanecerem na escola, superar as barreiras das ausências sociais e, assim, conquistarem o acesso ao ensino superior.

### 3 FAMÍLIA E ESCOLA: UMA RELAÇÃO A CATIVAR



Fonte: Arquivo da autora, (2014).

### 3. FAMÍLIA E ESCOLA: UMA RELAÇÃO A CATIVAR

#### 3.1 A HISTÓRIA DA FAMÍLIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DOS PROCESSOS HISTÓRICOS

As imagens que abrem este capítulo foram tiradas durante a reunião de família da Escola de Referência em Ensino Médio Joaquim Nabuco, no mês de maio de 2014.

Neste capítulo, apresenta-se uma discussão sobre a instituição família, historicamente construída ao longo do tempo e que passou por diversas transformações em seu papel social dentro das sociedades.

Assim, descrevê-la ou assimilá-la como algo estático com características específicas é recorrer ao erro, pois, a instituição família possui modelos distintos com diversas formas de estrutura e funcionamento familiar que se modificam de acordo com a história e a cultura no decorrer do tempo.

Segundo Elias (1994, p.21) “cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas[...]”. Assim, os indivíduos desenvolvem nas esferas domésticas as suas primeiras atividades socializadoras.

Sobre os estudos referentes à educação familiar e especificamente à história da infância, o estudioso Philippe Ariès (2011) realizou uma profícua análise dos percursos históricos que auxiliaram na construção da noção moderna dos primeiros anos de vida.

A sua obra é intensamente influenciada pela corrente histórica das mentalidades indicando novos objetos, fontes e sujeitos historiográficos que alargam as possibilidades de investigações sobre a infância e auxiliam os estudos nas diferentes áreas como: pedagogia, história, sociologia, psicologia entre outros. Na iconografia, nos álbuns e diários familiares eram possíveis as reconstruções de cenas históricas, desvelando o cotidiano da época retratada.

[...] retratos de família datados eram documentos de história familiar, como seriam três ou quatro séculos mais tarde os álbuns de fotografias. Fruto desse mesmo espírito eram os diários de família, onde eram anotados, além das contas, os acontecimentos domésticos, os nascimentos e as mortes. Nesses diários se uniam a preocupação

com a precisão cronológica e o sentimento familiar. (ARIÈS, 2011, p.3).

Ainda sobre o contexto familiar, Ariès (2011) faz uma discussão abordando as idades da vida e observando as cenas cotidianas desde a infância pueril até a idade senil, como destaca-se no trecho que segue:

Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaro amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada do mês de maio dos calendários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado. Finalmente, as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivaninha, perto da lareira. As idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais; sabemos que havia homens da lei muito jovens, mas, consoante a imagem popular, o estudo era uma ocupação dos velhos. (ARIÈS, 2011, p.9).

A descrição realizada por Ariès (2011) sobre o processo do desenvolvimento da criança até a fase senil é interessante e nos instiga a alargar a análise às famílias não abastadas da época.

Ariès (2011) mostra que, num primeiro momento, não havia espaço para a escola na transmissão da aprendizagem direta de uma geração para outra. A criança desde a mais tenra infância escapava à sua própria família, mesmo que voltasse a ela mais tarde, coisa que nem sempre ocorria. “A família não podia, portanto, nessa época, alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos”. (ARIÈS, p.158).

Na Idade Média, o trabalho doméstico estava imbricado às aprendizagens, ainda na infância o sujeito era levado a aprender um ofício como foi destacado na seguinte afirmativa:

[...] o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação. A criança aprendia pela prática, e essa prática não parava nos limites de uma profissão, ainda mais porque na época não havia (e por muito tempo ainda não haveria) limites entre a profissão e a vida particular; a participação na vida profissional – expressão bastante anacrônica, aliás – acarretava a participação na vida privada, com a qual se confundia aquela. (ARIÈS, 2011, p.156- Destaque no original).



Na Idade Média, a família não podia tecer grande sentimento, apego às crianças, pois, desde o início da infância elas eram afastadas do seio familiar.

As famílias não tinham como costume conservá-las em casa, antes disso, enviavam-nas a outras famílias, com ou sem contrato, a fim de que com elas morassem e iniciassem suas vidas, aprendendo boas maneiras, ofícios ou, até mesmo, para frequentar uma escola onde apreendessem as letras latinas.

Em meados do século XVII, a criança passa a ter um papel relevante no seio da família ocidental. A educação passa a ser realizada também nas instituições chamadas de escola. O que antes acontecia em ambientes particulares, isto é, era ensinado pelo pedagogo em casas, nesse momento, passa a ocorrer num prédio centralizado para um número maior de crianças.

A instituição escolar deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento de iniciação à normatização social. Isto é, a educação estando vinculada à escola, acabou por influenciar a relação das crianças com os seus familiares. Os pais passaram a estar mais próximos da criança. Eles passaram a se preocupar com a educação escolar de seus filhos, começaram a enviá-los a colégios.

Nas chamadas sociedades ocidentais, o século XVIII pode ser considerado um marco para a instituição familiar, pois a relação com os integrantes familiares passou a ser privada, o que antes se estabelecia como uma instituição pública em que todos interferiam como a igreja, a sociedade e outros.

No Brasil, as produções nesse campo da infância e cultura são esparsas até a década de sessenta do século XX. Freyre (2003) delinea uma discussão acerca da compreensão das diferentes infâncias a partir dos contextos socioculturais.

Assim é revelada a importância da escrita da história das crianças e, como esta auxilia no entendimento da singularidade da infância, mas principalmente como ela esclarece a formação do adulto brasileiro e sua identidade.

O ínfimo destaque atribuído à produção da história da educação da infância desconsidera a criança como ator social que em suas práticas cotidianas imprimem significados ao processo de escolarização.

Veiga e Fonseca (2008) destacam a importância dos estudos contemporâneos sobre a história da educação da infância, pois, muitas pesquisas estão centradas na escolarização da infância ao longo do século XX, sendo recentes os trabalhos sobre a escolarização da infância no período colonial.

No período medieval, o progresso do sentimento da infância na mentalidade comum sobre a escola e o colégio era reservado a um pequeno número de clérigos e misturavam estudantes de diferentes idades.

Nos tempos modernos, a escola aparece como um meio de isolar a criança durante o período de formação moral e intelectual, a fim de adestrá-las, discipliná-las e, desta forma, separá-las da sociedade dos adultos.

Na Europa, o “surgimento” e as “transformações” do sentimento moderno acerca da família, segundo as pesquisas de Jacques Donzelot (2001, p. 11), teriam se iniciado nas camadas burguesas e nobres do Antigo Regime, estendendo-se, posteriormente, através de círculos concêntricos, para todas as classes sociais, inclusive o proletariado do fim do século XIX.

Contudo, Donzelot (2001) realiza as seguintes indagações, por quais razões teriam as camadas populares aderido à moral burguesa e teriam se submetido às injunções familialistas daqueles que as dominavam?

Durante o período do Antigo Regime, a família segundo Donzelot (2001) era ao mesmo tempo, sujeito e objeto do governo, como observa-se na seguinte afirmativa:

Sujeito, pela distribuição interna de seus poderes: a mulher, os filhos e os aderentes (parentela, serviçais, aprendizes) devem obrigação ao chefe de família. Objeto, no sentido em que também o chefe de família se situa em relações de dependência. Por seu intermédio a família se encontra inscrita em grupos de pertinência que podem ser *redes de solidariedade*, com as corporações e comunidades aldeãs, ou blocos de dependência do tipo feudal ou religioso, frequentemente os dois ao mesmo tempo. (DONZELOT, 2001, p.49 – Destaques no original).

Assim, a família constitui-se a partir de relações de dependência indissociavelmente privadas e públicas. Ela organiza os indivíduos em torno de diferentes situações. Portanto, a menor organização política possível.

Para Ariès (2011, p.191), a instituição família tornou-se fechada onde seus membros gostam de permanecer e que de certa forma é evocada com prazer. Nesse sentido, “toda a evolução de nossos costumes contemporâneos torna-se incompreensível se desprezarmos esse prodigioso crescimento do sentimento da família. Não foi o individualismo que triunfou, foi a família”.

No entanto, a configuração familiar estendeu-se a partir da retração da sociabilidade. É como se a família moderna tivesse substituído as antigas relações

sociais desaparecidas para permitir ao homem escapar a uma insustentável solidão moral. “A partir do século XVIII, as pessoas começaram a se defender contra uma sociedade cujo convívio constante até então havia sido a fonte da educação, da reputação e da fortuna”. (ARIEËS, 2011, p.191).

A instituição família foi historicamente construída. Portanto, não é indicado assimilá-la como algo estático, pacífico, com características específicas, ou seja, família não se restringe a um modelo nuclear.

O conceito de família num formato mais genérico pode se aproximar de uma unidade de reprodução social e biológica, criada por diferentes tipos de uniões consensuais, por laços de descendência entre pais e filhos, por elos de consanguinidade ou por laços emocionais.

No próximo item serão apresentadas pesquisas que discutem a relação família e escola, com destaque para a influência dos educadores familiares no processo formativo dos estudantes.

### 3.2 O PAPEL DA FAMÍLIA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA

Os diálogos interdisciplinares relacionados à família e sua relação com a escola são fecundos, ajudam a alargar as reflexões permitindo relacionar fontes teóricas e metodológicas de diferentes áreas de conhecimento.

No Brasil, as pesquisas científicas são intensificadas a partir da década de setenta do século XX, a partir desse período a instituição chamada doméstica passou a ter uma interpretação diferenciada com novos estudos de campo.

Os estudos acerca da família e escola não são recentes e muitas são as pesquisas que buscam desenvolver diálogos com a antropologia, sociologia, psicanálise e história. Essa multiplicidade de abordagens pode auxiliar nas diferentes análises sobre a atuação da família no processo de escolarização.

A disseminação de novas propostas de interpretação da sociologia, inicialmente na França com as pesquisas de Bourdieu sobre escolarização e aproximação da família à escola, receberam ânimo para conduzir a relação família e escola.



Para Romanelli et all. (2013), pesquisas sobre a família voltavam-se para apreender a dinâmica interna de unidades domésticas de diferentes segmentos sociais, as relações em seu interior e procuravam estabelecer os nexos entre essas unidades.

A instituição família passou por diferentes formatos, com os chamados arranjos familiares e com as diferentes nomenclaturas postas pela sociedade. As definições dessa instituição na atualidade são plurais. Isso deriva dos diferentes fatores sociais e dos níveis de integração construídos ao longo dos anos pelos seguimentos sociais.

Assim, observa Romanelli et all. (2013, p.34), tem aumentado o número de famílias chefiadas por mulheres; de famílias ampliadas, nas quais parentes agregam-se ao modelo nuclear.

Portanto, na atualidade, são muitas as famílias recompostas. Como exemplo, temos as em que um, ou ambos os cônjuges, têm filhos de união anterior e constituem uma nova composição doméstica. As famílias são entidades de cunho privado com integrantes dotados de atributos singulares e regidos por normas informais, que se organizam de maneira distinta fazendo da sua composição e de seu sistema algo crucial.

Algumas definições de família defendem que sejam incluídos como familiares não só aqueles indivíduos que estiverem ligados pelo vínculo da consanguinidade, mas também da afinidade, chegando a incluir “estranhos”, como por exemplo, os vizinhos. Nesse sentido, a ideia restrita de que a família está apenas ligada aos laços do matrimônio e da filiação consanguínea está se desmontando.

No que se refere à relação família e escola, Nogueira (2015, p.101) verifica que essa relação é mediada por determinantes macroestruturais, fruto das pressões que o processo de modernização do país impõe ao sistema educacional e ao mercado de trabalho.

Ao observar as famílias pobres oriundas da periferia, verifica-se que o capital econômico não é o patrimônio mais importante transmitido pela família, atualmente o capital escolar é o dominante, o que explica o investimento das famílias na escolarização dos filhos.

Contudo, a relação família e escola ainda trazem muitos desafios, tanto para os educadores, no entendimento da importância da participação ativa das famílias no ambiente escolar, quanto da família em compreender os papéis da escola na tarefa de promover educação escolarizada.

Lahire (1997, p.338) considera a importância de se construir dispositivos familiares que possibilitem a transmissão dos conhecimentos e as disposições escolares rentáveis e de maneira regular, contínua e sistemática. É importante ressaltar que famílias inseridas em contextos desfavoráveis podem produzir situações escolares muito diferentes.

Em suas pesquisas, Romanelli (2011) verificou que os estudantes universitários são unânimes em declarar que seus pais não influenciaram a escolha do curso superior e que não interferem em sua vida escolar. Apesar disso, observa-se que a influência familiar se dá no campo das subjetividades, difícil de ser reconhecida por quem é influenciado e também por quem influencia. Como se observa na afirmativa abaixo:

[...] a intervenção da família ocorre de modo indireto, pois os filhos, enquanto trabalhadores, gozam de relativa independência financeira e autonomia, o que reduz as possibilidades de ingerência direta e pressão por parte dos pais. Antes, a intervenção deve ser entendida como uma modalidade de autorização para que os filhos amadureçam e tornem-se independentes, e a distância que os pais mantêm em relação a eles não significa desinteresse ou desamor. (NOGUEIRA; ROMANELLI; ZAGO, 2011, p.101).

Nessa perspectiva, pode-se destacar que a influência dos familiares sobre a educação escolarizada se constrói de várias formas e, em diferentes momentos, é imperceptível para os atores sociais, contudo ela se constitui nas práticas cotidianas, nas vivências compartilhadas e, até mesmo, nas ausências.

Sobre essa relação de influência da família, Bourdieu (1996) também explica que a família é uma unidade de reprodução social, tendo uma função preponderante na manutenção da ordem social, mas também na reprodução da estrutura social e nas relações sociais.

Nesse sentido, Bourdieu (1996, p.177) reitera que: “[...] a família permanece um dos lugares de acumulação, de conservação e de reprodução de diferentes tipos de capital”.

Entretanto, considerar a família como uma unidade de reprodução social não quer dizer que ela está encarregada pela mera reposição de “estruturas estruturadas”. E, sim, uma configuração de vivências que realiza táticas específicas que se referem a “estruturas estruturantes”.

A reprodução social e a transmissão cultural são questões que põem em destaque não apenas a família, mas igualmente a escola, como uma agência fundamental nesse processo.

Nas pesquisas realizadas por Sarti (2009), destacam-se as discussões sobre as famílias pobres e os conflitos educativos, identificam-se os limites sutis entre a casa e a rua, a importância do trabalho para as famílias pobres da periferia de São Paulo. Ainda, foram apontadas as relações familiares que excedem o universo da casa e o quanto o lugar auxilia na construção da identidade social dos pobres.

Sobre a questão de concepção de identidade com o lugar em que se vive, Sarti (2009, p.21) faz a seguinte afirmação:

O estudo da moralidade dos pobres, expressa nas relações que se criam em torno da localidade onde habitam, tornou-se também um estudo da construção de sua identidade social, uma vez que a autodefinição dos pobres – ou seja, a definição do lugar que ocupam no mundo social – constrói-se dentro de uma concepção da ordem social como ordem moral.

Assim, verifica-se que as ciências sociais no Brasil, nos anos setenta, analisaram os pobres a partir do seu campo produtivo, ou seja, os pobres deixam de ser os “vadios”, como eram chamados no período colonial, para se tornarem os “desempregados” ou subempregados. A pobreza é uma categoria, de certa maneira, relativa. Ela não tem um único eixo de classificação para seu significado social e simbólico.

Sarti (2009) verifica que a pobreza, como uma categoria estigmatizada pelas classes abastadas, passou a ser analisada como problema social e os pobres como agentes da transformação social. Essas discussões alargam o entendimento sobre a importância de compreender a formação da configuração familiar da população brasileira mais pobre e realizar as devidas conexões com as instituições públicas que atendem essa camada da população.

A relevância da configuração familiar perpassa o elo afetivo. Ela está igualmente imbricada nos contextos: materiais, espirituais e no papel que instrumentaliza e viabiliza seu modo de vida e sua identidade social.

Portanto, entender a formação das configurações familiares e os seus novos arranjos sociais podem auxiliar na análise dos elos entre as famílias e a escola, pois a instituição família passou a ter um sentido mais amplo, e a escola precisa estar atenta para acompanhar as discussões sobre a formação desses novos modelos sociais.

A seguir a história da escolarização brasileira e seus percursos constitutivos serão apresentados no próximo item.

### 3.3 ESCOLA, LUGAR DE TRANSFORMAÇÃO E LACUNAS: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA NO BRASIL

Os jesuítas, ao chegar nas terras brasileiras, dedicaram-se à dupla tarefa de catequizar os nativos e ensiná-los as primeiras letras com o trabalho educativo que facilitou a imposição da cultura europeia.

Para os jesuítas, a conversão dos nativos estava diretamente interligada com a aprendizagem da leitura e da escrita. Portanto, as ações educativas nesse período se deram de forma intensa.

No início do período colonial, a organização social do Brasil era ruralista e escravocrata. O acesso à educação escolarizada era extremamente seletivo, apenas uma minoria de donos de terras tinha acesso.

A educação era privilégio de poucos e também alheia à realidade da vida colonial. Era ministrada pelos jesuítas e objetivava o oferecimento do ensino básico com veias de cultura religiosa e regras de “bons costumes” para os filhos dos senhores de terras.

O ensino autoritário, escolástico, literário e não interessado na formação e qualificação para o trabalho em nada contribuía para a modificação da estrutura da vida social e econômica da colônia.

A educação no Império foi influenciada pelos ideais da revolução francesa. A Constituição de 1824 era baseada nos princípios de liberdade de ensino e a instrução primária gratuita a todos os cidadãos. Contudo, não possuía propostas efetivas capazes de estruturar a política nacional de educação.

No segundo Império, apesar do Imperador Pedro II ser um entusiasta pelos livros e estudos, considerando a educação um tema de grande relevância nacional, não houve grandes avanços na extensão da educação gratuita a todos os súditos do Império.

Nas décadas iniciais do século XIX, a difusão do ensino público no Brasil era inexpressiva. Contudo, após a lei Saraiva<sup>6</sup> que estabelecia a restrição ao voto do analfabeto, houve mudança no que se refere à “educação popular” voltada para a

---

<sup>6</sup> No dia 9 de janeiro 1881 foi sancionada pelo Imperador D. Pedro II a mais importante legislação eleitoral do Brasil: a Lei Saraiva. Com ela, foi estabelecida a obrigatoriedade do título de eleitor para votar.

alfabetização da população livre, das províncias brasileiras, afim de aumentar o número de votantes.

A implantação da escolarização elementar no país mobilizou, em diferentes proporções, intelectuais e personagens da elite econômica e política do Brasil. Durante esse processo, o sistema educacional brasileiro passou por várias etapas de formatação, produção, controle das estruturas curriculares, metodologias e formação de professores.

No que se refere ao aparecimento dos sistemas escolares e sua pretensa obrigatoriedade, observa-se que: “com a generalização das culturas escritas nos campos de práticas heterogêneas, a escola torna-se o lugar mais e mais central, o ponto de passagem obrigatório para um número cada vez maior de seres sociais”. (VINCENT; LAHIR; THIN, 2001, p.30).

Assim a escola passou a ser um lugar de grande relevância. No transcorrer do tempo, elevou seu “compromisso” e igualmente alargou nossas percepções sobre suas lacunas e consequentes descasos com a formação dos sujeitos sociais.

Na Primeira República, o ensino secundário teve cinco reformas que objetivaram a implantação de um currículo unificado para o país. Os grupos escolares foram criados por Cesário Motta Júnior, com o objetivo de distribuir os estudantes em séries para as aulas simultâneas e progressivas.

Nesse momento também ocorreram algumas mudanças educacionais que foram conduzidas por Benjamim Constant (1890) com forte influência do pensamento positivista. Em 1915, a reforma Carlos Maximiliano criou o exame vestibular que controlava o ingresso ao ensino superior e a reforma Rocha Vaz em 1925, implementou o sistema de aprovação classificatória para delimitar as vagas no vestibular.

Nos anos de 1930, com a ordem social burguesa, as classes médias em ascensão passaram a reivindicar o direito ao acesso à educação básica gratuita, a expansão da industrialização e a consequente necessidade de uma mão de obra com o mínimo de qualificação. Isso contribuiu para que a expansão da educação escolarizada chegasse às camadas populares, pois essa foi identificada como uma necessidade para o desenvolvimento da economia do país.

Em 1931, o Conselho Nacional foi organizado e iniciou-se a reforma através de decreto nº 18.890, de 18 de abril de 1931, sendo ajustada e consolidada pelo Decreto nº 21.2141, de 4 de abril de 1932, como relata Moraes (2000). Assim o ensino secundário passou a ter duas finalidades: formação geral e preparação para o ensino superior. A estrutura foi dividida em dois graus.

A Constituição de 1934 traçou algumas diretrizes para a política educacional brasileira, estabelecendo algumas normas como: a educação como direito de todos, a obrigatoriedade da escola primária integral, a gratuidade do ensino primário, a assistência aos estudantes necessitados, entre outras.

A Constituição de 1937 trouxe algumas mudanças importantes no sistema educacional brasileiro: a legislação estabeleceu uma regulamentação federal abrangente em todo país abarcando todos os níveis e as modalidades de ensino. No entanto, era uma política educacional centralizadora com normas rígidas.

Já a Constituição de 1946 não apresentou grandes avanços no que tange à educação. Alguns itens que tinham sido suprimidos anteriormente como, a gratuidade para o ensino primário e sua manutenção na sequência dos estudos para aqueles que comprovassem falta de recursos, foram reintroduzidos.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN) passou por diferentes debates desde os anos de 1948 e em 1961 foi promulgada a Lei nº 4.024. Houve um manifesto de educadores no ano de 1959. Ele apresentou várias propostas que influenciaram a aprovação da LDBEN. Assim houve um amplo debate parlamentar e público que abordaram os seguintes pontos: restabelecimento das autonomias locais, adaptação de métodos para a diversidade regionais, obrigatoriedade da escola primária, separação entre o ensino secundário e o profissional.

Ainda em 1961, o educador pernambucano Paulo Freire pôs em prática seu novo método pedagógico, que adaptava os processos educativos às condições do ambiente e da realidade do educando.

Assim o século XX foi palco das grandes transformações no que se referiu à massificação educacional. Os movimentos sociais encabeçados pela juventude brasileira estavam atrelados aos processos educativos que foram desenhados principalmente na década de 1960. Esses movimentos tinham na juventude as forças propulsoras fundamentais e, nessa perspectiva, o jovem era observado como sujeito cognoscente propício às mudanças e reivindicações para adentrar de maneira igualitária na esfera pública.

O lugar da escola na história da educação brasileira passou por múltiplas transformações que repercutiram significativamente para as mudanças socioculturais do país. De acordo com Vanilda Paiva (1973), no século XX, os altos índices de analfabetismo no Brasil “envergonhava” a elite, então chamada de “intelectualidade brasileira”.

O analfabetismo, durante a República Velha e início da Segunda República, era considerado como um dos principais problemas da nação. Nesse sentido, a educação escolarizada, ou a ausência dela, era responsabilizada pelas grandes dificuldades socioeconômicas em que estava inserida a sociedade brasileira desse referido período histórico.

O posterior entusiasmo pela educação no Brasil estava intimamente ligado às políticas governamentais populistas que justificavam a educação como salvadora da nação, emancipadora e libertária. Durante a década de 1980, o Brasil viveu o período de redemocratização política, portanto, os projetos educacionais da época estavam intimamente ligados a esse processo da política nacional.

Os discursos voltados à educação escolar estavam permeados por sentimentos de mudança, visavam à superação da educação tecnicista e o conservadorismo predominante do período militar. Nesse mesmo momento, foram intensificados os debates e a implantação do projeto da universalização do acesso à escola pública.

A nova Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN) lei 93.94/1996 (BRASIL, 1996), entre os principais pontos, destacava-se: a gestão democrática do ensino público; autonomia pedagógica, administrativa e financeira assegurada às escolas públicas; estrutura de níveis escolares com a educação básica (formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e a educação superior; educação profissional desenvolvida em articulação com o ensino regular; educação especial oferecida preferencialmente na rede regular de ensino; possibilidade de reclassificação dos estudantes; dentre outros.

Sobre a universalização do acesso escolar e suas perspectivas para os cidadãos, os autores Paiva e Burgos (2009) ratificam que na democratização da educação estão imbricadas às questões políticas e econômicas. Portanto, existe a necessidade dos cidadãos estarem minimamente equiparados para poder exercer sua cidadania e ascender socialmente.

A discussão sobre a educação pública brasileira apresenta o quão distante é a realidade dos filhos da periferia que vivem em condições de subcidadania, do ideário igualitário apregoado pelo acesso universal à escola pública.

A escola brasileira em diferentes momentos serviu de palanque para os discursos mais acalorados, em relação à cidadania e, em outros, foi utilizada como palco para as “encenações” da segregação social.

Segundo Pierre Bourdieu (2008), a escola não consegue se desprender das amarras reprodutoras e estratificadas que a sociedade continua impondo-lhe. O poder de

intervenção das unidades escolares sobre as tramas sociais tem suas fragilidades e limitações no que se refere às tentativas de corrigir as injustiças e obter a equalização social.

Apesar disso, as instituições escolares também são compostas por dispositivos norteadores dos sujeitos, dos espaços, do tempo, dos diferentes conhecimentos e das práticas educativas. O fenômeno da escolarização traz em seu bojo, o debate sobre a articulação e a valorização desses elementos.

A educação formal é na atualidade um direito social e é dever do Estado proporcioná-la aos indivíduos, logrando o desenvolvimento da cidadania. Sendo assim, é um dos alicerces fundamentais para o processo de socialização dos indivíduos e interligação com a sociedade.

Sobre o papel da educação formal, Paiva e Burgos (2009) realizam uma discussão na qual afirmam:

A educação, como direito social, é dever do Estado e foi, portanto, pensada como condição diferenciadora nas sociedades que pretendiam lograr a expansão da cidadania com maior igualdade para a participação na esfera pública. Foi Durkheimer (1978) um dos primeiros sociólogos a conceituar o papel da educação, tanto moral, quanto a formal, para o processo de socialização dos indivíduos e sua integração à sociedade. (PAIVA; BURGOS, 2009, p.21).

Paiva e Burgos (2009, p.29), ao analisarem a escola pública brasileira, identificam a ambivalência entre a homogeneidade e a separação ressaltada por essa instituição principalmente nas grandes cidades.

Vale ressaltar que o sistema escolar brasileiro continua funcionando de maneira segregadora e, mesmo com o passar dos anos, essas instituições escolares continuam engessadas, não enxergando as causas que determinam as dificuldades dos estudantes. Antes disso, alguns profissionais dessas instituições só observam os efeitos dessas dificuldades. São eles: desatenção, desobediência, ausências, indisciplina, desinteresse, agressividades e outros.

Contudo, os profissionais das escolas que conseguem identificar que esses comportamentos inadequados dos educandos são frutos de um conjunto de problemas estruturais em que eles estão inseridos e que a configuração familiar pode ser uma base tanto sustentadora quanto desestruturante para o seu processo educativo, também



esbarram no sistema estanque de ensino e pouco podem contribuir efetivamente para a mudança e melhoria dos processos educativos.

A instituição escolar é, sem dúvida, um lugar de vivências, interação e construção do conhecimento. Mas é também reprodutora, excludente e desumanizadora. Existem nesse meio, encontros e desencontros, nos quais se desenvolvem os processos educativos.

A escola nasce com uma frágil relação entre a educação voltada para a ética, a “civilização”, os direitos à cidadania e a educação reprodutora das desigualdades que realiza a exclusão invisível dos chamados “incluídos”.

A escola, enquanto força formadora de *habitus*, propicia àqueles que estão diretamente ou indiretamente submetidos à sua influência, uma disposição geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação aos quais pode dar-se o nome de *habitus* cultivado, segundo as ideias de Bourdieu (2008).

As desigualdades sociais, que são condicionadas pela escola ignoram as diferenças socioculturais, selecionam e privilegiam os valores culturais das classes dominantes. Dessa forma, Bourdieu (2008 p.53) afirma que:

[...] a equidade formal a qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclama ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios.

No que se refere às reproduções das desigualdades sociais nas instituições escolares através da proteção e favorecimento de uma classe social em detrimento de outra, Sacristán (1999, p.212) faz a seguinte afirmativa:

[...] por estar mais a serviço de uns do que dos outros; em segundo lugar, porque a representação da sociedade ficava diluída e obscurecida pela burocracia por meio do qual o poder era realmente exercido; e em terceiro lugar, porque os encarregados de “produzir” a educação (professores) e os beneficiados deste sistema complexo (famílias e estudantes) não tinham oportunidades reais adequadas, nem suficientes para exercer sua participação. A legitimidade democrática pode ficar reduzida a um ‘tudo para beneficiados, mas sem eles’.

A universalização do acesso à escola tem em seu bojo importantes prerrogativas e projeções no processo de desenvolvimento social, mas, na prática, esse acesso à escola tornou evidente também a problemática da qualidade do ensino público.

Os indivíduos que anteriormente eram excluídos das escolas passaram a frequentá-las. Porém, continuaram sendo “vítimas” da exclusão invisível que se constrói no cotidiano da configuração escolar.

As promessas relacionadas à cidadania, mobilidade social, igualdade de direitos por meio da universalização do acesso escolar, viram-se estancadas significativamente. Esse modelo de escola no Brasil expandiu a educação, mas não diminuiu as diferenças entre as classes sociais.

Sobre a qualidade de ensino, existe uma perspectiva de que a educação com bases igualitárias seja ofertada em todos os níveis e redes de ensino sem diferenças excludentes e que oportunize aos cidadãos a possibilidade de refletir e agir nas suas práticas cotidianas.

Assim, a educação escolarizada pode proporcionar aos sujeitos mudanças socioeconômicas e culturais e diminuir as desigualdades sociais. Para Bourdieu (2008), a democratização da escola passou um período de grande contentamento, entretanto, com o passar do tempo, foi observado que apenas o acesso ao ensino não é suficiente para o bom desempenho dos estudantes. Pode-se identificar que:

[...] depois de um período de ilusão e mesmo de euforia, os novos beneficiários compreenderam, pouco a pouco, que não bastava ter acesso ao ensino secundário para ter êxito no ensino secundário para ter acesso às posições sociais que podiam ser alcançadas com os certificados escolares [...]. (BOURDIEU, 2008, p.220).

A equidade em que a escola “democrática” pauta suas práticas pedagógicas serve também de alicerce para aumentar o fosso das desigualdades, escondendo em suas entranças, as diferenças socioculturais dos indivíduos que a frequenta. Para que essas desigualdades entre os indivíduos aconteçam e se perpetuem basta que:

[...] sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 2008, p.53).

Sobre o modelo de educação escolarizada que foi implantado na América Latina, Gentili e Frigotto (2002) realizam uma grande discussão, observando as lacunas entre as políticas públicas e os direitos dos cidadãos, a exclusão da educação e o mundo do trabalho. Os autores afirmam que os professores, com o passar do tempo, percebem o quanto a instituição escola é monótona em seus rituais e dificilmente eles serão modificados.

A história da educação brasileira denuncia as marcas deixadas pela trajetória seletiva, desigual e excludente que privilegiava a minoria abastada em detrimento do pobre. Durante o percurso da educação brasileira, foram surgindo diferentes barreiras, entre a educação dos ricos e a educação “deseducada” dos pobres. Para os últimos, o ensino profissionalizante; para os primeiros, o ensino acadêmico.

Na atualidade, o processo de exclusão se mantém e acontece a longo prazo de maneira mascarada.

O processo de eliminação foi adiado e diluído no tempo: e isto faz com que a instituição [escolar] seja habitada, em longo prazo, por excluídos potenciais, vivendo as contradições e os conflitos associados a uma escolaridade sem outra finalidade que ela mesma. (BOURDIEU, 1997, p.485).

Os estudantes se transformaram nos “excluídos do interior”. A insuficiência das instituições escolares é evidenciada com a seleção interna e a consequente exclusão dos educandos.

As desigualdades educacionais no Brasil não só se restringiram às classes sociais, mas aos diferentes fatores ligados às questões regionais e às intrigantes diferenças entre as escolas públicas municipais, estaduais, federais, entre outros. As instituições públicas federais mantêm o processo seletivo que estreita a entrada para aqueles que não tiveram a oportunidade de ter uma base escolar.

As escolas públicas se dividem em escolas de centro e as de periferia. As chamadas escolas centrais atendem uma diversidade de estudantes, inclusive os educandos oriundos de escolas particulares, cujos familiares, por questões econômicas, decidiram transferir seus filhos e/ou parentes. Essas unidades, em sua maioria, possuem uma melhor estrutura física e maior atenção por parte dos representantes governamentais.

Em contrapartida, as escolas da periferia, em sua maioria, atendem aos filhos dos operários, dos moradores de comunidades, aos filhos da pobreza. As condições físicas dessas escolas geralmente são precárias e as demandas sociais são alargadas.

Grande parte dos estudantes das camadas populares estuda em escolas que estão localizadas nos arredores das comunidades periféricas, onde os descasos governamentais já estão estabelecidos. Portanto, a precariedade da escola é apenas mais um problema a ser enfrentado por essa população desprestigiada socioeconomicamente.

A exclusão que sofrem os filhos da periferia é histórica. Com a chamada “revolução da educação”, as portas das escolas foram abertas para a entrada de “todos”, mas, simbolicamente, essas portas encontram-se abertas para a saída de muitos.

Algumas escolas de favela são estruturadas para não acontecer. Elas são pensadas como um depósito de jovens, onde os profissionais da educação têm como principal função a contenção. Portanto, é observado que, para os governantes quanto mais jovens das favelas estiverem inseridos nas escolas, menos jovens estarão propensos à criminalidade nas ruas.

Corroborando com essa discussão observamos a seguinte afirmativa de Bourdieu, (2008, p.224):

Como sempre, a Escola exclui; mas, a partir de agora exclui de maneira contínua, em todos os níveis [...] e mantém em seu seio aqueles que exclui, contentando-se em relegá-los para os ramos mais ou menos desvalorizados [...] a própria Escola lhes havia inspirado, e, em suma, forçados a diminuir suas pretensões, levam adiante, sem convicção, uma escolaridade que sabem não ter futuro.

O debate sobre a inclusão e a exclusão dos sujeitos das escolas é abrangente e conecta-se às diferentes questões, entre elas, a geografia das cidades que igualmente influencia as diferenças que separam os jovens estudantes das escolas públicas.

É notória a dissonância entre as escolas públicas localizadas nas áreas centrais das cidades brasileiras daquelas que estão inseridas nas áreas periféricas ou nas favelas.

A ideia construída acerca dos moradores das favelas traz um histórico de homens e mulheres que passaram por um processo segregacionista imposto pela sociedade. Eles foram expulsos das áreas centrais das cidades e se posicionaram em suas margens. Tornaram-se os “marginais” não só com referência a sua localização, mas foram marginalizados no imaginário de muitos.

A própria palavra marginal carrega em suas entrelinhas o peso da exclusão social. Nessa direção, observamos as seguintes análises citadas na obra de Milton Santos (1978, p. 28 -Destaque e aspas no original):

A própria palavra foi condenada. Paulo Freire lembra que “os oprimidos não são marginais” (1998, p.61), não são homens que vivem fora da sociedade. Assim como seria incorreto considerar a favela um mundo autônomo, isolado e à parte (VALLADARES,1970), também é incorreto contrapor marginais à sociedade global, porque esta não pode ser definida sem os pobres “que constituem a maioria numérica, embora minoria sociológica” (DELGADO,1971, p.165), Os pobres “não são socialmente marginais, e sim explorados, não são politicamente marginais e sim reprimidos.” (GUNDER,1996, p.1).

Com efeito, temos uma coleção de significados sobre o território das favelas, sendo esse o lugar das diferentes ausências. Contudo, é importante salientar que esse é um espaço também diverso e resiliente.

Os estigmas que os jovens estudantes moradores das favelas carregam ao longo das suas vidas evidentemente não os favorecem no desempenho educacional, ao contrário, cria um imaginário reducionista, discriminatório e tenso entre os educadores e educandos.

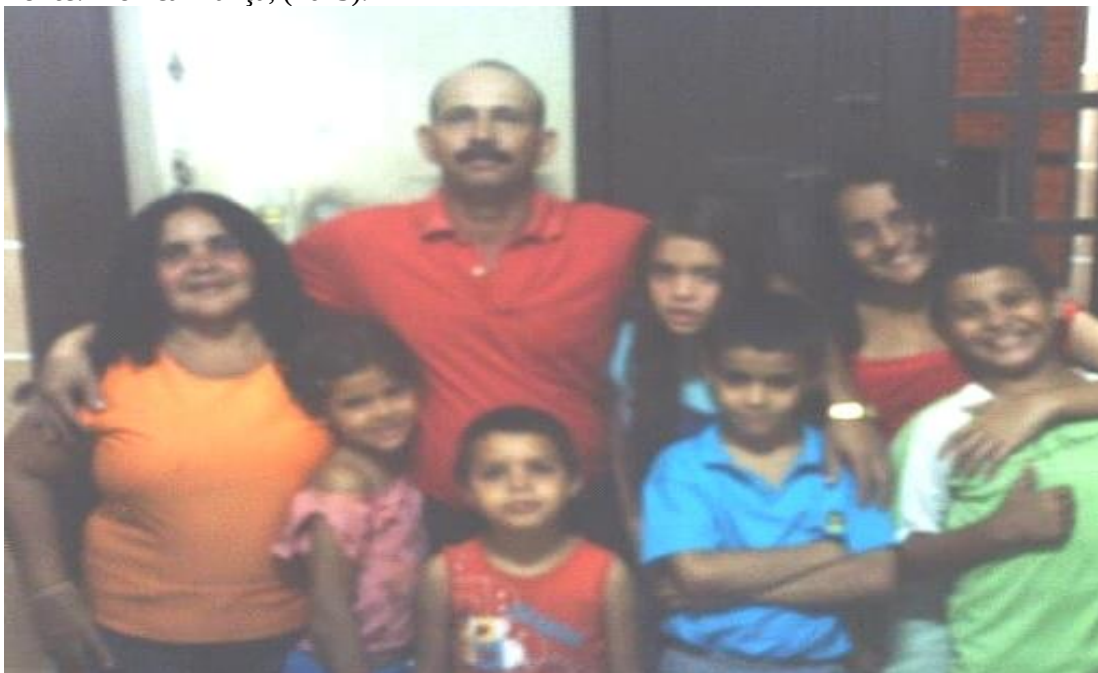
Assim, este capítulo é finalizado com a reflexão sobre o processo histórico da educação escolarizada no Brasil, as exclusões e as ausências que os estudantes, principalmente os das escolas públicas periféricas, vivenciam ao longo do tempo.

No próximo capítulo, serão apresentadas as narrativas sobre as vidas das famílias pesquisadas, a partir delas, adequou-se a metodologia e a base teórica que auxiliaram na elucidação das questões dessa investigação.

#### 4 CAMINHO DA MEMÓRIA: A ARTE DE OUVIR E CONTAR VIDAS



Fonte: Mônica França, (2015).



Fonte: Berlane Firmino, (2000).

#### 4 CAMINHO DA MEMÓRIA: A ARTE DE OUVIR E CONTAR VIDAS

Este capítulo, apresenta o caminho das memórias com os relatos do vivido, as lembranças da infância, das famílias, do lugar onde se vivia, da escola e das trajetórias de vida dos indivíduos. Ele inicia-se com alguns questionamentos; como relatar as memórias do outro? Como ouvir o outro até entender os silêncios? Como caminhar através das trajetórias do outro? Qual a melhor forma de mostrar a história de vida do outro? São muitos os questionamentos que serviram de ponto de atenção para dedicar o cuidado zeloso aos pesquisados.

O cuidado não se restringe apenas aos momentos em que estamos no campo, ao lado do narrador. Mas, igualmente quando nos afastamos e estamos na tarefa solitária de contar a vida do outro. É nesse momento que eternizamos as memórias e, portanto, a dedicação deve também ser evidenciada.

Nesta pesquisa, as histórias de vida dos pesquisados foram trazidas para o corpo do texto, para o centro da pesquisa. Não se trata de estar na pesquisa, de conter em apêndices, mas a história de vida do indivíduo é a pesquisa. Ou seja, é a parte que ressalta os teóricos escolhidos para auxiliar nas análises, foi a partir delas que adequou-se a metodologia aplicando-a devidamente à investigação.

Para auxiliar no entendimento da importância da história oral de vida na construção da história, observa-se a afirmativa de Bosi, (2003, p.15) que realiza uma crítica à visão unilateral da história, que ao longo dos anos privilegiou os documentos oficiais em detrimento das outras formas de se fazer e contar a história. Nessa perspectiva, a autora afirma que:

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camada da população excluída da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios.

Assim, a oralidade contempla àqueles que por diversas vezes foram silenciados e marginalizados do fazer histórico. As oito histórias de vida dos indivíduos pesquisados trazem dados importantes e servem para entender a história da construção da comunidade

do Coque e suas relações configuracionais. Outras questões apareceram nas narrativas, levantando possibilidades para substanciar as discussões.

Nessa perspectiva, essas oito histórias de vida serviram à pesquisa como lastro que suportou e auxiliou na fundamentação da metodologia e na análise das categorias e das subcategorias. No próximo capítulo foram analisadas as histórias de vida a partir da análise de conteúdo de Bardin (2009).

#### 4.1 A FAMÍLIA DE MONIK FRANÇA: Relatos de Vida, Lembranças, Memórias do Vivido

Era manhã de agosto do ano de 2015, por volta das oito horas do dia dezenove, quando fui à casa de D. Paulina, avó adotiva de Monik França. No caminho fui observando o movimento das pessoas nas ruas da comunidade do Coque. Nesse horário, o comércio localizado na rua Cabo Eutrópio, já estava muito movimentado; muitas pessoas trabalhando, outras de passagem, pessoas comprando e outras apenas observando o movimento.

A rua Cabo Eutrópio é corriqueiramente muito movimentada. Lá o comércio é diversificado: tem moradias, igrejas, é também uma rua de passagem, pois fica nas proximidades das paradas de ônibus, estação do metrô e é a ligação entre a rua Imperial e as ruas que levam ao Fórum Desembargador Rodolfo Aureliano que fica no bairro da Ilha de Joana Bezerra.

Durante o percurso, abri o vidro do carro: fui reconhecida por alguns ex-alunos, nos cumprimentamos. Naquele momento, o tempo voltou um pouco em minha memória: lembrei das aulas de história em instantes, fiz uma viagem no tempo. Mas, eu precisava seguir e encontrar a rua Eunápolis, conhecida como Rua do Sambão. Perguntei a um senhor que estava nas proximidades, logo ele me indicou o caminho.

Ao chegar à rua, identifiquei a casa, estacionei o carro um pouco afastado, fiquei observando a rua estreita e suas casas coloridas. De longe observei uma senhora negra de cabelos brancos, em frente à casa indicada, ela segurava nas mãos uma sacola e estava acompanhada por outra mulher: as duas ficaram por alguns minutos conversando e de longe nos olhamos. Eu estava esperando a hora marcada, havia chegado trinta minutos antes do combinado. A senhora entrou. Então decidi ir até lá.

Ao chegar fui recebida pela irmã gêmea de Monik, Mônica. Conhecida pelo nome de Moniely ou Niely. É assim que ela gosta de ser chamada. Niely estava arrumando a



casa, tirando a poeira dos móveis. Ao me receber ela disse que estava arrumando a casa para me receber, rimos um pouco da situação e logo ela me levou à cozinha. Lá estava D. Paulina, era realmente a senhora que eu avistei anteriormente.

Agora ela estava à “beira do fogão”, preparando algo para o almoço. Niely me convidou para tomar um café, pois disse que estava me aguardando para tomarmos café da manhã juntas. Aceitei e ficamos as três na cozinha: eu e Niely tomando um bom café preto com bolachas e D. Paulina, na pia, continuou organizando o almoço. Conversamos um pouco. Algumas risadas, relatos de fatos da escola, da vida pessoal de Niely entre outros comentários. Aos poucos as lembranças, as risadas foram me mostrando um pouco de D. Paulina, uma senhora muito simpática e receptiva. Me senti acolhida naquela casa.

Após o café, D. Paulina me convidou para irmos à sala, local escolhido por ela para fazermos a entrevista. Niely ficou na cozinha dando prosseguimento à preparação do almoço.

Agora era eu e D. Paulina. Levei o caderno de campo, lá estavam algumas perguntas que eu pretendia fazer. Mas, após a primeira pergunta, eu já tinha certeza que naquele momento, o caderno da pesquisa seria dispensado, pois, D. Paulina e eu estávamos muito mais interessadas em uma conversa. Nesse momento, eu esperava que D. Paulina ficasse a vontade para que a entrevista fosse melhor desenvolvida. Iniciamos a entrevista explicando o objetivo da pesquisa, o porquê da escolha da família de Monik e solicitando sua autorização para as publicações posteriores. Questionei se D. Paulina gostaria de manter em sigilo o seu nome na pesquisa. Contudo, ela negou, preferindo que aparecesse.

#### **4.1.1 Paulina Lourenço da Silva, avó adotiva de Monik: sua vida suas histórias**

Nasci aqui na comunidade do Coque, tenho sessenta e sete anos. Vou fazer sessenta e oito anos para o mês. Naquela época, aqui o Coque que era o Coque mesmo, agora que mudou o nome é Ilha Joana Bezerra. Os mais antigos, é que chama de Coque, mas lá pra fora é Ilha Joana Bezerra. Aqui só era maré, as casas eram tudo de tábua.

As pessoas eram muito pobres e quando a maré enchia, entrava dentro da maioria das casas, a maioria mesmo! A gente pra sair pra ir para algum canto era difícil! Se fosse época da maré cheia, nós tínhamos que vir com o sapato na mão e só calçar em cima da linha porque era o único local que não enchia. A parte que não enchia era do outro lado da linha, a Cabo Eutrópio.

Sim, tinha a Cabo Eutrópio e um outro caminho que a gente usava, uma antiga rua que tinha, que não era a Realeza, eu não me lembro bem o nome da estrada.

Eu morava lá dentro do Coque mesmo, chama rua Nova Aurora, era onde tinha a antiga delegacia, pronto eu morava ali.

Olhe, eu vou lhe dizer uma coisa sinceramente, infância, infância mesmo a gente não tinha, porque a gente não brincava, pouco se brincava, porque não tinha energia, naquela época não tinha, era candeeiro, quando veio chegar a energia que ia lá pela comunidade, pelas ruas. Era assim, de meio dia ele ligava e depois quando passava certas horas ele só ligava à noite.

À noite naquela época ficava sem energia, porque também naquela época não tinha nada, só aqueles rádios.

Eu me lembro que brincava pouco, eu brincava assim às vezes com uma amiga, que era assim: nós não tinha boneca naquela época, a gente brincava era de academia, de roda, cantigas antigas, que hoje ninguém vê as meninas brincando e de bola de gude, é nós brincava muito é de academia<sup>7</sup> e de brincadeira de roda.

Ainda hoje eu me lembro de muitas músicas, pouco que tão aqui na minha memória, se botar pra cantar agora eu não canto, mas cantava naquela época, as crianças pouco brincavam!

Porque a gente brincava mais de dia e a noite a gente não brincava porque era no escuro. À noite brincar era difícil. Às vezes tinha uns vizinhos que ficava contando histórias, a gente sentava ficava contando história, mas a noite pouco se brincava porque, porque não tinha energia.

Eu estudei. Primeiro eu estudei com um senhor que já faleceu há muitos anos. Também apanhava de palmatória. Não era na escola não, ainda não tinha, ou já tinha? Parece que já tinha, a antiga Anchieta. Era ali a escola Anchieta. Eu acho que ficava onde é agora o que chamavam de Escaduco ou melhor era no Mocidade. A parte da escola era ali onde era o Mocidade. Era uma escola. Eu fui pra lá e depois de um tempo fui pra essa escola Anchieta.

Eu estudei numa instituição que se chamava (...) (ficou preocupada por não lembrar o nome) depois eu vou me lembrar.

Estudei nessa escola que quem estudava era até uma cunhada minha que era uma instituição espírita daqui do Coque.

---

<sup>7</sup> A narradora ao falar em academia está se referindo a uma brincadeira popular também conhecida por amarelinha.

Pronto, me lembrei o nome, chamava: Deus à procura dos filhos. A instituição que era espírita. Aí depois ela saiu. Teve a cheia, cheia bem grande, aquela cheia grande, não sei se foi em setenta, a maior cheia que teve. Pra mim, a maior que teve foi em setenta eu acho, porque teve várias.

Mas, a grande mesmo que afetou mesmo até Afogados, por ali tudinho foi um caos, essa última que houve aí pronto essa instituição saiu daqui e foi pra o Ibura, pro UR3 e até hoje vive por lá no UR3. Pronto aí fui estudar na Anchieta.

A gente estudava lá, era muito bom. Eu só me lembro mesmo o nome de uma professora, era a Dona Djanira, porque aqui nesse pedaço só existia essa escola Anchieta. Ai depois saiu. Era de graça, naquela época, não sei dizer se era do Estado ou prefeitura, num tô bem lembrada.

Mas, era muito boa, essa escola Anchieta. Eu brincava, estudava, aprendi a ler também lá. E, estudei até o que antigamente chamava de divisão. Naquela época, hoje não é mais. Pronto, estudei até essa época. Depois eu fiquei em casa mesmo. Fiz até a 5ª série. Fiquei em casa e depois de muitos anos casei.

Eu casei com (...) eu acho que eu já tinha quase trinta anos, num casei muito nova não. Uns trinta anos eu acho, ele já faleceu. José de Santana, mas já faleceu. Faleceu em 1993. O que teve de bom no casamento foi as minhas filhas, tive três. Andréa, Valéria e Laudicéa. Eu só tenho quatro netos.

É que Monik e Moniely foi um processo essas duas viu, (risos) essas duas foi um processo! Eu peguei aproximação através dessa bonita, Moniely.

Na época, a gente era muito amiga eu e Elzinha de Misso, principalmente Misso que é o avô delas. Aí ele tinha uma escola de samba. Ele era aquele que fazia as coisas, supervisionava tudo.

Nessa época, Mônica teve elas duas já tinha Thiago e Wylams, mas Thiago e wylams ficavam com Elzinha, ficava mais com Elzinha. Mônica (mãe biológica de Monik) e ela ficou mais com elas duas as gêmeas. Foi quem ela mais criou. Mônica tomou conta.

Por mais doidices que ela tenha, mas elas duas ela ainda tomou conta, já os outros Thiago e o outro irmão foi Elzinha, depois chegou Wylams também (...), eu sei que nessa época, Moniely era muito doente, ai Monik era a queridinha de todos, (risos) se ela ouvisse eu dizer isso (...) (risos) Não, mas porque ela era mais doente aí todo mundo só queria mais Monik.

Eu fiquei com pena de Moniely aí a gente trazia ela pra cá. Ela bem doentinha, assim problema de criança mesmo, ela era de braço eu nem me lembro quantos anos ela tinha, se tinha um ano ou mais, nem me lembro.

A gente ficou com ela, depois ela melhorou, Mônica foi morar aqui, ali debaixo aí eu via elas. Moniely, Monik e a menina que hoje em dia tá uma moça, já casou e tudo, ficavam com elas brincando num carrinho daqueles carrinhos que fica puxando aí fazia assim, tanta pirueta com ela eu via a hora delas quebrar a cara no chão e eu com pena, via ela franzinazinha eu ficava com pena.

Eu trazia elas pra cá tudinho e ficavam aí. Depois Mônica, quando elas já estavam grandinhas se mudou também pro sítio. Que é onde agora tão fazendo a integração. Onde tem aqueles pés de matos ali. Lá é que era o sítio. Tinha as casas que foi indenizada pelo Metrorec. Ela foi morar lá. Pronto, elas ficavam lá. Mônica levava de noite. Algumas vezes Mônica saía. Elas ficavam trancadas. Essas meninas faziam um escândalo, um escândalo porque às vezes assim, um escândalo.

Não sei quem vinham me chamar, só sei que no fim eu ia lá! Eu trazia elas, as vezes eu ia atrás da mãe delas aí a mãe delas botava de novo pra dormir. Elas ficavam só, as vezes ela ia brincar, Mônica ia olhar um barzinho que tinha ali, que tinha festividade tudinho, mas elas eram grandinha.

Elas tinham aproximadamente 8 anos! Não era muito grande não! Sete ou oito anos! Eu tô dizendo grandinha porque não foi pequena. Que ela deixava tá entendendo? Elas faziam um escândalo que só faltava derrubar a casa. Elas duas. Agora isso é as duas, viu? Elas duas. Depois Mônica arrumou um senhor. Luís, que Monik e Moniely adoravam. O Sr. Luís, foi o melhor que ela teve. A mãe delas ficou dentro de casa, ele cuidava muito delas, tudinho, uma pessoa maravilhosa na vida delas e da mãe delas. E principalmente delas porque fazia todos os gostos delas.

Ele foi uma pessoa que ajudou muito e que era muito bom pra elas. Mas, infelizmente houve uma fatalidade que ele chegou a falecer, foi assaltado e mataram ele.

Foi em Piedade. Foi lá pro lado de Piedade (silêncio) aí voltou tudo de novo. Ele era taxista. Foram roubar o dinheiro dele mesmo, acho que ele esboçou algum gesto que ia, algum gesto. Ele trabalhava com o taxi, ele trabalhava aqui no Coque. Na época que ele faleceu, começou tudo de novo, voltou o padecimento delas duas. Elas só com a mãe pra tomar conta delas duas.

Quando ele faleceu elas estavam com nove anos. Elas estavam estudando no Colégio Santa Luzia, que ele tinha dinheiro e pagava. Aí eu ia levar elas ou elas iam com as primas e eu ia buscar, não tinha quem fosse buscar então, eu ia buscar!

Na época que ele faleceu, a mãe delas não pode mais pagar, aí elas saíram e foram estudar na escola Costa Porto. Eu sei que naquelas alturas findou elas ficando de vez comigo eu nem me lembro bem, eu sei que foi ficando, ficando, pronto e ficaram de vez!

Foi mais ou menos nessa idade de doze anos, aí ficaram aqui comigo de vez. Às vezes elas passavam o dia, aí ainda iam dormir lá, depois a mãe foi trabalhar. Pronto, elas ficaram de vez aqui!

As meninas também já tinham casado, já tinha saído de casa. Só tinha Lau e Leco aqui depois Leco saiu, ficou elas duas e Lau, depois Lau casou-se e pronto. Lau é minha filha, é Laudisséa. Aí dessa época pra cá ela ficou. E elas ficaram comigo até hoje,

A escola Costa Porto naquela época até que era bonzinha. Não era tão ruim não! A escola Costa Porto o ensino não era tão ruim não. Foi! Agora não era, aquele estudo. Porque você sabe que a escola pública toda vida foi meia defasada, né? Mas, era melhor. Hoje que tá mais, tá mais difícil tanto pra professora quanto pros alunos melhores porque tem alunos que não quer estudar, quer só mesmo bagunçar.

Naquela época, não era um ensino tão bom, mas dava pra se levar, principalmente quando a criança quer, né? Elas foram estudar antes no Costa Porto, depois (...) terminaram lá num foi (...) (*Niely gritou da cozinha, no Monsenhor!*) o primeiro foi lá, aí depois foi pro Monsenhor. Há foi mesmo! Na escola Reitor, saíram porque arengavam<sup>8</sup>.

A gente tirou elas de lá porque arengavam muito! Elas estudaram primeiro no Costa Porto até a 7ª série e depois foram para o Reitor até a 8ª e foram transferidas para o Monsenhor na 8ª e ficaram até o 3º ano. Naquela época, era muito perigoso, os alunos ameaçavam muito, como elas gostavam muito de brigar, um pouquinho. A mais arengueira era Moniely.

Eu chamo Mônica de Niely. Porque o nome dela era para ser Moniely, aí Misso quando foi, é o avô que ela chama de pai. Pegou e registrou Mônica, o nome da mãe. Mas só que a gente já estava se acostumando mais de chamar ela de Moniely, aí ficou Moniely mesmo.

---

<sup>8</sup> Arengar significa brigar. Ver mais informações no dicionário informal: <https://www.dicionarioinformal.com.br/arengar/>

Em casa ninguém chama ela de Mônica. Só os amigos que ela tem aí fora que o nome dela é Mônica aí ainda chama. Mas, amiga íntima dela elas tudinho é Moniely, ninguém chama ela de Mônica. Até o namorado mesmo não chama, até o namorado só chama ela de Moniely.

Estudo, toda a vida elas gostaram de estudar, principalmente Monik. Moniely era meia sem vergonha. Preguiçosa! Ia mais brincar, mas não queria estudar, a Monik era mais, mais estudiosa. Toda a vida, Moniely não gostou muito, porque sempre tem uma. As minhas mesmo, quem sempre gostou de estudar era mais a mais velha que agora tá estudando pra como é o nome? Ela fez pedagogia, ela foi formada em pedagogia (...) mestrado. Pra mestrado. Andréa, ela tá fazendo o mestrado lá na Federal.

Moniely era mais preguiçosa pra o estudo. Agora Monik toda a vida foi mais estudiosa.

Até que eu incentivava elas a estudar, mas elas era quem fazia os deveres dela, não isso aí sempre elas fazia, não dava muito trabalho não. No estudo, essa daí não gostava de estudar, mas ela fazia os deveres. Os deveres delas tudinho (...) a Monik também ela ensinava a essa aí. (referindo-se a Moniely). A gente ensinava.

Eu não sabia ensinar muito, porque na época delas o estudo que eu estudei já era completamente diferente do que os estudos de agora. Mas, elas sempre estudaram, terminaram os estudos delas, não foram de não querer terminar não. Elas sempre (...) a finalidade era terminar o estudo.

Em casa a gente conversava sobre o que acontecia na escola. Nós conversávamos muito, agora só que elas conversava mais com as minhas meninas. Comigo eu não entendia muito sobre essas coisas, mas elas conversavam com as meninas, com Andréa. Andréa, que é a mais velha ela morava aqui. Morava.

Andréa saiu de casa ela tinha acho que dezoito anos, nem me lembro (...) dezoito.

As principais diferenças entre Moniely e Monik é que: Moniely era mais danada quando criança e adolescente. E, Monik às vezes se metia mais para defender ela. A Monik só ia às vezes. Assim, arenga de criança, entrava mais por causa dela. Isso quando eram mais criança, mas num brigava muito. Chegaram a ter umas briguinha agora a pouco, depois de velha, depois de barbada veia. Mas, antes não! Antes elas não eram de tá brigando uma com a outra.

Agora tá tendo um pouquinho de desavença, agora depois de veia. Assim, uma tem uma opinião, Monik tem outra. De vez em quando, estão se batendo, mas só sobre

isso. Sobre problema assim, de Monik quer ser sempre mais como é que se diz? Reta numa coisa<sup>9</sup>!

Monik, às vezes, quer que Moniely diga a mesma coisa dela. Moniely não quer, aí entra em contradição as duas. É, Assim, pronto! E não é igual, né? Pronto, ela se estressa, às vezes briga com Moniely.

A gente não pode fazer nada que cada um tem o seu modo de ser, seu modo de viver, por mais errada que seja, a gente de maneira, a gente tenta, tenta como fazer com que siga, mas se é o jeito dela a gente não vai poder fazer nada, só ela mesmo que pode um dia, se quiser, mudar agora. A gente pensava em tirar ela de viver de farra, que eu digo assim, tomando cervejinha todo o fim (...) quase todo o sábado, domingo. Por ela mesmo ela deixou.

Tudo tem seu determinado dia, determinada hora e determinado momento. Por mais que a gente, eu debatia tanto, eu e a avó dela, a outra vó dela, debatia tudinho, quando ela bem quis que eu nem esperava, tô dizendo isso aqui que eu nem esperava, tá Moniely sem querer mais beber. Que a gente falava que não era pra ela deixar de uma vez, era pra diminuir.

Pronto, como ela faz com o namorado, um fim de semana toma, outro não. Ou se não bebe umas coisas mais não exagera. Era isso que a gente debatia muito nela sobre o exagero, isso aí, sem esperar aí ela mesmo decidiu parar. Sem forçar. A desavença delas duas agora é mais sobre isso. Porque Monik é mais caseira, é mais concentrada em alguma coisa e Moniely não era.

Sobre a universidade, na verdade, foi decisão dela mesmo. Não foi nem incentivo. Eu, se eu disser que foi incentivo meu, eu estaria mentindo. Foi determinação dela, o estudo, se esforçou muito, estudou muito e passava as noites estudando e daí foi dela mesmo que perseverando de passar.

Moniely, ainda tentou, estudou, tudinho, mas não tinha a paciência que a Monik tinha. Ai não conseguiu passar no vestibular, ai foi fazer esse ai (se referindo ao curso técnico em comunicação) também incentivo dela! Se eu disser: não, foi eu incentivei. Não! Foi ela mesmo que teve a consciência dela que tinha que resolver a situação de melhorar de vida que cada coisa que a gente faz de bom tem que partir às vezes da gente (...) se eu obrigar não adianta.

---

<sup>9</sup> Quando a narradora fala reta numa coisa, ela se refere a ter objetivos e metas para sua vida.

Eu não falei tanto dos estudos, pois elas estudavam tudinho! Monik, passava as noites estudando e ela não queria estudar. E, adiantou? Adiantou? Tinha que ter a motivação dela própria, pronto a Monik entrou por motivação dela mesmo, ela se esforçou, estudou tudinho e passou e a Moniely não passou pra universidade, fez e não passou, duas vezes ou foi três e não passou, mas por incentivo dela mesmo ela fez esse o técnico. Ela mesmo que se decidiu. Eu apoiava, mas ela sempre quando elas determinam uma coisa que elas querem ela mesmo. A decisão foi delas mesmo!

Lugar para estudar... Não, não, não... o quartinho delas toda a vida teve. Estudava lá em cima no quarto delas. Cada uma no seu quarto. Era (...) depois que as meninas casaram aí pronto. Cada uma ficou, uma né em um e Moniely em outro e eu aqui em baixo. Quando elas estavam estudando, estudava no quarto.

Monik às vezes, ainda estuda pro Enem. Aí fica aqui. (se referindo a sala) ai ela sobe fica lá um pouquinho. Aí ela fica aqui com a gente, fica estudando. Mas, tudo isso aí, não, eu não vou dizer assim que a gente forçou a ela estudar pra passar em alguma coisa, forçou, não! Nem eu, nem (...)

Eu sabia da universidade, sabia. Eu acho bom! Agora porque eu via lá no NEIMFA. Lá no NEIMFA.

Eu não trabalho no NEIMFA. Eu faço parte. Sou voluntária, participo de reunião, se tiver alguma coisa pra fazer, hoje mesmo tem banco de alimentos, aí eu vou pra lá, esperar, ajudar a dar. É doação que vem do (parou, gaguejou) o banco de alimentos tem esse nome mesmo, banco de alimento, que é doações que eles fazem, arrecada e bota pra distribuição. É do SESC! Faz muitos anos, faz muitos anos vai fazer vinte e sete anos, pronto é a época que eu tô lá.

Os meninos mesmo, quando tava fazendo o doutorado deles, Alexandre, Aurino, eles faziam perguntas, eu não sabia nem pra que era, eles viviam fazendo pergunta sobre a violência da comunidade do Coque. Sobre galeguinho do Coque, tudinho, eu respondia tudinho, mas eu pra mim era brincadeira deles que era pra fazer o doutorado, aí eu fazia menino: tá vendo que tu vai fazer um doutorado e botar esse negócio desse aí, de morte daquilo outro, só que era verdade.

Quando eu fui pra defesa, a de Alexandre mesmo, do doutorado foi sobre a violência da comunidade do Coque. Sobre galeguinho do Coque e eu mesmo pra mim era conversa dele.

Eu fiquei sabendo da universidade através dos meninos. Alexandre, Aurino, Emília, tudinho. Quando fizeram o mestrado, fizeram o doutorado, eles jovens



participavam daqui, começaram lá na rua Nova Aurora, na antigamente, chamava rua da Zuada. O pior é que mudaram pra rua Nova Aurora, mas a maioria das pessoas só conhece por rua da Zuada. Não conhece por rua Nova Aurora não. Chamava rua da Zuada porque existia naquela época, existia uma dança aí, era aquela época que tinha, era uma dança que as mulheres da vida que naquela época também os adolescentes que criança não podia chegar perto. Porque de dez horas não podia tá na rua.

Hoje em dia os meninos amanhecem o dia na rua. Mas, porque os pais deixam mesmo de dez horas não chamam para dormir. E até o policiamento se pegasse uma criança de menor depois das dez horas da noite ia até os pais. Mas, hoje em dia os meninos amanhecem até o dia na rua. É, mas naquela época era diferente (...), meu pai mesmo pra a gente ir pra uma dança, às vezes naquela época era baile, ele dizia: dez horas tá em casa, eu mesmo, eu preferia não ir porque tinha, o baile já começava de dez horas e de dez horas tá em casa, então não valia a pena ir, era melhor tá em casa.

Eu vim saber aos poucos da universidade, eles foram me explicando porque no meu tempo eu nem conhecia sobre isso. Na época nem sei se existia. Eu acho que já devia existir (...) Mas, eu não a gente nem sabia o que queria dizer com faculdade.

Quando eu vi falar eu dizia a elas que elas tinham que estudar pra ser uma pessoa de bem, alguém na vida, que já não tinha pai, só tinha os avós que já que os avós já eram os pais e a mãe (...) ser alguém na vida pra já poder ajudar a mãe delas. O pai delas faleceu. O pai delas, não reconheceram elas como filhas. Já faleceu. O pai que elas vieram a conhecer mesmo era o avô, Elzinha que elas chamam de mãe Elzinha, que é a vó biológica. E a mainha que elas chamam é a mãe delas mesmo. Atualmente ela tá morando pro lado de Paulista, em Abreu e Lima.

A mãe biológica das meninas não casou novamente. Os últimos filhos foi Monik e Moniely.

Pra mim mesmo é um privilégio ter uma neta universitária, porque pelo menos já tem uma boa profissão um bom estudo que é pra seguir em frente, não tá precisando de como é (...) tá quebrando a cabeça por aí atrás de algum emprego. Porque se ela souber seguir em frente continuar e melhorar nos estudos, assim como elas pretende mesmo, significa que elas vão enfrente na vida delas e ter um futuro melhor mais na frente, mesmo com toda a decadência que tá o Estado mas, elas pode melhorar cada vez mais, né? O Estado não, o Brasil todo, né?

Andréa mesmo, ela sempre incentivou elas, incentivou elas no estudo, quando elas tinham alguma dúvida, quando elas tem qualquer dúvida, até de outras coisas mesmo elas

procura conversar com Andréa. Elas procuram mais minha filha do que a mim mesmo, eu sou mais de idade e elas mais nova, aí qualquer dificuldade alguma coisa, um problema, ela procura logo se aconselhar mais com Andréa.

Andréa para elas acho que é tudo. Elas chamam de tia. Tia Déa. Já Lelo elas chamam de Lelo, Lau. Mas, Déa não! É tia Déa. E elas sempre se deram bem com as minhas meninas. Pouco teve desavença. As desavenças entre elas e minhas meninas foi muito pouco. Assim, só teve uma desavença dela e (...) parece que foi Moniely mesmo. Parece que foi por ela. Foi? Porque elas discutiram (...) Isso é família! (risos) Pronto, mas com Andréa mesmo, elas nunca tiveram nada. E coisa de adolescente mesmo. Não foi coisa grave. De se agarrar, essas coisas não!

Eu sou dona de casa mesmo, sempre, fui, nunca trabalhei não.  
Eu gosto de assistir televisão. A globo. Que as meninas falam que só!

Não sou de assistir novela não. Porque eu vou jogar baralho com as meninas. Não eu só saio se tiver algum lugar pra eu ir, mas não tendo isso. Eu gosto mais de ficar dentro em casa mesmo. Assistindo televisão. E dominó eu também jogo<sup>10</sup>. Em seguida, a entrevista foi finalizada.

#### **4.1.2 Edmilson de França e Silva: Sr. Misso, avô biológico de Monik**

No dia dezenove de setembro de 2015, um sábado fui ao Coque realizar a entrevista com o avô de Monik. Nesse mesmo dia, também estava agendado o chá de bebê da filha de Berlane Firmino, uma das estudantes cuja família também fez parte da pesquisa. Marquei bem antes a entrevista com Sr. Edmilson França para não termos problemas com o horário. No caminho do Coque fui reparando o movimento das pessoas durante o fim de semana.

O comércio estava mais agitado que o normalmente, muitas pessoas na rua Cabo Eutrópio, muitos passantes circulando a pé e de bicicleta. Nas ruas próximas à casa do avô de Monik, encontrei alguns ex-alunos que estavam na rua jogando dominó. Cheguei

---

<sup>10</sup> Percebi que após uns cinquenta minutos D. Paulina começou a demonstrar sinais de cansaço, olhou no relógio algumas vezes, percebi que estava no momento de terminar a nossa conversa e me despedir. Ela me convidou para almoçar, não pude ficar. Mas combinamos que eu voltaria para vê-la e passar um dia com ela acompanhando a rotina da casa. Ela concordou e disse que poderia voltar sempre, coisa que fiz algumas vezes ao longo desses quatro anos.

por volta das quatorze horas. O Sr. Edmilson já estava me aguardando. Conheci D. Elzinha, avó de Monik que me pareceu uma senhora muito simpática e agradável.

Sr. Edmilson, mais conhecido por Misso na comunidade, me convidou para entrar em sua casa, sentamos num sofá na sala e, logo depois, iniciamos a entrevista. Reparei que o Sr. Misso estava ansioso por iniciar a conversa. Eu expliquei o objetivo da entrevista, solicitei a permissão para a publicação e o questionei sobre o fato do seu nome poder aparecer ou não na pesquisa. O mesmo disse que fazia questão que o nome verdadeiro estivesse no trabalho. Assim, iniciamos a entrevista.

### **Minha infância, minha vida, minha história**

Meu nome é Edmilson de França e Silva, tenho sessenta e dois anos, nasci em quatro de julho de cinquenta e três. Sou nascido e criado aqui na comunidade do Coque, chamada Joana Bezerra, e tenho uma história pra contar a respeito da minha vida, que não foi muito fácil aqui dentro.

Quando eu era adolescente, as dificuldades financeiras pra sobreviver era muito complicada porque faltava alimentação, colégio era com dificuldade, as vezes eu queria ir pra escola não podia ir porque era uma roupa pra mim e para o meu irmão pra dividir pros dois.

O sapato era um conga que tinha que dividir às vezes e, se um atrasasse o outro não ia, meus pais eram muito pobres, pessoas vindo do interior, nas área da mata, a minha mãe e meu pai de Vertentes, e quando vieram pra aqui pra Recife.

Eu sou nascido e criado aqui vieram pra aqui, muita dificuldade pra sobreviver, que o desemprego também era muito grande, que não era fácil achar a vida da gente, o meu pai, era vigia dessa propriedade que hoje tem o nome Joana Bezerra, que era Dona Ster e Seu Estegum, pessoas que não existem mais, hoje faleceram.

Meu pai sobrevivia com muita dificuldade, às vezes eu saía sem comer, pra pegar merenda no colégio, que era pouquinho mas, tinha um leite, um pedaço de pão e hoje tá melhor. Mas, as pessoas não tão dando valor ao que tem hoje.

Tem tudo de bom, recebe bolsa família, material didático e naquele tempo não tinha nada disso! Era uma folha de caderno, quando chegava no colégio pra mim escrever, não podia comprar uma borracha, porque, tinha que ser com um pedaço de miolo de pão pra poder apagar quando errava, e tinha muito respeito com os diretor com os professores, com a mãe dos alunos quando chegavam, a gente tinha que cumprimentar, levantar, antes

da gente entrar no colégio ou sempre que fosse, a gente tínhamos que cantar o hino da bandeira, o hino nacional, tinha que cantar isso todos os dias, rezar pra poder entrar na sala de aula. Rezava o Pai Nosso, Ave Maria, hoje as pessoas não fazem mais isso, a cultura acabou! Por isso que nós estamos num país que é tanta violência.

Aqui na nossa comunidade a dificuldade é muito grande, hoje apesar de tanto desenvolvimento, a marginalidade cresceu muito, muitas crianças, muitos adolescentes usando as drogas, usando pedra de crack, usando maconha, no meu tempo não existia isso, se existia era muito escondido.

A minha escola era um colégio assim particular pagava uma taxa pra estudar a carta de abc, aprender a, e, i, o, u e essas coisas.

E, de antemão aí passei pra eu estudar no colégio que hoje não existe mais, era Pão Duro, uma que a gente estudava lá, era um clube, que tinha Pão Duro. E, a gente estudava lá, num clube que tinha Pão Duro na Rua Imperial, depois passei pra estudar lá no sindicato da rua da Concórdia no sindicato dos caminhoneiros, passei a estudar no Investigador da luz, na igreja de São José.

Ah, eu tinha uns nove anos de idade quando fui pra esse Pão Duro. Era um clube muito simples, muito simples mesmo, tinha uma professora, as carteiras que a gente sentava era tudo deteriorada, não tinha, mas a gente fazia o que podia fazer, era pertinho de casa, num fazia muito perigo pra gente ir, a gente ia sozinho mesmo, mas é, tinha muita gente tinha, tinha muitos alunos, era uma sala pra todo mundo não tinha divisão de nada, todo mundo junto.

Depois, passei a estudar no Investigador da luz, hoje não existe mais. Era na Dantas Barreto, foi demolido, era uma escola, era um centro espírita. Ficou muito tempo por lá, mas só que já foi demolido.

Lá era bom, era um primeiro andar, um negócio bem organizado, já era melhor! Cada um tinha sua sala de aula, não era só um lugar pra todos alunos, tinha vários professores, tinha o de matemática, tinha o de história, tudo isso existia na época.

Sempre existiu, né? Eu não tive muito tempo pra estudar, pra aprender porque aqui a situação pra mim era trabalho. Pegava água, minha mãe era lavadeira, se tornou lavadeira, era muita dificuldade, não tinha água aqui! Eu tinha que passar à noite todinha, mesmo pequeno, catando água pra poder levar pra casa pra poder encher o tonel.

A água era de galão, pra encher o tonel pra ela lavar a roupa no outro dia, pra poder fazer as entrega da roupa, porque tudo que ela ganhava, o pouco era pra dividir pra gente comer.

O meu pai também trabalhava de vigia. Ele não ganhava muito dinheiro na época, era na própria propriedade aqui em Joana Bezerra. A dificuldade da gente era muito grande, muito grande! A dificuldade financeira, passei muita fome. Fome! Eu vou falar a verdade, fui até guia de cego, eu fui guia de cego, eu ia pros mercados (choro). Muito difícil, muito, muito mesmo!

Mas, não consegui manter um grau de estudo, porque não tinha como. Porque ou fazia assim para ajudar minha mãe a pegar água para lavar roupa e também ajudar a entregar e buscar as trouxas na cabeça. Era lá na cidade, as roupas das pessoas que tinham condições de pagar uma lavadeira.

Era muita dificuldade mesmo! Quando eu chegava às vezes não tinha nem o que comer, mas o tempo foi passando, foi passando (...).

Ainda tinha uns doze anos de idade quando fui pra essa escola Investigador da luz, mas, não tinha tempo de estudar direito, porque eu dormia muito na sala de aula, porque eu tinha que passar a noite acordado pra poder juntar água pra levar pra casa e era tudo distante.

Eu pegava água no campo do Sport na praça do leão na Burriona. Hoje, não existe mais! É quase perto da cidade, também ia pegar água no mercado de Afogados, a gente fazia isso, atravessava uma ponte que tinha chamada Ponte do Galo que não existe mais, que era uma ponte de ferro com muito perigo mesmo! Porque podia chegar até a matar. Não era lugar apropriado pra você, pra você transitar. E, eu ia pro mercado apanhar tomate, pra poder comer. Eu comia pirão de café, que se fazia assim: botava o café e botava farinha em cima, fazia aquele pirão e comia.

Café, o pó, aí fazia o café e depois botava o pó no prato com farinha, mexia e depois comia. É, com farinha! Botava no prato mexia aquilo ali e comia. Olha, a fome é quem fala mais alto, é diferente mas, a fome (...) Hoje graças a Deus eu vivo melhor mas, passei muita necessidade.

Minha última escola foi na Cabanga, Almirante Soares Dutra, aqui perto do quartel do exército. Mas, só que lá eu não aprendi muita coisa, porque eu não tinha tempo mesmo!

Eu ia estudar, mas só que, eu cansado, que eu sempre trabalhei desde pequeno, trabalhei, não parava não, eu ia pegar açúcar nos armazéns, porque naquela época era muito bom! Você chegava no armazém assim, os calungas, aquele pessoal que trabalhava descarregando o açúcar, ele dava a você. A gente levava água pra eles e eles abriam o

saco, cortava e enchia as vasilhas da gente de açúcar, de café, de feijão, o que eles fossem descarregar eles ajudavam a gente.

Eu também ia pro quartel pega o comer. O quartel, naquela época, tinha um comer, hoje não tem nada nem pros soldados! (risos). Mas, naquele tempo, chegava lá com uma vasilha assim de manhã cedo na hora do almoço ele botava feijão, arroz, carne pra gente trazer pra casa, a tardezinha ele pegava sopa dava sopa com pão pra gente nas panelinhas, sempre tinha uma maneira da gente sobreviver pra não entrar na vida errada e não partir para o outro lado.

Porque a vida que eu passei se fosse hoje ninguém aguentaria não. Porque hoje tem tudo e fazem o que fazem, vão assaltar, vão matar. Hoje eles não aguentavam a minha situação que eu passei não.

A escola Soares Dutra era grande, tinha muitas salas de aula, era bonita, ainda existe hoje na Cabanga. Tudo bem arrumadinho, era boa, era! O Investigador da luz, o Almirante Soares Dutra, o sindicato na Rua da Concórdia, e a igreja de São José era tudo bem arrumado!

Eu estudava lá, era a 4ª série primária, não pude fazer mais. Era boa visse, professora muito boa, todas elas eram professoras boas. Eu me lembro, uma era Dona Benés, a mais velha, na verdade acho que não me lembro mais não, só me lembro da mais velha, que foi do Pão Duro.

Nossa senhora! Ela era muito gente boa mesmo! Todas elas era gente boa, não maltratava a gente, certo, porque, se educava, porque se tinha o respeito, se tratava com respeito, a gente não podia falar na hora da aula, como eu estudei em escolas que era aqui na comunidade mesmo, que você não tinha banheiro não tinha saneamento básico não tinha nada, você pegava o seixo no birô, e ia no banheiro não podia perder aquele seixo, aquele seixo não tivesse lá na mesa, tipo, porque tinha gente no banheiro e você esperava. Era um negócio, tudo tinha um controle, pra não sair nada errado.

E, no Almirante foi muito bom quando eu passei lá porque o tempo que eu passei estudando lá foi muito bom! Muito bom mesmo! Porque lá tinha merenda tinha tudo e aí depois deixei de estudar por conta que eu não queria mais estudar porque eu não tinha mais tempo fui vender jornal ser jornaleiro, fui ser engraxate na rua, engraxeí sapato na rua.

É, mesmo estudando, eu engraxava sapato, ia vender jornal, isso eu tinha uns dez anos. Eu chegava na cidade e tinha uma banca de jornal do pessoal, que ficava atrás dos

correios, eu vinha pra parte da frente não sabia mais retornar, ficava perdido, porque naquele tempo a gente não tinha noção de hoje que os meninos têm.

Os meninos são muito inteligentes, eles marcam tudo, gravam tudo, pega um celular e sabem mexer em tudo, eu mesmo não sei mexer. Porque a minha geração é outra, mais atrasada.

E, hoje eles têm tudo pra evoluir, pra poder ter um aprendizado melhor, só não aprende quem não quer hoje, porque tem tudo!

Com dez anos eu era engraxate, vendia Jornal do Samba, vendia, engraxava sapato, vendia jornal, Diário da noite, existia o Diário da manhã que hoje não existe mais, Diário da manhã que acabou-se, Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, logo cedo eu ia pra lá.

Eu era uma pessoa inteligente, mas só que o cansaço não deixava que eu conseguisse fazer, conseguir meus objetivos, que era estudar porque, perdi muita oportunidade, depois que cresci. Fui ficando com dezesseis, dezessete anos e foi difícil arrumar emprego porque eu não sabia muita coisa, eu não sei fazer, sei ler, escrever um pouquinho, escrevo, mas, quem me ensinou foi um colega meu, que estudava no colégio Almirante Soares Dutra.

O que ele fazia, ele sentava na praça Sérgio Loreto e começava a me ensinar as letras, assim eu juntava as letras, formava as palavras, aprendi a ler com ele, quer dizer dentro da escola mesmo, não aprendi!

As professoras ensinaram sim, mas, só que não tinha jeito porque eu às vezes brincava muito. Bagunçava às vezes um pouquinho. Ficava de castigo, assim bagunçava com os colegas, jogava aqueles aviõezinhos, aquelas bolinhas de papel, daí a gente ficava de castigo de joelho às vezes.

Ficava olhando para o quadro, tinha que botar num papel assim: tem que ser comportado na sala de aula, duzentas vezes, trezentas vezes. Eu escrevia devagar, aí terminava o horário de largar e chegava o outro da tarde, da noite e eu tava lá, escrevendo; tem que ser bem comportado na sala de aula.

Eu bagunçava não! (risos). É, brincava, abusava com as meninas puxava o cabelo das meninas, os colegas que perturbava, aquela coisa, né? Pronto, porque se eu for estudar eu num, até pra brincar, não podia brincar quando chegava em casa ia trabalhar. Às vezes jogava bola, joguei assim peladinha com os meninos, brincava de luta, na escola não!

Na escola não tinha quadra, não tinha educação física. Nessa turma não tinha. Não tinha nada disso não!

Ah, a escola era muito boa, tinha uma visão de tudo de bom ali, só que eu não consegui muita coisa, porque tinha a professora, ensinava bem, educava a gente, como fazer respeitar os mais velhos, dar boa noite, rezar, tinha cadeiras, tudo arrumado, quadro negro, tudo arrumado, era tudo organizado, tinha a diretoria, tinha tudo! Mas, só que infelizmente não cheguei aos meus objetivos. Fiz até a 4ª série primária, era 1ª série, 2ª série, 3ª série, 4ª série.

Quando eu saí da escola, eu fiquei assim trabalhando, fazendo biscate, uma coisa, aí às vezes, até levava meus filhos pequenos (...).

Sim, tinha tudo na escola pra mim, agora só que eu não tinha porque quando eu saí do colégio eu fui fazer o quê? Fui trabalhar de pedreiro, de ajudante, aí fui fazer umas besteirinhas, criar meus meninos, criar meus meninos pra poder aprender alguma coisa comigo, aprenderam muito com tudo, mas, botei pra estudar, tem Elisângela hoje minha filha aí graças a Deus tá terminando psicologia, né? Tem Monik, que eu criei.

Eu casei com Elzinha com dezesseis anos. Eu me juntei aos dezesseis anos. Foi, sempre ela, tem quarenta e três anos já, estamos juntos, aí o que acontece, de antemão, foi construindo a família nasceu o primeiro filho que é Mônica, que não mora aqui com a gente, que é a mãe de Monik e Moniely.

Ela mora lá pro lado de Abreu e Lima. Eu continuei aqui, morando em casa de aluguel, quando a maré enchia a gente ficava no meio da rua porque aqui, alagava tudo isso aqui, aí ficava nos albergues ali nos quartéis, pra poder ter um lugar pra ficar.

Na época, era muita dificuldade, muita dificuldade, muita fome, muita, muita, muita coisa ruim, mesmo! Eu passei, mas Deus é maravilhoso!

Passei por todas essas dificuldades, criei meus filhos com dificuldade. Hoje eles me agradecem muito pelo pai que eu sou. Mesmo assim, sem saber aprender muita coisa na vida. Mas, aprendi a tomar conta da minha família, dos meus filhos, fui criado aqui no meio da marginalidade, nunca parti pro lado errado. Porque o que não faltava era marginal, sempre teve. Nunca parti pro lado errado, sempre tem.

Ensinei, ensinava meu filho como é que deveria agir na vida, se educar, não se envolver com nada de errado e hoje tão aí graças à Deus. São umas bênçãos pra mim e criei minhas netas. E, hoje eu sou feliz com o pouco que eu tenho, agradeço só a Deus, mas não foi fácil pra mim não!

Quando a gente casou alugamos um barraquinho, foi. A gente morava num barraco. Morava num barraco! Ela arrumou um emprego num restaurante. A mãe dela levava ela, ela ajudava a mãe dela lá, bem nova.



E, eu fui correndo atrás, arrumaram um emprego pra mim de serviços gerais, foi um colega meu, lá no Bandepe, aí fui trabalhar de serviços gerais, comecei a trabalhar, de lá passei pra ser contínuo, fui, fui (...) pronto! Foi abrindo os caminhos pra mim, fui ficando maior idade dezessete anos, dezoito, aí fui trabalhar de vigilante, passei seis anos. Trabalhei doze anos de segurança perto das Pernambucanas. Lá era segurança pessoal dos donos.

Eu tinha dezessete anos quando nasceu meu primeiro filho, dezesseis anos assim que eu fui morar logo, a mulher embuchou logo. Aí, tive o primeiro filho. São (...)

Agora tem uma que não é minha, Mônica. Elzinha já tinha ela. A Mônica, eu criei. Ela tava com oito meses de idade quando passei a tomar conta dela. Tenho Edmílson Filho, que é meu filho, tenho Elisângela, que tá terminando psicologia, tenho Erick, o que trabalha aqui de vigilante no posto médico, tenho Cisinho que abriu uma lojinha, ele tem uma lojinha, trabalha de ajudante, tá melhor de vida hoje também graças a Deus!

A esposa também tá bem. A esposa dele também trabalha é agente de saúde, trabalha num hospital, tem a vida assim, pra vista do que era, hoje estamos bem! Com menos dificuldade de sobrevivência, não era no meu tempo que as coisas eram brava, viu?

Você não tinha uma odonto, não tinha ninguém! Hoje meus dentes, ia tudo cair, porque dentadura arrancava. Não tinha negócio de tratamento, prumo, não sei o quê, não tinha nada disso não! É arrancar mesmo! Dentadura, arrancar!

Era muita dificuldade, muita dificuldade! Criei meus filhos com muita dificuldade mesmo! Eles dizem que eu sou um pai herói.

A Mônica era filha da minha esposa com outra pessoa. É, com outra pessoa. Conheci, conheço ele ainda. É, mas a gente se dá bem. Não tem esse negócio, não! Eu criei Mônica. Mas, sou pai porque Mônica é registrada no meu nome, porque Mônica tinha oito meses de idade, nem estava engatinhando, nem falava.

Mônica teve quatro filhos, Thiago, Willian, Monik e Moniely, os quatro filhos. Mas, os quatro filhos dela, quem criou fomos nós eu e minha mulher. Ela nunca tomou conta, é verdade nunca tomou! Porque ela com quinze anos de idade, naquela época, quinze anos de idade, não tinha responsabilidade não queria responsabilidade com nada, pegou o filho Thiago novinho, assim que ela descansou, foi embora pra São Paulo com a pessoa que ela gostava, deixou o menino novinho aqui pra gente tomar conta, foi embora mesmo!

Quando ela retornou de São Paulo, já vem com outro menino no braço, nem disse pra gente. Um menino novinho, Willian, aí criamos Willian, aí depois veio Monik e Moniely, que cuidei. Elas ficavam ali do outro lado, na casa de Paulina mas nós cuidamos de todos eles. E, não tô arrependido não, pelo que fiz, certo? Porque, eu me sinto um vitorioso.

Porque a vida que eu passei eles já passaram melhor, nunca passaram um pouco da dificuldade que eu passei. Se passou, foi menos. Mas, nunca faltou nada pra eles não, graças a Deus!

A infância de Moniely e Monik não foi, ó, a infância delas também não foi muito boa, porque, tem um tempo que a mãe dela veio morar aqui, veio morar pra tomar conta. Um tempo, mas só que a mãe delas não tinha lugar pra ficar, ficava na casa de um, de outro, eu tinha um barraquinho, aí passei pra mãe dela morar lá, ajeitei e a mãe dela ficou morando.

Ela foi gostar de uma pessoa, mas essa pessoa foi assassinada. Ele era um taxista, ele morava em Candeias. E, a gente tinha montado um piquenique nesse dia e, o que aconteceu (...)

Ele demorou, a gente pegou foi embora, pra Itamaracá no meio do caminho recebemos o telefonema que ele tinha sido assassinado. No ônibus que a gente vinha foi um desespero, né? Mas, continuou a viagem que o sentimento era nosso não era de todo mundo que ia. Assim, mas não era na pele das pessoas que ia conosco. De antemão, fizemos o máximo pra retornar o mais rápido e foi uma coisa muito triste.

Ele era uma pessoa muito boa, ajudou muito ela, arrumou um emprego pra ela. Ele era irmão de Edelson cabelereiro, arrumou emprego pra Mônica e tudo, mas só que ela não queria nada com a vida.

Ele era mais velho que ela. (se referindo à Mônica, mãe de Monik), Mônica era mais nova e não pensava muito, perdeu muita oportunidade na vida. Aí depois, também não estudou, não se importava com as filhas. Pros filhos dela, aí a gente (...)

Mônica cuidou pouco, pouquíssimo das filhas. Quando era adolescente, novinha, ela pegou foi embora deixou, saiu pra gandaia, pra bagaceira, não ligou pros filhos, perdeu o emprego. Ela era namoradeira! Gostava de dançar, de ir pro baile, essas coisas, show e voltava no outro dia. E quem tomava conta das meninas era a gente mesmo! Depois que as meninas foram crescendo mais, foram pra casa de Paulina.

Porque a casa de Paulina tinha mais espaço do que aqui. Aqui era uma casinha só. Só a parte de baixo aqui. É, hoje é grande! Hoje tem essa parte, tem a outra lá de cima, tem uma área lá em cima pra gente brincar. Muito bonzinho. Pronto tá melhor!

Tem os quartos lá em cima, tem a área, tem esse quarto que a minha neta tá morando comigo, a Sabrina, esse quarto ficou pra ela.

Agora, é só agradecer à Deus com a nossa simplicidade. Era uma casinha pequenininha, só tinha um quarto aqui, a cozinha e um banheiro e um terracinho, bem pequenininho, aí eu trabalhei, trabalhei consegui eu trabalhei, eu trabalhei! (se referindo a reforma da casa) Eu construí agora pouco. Eu tô aposentado, eu era vigilante. Aí, hoje eu trabalho na AACD, assim, só como se fosse uma pessoa voluntária, um colaborador, mas só que eles pagam o meu salário por conta disso.

Eu sou uma pessoa que eu ralo muito, saio de quatro e meia da manhã daqui. Eu sou quem organiza tudo lá, aspiro a piscina, abro as portas pra o pessoal que vem do interior entrar com seus filhos pra poder dar um banho, fazer um leite, uma coisa, outra, eu chego sempre cedo, chego bem cedo por conta dessas pessoas.

Eu sou muito solidário com as pessoas, certo. Eu gosto muito de amar meu próximo, se você não ama seu próximo você não ama você. Eu sou assim! Tem que amar a mim mesmo pra amar a pessoa não, tem que amar logo as pessoas pra poder me amar, se eu não gostar de você, não vou gostar de mim. É minha maneira de pensar.

Nesse momento da entrevista, chegou D. Paulina, cumprimentamos, conversamos, rimos um pouco e, logo depois, ela se despediu. Continuamos a conversa com Sr. Edmilson.

As meninas foram pra casa de Paulina porque Paulina tinha mais espaço na casa dela, certo? E, tinha lugar pra acomodar. Paulina é uma pessoa muito boa! Sempre solidarizando com as pessoas, gosta de ajudar, ela ajudou muito também nessa parte. Porque, acolheram as meninas na casa dela, porque daí elas foram crescendo, se entendendo de gente lá. Estudar, foram estudar e lá começaram a desenvolver algumas coisas, alguns trabalhos e hoje se interessaram pelo lado melhor. Porque não era muito fácil.

Sobre estudar, elas sempre foram, a gente botava na escola mas, sempre elas foram pensando de querer estudar de querer crescer.

Gilberto irmão do Sr. Edmilson que havia chegado e, estava no terraço, veio para sala. (Nós o convidamos, pois o mesmo estava querendo ir embora).

Sr. Edmilson explicou: É só assim algumas palavras, certo da dificuldade de vida nossa. Falar da nossa adolescência que não foi fácil. (Continuamos a entrevista).

Paulina veio morar aqui, faz muitos anos. Paulina veio morar aqui, aí pegamos assim uma amizade, tinha o NEIMFA que ela fazia parte.

O NEIMFA antes não tinha casa, um lugar pra ficar. Hoje graças a Deus fica num espaço que ajuda muito a comunidade. Faz um trabalho social, aí eu tinha uma casinha do outro lado que era desocupada, peguei emprestei pro NEIMFA pra ele se acomodar lá.

Comprei uma casinha, quando terminaram eles repassaram pra lá novamente, foi crescendo, foi formando aquele ciclo de amizade. Porque se você não busca fazer algo por alguém, ninguém nunca vai fazer por você.

Graças a Deus foi só contribuição do lado dela. Ela viu também a dificuldade, o espaço não tinha. A casa grande dela, ela pegou puxou as meninas pra lá, ficaram lá, chamando ela de vó Paulina, ela se apegou as meninas não quis deixar mais vir.

Deixei! Porque tá lá e cá. Tá lá, bem pertinho. Se fosse distante eu não deixava não! Mas, tudo dentro de casa praticamente. E, Paulina é uma pessoa que a gente pode confiar. É uma pessoa muito responsável, especial, só em ajudar as pessoas ser assim uma pessoa solidária já é muito coisa. Ela foi muito conosco certo? E, de antemão só tem que agradecer ela também pela contribuição.

Sobre a escola das meninas, fomos nós que matriculou, a mãe dela. Eu trabalhava. Foi Elzinha, porque é mãe. Porque foi quem criou. Mônica não criou, não participou da adolescência delas de nada delas. Essa é a verdade! Aí foram estudando na casa de Paulina, sempre estudando, estudando, aí foi, chegaram o que chegaram hoje graças a Deus.

Quem incentivou Monik a fazer universidade foi ela mesmo. Partiu dela mesmo. De Monik, porque foi uma escolha dela. Tanto ela como Moniely. Parece que não fez universidade, (dúvida sobre se Moniely fez universidade).

Não sei. Sei que ela formou-se também. Monik formou-se em Turismo, viajou um pouco. Conheceu alguns lugares fora do Brasil. Alemanha, Amsterdã, fica tudo perto.

Quando ela viajou, ah foi triste. Porque a gente tem que separar de uma pessoa que a gente gostava muito queria muito ao nosso lado, chegou o momento que ela tinha que partir, em busca de conhecimento.

Os lugares, porque uma pessoa que faz turismo, tem que conhecer os lugares. E, ela foi atrás dos objetivos dela com muita dificuldade, conseguiu os padrinhos e foi embora, passou um tempão lá. E, as pessoas até hoje se comunicam com ela. E se

comunica com ela porque gostaram muito da pessoa dela e ela seguiu os objetivos. Monik estuda ainda porque ela não para de estudar. Sempre tem que ir atrás de coisas melhores.

Monik e Moniely, estudava as duas juntas (tentando lembrar), eu não tô lembrado, era em Afogados, o colégio não tô lembrado o nome do colégio, era perto da Souza cruz. Ali o colégio que tinha, particular ela estudava.

É Amaury de Medeiros. É estadual. É do Estado. É ali foi de estadual não foi pago não. O que era pago era aquele outro colégio que eu esqueço hoje, que é depois da Praça do Trabalho, tem um colégio ali que era pago, que estudou, Mônica estudou lá, eu não lembro daquele colégio, era perto da Casa das Crianças, um hospital que tinha, Panamericano, parece que é Panamericano, o colégio, parece que é, uma coisa assim.

Elas foram criadas assim, ficava lá e cá direto, porque tanto ficava dormia aqui com a gente como ficava na casa de Paulina, até que um dia Paulina resolveu que elas ficassem lá definitivamente ai elas ficaram.

Poxa, faz tempo, muito (...) Monik, parece que tinha uns dez anos de idade, por ai, dez anos, eu já tô ficando coroa já! (risos). É, o tempo passou, é o tempo passou e hoje tem a vida dela. Tem a liberdade dela. Tem conhecimento, sabe escolher o que é bom pra ela e o que não é. Isso é muito importante!

Fiquei sabendo que existia a universidade, a universidade eu vim saber através das pessoas, da televisão, do meio de comunicação que nós temos que é televisão que é o maior que nós temos até hoje, a universidade, vestibular, essas coisas eu não sabia o que era vestibular, o que era universidade, faculdade, isso eu não sabia de nada disso, a gente vai aprendendo com o tempo, vai vendo na televisão a universidade.

O que é universidade, é assim, o que é vestibular eu não sabia o que era vestibular, aí foram repassando pra gente, e ai a gente foi tomando conhecimento de cada coisa que servia, tem que passar no vestibular, tem que ir pra faculdade, tudo isso, universidade, tal, essas coisas todas.

De antemão, para se formar, tem que estudar muito pra poder se formar chegar aos seus objetivos porque senão não chega. De antemão, eu sei que elas conseguiram o que queria através da universidade. Faculdade, universidade, chegaram e tão aí hoje. A Monik e a Moniely, Elisângela também, porque tá terminando.

É, sobre os meus filhos eu tenho Mônica, não Mônica não, Mônica pode ser (...) Mônica, mas é porque é registrada no meu nome. Mônica, Elisângela, tenho Edmilson Filho e tenho Erick de França e Silva, são quatro filhos, mas tenho mais dois que eu criei

de Mônica. Que é Willian e Thiago. Quer dizer são quatro, oito (...) é criei os netos também, são oito.

Eu e Gilberto, somos irmãos, nascido e criado aqui, Gilberto de França, Gilberto tem uma vida melhor. Foi criado junto! Desde pequeno foi criado, mas tem uma vida melhor mas, ele conseguiu estudar e aprendeu.

Morávamos aqui, nascemos aqui. E, nossa família era humilde, muito humilde, e o que acontece é que o meu pai. O nosso pai, ele era uma pessoa muito culta, ele foi seminarista.

Ele tinha uma formação educativa muito boa, só que ele não passou pros filhos, por força de oportunidade financeira também. Creio eu! O meu pai, tinha doença mas, também tinha o outro lado que ele era muito mulherengo e, a gente ficava um pouco esquecido. É, também, exatamente, também ocorreu isso.

Teve esse aspecto, foi, ele realmente era uma pessoa boa, mas batia na gente, é batia! Ele só não batia mais porque nós corríamos. Veja bem, eu fui criado e registrado no nome da mãe de Gilberto, a gente somos irmão de criação, fomos criados juntos, porque minha mãe, na época era lavadeira também.

Nós somos primos legítimos, primos legítimos e irmão de criação. Fomos criados por um mesmo, debaixo do mesmo teto. Nós nascemos na mesma casa e nos criamos no mesmo teto. Meu pai era pai de todos!

Era um pai exemplar agora teve um período como nós estamos falando que ele se voltou muito a namorar, certo? Ele esqueceu um pouco a família e nós sofremos por isso. A gente fomos o esteio da casa.

A minha tia era lavadeira e minha mãe trabalhava em casa de família, de lavadeira só que é aquela lavadeira que ficava direto na casa da pessoa. Todos os dias tinha que tá lá, aí o que acontece, eu fui criado pela mãe de Gilberto enquanto minha mãe trabalhava, tá entendendo? A mãe de Gilberto e o pai de Gilberto me registrou.

Eu não conheci meu pai, cresci sem pai. Meu pai é o pai de Gilberto, pronto! E o que acontece, de antemão, nenhum dos meus irmãos conheceram o pai. São três irmãos assim, legítimos. Mas, nenhum teve assim a satisfação de conhecer seu pai.

A mãe sempre guardou em silêncio. Eu não sei se eu sou filho do próprio pai de Gilberto com a minha mãe (risos), é eu não sei!

A turma diz que eu pareço muito com ele. O pessoal falava: você é filho de Bryan, você é filho de fulano de tal, você é filho de (...) me davam tanto pai que na realidade eu não sabia nem quem era meu pai certo? e até hoje eu não sei.

Meu pai começou a ganhar o mundo atrás de outras mulheres e a gente fez a vez de pai eu fiz a vez de pai, aí eu que corria pro quartel pegar comer, eu ía pegar pão, não tinha o que comer, comia molho de tomate.

Comia molho de tomate, cozinhava tomate, aí fazia aquele caldo tomava como se fosse uma sopa, pirão de café, mexia, tinha cuidado pra não esquentar e comia, ninguém nunca morreu nunca partiu para o lado errado, tamo aqui sadio, vivo com sessenta e dois anos graças a Deus.

O Coque tem uma história muito boa, apesar da dificuldade, a dificuldade que eu nasci, me criei, criei meus filhos, tem muitas pessoas conhecidas que me ajudaram muito que eu consegui na minha infância, isso aqui tudo era maré e mangue, aqui não tinha casa, no tempo ainda não tinha, o trem que tinha era Maria Fumaça, que era a vapor, certo?

Água, não tínhamos água. Energia, era candeeiro. Dormia numa cama de lona que antigamente se fazia. Uma esteira daquela que botava no chão. A luz era, tinha que usar aqueles candeeiros. Fogo a gás não tinha, só à lenha, nem carvão ninguém podia comprar.

A gente tinha umas palafitas que a gente quando precisava fazer número um número dois a gente ia pra aquelas palafita dentro da maré com uma pontezinha que a gente fazia de madeira, fazia lá, número um e número dois, naquele tempo não precisava nem papel. Papel que não existia nem papel, era jornal mesmo!

Quando não tinha água era que a água subia e, era uma situação meio complicada. E, a dificuldade também era muito séria! Muito séria mesmo, muito séria! Muitas vezes, eu tava dormindo no chão e Gilberto tava na sala no chão dormindo, quando vê a casa tá cheia d'água a gente dormindo, não tinha cama. Dormia no chão, numa esteira de capim que tinha.

É tudo assim, não tinha, não tinha cadeira, não tinha nada não! Era um banquinho de madeira, uma mesinha de madeira, pra tomar café, aqueles caneco daquele material que quando batia no chão, estralava todinho, ágata. Ágata, o nome assim que chama, é tipo uma louça. É um que bate no chão que estralava todinho soltava as tintas, cuidado pra não bater, cuidado pra não derrubar o caneco!

E quando veio chegar um fogão à gás na minha casa, na casa que a gente morava, foi um fogão jacaré<sup>11</sup> à querosene. É, tinha um pavio assim que botava o gás dentro, depois chegou um melhorzinho de duas bocas à querosene. Antes, cozinhava à lenha, catava lenha, porque não tinha. Eu era pequeno, sete, oito anos coisa assim. O fogão

---

<sup>11</sup> Fogão jacaré, segundo o narrador, é um tipo de fogão antigo que sua aparência lembrava uma boca de jacaré.

chegou era antigo tinha doze anos. Chegou o fogão, é aquele fogão, aquele fogãozinho, de carvão, aquele de jacaré que tinha o gás, botava o gás. É assim, aí veio com o tempo.

Aqui no Coque teve uma grande cheia. O pessoal foi embora e depois foi voltando novamente, aí fizemos o cadastramento da gente, fizeram. Aí tivemos um fogão, e um bujão e dois bujão à gás e pra usar era complicado, porque todo mundo tinha medo, cuidado pra num explodir.

Era uma complicação tão grande que tinha até medo de encostar, não sabia se cozinhasse no fogão à gás ou se cozinhasse à lenha, preferia cozinhar à lenha. Que o medo era muito grande!

O terror que a turma botava. E, a gente não tinha televisão. Lá em casa tinha um radiozinho, parecia até uma bateria de carro, pequenininho ABC, naquele tempo a voz de ouro. Eu era pirraia! E, tinha pessoas que tinha baixo-falante, trazia um rádio baixo-falante<sup>12</sup>, que colocavam as antenas na maré, não sei como é que o pessoal fazia. Era inteligente naquela época!

Às vezes, eu ficava assim, pensando como é que eles faziam aquilo ali. Duas antenas bem alto mesmo eles botava um fio amarrado e trazia uma parte pra dentro de casa, eles botava o rádio que eles fazia, que eles mesmo fabricavam, eles faziam. Tinha pessoas que fazia o rádio.

Depois de um tempo, eu cheguei a ser presidente da comunidade, mesmo sem um estudo, mas pela minha pessoa, pelo meu trabalho, cheguei a ser delegado do orçamento participativo, não era com dez votos, com mil votos, a população votando em mim que era muita coisa, cheguei a ser representante do Coque na COMU, no pré-ZEIS e eu passei pelo processo aqui, tanto que o povo queria que eu participasse e sempre votava tudo em mim.

Eu apoiei ao PMDB, ultimamente tava com o PSB, que era o partido de Eduardo e de Geraldo Júlio, esse pessoal aí, mas hoje eu tô um pouco afastado porque eu tô vendo uma política tão desgastada, tantas coisas erradas!

Eu, tinha uma escola de samba, aqui na comunidade que era Grêmio Recreativo Estação Primeira Joana Bezerra, só que eu formei uma associação, porque era Grêmio Recreativo e o nome dessa escola. A escola acabou mas, ficou a história.

Sempre as pessoas precisando de um registro, eu vinha fazia um, através de um, de um papel ofício que eu tinha com CNPJ, tudo direitinho. Ainda faço esse trabalho, que

---

<sup>12</sup> Quando a narradora falou baixo-falante, na realidade estava se referindo ao aparelho de som chamado de alto-falante.



é um registro eu venho aqui corro atrás, quer uma identidade, não tem condições financeiras de pagar o atestado de pobreza eu faço esse trabalho, mas eu tenho saído mais do trabalho comunitário com as pessoas que eu tava antes porque eu vi muitas coisas, muita gente fazendo as coisas erradas e não era do meu partido não.

Eu não gostava disso, a gente tem que ser sincero. Se você não quiser fazer não faça. Agora, não faça errado pra ninguém não! Vamos fazer o certo! Porque eu aprendi assim, que nem eu te falei, respeitar os mais velhos, dar boa noite, chegar no colégio cantar o hino nacional, o hino da bandeira, rezar, respeitar diretor, professor, as mães que chegava, a gente tinha que levantar, pra quem chegasse na sala de aula, eu já fiz muitas coisas boas, me eduquei e é muita coisa que eu tenho. Logo depois, finalizamos a conversa.

#### **4.1.3 Andréa: uma vizinha que é tia, irmã adotiva, amiga e confidente de Monik**

No dia treze de outubro de 2015 fui ao encontro de Andréa, irmã adotiva de Monik, ou melhor, tia. Pois é assim que Monik a chama, tia Déa.

A entrevista estava marcada às quatorze horas. Liguei um pouco antes para confirmar o horário combinado. Perguntei se ela preferia que eu fosse até sua casa, mas preferiu que a entrevista fosse realizada na casa de Dona Paulina, lugar onde no período moravam Monik e Moniely.

No caminho que percorri até a casa de Dona Paulina fui observando as ruas, as casas e o movimento das pessoas.

Como sempre, o intenso movimento das ruas e suas misturas, bicicletas, carros, motos, carroças puxadas por cavalos, pessoas, alguns cachorros. Ao chegar na rua Eunápolis, conhecida como a rua do Sambão, comecei a observar as casas coloridas, algumas de dois andares, outras bem pequenas, mas todas muito próximas. Essa rua é muito estreita, mas, extensa. Ali moram muitas famílias. Bom, fiquei cerca de cinco minutos aguardando a chegada de Andréa.

Andréa chegou acompanhada de seu filho mais novo, logo entramos, ela me convidou a sentar no sofá. Ficamos na sala. Me apresentei e expliquei o porquê da entrevista, solicitei a autorização para a publicação e questionei sobre a possibilidade de ocultar ou manter seu nome na pesquisa. A mesma afirmou que gostaria de manter seu nome. Fizemos uma breve conversa e logo depois iniciamos a entrevista.

## **Um momento de lembranças e relatos de vida**

Meu nome é Andréa Santana da Silva Oliveira, tenho trinta e sete anos. Na minha infância, a gente morava lá na rua da Zoadá, era lá dentro, então o que eu lembro da minha infância era muita gente, é a família muito junto, eu gostava muito de rua, de ficar na rua, de brincar na rua, então a gente brincava de boneca.

Agente não tinha condições, a boneca era de tijolo, isso era as bonecas da gente! Brincava de desfile, sempre de casinha, de cozinhar resto, pegava resto de comida de casa e brincava, essas brincadeiras mesmo de rua, se esconder, papagaio, bola de gude, coisas que hoje você vê pouquíssimo.

Da minha infância, de brincadeiras era assim. Agora da escola, pouco eu me lembro da minha educação infantil. Eu trabalho com educação infantil, coisas que eu vivencio com os meninos hoje, eu não lembro muito na minha infância de que eu tinha vivido.

Então, antigamente você entrava na escola com sete anos, a gente estudava em escola de bairro, e era muito exigente. A primeira escola eu não lembro o nome. Eu lembro a que eu entrei que foi o Amaury de Medeiros, eu tinha sete anos. A escola de bairro assim, eu não lembro, eu fiquei no Croclube.

Eu me lembro que eu participava do Croclube que é ali na rua do Campo tinha uma associação, esse eu me lembro. A escola era uma escolinha pequena que as professoras de bairro ensinavam e a gente participava, eu lembro de Marilene. Sim, ela ensinava em casa mesmo, no terraço com as cadeiras que elas conseguiam de doação, ou era cadeira ou era mesa, a gente ficava no círculo, com elas, mas não tinha grande coisas não, na escola não.

Depois eu fui pra a Escola Amaury de Medeiros com sete anos, mas por exemplo, a minha entrada no Amaury, com sete anos eu não consigo assim dizer o que vivenciei, as lembranças não consigo lembrar do que vi antes, nessas escolas. Era um pouco, era muita cópia, desenho pra mimeografar pra gente pintar, já vinha o desenho pronto. Mas dentro do Amaury eu me lembro um pouco assim da sala.

Gostava muito do Amaury. Era bonita. Eu lembro um pouco da sala de como era a sala da educação infantil, mas por exemplo a professora, eu não lembro. Eu lembro da professora da minha 3ª série em diante, na 3ª série eu tinha a professora Maria José, é a bem carrasca, carrasca mesmo! Era pau, se não fizesse ela puxava a orelha, danava reguada na mão, mas assim, eu gostava do jeito que ela ensinava. Que ela puxava muito,

né? Tanto a Maria José que ensinava no bairro, todas duas puxavam muito, pra gente aprender mesmo a ler.

Depois dessa da 3ª série, vem a da 5ª série, porque aí como eu gostava de estudar, eu gostava de tá lendo, minha mãe sempre dizia: “tem que estudar, tem que estudar, se não estudar não é ninguém, não é ninguém, se não se educar, não tiver educação, não tiver um estudo não vai ser ninguém na vida”. É ela dizia sempre.

Hoje às vezes ela reclama, ela dizia tanto isso, qualquer dia eu ainda vou dizer isso a ela, que ela diz que eu não venho aqui, que eu moro aqui, (se referindo à casa de sua mãe) às vezes eu não venho aqui, porque eu tô estudando. É que se eu vim aqui, eu fico conversando tudinho e eu não faço o que tem que fazer. Qualquer dia eu vou dizer a ela: “a senhora não diz que tem que estudar, agora eu tô estudando, a senhora fica querendo minha presença aqui, que eu fique aqui”.

Na 5ª série também, Marli Gama que era de matemática, também ela bem rígida, mas, assim são professoras que marcaram muito até a forma de (...) apesar de não trazer traços de como fui ensinada pra o que eu aprendi, né? O que eu ensino hoje pros meninos.

Mas, ela era professora de matemática, então a gente tinha tabuada toda semana, aí se não soubesse que ela pegava de surpresa assim, tanto, tanto, cinco vezes oito, se você não respondesse ela danava a régua, você apanhava (...)

Hoje, eu acho isso um absurdo! Naquela época eu achava um absurdo mas, como todo mundo, todos os alunos, todo mundo apanhava e ninguém, assim os pais não se preocupavam, achava que era (...)

E hoje você ainda encontra em algumas escolas, né? Não bater, mas certos tipos de atitudes de professor que os pais concordam, dizem assim: “faz mesmo, bota de castigo, bote cheirando pra parede” ou ficando pra parede, cheirar a parede. Eu nunca fui pro milho, é eu era danada na escola, ficava perturbando na sala, conversando, brincando com um grupinho assim, eu gostava sempre de sentar lá atrás, não gostava muito de sentar na frente, sentava sempre ou no meio da sala ou lá atrás com um grupo.

Era conversa, conversa e brincadeira, mas assim, eu nunca deixava de fazer as tarefas, de fazer as atividades, de fazer os trabalhos, estudar pra prova, eu sempre parava pra estudar para provas, eu não repetia de ano. Eu fui um único ano pra final, foi em geografia, foi na 7ª série, mas nunca repeti de ano.

Eu brincava na escola, eu participava, eu gostava da educação física, que tinha um professor Paulino, então ele treinava a gente para atletismo. Eu tinha uns onze anos, aí eu participava dessa atividade de corrida, aí era corrida de cem metros, correr arrodando o

Amaury de Medeiros, ele botava a gente pra correr, arrodando a escola, tiro ao alvo, essas coisas.

Eu desfilava, eu gostava de dançar, tinha desfile, antes da gente entrar na escola tinha o canto do hino, lá no Amaury, antes de entrar tinha o hino e tinha a oração, só entrava pra sala depois que fizesse isso. Eu gostava, me lembro da farda, aquelas sainhas de prega azul e a camisa branca, a gente quando era sete de setembro a escola ia desfilar, aí eu ia desfilar. Depois do Amaury, eu fiquei no Amaury até a 8ª série, porque só tinha até a 8ª série.

Eu não fui muito namorada não, eu acho que eu tive uns três ou quatro namorados, não foi muito. Assim, a gente saía muito pro Treze de maio, eu e as meninas, eu Fernanda, minhas primas. A gente saía assim, ou ia pra casa de tia, ou pra praia junto mas, nunca assim fui muito assim de namorar muito.

Depois do Amaury eu passei pra Escola Pedro Augusto, o Pedro Augusto não, o Reitor Municipal. Aí eu terminei, fiz meu 3º ano no Reitor, aí depois que eu fiz o 3º ano aí eu parei, assim, atrelado a isso dentro no Reitor, porque eu sempre dizia que queria ser professora, que eu gostava de ensinar crianças.

Eu fui fazer magistério que só tinha lá no Reitor, eu fiz os três anos lá no Reitor, atrelado a isso eu participava do NEIMFA. Eu participava do NEIMFA como aluna, eu ficava dia de domingo, porque eles tinham um grupo dia de domingo então a gente tinha aula sobre valores humanos, formação humana, eu participava todo domingo.

Até então, não tinha interesse de ensinar dentro do NEIMFA, eu queria ser professora mas, queria ser professora fora. Aí comecei a observar outras professoras dentro do NEIMFA, as aulas, elas dando aula, onde eu comecei, aí comecei a gostar. Com isso, eu fui estagiar nas escolas daqui do bairro.

O que me chamou a atenção nas professoras do NEIMFA foi a forma de acolher os meninos, de dar atenção, da preocupação pra os meninos, aprender a ler. A relação com a família é muito forte, é de outra forma, porque no Reitor, por exemplo, eu estagiei numa sala acho que era 3ª série, que tem essa rivalidade Coque, Coelhos, sempre teve, né?

A professora em sala de aula dizia, quer ver a confusão? O Coque, quem é do Coque é burro. Aí os meninos: “Ê, não, são os dos Coelhos, Coque o quê?” Na sala de aula a professora fazia isso, a professora, eu vi coisas absurdas, no Reitor!

Estagiei no Reitor, passei dois anos estagiando lá. Terminei eu tinha uns dezoito anos, depois que eu terminei o magistério bateu aquela coisa assim, ah não vou estudar

mais não, não quero mais estudar, já fiz! Agora, eu vou procurar um emprego, trabalhar, casar, ter meus filhos, cuidar da casa.

Casei com vinte e três, acho que eu saí do Reitor acho que uns dezenove assim. Eu casei. Não trabalhava, estava só vivendo de estágio e eu gostava muito de rua, gostava de estar na casa das tias, pouquíssimo eu ficava em casa, só ficava em casa quando não tinha ninguém que me quisesse nas casas. Aí ficava lá na rua do Campo na casa da minha madrinha, aí dançava pastorinho, aí me apresentava, fui rainha do pastorinho, essas coisas assim eu me metia e fazia.

Nesse meio tempo, comecei a participar mais do NEIMFA, que aí surgiu, a gente fez um curso de atendimento ao cliente e depois desse curso alguns foram fazer estágio, outros migraram pra outro curso, eu fui pro educador social. Foi o primeiro curso do NEIMFA que durava cinco anos. Então, aí eu participei desse curso, aí esse curso abriu outros olhares, o meu olhar pra dentro do NEIMFA e voltar de novo o gosto pra estudar.

E fui ver que só o magistério era pouco pra o que eu queria fazer, então se eu quisesse ajudar mais, trabalhar mais com as crianças eu tinha que ir mais, a gente começou a fazer grupo de estudo com Aurino, ele ensinava de manhã a gente.

Às cinco horas da manhã a gente tinha meditação, aí de seis e meia ele ensinava português, aí outra pessoa ensinava biologia pra preparar o grupo quem quisesse, pra fazer o vestibular na Federal. Aí eu fiz o vestibular três anos, não passei, já tava virando trauma.

Aí a instituição pegou se reuniu, os professores, aí fui fazer FAFIRE, aí eu fiz o vestibular da FAFIRE passei na FAFIRE aí fui fazer pedagogia na FAFIRE, eu acho que eu queria tanto entrar na Federal, que eu fiz a FAFIRE, mas assim, contribuiu muito pra minha formação os professores viu, mas era como se não tivesse feito pedagogia. Pois, não era Federal que eu queria tanto entrar na Federal!

Na FAFIRE, dentro da formação, dentro do NEIMFA, eu assumi uma turma na educação infantil no NEIMFA. Aí a gente tinha formação, eu, Lúcia, Alexandre. Alexandre era quem coordenava esse grupo, a gente tinha formação de planejamento com os meninos, porque a ideia inicial era alfabetizar as crianças, então eu comecei observando Lúcia e depois assumi a turma no lugar de Lúcia. Lúcia, trabalha no NEIMFA ela é coordenadora pedagógica.

Mesmo estudando na FAFIRE eu estava no NEIMFA e estagiando porque estudava na FAFIRE a noite. Tem o momento de estágio. Aí eu estagiei no hospital, no IMIP, eu estagiei um tempo, tinha uma escola pra as crianças que ficam internadas,

estagiei naquela escola do lado da Restauração, Barbosa Lima, com crianças especiais, estagiei à tarde. A professora era ótima, ótima mesmo a forma de ensinar.

Aí você vai, quando você vai circulando, aí você vai vendo outras formas de ensinar, muito boa a professora, uma preocupação com os alunos e uma relação muito forte, tanto com os alunos como com a família, de vínculo, e aí vim pra aqui pra a Escola Costa Porto. Eita! Foi um trauma, o primeiro dia no Costa Porto que eu fui assumir a sala de uma professora, aí, quando eu olhei a sala, os meninos, a professora, antes de sair, porque eu pensei que ela ia ficar, né?

A professora me apresentou pros meninos, danou o apagador no quadro pros meninos calar a boca, gritando! E saiu, foi-se embora, disse: “Óia, agora é com você!” eu digo: meu Deus o que vou fazer com os meninos? Tinha uns quarenta meninos na sala da 4ª série, os meninos cada um sabia de uma, um sabia ler, outro não sabia ler, outros querendo brincar, outros querendo perturbar, eu digo: meu Deus! Eu saí nesse dia, no primeiro dia eu saí chorando, disse nunca mais eu volto aqui, eu disse nunca mais eu volto nessa escola, porque pelo amor de Deus (...)

Vim pra casa chorando eu disse: “mainha eu não volto mais pra lá não, eu vou trocar de escola, eu não vou aguentar”, aí mainha disse: “o primeiro dia? É o primeiro desafio, tais pensando que é fácil? Não é fácil, não é assim, aí tu volta lá e vai ver como é que você faz, uma forma de ensinar, no primeiro dia, você pensa que vai encontrar coisas fáceis na vida?

Não vai, você vai encontrar coisas fáceis e difíceis.” Eu disse o que é que eu vou fazer com aqueles meninos? Porque tem essas coisas, né? Quando uma professora sai, outra entra. Os meninos já ficam, aí eu disse assim, eu tenho que primeiro conquistar os meninos pra depois ver como é que eu vou trabalhar com esses meninos.

Aí pegava algumas coisas que eu trazia do NEIMFA, a minha experiência dentro do NEIMFA, de formação de professora mesmo. A Escola Costa Porto é um caldeirão<sup>13</sup>, eu não sei, é um caldeirão assim, um inferno. É um caldeirão, eu não sei como é que ele está agora porque eu acho que agora ele tá um presídio, porque depois que reformaram eu não sei que forma colocaram.

É um caldeirão, um inferno, porque as pessoas, elas acham que os meninos, assim, tratam os meninos como um bicho. Todo mundo se mete, vem quem tá na direção,

---

<sup>13</sup> Quando a narradora se refere à escola como um caldeirão é devido às muitas tensões e conflitos existentes nesse ambiente.

professor, pessoal da cozinha, todos. Eu vi o professor chamar o rapaz da comunidade, líder da comunidade.

A professora vai chamar pra vim tirar o menino de sala de aula, arrastando o menino pela camisa, tinha um tal de corredor, que corredor! Era um corredor do inferno, que era o corredor onde ficavam os meninos que perturbavam em sala de aula.

Todos iam pra esse corredor, ficar nesse corredor, então eles ali no corredor eles faziam de tudo, porque se tirava eles de sala de aula e jogava eles nesse corredor, não tinha o que eles fazer, aí eu fiquei nessa sala (corredor) um bom tempo, aí depois me trocaram de sala.

Era uma sala que chamava de corredor, esse corredor que eu tô te dizendo é assim, era um tipo de uma área, como se fosse um pátio. Era um pátio, tinha os bancos, era uma área como se tivesse tipo de pátio. Os meninos ficavam todos lá! Era muito menino fora de sala de aula, principalmente os meninos, era muito menino ali, eles brigavam (...)

Essa área é no meio da escola, dentro da escola, que tem as salas, aí fica uma área assim no meio. Na hora do recreio, eles iam conversar, jogava eles ali, aí tinha duas pessoas, né? Da secretaria, uma da secretaria, e outra pessoa que ficava responsável pelo grupo daqueles meninos que estava ali solto na sala.

Os meninos brigavam. Não tinha atividade, eles ficavam soltos pelo corredor, fazendo zoadas, entendeu? Aí depois dessa sala, eu fui pra outra sala de 4ª série, aí assumi a outra turma, eu já tinha um jeito, já tinha pegado o molejo e já não queria sair da turma que eu estava.

Os meninos da turma, uns sabiam ler, outros não sabiam, aí a minha preocupação de tentar atender todos, eu dividia os meninos em grupo, quem não sabia ler, eu ia tentar ajudar aprender a ler, mas, como era muito, você acaba, se você ajuda os que não sabem ler e os outros que estão bem? Eles já vão ficando muito solto aí acaba, mas eu consegui criar um vínculo muito forte com esse grupo, que eu tenho um vínculo até hoje. Onde eu encontro ainda me chamam de tia Andréa.

Fui pra outro grupo dos meninos, de outra sala de 4ª série que o rapaz ia sair, aí eu assumi. Com esse grupo, eu já tinha uma relação, tinha muito aluno meu do NEIMFA do domingo que eu ensinava já tinha assumido uma turma do domingo. Então, não foi muito difícil nessa turma.

Fiquei um ano, depois dessa turma, me botaram pro corredor<sup>14</sup>. Pra eu ficar no corredor, nesse pátio, eu digo, meu Deus do céu! O corredor dos meninos que eram mal comportados, dos meninos que não queriam nada com a vida, dos meninos que só vinham pra perturbar na escola, aí eu disse, eu vou ficar no corredor. Vou ficar aqui direto! Porque assim, se eles viam que você se saía bem no corredor lhe deixava lá.

Você ficava no corredor até terminar o estágio, não assumia outra sala não. Porque era gente trocando assim de pessoas, que ficava no corredor, que ninguém queria ficar, ninguém queria ficar.

Nessa época eu acho que eu tinha uns vinte e poucos anos, eu fui pro corredor, no primeiro dia eu fiquei mais observando os meninos, como era que os meninos se comportavam e depois eu fui me aproximando dos meninos, conversando pra saber o porquê, me aproximando pra tentar criar um vínculo pra ver se pelo menos naquele momento que eu estava ali, não ia acontecer nada de anormal, assim, de briga, de ninguém vim tirar menino pra botar pra fora da escola e as mães, por não conhecer assim, às vezes o direito mesmo, achavam que tudo é normal.

Assim, pode tirar, pode botar de castigo, pode arrastar pela camisa, e não é! Foi muito a minha insistência. Já vi o menino sendo arrastado pela camisa, já vi! Por um, não sei se é líder, alguma coisa da comunidade que chamavam porque os professores tinham medo porque os meninos ameaçavam.

Sabia que os professores entravam na comunidade do Coque e, nessa época, tinha muito esse negócio de tiro, que realmente tinha, aí os meninos aproveitavam e às vezes nem era, era só pra fazer o que eles queriam, aí ameaçavam. Os professores tinham medo e chamavam essa pessoa, do lado de fora, pra vir, ele tirava o menino arrastado, pelos braços, pelas mãos.

Na época, a diretora era Mônica. Tinha um senhor que eu esqueci o nome que ele era diretor e Mônica era vice, só que ele ficava só no horário da noite, a gente não encontrava ele, ela era o dia todo e ele era à noite. Eu passei eu acho que uns dois meses ou três no corredor, não voltei mais pra sala de aula, eu disse, vou pedir pra trocar de escola, não vou ficar aqui porque eu vou ficar só no corredor.

Assim, não vou ficar em sala de aula e não vou pegar mais experiência, deu trabalho pra ele me dar minha transferência, o diretor, porque ele não queria dar não. Ele

---

<sup>14</sup> O corredor, o qual a narradora se refere, era um espaço da escola que servia à segregação dos estudantes, um lugar para onde os educandos mais indisciplinados da escola eram direcionados.



gostou do meu trabalho. Mas, eu disse: quero trocar, eu quero ir pro municipal, daí eu fui por muito insistir, fui umas três vezes atrás. Fui pro Municipal do Coque.

Sobre Monik e Moniely foi assim, as meninas, a gente se apegou, primeiro que a mãe dela morava ali na frente, aí gêmeas, né? Gêmeos na rua, duas meninas gêmeas. Todo mundo se encantava. A gente começou a pegar as meninas pra ficar, a gente ficava, depois devolvia, ficava depois devolvia, muito Monik.

A gente ficava porque assim, eram gêmeas, era gêmeas na rua, duas meninas, aí todo mundo queria ficar. Era uma confusão e a gente ficava aqui, ficava muito com Monik, porque era mais bonitinha, gordinha, Moniely era muito doente, vivia muito doente, a gente pegava pouco Moniely, ficava muito com Monik. Monik ficava mais aqui do que Niely .

Aí depois, foi que a gente começou a ver assim que Mônica era meio avuada, a mãe delas, gostava de farra, essas coisas, aí quando Mônica ia sair, vai mãe fica, pega as meninas e trazia pra dormir aqui. A gente foi ficando e cuidando delas tudinho, depois dessa aproximação que a gente foi pegando mais, se aproximou mais de Moniely, mas, o xodó quase de todo mundo era Monik.

Quase todo mundo da rua só queria ficar com Monik, Moniely era a mais ‘chochinha<sup>15</sup>’, só vivia adoentada, quase ninguém queria, aí a gente pegou, ficou com Moniely também. Cuidava, eu ficava, eu dava banho, eu dava de comer, botava pra dormir. Elas eram novinhas, eu acho que Monik e Moniely não tinha nem um ano. Às vezes a mãe dela saía e deixava elas duas dentro de casa dormindo, sozinha, sozinha. Então, a mãe dela era louca naquela época, era louca, eu digo: meu Deus é uma malvadeza mãe, vamos ficar com as meninas a gente fica tomando conta, outro dia ela fica, né?

Aí foram ficando aqui, no começo não tinha nenhuma pretensão assim de elas morar não, porque elas vinham, ficava durante o dia e elas íam pra casa com a mãe. Quando era de noite, se ela fosse sair aí ela pedia e a gente trazia.

Monik se queimou, quando era novinha, aí ficou um bom tempo internada na Restauração. Mas, parecia assim como se fosse filho, filho assim, filho de mãe mesmo, ou filho de uma das irmãs, que ela me chama de tia, daí de nós três, eu sou a única que elas chamam de tia. Aí, mas parecia que era filha de alguma irmã minha. Que aí você pegou pra criar.

---

<sup>15</sup> Chochinha significa magrinha ou muito pequena.

Elas foram ficando, assim quando elas não vinham a gente ia atrás, quando Mônica não trazia, porque tava em casa, a gente ia buscar, aí elas começaram a ficar mais tempo aqui do que com a mãe delas e, nesse meio tempo, a gente começou a acompanhar elas nas escolas, mainha ia pra reunião que as meninas fechava! Arrumavam confusão, pense em duas meninas pra arrumar confusão!

Elas estudaram no Costa Porto, todo dia era queixa, todo dia era queixa! De Monik e Moniely, porque elas brigavam com as meninas, na escola, todo dia era queixa, mainha dizia: eu não vou mais, agora mande sua mãe ir lá, porque eu não vou! Porque vocês arrumam confusão! Não sei o quê (...). Aqui na rua elas brigava também. Era arengueira todas duas. Brigavam por tudo. Uma brincadeira, uma coisa, porque queria brincar e ser líder da brincadeira, por exemplo. Ou passava, se alguém fizesse, alguma coisa dessa, algum risinho, elas já se irritavam.

Da escola elas gostavam, sempre gostaram de estudar, acho muito bonito isso nelas, elas gostam muito de estudar, de ler, todas duas. Moniely não passou no vestibular. Parece que Moniely tentou uns dois anos ou três o vestibular, também não conseguiu passar. Aí desestimulou, né?

Assim, de tentar eu sou mais insistente do que ela, nesse caso. Ela foi fazer o técnico, fez, mas mesmo assim, nunca deixou de estudar, elas sempre tá lendo, dentro de casa, sempre tá lendo, sempre tá escrevendo. Essa questão de estudo é assim!

Monik também, Monik é muito dedicada, tem uma disciplina no estudo, excelente, que eu queria ter um pouco da disciplina que ela tem, porque quando ela disse que ia estudar pro vestibular, ela estudou! Literalmente ela deixou de fazer tudo, tudo, de passear, de sair, tudo, tudo, era de domingo a domingo estudando.

As meninas diziam assim: “vai passear um pouquinho, senão tu vai endoidar de tanto estudar!” “E, estudo endoida, é menina? Ôxe, endoidar o quê? Estuda não!” Mas ela não, literalmente ela se dedicou um ano, tanto prova que ela passou em duas faculdades.

Monik, elas, eu acho que foi o contato mesmo aqui em casa, porque aqui quem ensinava as tarefas da gente era a mãe, assim da escola era ela mesmo e ela sempre deixava, ela dizia sempre o que ela dizia pra gente.

Ela dizia pra elas: vocês tem que estudar, como ela via a confusão delas na escola tudinho, aí dizia: vocês tem que estudar, vocês tão vendo que a mãe de vocês não estudou e tá aí ó, batendo cabeça, não consegue arrumar um emprego direito e se vocês não

querem ter o mesmo destino, tem que estudar, pra conseguir algo na vida, senão, ela sempre dizia isso, ela nunca deixou de dizer.

Mãe estudou até a 5ª série, mas quem ensinava as tarefas minhas, ou da minha irmã, era ela. Em matemática é ótima, é ótima em matemática. Ai eu acho que pode ter sido esse contato. Depois as meninas começaram a participar mais, ajudava a minha irmã mais nova que tinha dificuldade, as meninas também ajudavam nas tarefas, aí a gente que ensinava a tarefa delas.

Ah, nessa época eu fazia a FAFIRE. Elas ficaram sabendo da universidade dentro do NEIMFA, elas foram fazer um curso, eu chamei elas, tinha um curso lá de comunicação, aí como elas gostavam muito, eu disse: ó, Monik, tu e Moniely devia se inscrever nesse curso, porque é bom, é importante, vocês gostam dessa coisa de fotografia.”

Aí elas entraram nesse curso, aí foi conhecendo o pessoal da universidade que vinha. A Rede Coque Vive que vinha fazer esse curso, aí elas começaram a ter outro contato com pessoal da faculdade, tudinho, dentro do NEIMFA, aí começaram assim, eu vou fazer.

Monik começou, foi estagiar no jornal, dentro do jornal, do Diário de Pernambuco, através desse curso ela conheceu outras coisas, outras pessoas, aí foi abrindo, elas foram tentar o vestibular, todas duas.

Elas estudaram primeiro no Costa Porto, depois elas estudaram lá numa escola na Estância, uma escola muito boa também, que elas estudaram, elas participaram do Arte Vida, parece que é Arte Vida.

Elas participaram que também lá puxava muito, além de ter outras coisas, balé, dança, essas coisas, eles puxavam muito pelo estudo. Aí elas participavam do Arte Vida, aí depois do Costa Porto elas foram estudar nessa escola na Estância, uma escola muito boa.

Nessa época da Estância, eu participei pouco. Assim, acompanhei pouco elas, quem ia mais era a mãe, levar, ou uma vizinha levava quando não tinha quem levasse, eu ia levar, eu ia buscar, ficava a gente se dividindo pra levar elas.

Depois elas passaram pro Monsenhor. Mas, daí quando elas foram já pro Monsenhor, elas já sabiam mais ou menos o que iam fazer. Já estavam mais tranquilas,

mesmo ainda arrumando (...). Moniely era muito banda voou<sup>16</sup>. Gostava de se divertir! Monik é muito mais dentro de casa, mais reservada, mas é as duas!

Quando fiquei sabendo que Monik tinha passado na universidade, fiquei muito feliz! Pra mim ela passou era como se eu tivesse passado. Mesmo Moniely fazendo técnico. Mas, eu disse Monik passou na federal logo em duas.

É como se eu tivesse passado, assim então é como se eu dissesse assim eu tô lá, eu tô lá também! Eu me senti representada, que eu sempre disse assim, eu vou entrar na universidade, que a minha ideia era criar uma escola, tentar mudar, como eu passei por todas essas escolas daqui do bairro. Aí via mais ou menos, né?

Tive uma experiência com cada tipo de professor, professores diferentes, eu queria criar outra forma de educar, de ensinar os meninos, dar outra oportunidade. Pra mim quando ela passou, eu não sei o porquê dela escolher esse curso, turismo.

Minha mãe sempre dizia: “eu não sei pra que tu vai fazer turismo, tu devia escolher outra coisa, essa coisa é muito trabalho, não dá muito dinheiro! Pra quê tu vai fazer turismo? Eu não entendo nada desses negócios” mas, eu dizia: deixa mãe, ela não quer, ela gosta de viajar, essas coisas, então deixa. Esse curso é pra isso, aí ela fez.

Quando ela terminou ela não quis fazer formatura, porque o meu sonho era fazer. E, eu nunca tive formatura. Queria botar aquele negócio, botar a roupa, Monik não quis. Monik não quis esse negócio. Ela fez assim, tirou foto com a roupa mas, não quis festa, essas coisas, não quis! Mas, meu sonho ainda vou realizar, pelo menos, vou ver se eu, ou meu filho.

Queira fazer isso! É, eu espero fazer. Ah, tá, pronto! É realizar um sonho, de botar aquele negócio(beca) na cabeça (risos).

Depois eu casei. Mas, nunca deixou da gente tá próximo. Elas ajudaram a criar meus filhos, todas duas, que eu tive de trabalhar, passei um tempo fora e elas ajudavam a mãe a ficar com os meus meninos. Com Júlia. Que é a mais velha, elas que ajudaram a cuidar até de João Pedro.

Depois quando veio João Pedro, elas ajudaram pouco porque aí cada uma ia fazer suas coisas. Mas, quando podia sempre a gente se juntava, assim, muito, eu dizia a ela, que a família dela é muito brigona. E, elas foram criadas assim, basicamente com a gente aqui, elas eram muito brigonas mas, depois elas foram se acalmando e a gente sempre dizia a elas que família, a pessoa não briga com família.

---

<sup>16</sup> Quando a narradora fala em banda voou ela está se referindo a ser desprendida e enfrentar a vida sem muito compromisso.

Família é família! A gente que é família se junta pra brigar com os outros na rua, não família com família, irmã com irmã, quando elas brigam aqui, aí passam uns dias elas duas de mal, mãe fica falando, reclamando e manda conversar com uma, manda conversar com outra, eu fico falando.

É, eu sou a confidente, (risos) fico intermediando elas duas, uma com a outra. Eu disse a última vez que elas se pegaram, eu disse: “se eu fosse mãe, eu pegava as duas e ia meter o pau, ia esfregar a cara uma na outra pra aprender nunca mais brigar”, porque as duas deveria se juntar e brigar com os outros na rua, agora as duas ficar brigando se agarrando dentro de casa não, agora mãe não dá em você, que mãe, cuida.

Elas já grandes, elas se pegam se deixar. Se não ficar em cima elas se pegam. Mãe, quando vê muito pesado vai chamar a vó Elzinha, teve uma vez que Elzinha deu tanto em Niely, deu tanto que me deu pena, Moniely já velha assim.

Niely é a brigona. Monik às vezes diz: a senhora gosta mais de Niely do que de mim, tudo a senhora passa a mão na cabeça de Niely, mas como Moniely é mais brigona, como ela é bem mais reservada, mais quieta eu já sei que Monik não vai muito (risos), é fugir, né?

Arrumar muito problema no meio da rua. A Moniely agora deu uma acalmada, mas Moniely saía quando vinha estava a confusão. Moniely saía quando vinha estava a confusão!

A gente se preocupava mais com ela do que com Monik, ela hoje ainda diz, quando elas duas tá brigando, que eu defendo, que eu gosto mais de Moniely do que dela, aí eu disse: “Não é assim Monik, porque todo mundo é contra Moniely, eu vou ser contra também? Eu não gosto dessas coisas. Todo mundo contra uma pessoa só não pode.”

Assim, eu vou tentar explicar, eu fico intermediando, quando uma tá com um problema, a outra não tá, aí eu venho, converso, elas contam mais as coisas a mim do que a mãe.

Mãe quando vem saber eu já tô sabendo, porque elas ligam, vai lá em casa, eu venho, converso com uma, tento amenizar pra poder elas fazerem as pazes. É, sou a conselheira, eu fico entre o meio delas duas.

Agora Moniely tá com o namorado, Monik trabalhando. Tô doida que Monik arrume um namorado pra ela ver como é bom, né? Arrumou um, não deu certo. Eu queria que ela arrumasse um pra ela também.

Sou casada há quinze anos com João. Eu tinha vinte e dois anos, com um ano depois eu tive Júlia, eu queria ter logo um filho. A experiência de ser mãe é outra coisa.

Aí meu Deus, é outra coisa, é outra coisa porque na época que eu fui criada não é de agora, hoje a coisas é muito diferente.

Eu fui educada assim, sempre respeitar os mais velhos, não responder, mesmo estando certa, eu nunca respondi mãe, nunca nem hoje, mesmo eu vendo que mãe tá errada, que eu tenho que dizer assim: mãe, não é assim, eu não consigo dizer, eu fico calada, vou embora, ou depois eu volto, ó mãe, eu acho que não é assim, mas na hora assim, eu não consigo.

Ninguém ficava respondendo os mais velhos e hoje os meninos de hoje, respondem assim na lata. Eu digo aos meninos de hoje não quero que responda os mais velhos, aí me respondem: ôxe, o jeito de educar é diferente. Às vezes eu quero educar eles igual fui educada.

Mas, hoje também as coisas são diferentes, não posso repetir as mesmas coisas que vivi.

A experiência de ser mãe pra mim foi uma maravilha, assim, Júlia foi uma menina que a gente planejou, foi desejada, tudinho, a gente só tinha ela.

Quando casei fui pra casa. É, eu morava lá do outro lado do canal, morava do outro lado. Aí com um ano eu tive Júlia.

Uma experiência ótima, não tive nenhuma dificuldade com Júlia na escola, assim ela sempre foi inteligente, as meninas me ajudavam, ainda ajuda hoje, né? Em algumas coisas que eu não sei, aí elas ensinam inglês, assim essas coisas. Que eu tenho dificuldade, eu não sei.

O primeiro dia de Júlia na escola, eu consegui uma bolsa pra ela lá no Espinheiro, aí o primeiro dia da escola ela chorou e eu chorei porque eu deixei ela lá e ela ficou chorando, ficou chorando, depois tive um trabalho com Júlia porque como ela é negra e na sala onde ela estudava todas as meninas eram brancas.

Escola particular. Todas as meninas branquinhas do olho azul outros verde. Elas brancas dos olhos claros e só ela de negra, pronto Júlia passou a ter dificuldade na escola sem querer ir. Foi que a gente descobriu o porquê ela não aceitava a cor, não queria ser negra, queria ser branca.

Como participava do NEIMFA, eu falei com Aurino que é psicólogo. Aurino começou a dar livro, a gente leu muito pra Júlia, mostrar a ela, menina bonita do laço de fita, que é de Ana Maria Machado. É lindo, que é a história de um coelho que ele é branco e quer ser negro, porque a menina é negra, aí deu pra ela. A gente começou a mostrar a família dela.

A gente começou a ler, a trabalhar isso, mostrar pra ela que a família dela é toda negra tanto do lado da mãe como do pai e que negro também era bonito e que as pessoas negras também é bonito, cada um, as pessoas nascem diferentes, vai depender da sua família, aí foi trabalhando isso nela, ela tinha sete anos, seis, sete anos.

Hoje ela tem treze anos, já se reconhece mais, mas ainda tem, você ainda percebe a coisa do cabelo, ela tem um cabelo bom, o meu é que é ruim. O cabelo dela é bom, aí ela inventou de pegar agora de dar permanente, derrotou o cabelo, eu disse a ela: “Júlia, não vai, não vai.”. É, o cabelo dela é todo, era todo cacheado, aí a tia dela disse: “Não menina, dá, não sei o quê.”

Aí ela foi na onda da tia, deu. Estragou o cabelo dela, o cabelo dela de bom ficou ruim. Agora pronto, ela só vive com ele amarrado. Eu digo: solta o cabelo Júlia, teu cabelo é bonito, queria eu ter esse cabelo que tu tem, porque o meu é ruim, eu tenho que dar massagem pra poder soltar, que se eu não der, ele é a mesma coisa (se referindo ao filho, João), João assiste carrossel, que tem Davi, que é dos cabelos caracolados, sou Davi, Cirilo nem pensar, ôxe, não, não pode.

Agora tá estudando, estudou na escola, estudou comigo no NEIMFA, no NEIMFA foi pro Josué de Castro, ficou lá até seis anos, agora tá estudando no Rosas de Vento. É aqui em Afogados, na Estrada dos Remédios é particular.

Tá na escola, não quer ser (...) agora, parou mais com essa questão da cor, aí o cabelo, quer deixar o cabelo crescer que ele acha que o cabelo vai crescer vai cair, que ele gosta de cabelo liso assim, aí quer deixar o cabelo crescer porque ele acha que quando crescer vai cair (ficar liso).

É uma briga pra não cortar o cabelo, não cortar, não corta deixa! Os psicólogos lá do NEIMFA, deixa pra ver até onde ele vai aguentar e perceber que ele tem que cortar. Pra ter cabelo grande tem que cuidar, tem que lavar, tem que isso aquilo, aí até hoje, tá sustentando esse cabelo.

Mas com as meninas, aí Monik viajou, passou um tempo, né? E foi foda, ôxe, só faltei ter um troço, a gente. Faltei ter um troço, como é que a pessoa vai pra um lugar longe e se acontece alguma coisa, eu ficava pensando, se acontecer alguma coisa distante, a gente não tá lá, muito corajosa, muito, muito, muito mesmo.

Nossa, essa coragem dela não de sei onde vem não visse? Mas, muito corajosa, de enfrentar, ela abria mesmo, muitas coisas eu aprendi com elas assim de lutar pelos seus direitos, de saber que você tem direito às coisas e brigar, que não é assim aceitar tudo facilzinho, a gente sempre debate essas coisas.

Essa coisa de eleição, elas tem mais essa coisa política, acho que devido também ao curso que elas participaram no NEIMFA, que discutia muito isso, aí ela tem essas questão política, que é uma briga, que elas tem, elas tem como discutir, debater com as pessoas aí aqui a gente não tem muito, acaba virando uma briga, porque um defende de um lado outro defende do outro, mas ela tem argumento. Elas têm, todas duas são, quando elas querem uma coisa, são muito envolvidas nas coisas, são muito envolvidas.

Eu digo a elas que elas têm a família de lá e tem a família de cá. Mas ela, mesmo tem um vínculo muito forte daqui, acaba você vendo um pouquinho de traços da gente nela. E elas perdendo um pouco de traços do pessoal lá, a gente interfere mais que a família biológica, a gente interfere mais do que lá, apesar de assim, tem a mãe dela, tem a vó.

A mãe dela mora em Caetés, agora parece que se mudou de novo porque isso as meninas não me contaram, quem já me contou foi mãe.

Moniely tem um pouco de rancor da mãe, elas têm, todas duas, Moniely tem mais que Monik, o sonho de Monik é comprar uma casa pra mãe dela. Quando ela conseguir isso, é ir embora que ela quer viajar, conhecer outros lugares fora, conhecer o mundo, ela quer fazer isso, tava pensando agora, de uns dias pra cá ela disse que tava pensando em fazer outra viagem e outra graduação, de outra área. Ela quer fazer outra área.

Moniely tem um rancor muito grande, forte. Porque a mãe abandonou, pra ela é como se a mãe abandonou. Nunca cuidou, nunca deu nada, e não é. A gente fica sempre dizendo que não é assim, a mãe dela deu o que tinha que dar, o que ela podia dar, naquela época ela tinha dificuldade, a mãe dela naquela época era muito louca!

Ela gostava de se divertir, a mãe dela. Tudo era festa, a mãe dela arrumava filho (porque ela tinha quatro filhos), só que Thiago quem criou foi Elzinha, Willian ela ficou um bom tempo criando, que foi o que ela criou. E, as meninas a gente pegou pra ficar. Willian foi o que passou um bom tempo com ela depois passou pra casa de Elzinha, mas mesmo com os quatro, ela queria era curtir a vida, era como se não tivesse (...)

O negócio era passear, dançar, namorar, ficar com um com outro, era isso que a mãe dela queria, farra, era farra. Ela acha que depois que a mãe dela conheceu o Sr. Luís que elas chamavam de vovô, a gente pensou, pronto, agora Mônica deu uma acalmada.

A gente ficava com medo, pois ele se apegou tanto as meninas que a gente ficava com medo, a gente disse assim: agora Mônica vai cuidar das meninas direitinho, aí ficou um tempo com Luis, tudinho, aí mataram ele, aí pronto, desandou, as meninas volta de novo pra cá.



Depois ela conheceu Manuel, as meninas não gostavam de Manuel. A gente dizia: sim, mas tua mãe gosta minha gente. Não precisa brigar, a pessoa não escolhe de quem vai gostar, vocês têm que aprender, se sua mãe gosta, se vocês não gostam, então sai e deixa sua mãe viver lá e fica aqui, agora tá impedindo, tá brigando. Às vezes elas ficavam com coisa com a mãe aqui.

Minha gente não é assim, é mãe, depois que morre aí vai chorar, minha mãe, minha mãe morreu, não sei o quê, não sei o quê. É sua mãe!

Paulina minha mãe, elas chamam de vó. É elas chamam de vó, é vó Paulina, mãe Elzinha e Mônica. Que Mônica (mãe biológica) elas chamam de Mônica, às vezes elas chamam mainha.

Mônica até hoje ainda, às vezes dá trabalho a elas. Elas estavam estressadas, porque ah, não sei o que foi que ficou que a mãe delas se meteu (...) que ela liga pra elas pra elas resolver, aí começa a confusão. Onde vai se meter? Aí elas sentem essa cobrança. É família!

Hoje que elas deviam tá estudando, que elas tão, né? Assim, melhorando de vida cada um no seu emprego, fica essa cobrança delas, ter que sustentar a mãe, ter que dar e não é assim também. Elas não confiam assim, que quando era a hora da mãe dela cuidar, de dar a mãe dela não dava.

Moniely tem mais rancor do que Monik. Monik é essa casa, ela pensa, ela sonha em comprar e pronto depois que ela botar ela (Mônica) dentro da casa, pra ela já cumprir o que ela tinha de cumprir com a mãe dela, que é essa casa. Ela quer botar ela dentro dessa casa.

Eu acho difícil de falar, mas acho que eu poço ter influenciado um pouco a Monik ter entrado na universidade, eu acho, essa minha insistência porque eu fiz o vestibular, eu tentei três vezes, aí fui pra FAFIRE, o mestrado eu tentei quatro vezes pra entrar na Federal.

O mestrado, quatro vezes, eu disse, na quarta quando eu fui, se eu não passar esse ano, aí vou fazer uma Pós se eu não conseguir entrar esse ano. Mas, eu acho que tem essa coisa da insistência, essa coisa da mãe, de mesmo com todas as dificuldades da mãe, ela querer ajudar a mãe, no sentido de colocar a mãe na casa.

Como se fosse assim, tá guardada. Eu acho que essa coisa minha um pouco, pode ser. Vencer na vida. É, porque você mora no Coque, aí não vai fazer universidade os meninos do Coque, as pessoas do Coque, então a gente tá mostrando, assim, aos poucos que estão fazendo, que a gente do Coque também pode.

Também pode fazer, pode entrar na universidade, pode viajar pro exterior, pode fazer mestrado, fazer doutorado é, tudo isso. Porque as pessoas, não sei se é, eu não digo nem as pessoas daqui porque às vezes as pessoas da própria comunidade não têm.

Não conhecem seus direitos, não têm a comunidade e às vezes o financeiro pesa muito, a questão do financeiro, de ter dinheiro logo, rápido, de imediato e estudo requer mais investimento, tempo, que muitas pessoas aqui da comunidade não tem, precisa do dinheiro pra sobreviver, essas coisas e a gente teve uma oportunidade assim teve mãe.

Dá graças a Deus assim de ter ela, de ter assumido e a gente poder estudar, a gente poder estudar, e tá onde tá hoje. Você entendeu? Mas eu acho que tem um pouco dessa influência, eu acho que tem uma troca tanto delas pra mim, como meu pra elas. É isso! Finalizamos a conversa em meio a um abraço e sorrisos.

#### **4.1.4 Relatos de vida de Mônica mãe biológica de Monik: fragmentos de lembranças**

No dia trinta de setembro de 2015 fui à casa do avô biológico de Monik, Edimilson França. Havia agendado com a mãe de Monik a entrevista. Ela escolheu a casa dos pais para realizarmos o nosso encontro e a nossa conversa. Quando cheguei à casa ela já me aguardava.

Conversamos um pouco, falei sobre o objetivo da entrevista, solicitei autorização para publicação da entrevista e perguntei se ela gostaria que eu utilizasse um nome fictício, ela preferiu que ficasse registrado o seu nome verdadeiro. Logo após iniciamos a nossa conversa.

Tive uma infância boa, também minha mãe, meu pai, me botou na escola. Estudei também, não acompanhei porque também namorei muito cedo. Fui mãe muito cedo. Tive tudo como uma criança, o estudo, escola, bicicleta, brinquei de tudo, normal mesmo brincava de queimado, na época a gente ainda brincava de queimado, garrafão, brinquei muito.

Tive muitas amigas. A gente não morava aqui, na época morava na Beira da linha, é assim que se chama. Ali na Beira da linha, depois foi quando foi indenizado, a gente, pai ganhou aqui a casa, a gente começou a ficar aqui também tive a infância muito boa, porque hoje pouco a gente vê as meninas hoje em dia já é tudo mãe cedo. Mas eu não, eu brinquei, tive muita amiga, brinquei de pega se esconder, queimado, fofuquinha de amiga, sempre tive, escola, fugia pra namorar, fui muito namoradeira.

Sobre a escola eu estudei lá no Joaquim Nabuco, estudei ali, minha primeira escola que eu me lembro foi no Joaquim Nabuco, foi a primeira escola. Assim, tudo bonito, tudo diferente, sei lá, eu tenho poucas lembranças assim que eu sou muito ruim de guardar as coisas, mas assim, eu lembro que a gente ía pra fila da merenda, aquela fila enorme, cantava o hino antes de entrar, juntavam assim cantava o hino, ia de farda, era de farda, era de calça, era de farda, a gente ganhava, toda vida deu.

As fardas da gente, a gente ía de farda tudinho, na hora da merenda aquela fila eu gostava quando era paçoca que davam, a gente brigava pra ver quem pegava mais paçoca, era uma onda, e eu gostava muito.

Dos professores lembro, assim, agora eu queria me lembrar o nome, eu esqueci do nome, porque, acho que o tempo, memória, mas ainda eu lembro, era muito boa, e também só fiz até a 3ª série, eu era ruim pra estudar, (risos)

Diferente das minhas filhas, eu era ruim, não sei não, vim terminar, eu vim estudar agora depois já de adulta, com meus quarenta anos.

Eu fiz até a 3ª série, aí depois mainha viu que eu tava com dificuldade, aí me tirou, aí me botou<sup>17</sup> lá no Panamericano, particular já ali em Afogados, aí estudando Panamericano ainda fiz a 4ª série, mas também era a mesma bagunça, brigona, comecei a brigar cedo em escola, eu fui muito diferente mesmo.

Eu era muito maloqueira<sup>18</sup> mesmo, era de briga, não levava, botava chiclete na cadeira, as meninas botava, eu botava chiclete na cadeira, eu fui muito bagunceira, mainha se aperreou<sup>19</sup> um bocado e eu não conseguia aprender, eu tinha dificuldade pra ler como hoje ainda tenho, saltando agora depois de velha mesmo, de quarenta anos, que eu voltei a estudar, minhas meninas dizia: “vá mainha, volte, volte a estudar” eu nada, vô nada! Não aprendi de nova, vou aprender de velha, não mainha, tem isso não.

Foi na época que eu cheguei ali em Paulista começaram a estudar o pessoal da meia idade, aí eu, eu vou, aí uma cunhada minha “bora menina, isso é gente de idade como a gente” não sei o quê, aí eu vim aprender mais a estudar, mas na época de adolescente mesmo eu botava aquilo na cabeça, lia, quando era depois esquecia, aí veio negócio de namoro, aí foi (...)

Comecei a namorar com quatorze, que hoje já é mais liberal, porque na época não era, meu pai, me lembro que meu pai me botou pra fora ainda na época, eu fiquei logo

---

<sup>17</sup> A palavra “botou”, nesse contexto significa matriculou.

<sup>18</sup> Maloqueira significa, rebelde.

<sup>19</sup> A palavra “aperreou” significa preocupou-se.

grávida, não tive nem sorte com namoro, porque foi meu primeiro namorado em casa, e ele assim era meu dono de tudo!

Na época não tinha muito a cabeça que essas meninas hoje tem, fui muito adolescente mesmo, eu ainda tinha minha vida pra andar de bicicleta, brincar tudinho, que quando eu comecei a namorar com ele que ele já era mais experiente do que eu, ele já tinha, eu tinha o quê? Meus quatorze, ele já tinha uns dezoito pra dezenove, ele já tava entrando na fase de “de maior”. Pronto, aí, ele foi o pai dos meus primeiros dois filhos. O nome do pai dos meus dois filhos é Valdemar, os dois primeiros, as meninas já foram do segundo.

Sim, aí a gente chegou aqui, aí a gente aqui, as casas era pouquinha, tava saindo ainda as casas, tava começando e mainha sem querer deixar eu namorar, tudinho, não, voltar a estudar, não sabe nem ler, com quatorze, treze anos não sabe nem ler, tá pensando em namorar. Daí ele veio, aí pediu pra namorar aqui, muitos sabem o erro. Aí ele pediu pra namorar aqui, namorar aí começou a me levar pra casa dele em Afogados.

Hoje às vezes eu me pergunto, meu Deus, por que aconteceu? Mas não me arrependo mais não, ter meus filhos, maravilhoso, mas na época eu sofri muito assim, que eu vejo minha sobrinha eu digo a ela, menina, cuidado, cuidado. Namorar é bom, mas barriga (...)

Na época, quando, ele foi tão experiente que quando minha menstruação não veio, ele pegou me chamou e disse, tua menstruação veio? Aí eu disse menstruação, menino. Na época costuma dizer teu boi<sup>20</sup>. Teu boi veio? Tu já visse? Não. Ele disse: tu tais buchuda, quando disse ôxe, buchuda! Ele, sim! Eu digo: tô não menino! Ele disse: tá, ele não veio. A gente vai pra casa dele, que mainha vai te dar um chá, aí a mãe dele deu um chá, aí eu tomei tudinho, nada da minha menstruação vir, isso meus peitos crescendo, tudinho, foi muito rápido, na época se perder?

Me perdi, fiquei logo grávida, aí eu botava pra chorar, meu Deus que é isso? E agora? Meu Deus, minha mãe eu via né? Dos outros já falavam. Mainha vai me botar pra fora. Aí não deu outra, quando mãe me chamou assim, era pequenininho, era dois quartos, cê tá buchuda, eu disse, ô mãe, eu não sei não, não tô não, tá!

Olha seus peitos como tá, tira a roupa, hora que eu tirei, tava com a barriga dura, aí como na época, quando mãe descobriu eu já tava com uns três meses, minha menstruação não tinha vindo e ele ainda dando remédio a mim e eu tomando remédio pra

---

<sup>20</sup> A frase “teu boi”, significa tua menstruação.

abortar, chá, só chá, na época era muita erva que usava, não era esses remédio, era muita erva que usava, aí toma um chá disso, toma um chá daquilo, aí a mãe dele.

Mãe disse: porque tu fosse fazer isso? E, eu: mãe eu fui sem saber, eu fui sem saber. E, ele experiente, sei que eu tive Thiago, com quinze anos.

Pai dizia: eu não quero ela, não quero ela aqui, foi minha época de adolescente que eu perdi, minhas colegas tudo. Fui morar na casa da mãe dele. Pai me botou pra fora, não quero ela buchuda aqui, eu fui. Pegou minhas roupas, mãe foi lá me levar, me levou, chegou lá, disse óia você (choro)

Eu chorava dia e noite, chorava dia e noite, foi viu, hoje eu não, ave Maria, acho que eu não passava por isso mais não. Eu fui morar lá na casa da mãe dele, aí tudo no começo é tudo bom, né? Não gosto nem de me lembrar do que passou.

Fui morar na casa da mãe dele, só que a mãe dele tinha um bar, na frente era um bar e atrás era moradia. Eu sofri muito, assim eu com quinze anos, entrava muito homem e saía e eu não tinha experiência o que era aquilo ainda, eu não bebia, eu nunca fumei, minha prima, irmã dela, minha mãe, disse vamos buscar ela, vamos dar uma colher! Todo mundo erra, não sei o quê, vamos buscar ela, ela já tá perto de ter neném, tá cansada já, primeiro filho, não vamos desamparar ela não.

Foram me buscar, já perto de ter Thiago. Meu primeiro filho, é o marido de Patrícia. E o mais novo é Willian. Thiago é o mais velho, é o moreninho, todinho o pai. Tive três barrigas.

Tive a benção de ter elas duas juntas!

Foi na época que pai foi me buscar e me lembro quando cheguei, o berço na sala, pra receber Thiago, quando nasceu foram me buscar e foi aquela festa. Não queriam mas depois receberam. O berço já tava armado. Agora só que assim, toda vida ele foi muito, não foi homem pra mim, entendeu? (se referindo ao primeiro namorado).

Foi meu primeiro namorado eu era louca por ele, tive Thiago a gente veio pra cá e separou, se afastamos, ele pra lá e eu pra cá. E ele era muito raparigueiro, na época já.

Moreno, bonitão, já chega em menina, passava, colega, com as meninas e as minhas colegas vinham e diziam, óia Valdemar, Vavá passou por ali com uma fulana, aí eu doida por ele saía pra brigar, ía pra brigar, (risos) brigava, ía lá pra debaixo do pontilhão avacalhar ele, fazer confusão, pegava as meninas pelos cabelos, as meninas pegava eu e aquelas tapas, hoje em dia a gente vê negócio tudo de mal que tem.

Mas era só briguinha de ciúmes, cabelo pra cima, ele é meu, ele é meu, ele é pai do meu menino, ele é pai e era assim, hoje em dia não, hoje você vê é bala.

Mãe foi aceitar, Thiago, tudinho, foi aquela festa e eu nova, com meus quinze anos, menina, eu me lembro que quando fui ter um menino eu não sabia como era que ia ter, como era e mãe já me explicando, foi uma coisa que eu fiz que eu não me lembro se eu fiz isso deitada ou se eu fiz em pé, você acredita? Juro a você, na época às vezes eu quero me lembrar sim dele, será que eu fiz? Hoje não, hoje as meninas sabem o que é fazer, né? Minha mãe também não me ensinou, não falava. Hoje a gente entra no colégio, vê, tudinho.

É, e mãe não dizia, tu faz isso, não faz, tu não sei. Não, hoje em dia a gente tá ensinando os meninos, os filhos. Explicando e na época não tinha negócio da escola, eu me lembro que Joaquim Nabuco e no Panamericano eu não estudei esses negócios não. Não sei se é porque eu fui muito analfabeta na época. Não tinha explicação. Não amostrava nada disso.

Eu também me lembro que eu não sei se eu fiz Thiago em pé, se eu fiz Thiago deitada, eu ficava querendo me lembrar, aí meu Deus, como foi que aconteceu isso, que eu fiz esse menino como? Como é que cresceu, e não sei quê. Meu Deus o que aquele nojento botou dentro de mim, que cresceu e eu fiquei com o menino dentro de mim, eu chorava tanto, quando eu fui ter esse menino.

Era bem bobinha, eu fui criada assim, hora de entrar, hora de dormir, hora pra isso, mãe tem a hora pra tudo, se dava sete horas, eu me lembro que na época Fantástico, pra o dia de domingo já era tarde, aí eu me lembro que quando dava Fantástico, mainha já tava pelas esquinas chamando a gente.

Eu dizia: mãe nem terminou o Fantástico, aí botava a gente pra dormir, aí eu me lembro que ele ficava escondida nos becos me esperando e eu doida pra falar com ele, que era muito meninote mesmo pra namorar, aí foi a besteira, foi essa! Pra me iludir só foi ele mesmo, agora pra namorar assim, meu namoro era assim, beijo, abraço, ficava na fila do colégio mesmo, os caras diziam que toda vida eu fui, eu meninote, bonitona, era, peitinho durinho, beijava os meninos ali na classe do colégio ali na escola (risos), os meninos beijavam lá na frente os meninos já estavam com a outra beijando, namoro era assim.

É, mas ele não! (se referindo ao pai dos filhos dela) ele já tinha a cabeça já mais madura, prova tanto que o quê? Hoje ele é morto. Ele tem o quê? Ele tem por aí mais de oito filhos na rua. Muito sabido, na época ele já era, na época eu não sabia ele já tinha uma menina, de outra menina, que Thiago tem uma irmã mais velha, pra mim era o

primeiro filho dele, mas não, outro caso, com outra namorada. Ele já tinha tido uma menina, eu já fui a segunda que ele engravidou.

Passou, a gente ficou, aí foi, voltei, a gente separou, separou e mãe não queria mais eu com ele, porque não era homem pra mim. Porque eu já tinha deixado Thiago aqui, tudinho, aí foi e ele vivia atrás, vivia atrás, voltei louca por ele, voltei.

Fui embora com ele, aí a mãe dele vendeu o bar. A gente foi embora pra São Paulo, fomos pra São Paulo, ah, teve muita história mesmo, fomos pra São Paulo, aí a mãe dele vendeu o bar, tudinho, aí mãe já tava agarrada com Thiago, pai já tinha tudinho.

Mãe dizia: você vai embora só, ele você não leva, que era o menino, você vai embora só, mas mãe, mas ele é o pai e eu sou a mãe. Não! Você vai danar, vai quebrar sua cabeça só, com o menino não, aí como eu era louca por ele. Aí eu disse: então vou embora com ele, aí mainha liberou pra eu ir embora com ele.

Nesse tempo a gente foi pra rodoviária, de ônibus, foi, três dias, foi teve muita história, aí fui pra casa da irmã dele, em São Paulo, foi eu, a mãe dele, o outro irmão dele daqui e eu no meio, eu de bagagem. Parece que foi Benfica, não lembro, no interior, interior de São Paulo.

Eu me lembro que era favela, em casa, casa assim como aqui, você olha tem muitas casa igual, uma em cima da outra, casinha normal, eu me lembro que a gente morou numa casa muito simples, casa simples pra quatro ou cinco pessoas, uma casa pequena lá, que era da irmã dele, aí quando a gente chegou de São Paulo, ele deixou a gente tudo lá, a gente ficou lá, a gente morou um tempão.

Aí ele foi trabalhar, que ele já tava desempregado aqui, chegou lá, arrumou trabalho na padaria, a irmã dele trabalhava na padaria já encaixou ele, aí eu, já morando eu, o irmão dele, a mãe dele, a gente lá, ele trabalhando na padaria, aí eu lembro mas toda vida eu fui pra quebrar a cara, aí eu sei que quando a gente tava assim uns, num tava nem um ano, fui engravidei de novo lá em São Paulo.

Não usava camisinha não, não sei não, como era aquilo não, não, tinha, eu usei comprimido, eu tomei muito comprimido, os meus meninos todinhos, eu passava dois em dois anos, eu tomei comprimido, só que eu descontrolava os comprimidos, que eu dizia, é que eu dizia assim, se hoje eu soubesse, desse DIU se eu soubesse desses negócios que tem injeção pra cinco meses, não sei quantos meses, na época só era comprimido e camisinha, eu tomava comprimido, pouca gente se via falar em camisinha não era?

Era comprimido, aí o que? Eu esquecia, era, era muito doida, esquecia, aí eu sei que, mas eu já tava com a experiência que eu não tive com Thiago, aí peguei de Willian

por pegar mesmo, aí eu disse pronto, já que eu dei um a mãe esse vai ser pra mim. Fiquei lá em São Paulo, o menino nasceu lá. Ele é de lá. Registrado de lá e tudo.

Quando eu vim pra cá com Willian novinho, Willian tinha três anos, dois anos, eu acho que eu passei uns dois anos lá. Não cheguei a trabalhar não, ele e eu morava na casa da mãe, ele trabalhou, depois ele arrumou outra menina lá, eu comecei a sofrer, ele com outras mulheres lá, muito muito, muito raparigueiro<sup>21</sup> mesmo!

Aí voltei, ele ficou. Não aguentei! Vim embora com o neném, ele já tava morando com outra mulher lá, daí vim embora.

A mãe dele pagou minha passagem de volta, e eu vim embora, só com o menino no braço e as roupas, mais nada, nada, nada! Não me ajudou em nada, aí quando chegou aqui, nem com Thiago nem com William, cabra safado<sup>22</sup>. Você foi arrumar outro, cabra safado a gente só tem um, você foi arrumar outro, sei o quê, aquelas coisas.

Aí mãe me apoiou de novo, aqui. Mãe disse: você agora vai morar com minha mãe, aí botou eu pra morar com a minha vó, aqui na última rua, que até faleceu ela, na última rua, minha vó sozinha, aí fui morar com a minha vó, mãe da minha mãe. Thiago ficou com mãe e eu fiquei com Willian.

Thiago já tinha uns quatro anos, Willian já tinha dois, tinha diferença de dois anos.

Foi quando ele voltou (se referindo ao pai dos seus dois filhos), fez um curso pra polícia, aí voltou a me procurar de novo, aí a gente voltou de novo.

É um amor muito (...) aí ele fez um curso pra polícia, aí ficou. Fui muito apaixonada. Acho que dos meus três casamentos, acho que foi ele mesmo. Ele fez o curso pra polícia, aí ficou, né? Mesmo ele na polícia, tudinho e cadê queria dá nada ao menino, aí foi na época que a gente botou na justiça, e hoje se deixar é tudo preso que não der a pensão é preso.

De primeiro não. Fazia, não assumia, como ele, não assumiu dois, pra dar uma laminha<sup>23</sup> pro outro teve que ainda me lembro que ainda fui pro Derby, botar na justiça pra dar.

Hoje em dia se passar um mês, vai preso. Mas na minha época não, você podia ter, aí foi que mãe, tome um comprimido, eu era muito assim, não controlava os remédios, aí fiquei me segurando, me segurando, me segurando, aí consegui tomar o remédio e os

---

<sup>21</sup> A palavra “raparigueiro” significa homem namorador.

<sup>22</sup> Nesse contexto, “cabra safado” significa homem safado.

<sup>23</sup> A palavra “laminha” nesse contexto, significa pouco dinheiro.



meninos foram crescendo, aí eu disse, agora vou trabalhar, como ele já tava durinho, aí fui, trabalhei de babá, na época, um pessoal arrumou lá, trabalho, um bocado de família pra mim, pra tomar conta de menino.

Eu gostava, mas ficava pensando no meu, que eu deixava, que eu deixei novinho pra tomar conta dos outros. Mas, ele (se referindo ao pai dos seus filhos) ainda foi lá me buscar na casa de família onde eu trabalhava.

O pai dos meus filhos, foi me buscar, eu disse: não, eu tenho que trabalhar e ele na polícia, aí foi me buscar, aonde eu tivesse ele ia me buscar porque ele sabia que eu era louca por ele, foi agora só que ele não queria nada, ele gostava mas, não queria nada de assumir, só de raparigar mesmo, não queria nada, ele não foi homem pra me botar num canto, pra me assumir com meus dois filhos, saber que eu fui namorada dele, me perdi com ele, tive dois filhos com ele, minha adolescência não foi de rua, essas meninas maloqueiras de rua, como hoje minhas filhas também não é, entendeu?

Assim, hoje as meninas têm mais cabeça do que eu acho, de que naquele tempo, eu tenho uma prima aqui, Vera, que ela é minha prima, ela é minha irmã, ela é tudo, Verônica, ela faz bolo com Henrique, se dá com Henrique. Ela é uma das minhas primas assim que da família, eu sou jogo aberto com tudo, tudo na minha vida.

Eu me lembro que tudo na minha vida eu dizia a ela, tudo de bom e ruim. Ainda hoje é, eu dizia a ela, eu disse: mas Vera, ela disse não mexe com esse homem, tu é apaixonada por ele, foi quando eu tive Thiago, quando eu tive Willian, eu ia para as esquinas buscar ele, era tapa vem, tapa vai, e não queria ele com mulher nenhuma.

Era muito ciumenta, ainda sou hoje, (risos) tenho ciúme de tudo, de amiga, de tudo, foi passando, minha adolescência ruim. Fui esquecendo, não deu certo, chegou naquele limite de ele viver a vida dele, já tava com outra mulher, por coincidência o nome dela é Mônica também. E já tava grávida dele, aí a vida dele era assim, aí sabe de uma coisa, fui esquecendo.

Fui arrumando trabalho, me inscrevi num, (...) conheci um pessoal, aí me botaram no salão lá perto da Torre, lá em Edelson, na época, trabalhei em Edelson<sup>24</sup>, trabalhei de casa de família, trabalhei num restaurante Arriégua, aqui pro lado da Várzea<sup>25</sup>. Não tem ali o Pai D'égua, o vizinho da Ilha. Na época, eu nova, quer trabalhar? Quero. Me levou pra lá.

---

<sup>24</sup> Edelson é o nome de um salão de cabelereiro famoso na cidade do Recife.

<sup>25</sup> Várzea é um bairro que fica localizada a Universidade Federal de Pernambuco.

Eu descascava panelas e mais panelas de verdura pra não tá dentro da casa de mãe, pra não (...), dois meninos já, né?

Um ele já tava assumido, trabalhei, dei muito duro, só nunca peguei nada de ninguém, não bebia, nunca fumei, trabalhei, trabalhei, trabalhei, foi quando ele viveu a vida dele eu vivi a minha, não deu certo. Ai veio a história, passou aquela parte, veio a história da minha vida pra eu arrumar Monik e Moniely.

Já foi outro caso que eu tive, mas também foi outro caso que também não deu certo, mas também morreu.

É Nido, chama ele de Nido, não lembro o sobrenome dele não. Foi um caso assim, eu não sei, foi assim, ele era da polícia também, eu morava lá do outro lado já, os meninos já não morava aqui, os meninos já tudo grande, conheci ele, a gente começou a namorar, só que eu não sabia que ele era casado, vou ser sincera a você, não sabia que ele era casado, depois que a gente já tinha rolado, tudinho, ele queria me tirar daqui, alugar um canto pra me botar<sup>26</sup>, pra eu ir morar fora, pra eu não descobrir que ele era casado, foi que veio essa minha prima Vera, com outra menininha descendo e falou: tu tais se envolvendo com Nido é?

Eu disse: tô. Você sabia que Nido é casado? Eu disse: não. Mas Mônica tu tá doida, se envolver com homem casado. Eu disse ele não é casado. Ela disse: é. Mas eu não conheço a mulher dele, eu não conheço a vida dele, eu sei meu caso com ele. Eu me lembro que eu ia pro IMIP de pé por ali, ai tinha uma guarita por ali, ele tirava serviço, eu ficava ali namorando com ele, fui muito namoradeira mesmo, fui muito, muito danada, muito namoradeira, que graças a Deus assim meus filhos não puxaram a mim.

Saía com ele pra festas, a gente ia pros barzinhos, já tava bebendo já, eu só não bebi na época do pai dos meus filhos, aí eu vim beber também com uns vinte e dois, vinte e três anos, eu vim beber tarde. Foi quando eu já comecei a sair com ele, beber com ele, ele gostava dia de domingo jogar muita pelada, aí marcava eu ia pra pelada, tinha os piqueniques pra ver as peladas. Aí a gente ia pros piqueniques ver as peladas, eu já tava bem envolvida com ele, também me pergunto como é a mulher dele que eu nunca fui amiga, nunca, não, porque foi casado e eu tomei, não.

Assim, já foi outro caso eu e ele. Quando pensei que não, engravidei das meninas. Foi, engravidei, não uso comprimido também, nunca usei DIU, não sabia como era, tinha medo, uns dizia assim, não bota não!

---

<sup>26</sup> A palavra “botar”, nesse contexto significa colocar.

Ai nunca usei, era só remédio, camisinha, remédio, aí chegou um tempo eu peguei a barriga das meninas, aí quando também vim saber, agora é engraçado, veja como é as coisas, eu fiquei grávida das meninas menstruando, aquele sangue preto pisado, aí eu disse eu vou pro IMIP, a minha prima Vera, vai fazer, vai fazer um exame lá no IMIP, aí eu fui, cheguei tava com três meses já de gravidez, e eu disse mas eu tô menstruando, disse: menstruação, aquele sangue pisado minha filha, tá grávida, três mês.

E, quando eu vim saber que as menina eram duas, eu já tava quase com sete mês, na época, foi visse. Tava com seis mês, porque assim, eu não sei como foi aquilo, quando eu vim descobrir que era, fiz pré-natal das meninas, já comecei a fazer tarde, ali no IMIP, tive elas lá, comecei fazer tarde, eu me lembro quando eu chamei ele pra conversar, eu disse: Nido, eu tô grávida e já tô com quatro meses.

Já vou entrar pros quatro meses, e tu tais doida? Eu disse: foi, descobri, aí foi a bomba de novo. A mulher dele ficou sabendo, foi aquela, ói minha filha foi, eu queria fazer um buraco e me enfiar embaixo e não tinha nem como e por onde. Minha prima dizia: tá vendo, foi se envolver com homem casado.

Ah foi uma história, o bom é eu criar elas pequena, depois foi elas ficar moça e eu dizer a história a elas, não quero mais não.

Voltando a história, eu engravidei menstruando, fui no IMIP, aí marcou o pré-natal, fiz pré-natal das meninas, aí com seis meses eu fiz o pré-natal, aí eu me lembro que eu vim da ponte de lá de pé por ali chorando, chorando, parecia que eu tinha levado uma pisa, uma carreira porque era duas.

Ai cheguei na minha prima, essa como sempre, chamei ela, branca, tremendo, eu disse: Vera, tu não sabe de uma? Que é, pelo amor de Deus? Que é Mônica? Não sei o que (...) eu disse: Vera, tu não sabe o que foi que eu arrumei, (risos). Ela o que é? Eu disse: a doutora lá no IMIP disse que minha barriga é duas, ela duas aonde? Eu não tinha barriga não, onde é que aqui tem duas Mônica? Uma barriga dessa. Eu disse mas a mulher disse lá, que era duas! Agora uma dava já pra ver, que é uma menina e a outra não dá praver não, que tava embaixo da outra.

Ela marcou uma ultrassom pra mim fazer, nesse dia eu vou mais você. Eu disse: tu vai mais eu que eu não vou aguentar isso não, pelo amor de Deus o que será da minha vida?

Como eu vou criar meu Deus do céu? Ele vai assumir, ele vai assumir, eu digo não! Eu quando eu tiver lá na maternidade mesmo eu dou, disse eu vou dar. Fiquei com aquilo na cabeça, meu Deus quando eu tiver e chegar uma pessoa eu dou.

Na época, parece que era mais fácil de dar de que agora. Eu digo: assim que eu tiver, eu arrumar uma pessoa eu vou dar, aí passou, passou e foi espalhando que eram duas, foi espalhando, foi espalhando, foi e na mesma hora o pessoal já tava começando a arrumar as coisas pra mim, que eu já tava com seis meses e não tinha nada.

Não trabalhava, não tinha nada, meu Deus, que situação, eu fui mãe, fui mãe muito rápida pra arrumar menino, aí eu sei que minha prima começou a fazer o enxoval e se juntou outro, se juntou outro, sei que aí ganhei tanta coisa, tanta coisa, brinco, laço pra as meninas, tudo eu ganhei, tanta coisa, aí eu meu Deus, e agora?

Aí marcou, né? O pré-natal de novo, quando marcou o pré-natal, aí acusou duas meninas, aí eu digo, ai meu Deus do céu, disse: o que tu arrumasse agora, duas meninas. Eu vou dar, eu digo: meu Deus, não tem nenhuma menina. Já tinha os meninos, eu disse a minha prima. Ela falou: dar o quê, menina? É filho de gato, cachorro pra dar? A gente cria nem que for com uma bolsa de leite, mas a gente cria, não vai dar nenhuma não.

Aí chamou ele (se referindo ao pai das meninas), conversou, mas ele ainda assumiu as meninas, aí ele ainda assumiu mais de que o pai dos meninos, eu disse vou dar. Ele vai dar não! Vai dar não! O pai dele na época tinha uma barraquinha, lá dentro de casa, chamava Bao, hoje fala Cobal? As coisas, era a barraquinha dentro de casa, eu ia buscar toda semana o leite, a massa, o biscoito, o leite, mas foi assim, muito difícil minha adolescência pra ser mãe nova, e a dificuldade, a falta de experiência.

Quando as meninas nasceram, eu tô com quarenta e quatro anos, eu creio que quando as meninas nasceram eu tava com uns vinte e três, ou vinte e quatro por aí. Eu já tinha tido esses meninos todinhos. Tava assim, nessa fase mesmo.

Eu sei que, aí mãe disse assim: agora é correr atrás de uma ligação, porque vai ser três barrigas. E essa veio logo duas, é pra ligar. Foi que a minha tia, na época de eleição, aí minha tia conhecia não sei quem que vinha pra as casas pedir voto, aí minha tia foi me levou, me apresentou um médico, esse médico era muito da família, tava dentro de negócio de eleição, aí me encaminhou pra maternidade Bandeira Filho, me encaminhou pra lá, ele tava tirando serviço lá, esse médico, marcou minha cirurgia, foi nessa fase mesmo, com uns vinte e três anos, fiz minha cirurgia, depois que tive as meninas, quando as meninas nasceram, com um mês eu voltei.

No processo das meninas, foi aquele enxame, aí o carro na hora da dor pra me levar, tudinho, aí ninguém acreditava ainda que eram duas, e foi prima, foi colega, foi num sei quem esperando as meninas nascer, um sucesso porque pouco se tinha gêmeas.

E, ainda mais assim, em uma favelinha assim, eu sei que quando as meninas nasceram, ainda ficou na incubadora, uma nasceu com dois quilos, ainda me lembro como hoje, dois quilos e cinquenta e a outra nasceu com dois quilos e trezentos e cinquenta, uns pacotinhos assim, foi pra incubadora.

E né que foi gêmeos mesmo? Aí foi gêmeos mesmo! Foi que foi gêmeo, porque não sei o quê foi. Minha prima dizia: não tinha um cabelo as meninas, aquilo branco, não tinha um cabelo, aí tinha que botar aquelas tiarinhas. Sei que saíram aqueles pacotinhos, pronto foi assim a minha vida, mas tive sorte com minhas filhas (choro).

Deus me deu elas duas e cresceram, cresceram, estudaram. Foram morar (...). Minha mãe falou com uma colega da gente que morou aqui, que tinha uma casa desocupada aqui e ela é madrinha de Moniely, de Mônica, né? Que chama Moniely.

É, a escolha do nome foi assim, eu dizia assim: já que eu tenho uma filha fêmea eu vou botar Monik, que eu achava muito bonito, Mônica e Monik. Eu falei pra minha prima, eu disse e a outra, como é o nome da outra? Aí ficaram pra escolher o nome, bota Mona, bota Mona não, que Mona é nome de frango dizia na época. Nome de frango, (gay), (risos...) Aí bota qual? Minha prima, muito assim com negócio de nome, bota Moniely. Pronto, fica bonito, Vera disse: fica Mônica, Monik e Moniely, pronto bota Moniely, aí vamos registrar.

Quando a gente foi pro cartório pra registrar as meninas, o fresco do homem lá não sei como foi, não sabia fazer o nome de Moniely. Não sei como foi! E, foi registrar, foi eu, foi na época, foi eu, pai e outra mulher que foi mais eu a finada Dona Célia.

Eu disse não, eu não quero o nome dela o meu nome não, eu quero Monik e Moniely, mas ele não sabia lá o negócio como era que disse que fazia Moniely, se era com, eu disse não, eu quero Moniely, ainda hoje era pra gente ter ajeitado o nome dela.

Eu sei que mãe, Vera, tudo disse é muita displicência, a menina cresceu com esse nome no documento, agora isso é um rolo não tira mais não. Isso é um rolo, isso pra mudar um documento de Moniely é um processo tão grande, eu digo poxa, eu não queria esse nome, assim, não é porque é meu nome não.

Porque tanto o meu pai não tem o nome, meu irmão não é nome do meu pai, agora assim, porque eu tinha medo de ela não passar o que eu passei, eu dizia assim, eu não quero o nome da minha filha com o meu nome não, porque eu não tive sorte com ele entendesse?

Assim, não tive sorte com casamento, não tive sorte com homem, fui muito sofrida, assim, em aspas. Fui muito animada mas também fui muito sofrida, aí eu não

quero o que eu tive pra mim dar a minha filha não, eu não quero meu nome, que a minha filha não tenha sorte com o meu nome não (risos).

Mas, graças a Deus não teve nada a ver não, que os pessoal diz assim, filha de puta, tira a mãe da culpa<sup>27</sup> (risos), os que pode dizer, né? Filha de mãe solteira, é cuidado não? Quando minhas meninas começaram a nascer peito, cuidado não? O que tu fosse essa menina vai ser. Tá vendo!

Quando as meninas eram pequenas a gente veio pra cá, viemos pra cá e quando chegou aqui, a gente falou com finada Belinha, meu pai tudinho pra desocupar a casa ali, a gente ficou morando ali, eu elas, aqui nessa rua mesmo, nessa rua mesmo, agora lá na esquina.

Tinha essas casas toda, não era essa bagunça assim não, a gente foi morar lá, as meninas novinhas era a festa na rua, atração era as meninas, aí vinha um pegava, vinha outro pegava, eu ôxe, eu não me aperriei não dava o peito, botava no carrinho ou na cadeirinha, todo mundo queria pegar.

Aí veio Paulina, foi abençoada mãe de Deus, com as três meninas dela, na época tudo pirralhinha também, tinha a do meio que ficava com Monik pra cima, Moniely pra baixo, Moniely pra baixo, Monik pra cima e Moniely era bem miudinha, bem miudinha, chamava ela xoxinha, aí de xoxinha<sup>28</sup> ficou. Eu procurava as meninas, as meninas já tava dormindo, tomado banho, tomado café, ela ficava olhando, dava mingau, quando era final de semana eu ia sair, aí comecei a trabalhar num bar, num restaurante.

Paulina, não, deixa elas aqui. Foram crescendo, deixa elas aqui e elas tinham o quê? Tinham um ano, tava na fase de começar a sair os dentinhos e a falar, aí ficaram vó Paulina, com vó Paulina, com vó Paulina, com dois anos com vó Paulina, cresceram com vó Paulina e foi a vó que ela conheceu, foi a mandada por Deus. Tirando minha mãe e minha família, de fora foi ela.

Era mãe e Paulina, pra mãe e pra Paulina, aí tinha vez de eu ia buscar as meninas e as meninas choravam pra não vir mais, chegou uma época de três, quatro anos quando largava da escolinha, já também com quatro anos, cinco anos, estudaram no Moranguinho, depois estudaram lá na Mangueira, ali no Colégio Santa Luzia. Ali em Santa Luzia, estudaram ali, um bom tempo ali, escolinha ali, elas com as priminhas,

---

<sup>27</sup> Essa frase é considerada um dito popular que se refere ao filhos(as) de mulheres que tiveram muitos namorados nascerem muito parecidos com os seus respectivos genitores.

<sup>28</sup> “Xoxinha significa magra e pequena.

estudaram ali, quando eu ia pra escola que vinha a primeira casa que eu procurava, ela tava em Paulina.

Pronto, quando eu vinha pra buscar as meninas, as meninas gritavam, choravam que parecia que eu ia matar, porque não queria vim morar comigo. Não, vou ficar com vó Paulina!

Paulina dizia: Mônica, deixa ela aqui, de noite eu levo elas, de noite eu levo ela e as meninas dormindo. Ai foi passando, foi crescendo e cinco anos, seis anos, sete anos, e elas não vinha mais, ai eu digo, Pois pronto, quer ficar, adotou, fica ai, eu já, fica ai, as meninas foi crescendo com Déia, Paulina, cresceu, e eu saía muito, mas também final de semana eu ia buscar elas, mas não vinham.

Agora aniversário sempre curti pra elas ir, festinha de criança, sempre botei, feriado, Páscoa, São João, sempre presente em tudo na vida das minhas filhas, nunca faltaram uma sandalinha nunca faltaram um pompom de cabelo, nunca faltaram um lápis pra escola, saía na época muita coisinha de Xuxa, elas gostavam muito, saía uma sandalinha da Xuxa eu tava comprando pra elas, elas com Paulina como mãe, mas eu sempre dando do bom e do melhor como pobre, entendeu? Sempre, nunca deixei, nunca, nunca, nunca deixei, faltar o leite, (choro).

Às vezes, eu vinha em Paulina ela já tinha comprado, eu chegava com as lata de leite, falava não Mônica elas têm, eu digo não mas, pra não faltar, dava biscoito pra lanche a merendinha da escola, as bolsinha quando saía, eu, tudo, tudo, minhas filhas, como, mãe solteira como eu fui, minhas filhas nunca faltou nada, graças a Deus, nada, tudo na dificuldade, mas tudo e graças a Deus.

Mas eu digo: mas eu tivesse tido mais duas delas (risos) é uma benção Monik mesmo, todas duas, mas Monik, se eu não ligar, ela liga no outro dia, mainha, sei o quê, ela é muito, muito atenta mesmo, mainha, pra eu estar bem, a senhora tem que estar bem, ela dizia, não adianta eu estar bem, conhecer, andar, passear, trabalhar e a senhora não estar bem. Assim, ela é muito (...)

A adolescência delas foi muito calma, havia muitas colegas minhas daquele tempo, pessoas de idade, diz menina essas meninas não era pra ser tua filha não (risos), não vieram de dentro, porque me pegaram na minha adolescência. Eu era muito namoradeira, (risos) foram trocadas na maternidade não? Eu digo: não! Deus não fez isso comigo não, Deus me deu as duas mesmo! Deus não ia dar uma pior não. Deus disse: ela já é ruim, safada (risos), eu vou dar outras duas filhas a ela assim, ela não merece não.

Me deu elas duas mesmo! Essas meninas são trocadas Mônica? Digo: é nada é abençoada mesmo!

Mas assim, elas nunca me aperrearam, sempre estudaram, aprenderam a ler cedo, com cinco anos, eu me lembro que eu levava ela pro Português<sup>29</sup>, SUS pra fazer os dentezinho dela, ajeitar. Tinha o gibi lá no Português, aí elas pequenininha, tudo arrumadinha, fazia aquele lacinho, o cabelo parecia da cor do teu, aquele lourinho. Eu me lembro das meninas assim, o que eu botava numa, botava na outra, só mudava a cor, se eu botasse um rosa em Monik, eu botava um azulzinho em Moniely.

Eu não trocava não, nunca troquei, acredita? Mas eu nunca troquei, é, depois começaram a pintar o cabelo diferente mas pequena, eu nunca troquei.

O que eu fazia no pitó<sup>30</sup> de uma, em Monik, eu fazia em Moniely, o que eu fazia, a roupinha, eu comprava do mesmo modelinho.

Moniely na época, tinha um desvio no olho, ela fez uma cirurgia, consegui no IMIP, ela usou um tempão óculos. Ela tinha um desvio muito grande, ela falava com a gente o olho já ia virando, a diferença só era essa, aí eu disse assim, meu Deus, minha filha tão bonita crescer com esse desvio, vou correr atrás, pra minha filha não ficar com esse desvio, é muito bonita.

Foi na época que eu tive um namorado, ele já tinha condições, eu disse compra o óculos da minha menina pra ajeitar ele e fazer o tratamento da vista dela, ele não, bora, bora, deu maior força, bora, levei ela pro Português.

Eu levava ela pro Português, aí marcou, aí usou tampão. Usava isso, botava o óculos, tirava, sei que foi caso pra cirurgia, ela fez umas duas cirurgias na vista, Moniely. Hoje ninguém diz, ela ainda de vez em quando ela, pode olhar assim, que ela dá uma viradinha assim, mas bem pouco.

Às vezes as meninas diziam: ô Mônica, como é que tu sabe? Quem é Monik? Eu digo, não, mulher, Monik tem o rostinho mais largo, o de Moniely, o queixinho já é mais fino. Moniely é a mais xoxinha, Monik já era mais taluda, hoje em dia Moniely já é mais taluda e Monik já é mais chochinha.

Aí eu sei que foi assim, mas elas tiveram adolescência, conheceram tudo, piquenique eu levava elas, casa de praia, só coisa boa, eu levei elas, passei, o aniversário.

---

<sup>29</sup> O Português que a narradora se refere é ao Real Hospital Português localizado na Av. Agamenon Magalhães nas proximidades da comunidade do Coque.

<sup>30</sup> Pitó é prender o cabelo no alto da cabeça.



O pai biológico procurou elas novinhas, procurou elas novinhas, mas também muito ruim depois quando a mulher soube, pra assumir, aí eu me lembro que minha prima fez eu arrumar elas, botar a melhor roupa delas, a melhor sandália, o melhor penteado, pra levar as meninas pra a mulher ver, porque dizia, porque é filha de puta, porque eu era puta, porque eu pego o homem dos outros, mas ela não conhecia, não aí queria tirar as provas dos nove, que a menina era dele, não tinha nada.

Hoje as meninas diz que elas parece comigo, mas se você ver todinha a família do pai, todinha ele, todinha a irmã dela, por parte de pai, que ela tem uma irmã por parte de pai, tem um irmão por parte de pai, que é louca por elas, tudinho, aí ela disse é mesmo, filha de puta, tira a mãe da culpa, pois as meninas não é parecida, o cabelinho chega era aquele ourinho, aquele ouro, ouro mesmo e hoje quando cresceram e ficaram moça, é aqueles tudo peituda, que nem a irmã do pai também, a filha do pai, as irmã delas, peituda também, todas três, as minhas fizeram e a dele de lá também fez, a coisa na mama, a outra também fez, tudo peituda, tudo.

Na época, ela não queria aceitar, depois foi aceitando e ele também, ele ainda assumiu uma certa idade, ainda assumiu as meninas, mas depois ficou, aí eu também não corri atrás, disse sabe de uma coisa, criei os dois, crio minhas duas filhas só.

Ele é morto, morreu com câncer. O pai dos meninos foi tiro, ele era da polícia, já tava na vida errada, já não tava dando valor a nada. Agora diz que foi não sei o quê (...) É que dizem aquela história. Que foi aqui na Cabanga, ele largando do trabalho, aí fizeram a cocó<sup>31</sup> pra ele. Pegaram ele aí passou três dias na Restauração, morreu faz o que? Faz uns quatro ou cinco anos e o pai das meninas já faz mais tempo, quando ele morreu as meninas tinham nove anos.

Eu me lembro quando ele morreu as meninas tinham nove anos, mais de nove anos, as meninas conheceram ele. Ele vinha pra casa, pra lá, levava elas. Ele tinha uma barraquinha o pai dele aí, as meninas iam, a tia das meninas por parte de pai levava. Não tinha muito contato com o pai, os meninos tiveram mais contato com o pai. Mais do que elas. Foi que passou um tempo e depois eu contei a história pra elas.

Bom, elas ficaram com Paulina, é como eu tô te dizendo, elas ficaram com Paulina muito, desde os dois, três, quatro anos, quando nasceram.

Mas elas voltavam assim, dois dias, três dias, depois ficava lá de novo, elas não era de, ela passava uma semana comigo, mas elas cresceram na casa de Paulina.

---

<sup>31</sup> A palavra “cocó” nesse contexto, tem o significado de armadilha.

Monik e Moniely cresceu na casa de Paulina, foi, ôxe, teve uma época de eu levar elas, elas choravam pra não vim mais. É, então, Paulina é uma vizinha, foi vizinha, é vizinha da gente, foi, é uma amiga da gente, ficou com as meninas, criou as meninas até hoje, aí cresceu, até hoje e a vida das meninas é Paulina, a vida de Paulina, ajudou muito as meninas, tudo, e Monik e Moniely diz, só deixo minha vó Paulina o dia que Deus levar ela ou Deus me levar, ou eu casar.

Ôxe, mãe eu gosto muito, eu moro, eu pretendo morar com a senhora, mas eu não deixo vó Paulina agora não. Foi muito tempo, com dois anos, três anos, as meninas de chupeta, saindo os dentinhos, ó Paulina, os dentinhos dela. Isso vai (...)

Paulina deu banho nas meninas, as meninas ficaram mocinha, menstruação quando veio, Paulina ligou pra mim, óia, as meninas ficaram moça, não sei o quê, tudo na casa de Paulina.

O Primeiro namorado de Moniely, levou pra casa de Paulina, namoraram no terraço, tudinho, aí ela saía, mainha, eu, mainha, eu vou sair pra tal canto, vai ter um show, não sei aonde, mas eu pedi a vó Paulina, vó Paulina deixou, mas outra, mandou eu saber se a senhora deixa. Ela deixou? Deixou, pronto, ela deixou, acabou-se! Entendeu? É assim, era mais eu e Paulina, aí, por isso que ela diz: é tudo, Paulina foi uma mãe, é uma mãe, uma, foi um herói pra minha filha, né?

Foi, não casei. Que eu nunca casei. (risos) casar eu nunca casei, mas como eu disse, sempre eu fui namorada, passou um tempo. O tempo passou, fui viver minha vida, fui trabalhar, não quis me envolver mais com homem assim. Aí eu já também, já tava independente, já tava na minha casinha, já tava ligada.

Morava aqui no sítio, aqui atrás, que hoje foi indenizado pra fazer a estação ali. Foi indenizado tudinho, foi quando eu peguei a indenização e fui embora pra Paulista, faz o quê? Vai fazer doze anos.

Pronto a história com o taxista, foi o namorado daqui, o que me deu a casa, aqui no sítio, foi quando ele, foi o que morreu também, quando ele morreu também na época, minha menina tinha nove anos.

Eu encontrei aqui mesmo, eu morava aqui no sítio. Sobre o pai das meninas, acabou, não, a gente ainda ficou, ainda ficou, ficou, ficou, aí dia a dia foi acabando, desgostando, ou cada um, aí acabou, aí passei um tempo sem me envolver.

Esse que era taxista já era bem mais velho, muito mais velho, e minhas meninas era o que? Minhas meninas tinha uns sete anos, oito anos, nessa bora botar assim, eu

passei uns três anos com ele, bora botar assim, minhas meninas tinha uns cinco anos, seis anos, foi um assim, uma luz que chegou e me iluminou.

Disse assim, vou tirar ela, vou levantar ela um pouquinho, vou tirar ela do aperto que ela tá. Aí eu olhava assim, eu digo ôxe, menina nova, bonita, eu, ficar com um véio desse, mas eu disse as meninas.

Mas as meninas dizia: Mônica, o véio tem, o véio vai te bombar e tu tais precisando, aí eu pensava nas minhas filhas, eu digo poxa, é mesmo, eu vou dar isso, vou dar aquilo às minhas filhas, aí, só pensava nelas, tudo que eu fiz também eu pensei muito nelas, aí eu digo poxa, eu prefiro pedir esmola, eu prefiro ser rapariga dele, ser amante dele, mas não quero roubar, não quero pegar nada que é dos outros, eu vou fazer isso, e ele me chamava pra sair, ele aqui na praça, ele tinha a praça e eu já morava ali, só que ali era de tábuas, na época, aí que eu conheci ele, ele levantou de tijolo, aí eu disse a ele.

Eu tinha duas filhas, era mãe solteira, que aliás, sou mãe de quatro filhos, aí contei a história que meu filho vivia com a minha mãe que é Thiago, e Willian sempre viveu comigo, só dei Thiago a mãe, Willian sempre foi comigo e tinha duas meninas e ele disse assim, eu quero conhecer tuas meninas, aí eu passava com as meninas pra levar pra escolinha, ele brincava já com as meninas tudinho, brincava com Moniely, foi se apaixonando por Moniely, por Monik. Monik e Moniely muito dada, muito carente e ele se apaixonou por as meninas.

E as meninas chamavam até de vovô, na época, foi só você vendo a história e eu sei que foi vovô, vovô aí ele começou a bancar as meninas, chegou um aniversário das meninas ele chegou com duas bicicletas, deu uma bicicleta a uma, uma bicicleta a outra, aí isso foi me iludindo, fazendo o bem pras minhas filhas. Eu digo, ai meu Deus, tenho que aguentar esse homem, não, juro a você, eu tô sendo sincera, por causa das minhas filhas, o que é que uma mãe não faz pra dar tudo de bom ao filho, né?

Eu digo, eu fiquei com o pior que não me ajudou, vou ficar com esse que me ajuda, legal, muito legal, mas não tive sorte menina, morreu também, mas aí já foi de assalto, tiro, assaltaram ele, mas eu acho assim que se ele tivesse com a vida, que tinha me levantado, vida todinha era ele, quando eu tava no auge, tava toda levantada já, foi aquilo de novo, muito desespero, eu sei que ele chegou disse vai lá em casa pra conhecer, não sei o que, aí ele veio, aí pra ele vim eu já tinha botado, as meninas já vivia com Paulina também.

Aí ele, cadê as meninas, eu disse tá na casa da vó dela, de Paulina, aí ele foi conhecendo Paulina, conheceu tudinho, aí ele chegou no aniversário das meninas com

duas bicicletas, de cestinho, de rodinha, Monik e Niely doidinha aqui na rua com a bicicleta. Isso ele já tinha táxi, ele era dono de frota.

De carro, frota de carro, ele tinha, ele olhou assim pra minha casa, eu bem pobrezinha, ele olhou assim, aí disse você quer ficar comigo? Ele, aí eu olhei assim, aí disse, quero, mas eu não quero nada sério não, eu fui logo assim, eu não quero nada sério não, porque já morei com homem, não tenho, não tenho sorte em namorar com homem, não quero morar com homem e você quer o que? Eu digo eu quero sair, quero beber, quero brincar e quero ter as coisas para minhas filhas, agora eu não quero que falte nada pras minha filhas.

Eu não quero que falte nada para minhas filhas, o que você puder me ajudar, você vai ajudar minhas filhas, ele disse eu assumo suas meninas. Tu assume? Assumo. Ele disse bora primeiro, bora comprar uns tijolo, umas coisas pra fazer esse barraco teu, que era de tábuas, ele desmanchou, e levantou, entre um mês, ele fez minha casinha todinha de alvenaria, de tijolo, feito terra assim, botou grade, ajeitou tudinho, aí todo sábado eu ia pra feira com ele, entrava dentro do carro com ele, as meninas, a gente ia pro Bompreço, aqui em Afogados, que hoje não tem mais, a gente ia pro Bompreço, o carro vinha com a mala de tudo que você imaginar, lata de leite, lata de Mucilon, danone, pacote de salgadinho, comprava pra as meninas levar pra escola de lanche, tudo de bom minhas meninas tiveram.

Vou botar pra atolar nele<sup>32</sup>, foi (risos), eu doida, digo vou botar pra atolar, chegava o dia das crianças, aqueles ursão, comprava para as meninas, aqueles meus bebê, comprava pra meninas aqueles meus bebês que tinha um lacinho, não uma chupetinha e na época era caríssimo na época era caro, hoje em dia ainda é.

Aí eu dava aqueles balde, o que dava a uma dava a outra, dava a Willian aqueles carrinho de botar pilha, dava aos meninos também, aí fiz uma festa do Moranguinho, disse pronto, por isso que eu digo que elas tinham uns cinco anos, fiz uma festa do Moranguinho de cinco anos com ele, foi a primeira festa que eu fiz, depois ele morreu, eu fiz a festa do Moranguinho, para as meninas, aí minha prima Vera, as meninas, com caixa de convite pra dar, e foi uma tremenda festa, que a gente fechou lá o beco, nesse tempo tinha o que?

Era filmagem, hoje em dia é tudo, mas não era filmagem, que a gente contratava o rapaz, o rapaz vinha filmando assim nas mesas, filmou.

---

<sup>32</sup> A frase “vou botar pra atolar nele”, nesse contexto significa que, vou explorá-lo financeiramente.

A roupa das meninas foi tudo do Moranguinho, o detalhe foi tudo do Moranguinho, ficaram muito bonita, a roupinha de Monik e a de Moniely do Moranguinho, a roupinha da mesma do bolo, eu acho que as meninas têm foto, eita não tinha nem foto, tinha, como é o nome? Que era que a gente botava DVD, era, como era o nome? Fita cassete.

Era fita mesmo, ai tinha ele com as meninas no braço, ele já de idade já, ai, rapaz, eu creio que na época ele já tinha seus sessenta anos, ele era bem mais velho mesmo, ele tinha idade que as meninas já chamavam ele de vovô, ele tinha, se ele tivesse vivo eu acho que ele já tava (...) Eu tinha uns meus trinta, acho meus trinta e dois, meus trinta e dois anos, ele já tinha uns sessenta, ele já era bem velho, entendesse? Agora assim muito sábio? Muito dedicado pra fazer o que queria mesmo, entendeu?

Não cheguei, tomei de ninguém, não foi nada assim, infelizmente foi uma fatalidade dele, na casa da filha dele, que ele também já foi casado, tinha outra família, já tinha neto, ele já era bem. Aí tinha saído de onde? Da casa da filha, eu esqueci o nome do lugar, um apartamento ai na casa que o pessoal dele é tudo, equilibrado.

Ai, saiu da casa da filha, quando dois pivetes, embaixo do prédio, assaltou ele, porra! Assaltava levava o dinheiro, deixava o cara com a vida, não, assaltou, botou a mão no bolso, ainda atirou, um tiro só, um tiro só mesmo, no coração, um tiro só.

Não respeitou a pessoa de idade, não respeitou nada! Diz que ele caiu lá nele que eu não quis nem ver, quando foram me dar a notícia, ele já tava lá no caixão, aí que vieram, na hora, debaixo do prédio, mesmo, da filha, que foi aquela correria, aquele desespero, socorreu ele, mas foi fatal. Eu sei que, voltando a esse assunto, ele foi muito bom.

Fizemos os cinco anos das meninas, ai ele dizia assim, Mônica, a gente vai fazer os quinze anos delas. Ele dizia: a gente vai fazer os quinze anos delas, cinco anos foi desse jeito, a gente vai fazer os quinze, se Deus quiser, vai fazer os quinze delas.

Ele me ajudou muito, ai foi quando eu tirei as meninas de uma escolinha que tinha que uma mulher ensinava, ela morreu, finada Berenice, as meninas estudavam ali, ai foi quando, ai minha prima, as meninas dela já estudava aqui no Santa Luzia, foi quando ele disse quer, particular, ai ele disse quer botar suas meninas lá?

Eu disse quero, na época a matrícula de lá do Santa Luzia já era cara, Vera disse: aproveita bota Monik e Moniely lá, eu disse eu vou, fui lá, fiz a matrícula de Monik e Moniely, estudaram lá, ai estudaram lá particular de manhã, todo mês ele pagando, de

manhã, e à tarde vinha pro reforcinho, aqui em Berenice, com cinco anos em diante Monik começou a ler, a ler, ai botei ela.

Ai quando, também só tirei ela quando ele morreu ainda ela ficou, terminou o ano todinho, quando ele morreu, mas ela terminou o ano todinho, as duas, quando eu, apertou, ai foi quando elas saíram e foram pra lá, pra, eu acho que foi aonde, eu acho que foi aqui, Costa Porto, no Costa Porto vieram pra aqui, não, pra Joaquim Nabuco?

Não, foi pro Costa Porto, elas estudaram aqui também, as meninas já estudaram em tanta escola, ou foi no daqui do (...), elas estudaram em Costa Porto, mas porque elas estudaram mais particular, elas estudaram muito em particular, enquanto eu pude pagar, eu vou pagar a escola delas, ai ficaram, mas ele ajudou, ajudou ai me levantou mesmo, ele botou mesmo, me levantou mesmo, ai eu só fiquei aqui porque ele levantou, mas ele dizia quer morar, ele tinha um apartamento pro lado de Muribeca.

Na época eu era tão doida, eu não queria saber mais de morar com homem, que ele pelejou pra eu me botar lá em Muribeca, num apartamento assim, quero nada, vou sair daqui, pra morar nesses apartamento lá em cima, em Muribeca, vou nada!

Vou ficar aqui mesmo, ai fiquei, foi quando indenizou, foi indenizado, assim que ele faleceu tudinho, ai fiquei com aquela solidão porque, quer queira quer não, a pessoa sente.

Foi mais de quatro anos, muito e, foi assim, uma morte que não era pra ser pra ele. Ele era pra morrer de velho, cansado. Já com a família dele que tava fazendo comigo e as meninas, que eu não sei se eu tava com ele também, ou com a família que ele tinha fora. Tudinho, mas chegar a morrer, sair da casa de uma filha, de manhã, pra tomar um café, no prédio, descer e acontecer uma fatalidade dessa na vida dele.

Eu sei que na época, Monik e Niely já eram bem sabida com uns oito anos, nove anos, sofreu tanto, chorou, meu avô, meu avô, a gente levou elas pro enterro, foi lá na Morada da Paz não, aqui, perto do Aníbal, Das Flores(...) (não lembrava ao certo), pronto, ai a gente foi pra o velório dele, levei Monik e Niely. As meninas chorando, chorando, foi muito difícil assim.

Ela tava muito apegada, ele botava elas pra passear. É, foi um pai mesmo assim pra elas, um paizão mesmo, que chegou naquela hora assim, botou elas pra passear, eu tava numa praia ele ia buscar, eu tava no Dois Irmãos ele ia buscar, ele era agarrado com Monik, mas Niely ele tinha um cuidado tão especial com Moniely.

Ele achava que Moniely era bem delicada, bem chochinha e tinha aquele problema da vista, ele que me ajudou a comprar o óculos dela, ele vinha, a gente vinha

do hospital com Moniely na cirurgia, ele com Moniely no braço, era aquele, atenção, às vezes eu tirava a chupeta das meninas, as meninas chuparam chupeta até cinco anos, eu vamos tirar a chupeta, vamos tirar a chupeta e elas chorando, quero minha chupeta mainha, quero minha chupeta, eu mas filha, tu já tá com cinco anos ai ele dá Mônica, dá a chupeta das meninas, dá a chupeta das meninas ai eu dava.

Ela botava uma na boca, uma dentro do buraco do nariz e eu tira essa chupeta Luiz, dessas meninas! Essas meninas vai (...), Moniely tá ficando zaroia por causa dessa chupeta. E, você acredita que na época ele era doido pra registrar as meninas. Ele era doido, doido pra registrar essas meninas, foi quando ele já tava, já tava com isso na cabeça mas, registrou não.

Eu registrei elas como mãe solteira, a minha mágoa dele (se referindo ao pai biológico das filhas) não foi a separação, mas foi essa. A minha prima ainda correu atrás pra registrar e hoje, se fosse hoje, ele tivesse vivo tinha registrado, porque hoje a justiça faz registrar.

Faz o DNA, faz tudo e faz, e na época, por isso que eu digo, o meu, já peguei tudo atrasado, porque ele fazia assim, quem registrar, a gente vai registrar, a gente faz o exame e vai registrar, digo olhe, não adianta a gente fazer o exame, que era difícil pra fazer, hoje não é mais não, é muito caro, arrume como é que você vai fazer o exame que a gente faz, agora, cê tá pensando, filha de puta tira a mãe da culpa, as meninas é sua, você sabe que é sua, agora vai registrar?

Deixa que eu registro só. Ai minhas meninas mas mainha a senhora era pra ter deixado ele registrar. Eu disse: Moniely, você não sabe a dificuldade que eu enfrentei não, pra registrar não, hoje é muito bom, o pai não querer, mas tem que registrar um filho. Hoje é muito bom, a justiça paga o DNA, a justiça obriga, a justiça faz qualquer coisa mas, o filho não pode tá sem o registro.

E, na época, eu criei você doente, tudinho, eu tinha que ir embora fazer seu registro, e eu fui com muito orgulho, como mãe solteira, eu sei que é triste pra você ver no seu registro, e não ver o nome do pai, mas eu fui seu pai, eu fui sua mãe. Ela, não mainha, eu não ligo pra isso não (...) entendesse? Não ligo pra isso não, mas (...) (choro)

Hoje não é mais assim! Se ele fosse vivo, eu corria hoje para registrar elas, por elas, por mim, não. Porque eu disse ôxe, eu criei os dois, teve registro, teve pai, não assumiu! Eu vou mostrar que eu vou conseguir, vou criar minhas filhas, é um papel, um registro, eu achava assim, entendeu?

Ela tem meu nome, é o importante! Se Deus me levar hoje, mas minha filha nada vai faltar, pra elas, nada, nada para minhas filhas vai faltar. E, cumpri.

Fui gostar do homem dos outros, como se diz, desculpa dizer, fui puta, porque uma mulher solteira, que gosta de um, de dois, de três, ela já se torna puta, rapariga, como queira chamar, mas fui com muito orgulho! Não fumei maconha, não roubei, fui assim, para dar do bom e do melhor às minhas filhas e dei estudo, dei do bom e do melhor, só fico triste nessa parte do registro, mas, ela mesmo diz: faço questão não, a senhora foi uma mãe e um pai pra mim, não faço questão por papel, por registro não. Mas, eu senti!

Em meio ao choro e aos risos terminamos a entrevista com um abraço. Foi um momento intenso, com muita emoção envolvida.

#### **4.2 FAMÍLIA DE BERLANE FIRMINO: o caminho, a praça, a casa, o lugar da entrevista**

No dia dez de dezembro de 2016 às quatorze horas fui à casa dos familiares de Berlane Firmino. Era uma tarde ensolarada e quente. Estacionei o carro em frente à praça existente na Vila do Motorista e fui caminhando. Não consegui acertar o caminho, mas contei com a ajuda de alguns moradores que eram meus ex-alunos. Foi interessante os reencontros, alguns apenas cumprimentei, outros me pararam, conversamos um pouco, lembramos da época da escola, rimos juntos. Foram boas lembranças. Com as indicações corretas consegui encontrar a casa dos familiares de Berlane. Ela estava me aguardando em frente à casa.

Conversamos um pouco ela chamou sua mãe e alguns dos seus irmãos também apareceram. Berlane está gestante da sua primeira filha. Ela indicou que fizéssemos a primeira entrevista com seus pais e também com ela, pois a qualquer momento poderia ter seu bebê. Seguindo as orientações, realizamos as entrevistas com sua mãe, seu pai e em seguida com Berlane. As entrevistas foram realizadas na sala da casa dos seus educadores familiares, uma casa pequena onde moram seus pais e seus quatro irmãos mais novos.

Na pequena sala, iniciamos a conversa com D. Izabel, mãe de Berlane. Ela se mostrou um pouco ansiosa. Como já nos conhecíamos anteriormente, tentei tranquilizá-la, realizando uma conversa informal, mas explicando o objetivo da pesquisa, os procedimentos das entrevistas, solicitei a autorização para a publicação e perguntei se a



mesma gostaria de escolher um nome fictício para representa-la na pesquisa. Ela preferiu manter o seu nome.

#### 4.2.1 Conversando com D. Izabel, mãe de Berlane

Meu nome é Izabel Alves da Silva tenho quarenta e dois anos (risos). Nasci aqui mesmo, aqui no Recife. Aqui mesmo no Coque. Essa casa ainda é de herdeiros. É da família toda. Ainda hoje tá em pé! Depois que eu saí da minha família, fiquei junto com o pai dela, (Berlane), ele me botou<sup>33</sup> numa casa, aí foi passando os momentos.

Minha infância foi trabalhar fora, pra ganhar um trocadinho pra se ajeitar mais melhorzinho. E, ajudar um pouquinho também minha irmã.

Eu acho que eu tinha dezesseis anos ou dezessete anos. Eu era muito quietinha em casa, ficava muito em casa, cuidando da minha filha mesmo quase igual a mim. Eu não saía de casa! A mesma coisa eu tô fazendo com elas. Criei Berlane só da escola pra casa e pronto. Eu não deixava ela ficar em canto nenhum.

Hoje em dia a gente não pode nem fazer isso nem impedir de tá no meio da rua agora. Eu sou assim, tem a hora de entrar, tem a hora de brincar na rua, depois tem a hora de entrar, óia a hora, tua hora, pra ficar dentro de casa viu!

Eu era da escola pra casa e pronto! Estudei pouco. Eu gostava de estudar, estou meio arrependida porque não terminei o resto.

Eu estudei no Joaquim Nabuco. Eu estudava, antigamente era bom quando eu estudava, depois que os irmãos tudinho arrumou um problema que saiu tudinho da escola e não entrei mais.

Quando eu estudei lá, acho que eu tinha uns dez ou doze anos. Quando eu comecei a estudar na escola que minha família botou<sup>34</sup>.

Eu não me interessei. Gostava da escola. Mas, eu não me interessei muito!

A escola era bonitinha. Alguns professores eu me lembro, mas eu esqueci o nome deles agora, tem uma que ainda tá fazendo aula lá. Na escola Joaquim Nabuco ou na escola Monsenhor... Algumas professoras eu conheço.

Sim, quando dividiu ficou diferente, a gente não sabe nem como é que tá direito. Faz tanto tempo. Tenho saudade de estudar porque não me interessei muito, mas eu

---

<sup>33</sup> A palavra botou nesse contexto, significa matriculou.

<sup>34</sup> A palavra “botou” nesse contexto, significa matriculou.

gostava de estudar. Na escola eu brincava de amarelinha, brincava com as meninas, conversava, só não queria saber negócio de namorar. Era muito cedo pra namorar. Depois de algum tempo conheci o pai de Berlane, que eu nunca namorei com nenhum outro rapazinho não. Eu tinha uns dezesseis anos, ou era dezessete anos quando eu comecei a gostar dele.

Novinha! Aí foi ele, foi ele até hoje, graças a Deus. Bom, não casei no papel mas casei ficando junto. Casado é quem bem vive. É, mas tá pra acontecer isso agora. É, ele vai divorciar da esposa dele, ela já falou com ele, que ele tem que pegar o divórcio pra resolver isso, aí a gente vai casar (risos...) e quando eu fizer o casamento você vai ser convidada (risos).

Eu tinha, que eu me lembro, já passou tanto tempo. Que a gente se esquece. Eu tinha dezesseis anos quando fui morar com ele. A gente ficou morando na casa da mãe dele, depois mudou. Vim morar perto daqui, derrubaram as casas, não tem mais. A casa era pertinho, aqui mesmo, aqui no Coque. Quando a gente passou um apertinho foi morar no interior.

Eu não me dei no interior, aí peguei, voltei pro meu Recife mesmo. Eu já morei um tempo em Garanhuns, passei pouco tempo. Não passei muito tempo que eu não me dei lá. É que ele (se referindo ao pai de Berlane) não encontrou um serviço nem nada e a gente veio pra cá mesmo, a sorte dele foi aqui mesmo.

Ele é vigilante. Ele só trabalha de noite, chega de manhã todo dia. Sempre foi vigilante, ainda hoje é. Eu sou mãe ao todo de sete filhos. Eu já perdi um filho. São seis vivos, a mais velha é Berlane.

Berlane deve estar com vinte e dois ou vinte e três, é não, é vinte e cinco que ela tem. Berlane foi muito presa. Porque eu não gostava que ela saísse com ninguém. Que eu sou assim, falo logo a verdade, eu não deixava ela sair, aliás, não deixo nenhum sair, essas (se referindo as outras filhas) quase não saem. É da igreja pra casa. Não é pra demorar na rua, na igreja, tem a hora de entrada, de entrar dentro de casa, já sabe, tal hora tem que chegar.

Não sou da igreja, não. Eu não era não. Mas, deixava ela ir pra igreja com a irmã Luíza que mora ali. Só Berlane era evangélica. Da escola ela ia pra igreja e vinha pra casa. Era da escola para a igreja e vinha pra casa, foi assim que ela conheceu Adriano.

Na infância ela brincava aqui mesmo dentro de casa, que eu não deixava muito ela solta não, que a primeira filha a gente tem mais cuidado. Eu não deixava não, eu só digo a ela: tem a hora! Adriano até ficava com raiva de mim que eu não deixava, queria

até ir buscar, que eu não deixava nem ela vir só, que o pai dela disse: vá buscar a menina tal hora, a hora de largar e tudo, eu ia atrás dela e buscava ela.

Agora não, hoje em dia a gente não tem muito medo, mas às vezes quando a gente vê esse negócio de tiroteio por aí, a gente teve mais medo que só.

É, e também esses, tem rapaz que é safadinho, pode pegar as meninas por aí, eu tenho medo por causa disso.

Eu já vi na televisão. As meninas que vai sozinha, pronto, um caso mesmo que eu vi na televisão, a menina que sumiu. Que disse, ó mãe, eu vou pra igreja e, nesse dia, não voltou mais. Teve um caso aí que eu vi na televisão, por isso que eu tenho medo, por causa disso. Logo por ali que já foi (...) o povo já foi de assaltar, de tudo, eu tenho medo. É de casa pra escola, pronto! Nem um pouquinho ficava na rua.

As amiguinhas dela vinham de vez em quando, chegava as meninas, as meninas ficavam um pouquinho depois iam embora, mas eu digo, não vai chegar tarde na casa de sua mãe não, pra sua mãe não reclamar e tem a hora de dormir, elas iam embora e pronto. Berlane, gostava de estudar e ainda hoje gosta. Tudinho! Todos gostam, tudinho! Mas, quem mais gosta é Berlane. Os meninos aqui é meio preguiçosinhos pra estudar, mas as meninas não, as meninas são boas de estudo.

Berlane era uma bênção, só tirava nota grande (risos) ela é o maior orgulho da gente, é um orgulho que eu tenho.

Sobre a universidade teve a primeira vez que ela ganhou, o pai dela não deixou que era longe. Foi Luiz (se referindo ao diretor da escola) que deu a ela. Ai que ela passou, ganhou, mas a gente não deixou que era muito longe. Era, não sei, era um pouco, meio longe, a gente não deixou não, ela fazer, é porque eu esqueci o nome da onde foi.

Foi, porque era muito longe e também a gente não tinha o dinheiro pra está pagando, porque era um aperto, era um aperto muito grande, não deixou. Quando foi agora, que ela, depois que ela ganhou (passou) a última, a segunda, aí foi que a gente deixou.

Quando ela passou da segunda vez foi muita alegria, ela fez: não mainha, agora eu vou! Eu disse: vá, siga o seu sonho, tá com a idade já alta, pode ir agora!

É, agora terminou já. É, e agora depois que casou. Mas, mesmo assim antes de casar a gente deixamos ela ir. A gente deixou, aí meus filhos (irmãos de Berlane) esperavam ela ali lá fora que a gente não deixava ela vir sozinha, a gente esperava até tarde ela ali, porque não deixava ela, quem deixava ela ali perto e a gente vinha buscar.

Pois é muito perigoso, tem muitos noiados. Sim, que tinha por ali. Hoje ainda tem. Eu acho que tem ainda, mesmo assim a gente ainda fica de olho.

Bom, quem incentivou ela, foi por ela mesmo. Porque o pai dela não tinha tempo de ficar junto dela. E tudo que ela fazia ela me dizia, eu digo: oh Luiz, vou, aí eu vejo, vou conversar com seu pai, ele conversava junto. Ele dizia: óia, tá certo, vá, seja como Deus quiser! Soltou ela um pouquinho a gente deixou.

Muita coisa mudou, bom, eu fiquei alegre que ela terminou o estudo dela antes de se casar. Antes de se casar, namorou dentro de casa, certinho, óia eu digo: óia, pra namorar tem que ser dentro de casa, pra gente está olhando, que a gente não sabe, que a gente tá se conhecendo, depois que a gente conhecer direito a gente solta, solta um pouquinho, depois que a gente foi conhecendo, a gente soltou ela.

Soltou de vez. (risos). Até hoje a gente fica de olho que é a filha mais velha! A gente ama muito. É, ah, mas Berlane é, ôxe, eu sou louca por ela, ainda hoje ainda é enganchada<sup>35</sup>. Eu vou lá na casa dela, pego ela e volto, ainda hoje eu sou assim, babona e agora com neto. Eita! Agora que vai ser bom mesmo! Sou vovó a primeira vez! Ele não. (se referindo ao esposo). Mas, eu sou a primeira vez avó.

O pai de Berlane Já é dos outros filhos dele. Ele já tem netos. Da outra família, já tem, uns três já, tudo já é pai, e a outra também já é mãe.

Pra universidade da parte da gente houve incentivo. Só quem foi meio assim foi a avó dela, que ficou reclamando muito. Mas, mesmo assim a gente deixou.

A avó tinha medo, porque a gente não conhece o mundo por aí como é. Aí ela ficou meio com medo, mas mesmo assim a gente deixou.

Eu quero, quero que ela siga em frente, a gente não soltou, mas ela já tem a cabeça de garra e a gente só dá concelhos, vá, vá acreditando, não vá fazer coisa errada não. Berlane é a mais quieta, nunca se queixou de nada. Ela gosta de escrever e tem um livro que ela guarda até hoje, tá lá na casa dela, que ela mora lá. Ainda tem um livrinho que ela escreveu a história, eu acho que já tá até velhinho. É, pois foi assim (...) Berlane gosta de estudar!

D. Izabel nesse momento, sorriu e com toda sutileza em meio a sua timidez terminamos nossa conversa.

---

<sup>35</sup> A palavra “enganchada”, significa presa.

#### 4.2.2 O pai de Berlane Firmino, Gilberto Firmino da Silva

Antes de iniciarmos a entrevista o pai de Berlane encontrava-se deitado. A mãe de Berlane o chamou e ele veio prontamente. Ela nos apresentou, ele mostrou-se bastante simpático. Iniciei a nossa conversa explicando o porquê da entrevista e solicitando sua autorização para a possível publicação. Questionei se ele gostaria de ocultar seu nome, o mesmo afirmou que gostaria de ver seu nome na pesquisa. Em seguida, começamos a nossa conversa. Solicitei que me dissesse seu nome completo e contasse como foi sua infância.

Meu nome completo é Gilberto Firmino da Silva. Esse ano completei cinquenta e cinco anos. Eu nasci em Garanhuns, Pernambuco, na cidade de Garanhuns no interior. Eu vivi lá até os meus trinta e dois anos. É, mais ou menos trinta e dois anos.

O que eu lembro da minha infância é muito serviço. Eu comecei a trabalhar logo cedo demais, eu tinha seis anos de idade quando comecei trabalhar, porque o meu pai era doente e era eu e minha mãe. Eu com seis anos de idade já comecei conhecer o serviço. Eu não tive infância não! Não tive infância. Assim, depois fui ter minha infância. Quando eu tinha meus seis, sete anos, dez anos, nada disso!

Comecei a trabalhar com seis anos de idade, que a minha mãe trabalhava, me levava pro serviço e lá eu ficava ao lado dela ajudando, ajudando ao lado dela, ajudando. Ela dizia: saia daí meu querido, vem, pronto, pega aqui, pega aqui menino, Criança. E, desse modo, eu fui crescendo conhecendo a minha infância todinha esse outro lado da vida assim, da infância de uma criança, mas eu não tive uma infância, dizer assim, meus pais tinha condições de me criar e eu posso brincar, estudar (...), ou melhor, eu não estudava, porque no interior era difícil, ou você estudava ou trabalhava.

Comecei a trabalhar com seis anos, mas quando eu estava com mais ou menos, aproximadamente uns doze anos, foi que meu pai me botou numa escola lá.

Eu tinha doze anos, onze e pouco, quase doze anos, mais ou menos doze anos, foi que eu comecei a estudar. Era analfabeto, mas eu tenho uma mente bem aguçada porque eu aprendi a ler e escrever, se eu disser pra senhora, a senhora não vai acreditar, eu aprendi a ler e a escrever, em torno de menos de seis meses eu aprendi ler e escrever, em menos de seis meses eu já estava escrevendo e lendo, aí eu passei de analfabeto, aí fui (...).

Aí fui me alfabetizando e eu fiquei assim, agora, mais pela minha inteligência porque, não é brincadeira não, com seis meses de escola você saber já ler e escrever. Eu não vou dizer a senhora que, eu sei o básico. Tudo que eu tenho é o estudo básico, eu

estudei, se a senhora fosse no caso, dizer assim, vamos botar o teu estudo na balança pra ver quanto pesa, talvez o que eu aprendi, através da minha inteligência, seja mais do que um terceiro ano, colegial, pela inteligência, de saber as quatro operações importantes na matemática.

Saber escrever e ler. Não sei muitas vezes me expressar muito bem, mas tenho educação. Sei respeitar as pessoas. Esse princípio básico de uma família é da educação. Porque a educação diz que vem de berço, é não, não vem de berço não! Isso vem do ensinamento da sua família, quem dá o ensinamento básico a uma família, pra pessoa passar a ser educado é a família, não vem de berço, porque ninguém nasce educado, a educação se aprende.

Aí pronto, meu pai e minha mãe, realmente eram muito educados. Agora veja bem, não era que eles eram educados porque sabiam ler, não. Eles eram instruídos, porém não eram intelectuais, porque não sabiam ler, mas eram instruídos e eram educados porque aprenderam também o quê? Com a vida, que tem que se aprender a respeitar o próximo. A gente tem que aprender a respeitar o próximo. Se a gente não respeitar o nosso próximo, quando o nosso direito termina começa o direito do outro.

Sobre a minha escola eu lembro sim, ela era tudo lá no sítio, no interior, sofrido também. Era um menino sofrido, deixava o serviço, tomava um banho nas carreiras e ia pra escola, chegava lá, muitos se interessavam a aprender, outros não, iam brincar, fazer arte, mas eu me interessava a aprender o que o professor estava falando.

Tá no quadro! E muitos não queriam não se interessavam, eu escrevia o que estava lá no quadro pra quando ela perguntasse, a gente sabia responder, outra, lição de casa a gente fazia direitinho pra no outro dia chegar lá, estar certo, nada de errado, porque também minha mãe cobrava muito isso aí, dizia, fazer a lição de casa logo quando você chegar da escola de noite, chegar, fazer logo, porque no outro dia já quando for pra lá já não vai fazer às carreiras.

E isso que fazia, então assim, a gente era muito obediente, não é que nem os filhos de hoje em dia, hoje em dia os filhos são muito desobedientes, a gente era obediente, obedecia os nossos pais, a nossa criação era um pouco, né? É um pouco assim, digamos assim, é um pouco grosseira em termos de desobediência, se desobedecesse ia ser cobrado não muito em falar, mas em corretivo, era assim. Era, só falava duas vezes, da terceira vez, corretivo.

Hoje em dia não. Hoje você pode dizer, falar o dia e a noite, o filho não quer obedecer. Ou seja, hoje em dia os filhos não só estão desobedecendo os pais. Como tão matando os pais!

A minha escola era assim, era na própria casa da professora, era na sala da casa da professora. A professora tinha a casa dela lá pra dentro, aí fora tinha uma sala que era assim um terraço lá bem largo, tipo assim, um salão. Um terraço coberto, agora as paredes era só pela metade, que era um terraço. Então ali ela colocava a mesa com as cadeiras. As cadeiras às vezes era banquinho, esses banquinhos de madeira às vezes, ou então era banquinho de madeira, um banquinho comprido assim, botava perto da mesa, quando não era isso, era uns banco assim pra todo mundo se sentar, ou se sentava no chão mesmo.

Os estudantes eram da faixa etária, ali dos nove anos, dez anos, onze, seis anos, sete anos. Não, tinha roupa não, a roupa que a gente tinha ia. Porque a gente do interior não tinha muitas condições de comprar roupa, era roupinha assim meio precária, né? Não era rasgado, rasgado não! A gente ia limpinho.

A mamãe lavava tudinho a roupa da gente, mas não era um (...), hoje em dia, como a maioria dos meninos se veste, que tem a sua farda do colégio e vai bem uniformizado pra escola, fardas bonitas, uniformes bonitos, naquela época não.

Era um calçãozinho curto, calção, shortinhos, era um shortinho curto, a sandália não era dessa, era alpercata de couro, não era sandália, nem era sapato, era alpercata, bonito e caro ou naquela época, tinha isso, quando não ia de sandália mesmo ia de sandália havaiana, ia de alpercata de couro com isso aqui pra trás e aí por diante, acontece que não era fácil, nunca foi fácil, porque a vida nunca foi fácil.

A minha adolescência já mudou um pouco. Porque quando eu passei dos meus quinze anos em diante, foi quando minha mãe houve um problema, nossa família minha mãe, houve uma separação. Por conta de (...) por conta de discussão, ele não deu certo, começou, o meu pai parece que com ciúme da minha mãe e ele não trabalhava, só a minha mãe trabalhava e eu também. Eu nunca deixei de trabalhar com ela. Minha mãe trabalhava na roça, em várias fazendas que tinha lá.

Tinha uma fazenda, trabalhava matando formigas com veneno na fazenda de um senhor lá. Porque a formiga comia o pasto e, ele pra formiga não comer o pasto, ele contratou várias mulheres da redondeza ali, não era uma nem duas não, eram várias, dez, doze mulheres pra botar veneno, comprar o veneno pra botar veneno na formiga pra não matar, não comer o pasto. E, então era o trabalho que a minha mãe fazia, era um deles.

Os outros trabalhos foi colhendo feijão, milho, assim, negócio tudo na roça mesmo. Meu pai nunca, eu nunca vi meu pai trabalhando, porque meu pai quando ele trabalhava eu tinha acabado de completar um ano, um aninho de idade, não me lembro onde ele trabalhava, mas ele trabalhava era lá de serviço pesado, serviço de madeira.

E ele cortava madeira e fazia aquele pranchão que era pra levar pra serralharia, pra fazer móveis pra serrar e foi aí que ele, houve um problema na coluna dele, daí por diante (...). Não tinha nada de INSS, era clandestino, então portanto não teve como ele trabalhar pra ninguém mais, não teve mais como ele trabalhar.

Ficou em casa mesmo, fazendo serviço sozinho, um pouco, mesmo assim tinha vez que ele passava o dia agarrado com a coluna tudinho, aí pronto. Por esse motivo, foi que minha mãe assumiu o papel de homem e de mulher, a responsabilidade da casa.

Sobre a responsabilidade da casa que é do chefe, deve ser o chefe de família. Se não pode trabalhar e a mãe de família ou trabalha ou vê o filho morrer de fome. Aí não tem como dizer: não, eu não vou trabalhar não! Aí é ou (...) é o sim, sim, não não! Aí não tem como você dizer que não vai.

Se você não trabalhar não come, como Deus disse: se não queres trabalhar, não coma, mas tem que comer, tem que trabalhar, temos que trabalhar, então toda uma vida eu trabalhei com ela, quando eu completei os meus quinze anos de idade, houve uma separação entre os dois.

Eu já tinha irmãos, naquela época eu tinha, tinha essa que tá morando no interior. Na separação já tinha dois irmãos, a mais velha, Neide e esse que mora aqui agora, mora aí, Edmundo, nós fomos em cinco. Morreram dois, ficaram três. Eu, Edmundo e Neide.

Então, mas Edmundo era muito pequeninho, era que nem aquele menino de Fabiano. Porque três aninhos de idade, ele com três anos e eu já com quatorze, quinze anos, né? Aí Neide tinha uns oito, dez anos, onze anos já uma mocinha e ele pequeno ainda.

Nesse caso, houve essa separação, com ele ainda pequeno. Eu era o mais velho, ou seja, sou o mais velho. Mas, vindo ao caso, houve a separação, aí ele ficou, meu pai ficou no interior e a minha mãe veio pra cidade, pra Garanhuns, nós morávamos no sítio, que era isso era no sítio, a nossa casa era um sitiozinho.

Ela veio pra cidade, pra casa da minha vó, veio pra trabalhar na cidade e pronto, levou nós, levou eu, minha irmã e meu irmão, pra cidade. Da cidade de Garanhuns foi que ela veio embora pra aqui, aí foi quando eu comecei a seguir o meu caminho.



Como diz assim, quando um passarinho tá no ninho, criou asas, a tendência é voar, e então foi o seguinte, foi o que aconteceu comigo. Eu decolei, comecei tudo que eu tinha, comecei fazendo um curso, fiz o curso da polícia militar, não passei, fiquei em psicotécnico, passei em tudo, menos no psicotécnico, não passei no psicotécnico, não deu!

Fui pra uma empresa de ônibus que tinha lá, passei, no caso, pra cobrador de ônibus, trabalhei de cobrador de ônibus, depois de cobrador vim pra aqui, fiz um curso numa empresa pra trabalhar de cobrador também, na Princesa do Agreste.

Depois fiquei, entrei mais em duas firmas, já como vigilante. Também não deu muito certo, porque naquela época requeria muito estudo, tinha às vezes vigilância que requeria muito, lá no teste. E, muitas vezes, eu não passava, outras vezes eu passava e assim ia seguindo minha vida que foi um pouco conturbada.

Entre perseverança e sofrimento até hoje eu não posso dizer: feliz eu tô, né? Graças a Deus, que eu sou, eu me considero um vencedor! Porque venho perseverando, mas sempre no caminho da verdade, nada de olhar pra direita, nem pra esquerda, porque qualquer um pode, independentemente da religião dele, ele pode se desviar pra direita ou pra esquerda, mas Jesus disse: olha para mim, para o caminho reto e correto e certo, nem que você não seja evangélico, que você não seja, não queira, não quer religião, mas você, todos nós devemos olhar pra Jesus, ou seja, ser certo, um cidadão do bem.

Quando eu vim pra Recife eu tinha em torno de uns vinte e cinco anos, por aí, vinte e seis anos. Eu vim porque eu vim para a empresa de ônibus, fiquei rodando daqui pra lá, ia pra lá e vinha pra cá. Sim, pra Garanhuns e vinha pra aqui, e voltava, trabalhando.

Quando eu vim pra morar mesmo aqui no Coque, eu já estava com, em torno de uns trinta e dois, trinta e três anos, pra morar aqui mesmo.

Naquela época, aqui era muito diferente, isso aqui era como se fosse assim um lugar ainda, pra explorar ainda. Tinha alguns barraquinhos de madeira assim, aqui, não tinha esse monte de casa que tem aqui assim de alvenaria, era casinhas de madeira, inclusive essa aqui mesmo era de madeira, de tábuas. Chamava de tábuas no caso, eu chamo madeira.

E, então foi se evoluindo (...) no decorrer do tempo foi se evoluindo. Mas, não era assim. Muita droga, era muita bebedeira. Muitas brigas, tinha um tal de um dependente que tinha pra alí quando eu cheguei aqui. E existia muita, muita, muita, muita droga mesmo, muitas coisas, cenas obscenas. Cenas que ninguém aguentava ver uma cena

daquela, porque além de ter as brigas e as drogas, eles faziam coisas absurdas pra quem quisesse ver, aqui era assim.

Sim, eles transavam no meio da rua, mas depois com a evolução do tempo é que foi acabando, o dependente acabou, fechou e aí acabou as drogas, aí foi virando um ambiente familiar.

Nessa época, eu era casado com outra pessoa lá, eu casei lá em Garanhuns. Foi, casei lá, sim, eu casei lá, mas também lá eu só vivi com a mulher (...) lá eu tive, lá houve cinco filhos, a primeira morreu.

Um acidente e ela morreu queimada, a primeira morreu, a minha primeira filha do primeiro casamento. Porque eu sou separado. Izabel já é o segundo casamento. Ela morreu quando tinha três anos, era essa primeira menina minha morreu com três anos. Ela morreu queimada em um acidente, morreu queimada. E houve um aborto e os outros três tão lá, tão vivos, graças a Deus, sou pai de quatro netos.

É, já é casado, tá tudo velho, tudo adulto. O tempo passa. E, então, a minha ex-esposa tá lá, casou de novo, com outra pessoa lá e vive a vida dela e eu vivo a minha. Foi quando eu vim pra cá, nesse caso (...).

A minha filha que morreu queimada foi assim: eu, no caso, eu casado com ela lá. E eu trabalhava numa empresa que ela prestava serviço fora da cidade, não sei se você já ouviu falar em Bom Conselho e, então a gente trabalhava.

Eu prestava serviço pra o governo, pra o Incra. Que era o governo federal e então a gente passava quinze dias fora de casa, quinze dias. E, no caso, eu confiava nela pensando que ela estava com as crianças em casa. Na verdade não tava!

Deixava os meninos na mão da avó, da mãe dela e ia sair com as amigas, com não sei quem, não sei o quê lá, fazer não sei o quê, então acontece que nesse meio de tempo, houve esse acidente porque a mãe dela foi fazer fogo de manhã, com a minha, com essa menininha minha que morreu queimada e a menininha ficou na perna dela atrás de pedir coisa pra comer, mania de criança.

Pedir, mania, coisa pra comer ela disse: tô fazendo fogo, e o fogo era de carvão, não era de gás, não era fogão à gás, era o forno de carvão, ela encheu a boca de carvão, resultado: o fogo não quis pegar, ela pegou, o marido dela, tinha um bocado de lata de tinta e uma latinha assim de tiner, aí ela botou o tiner, botou o tiner e assoprou, quando ela assoprou o tiner explodiu.

Quando ele explodiu o tiner, não só explodiu no fogo como a lata que tava na mão dela explodiu também, aí quando ele explodiu ele banhou todas as duas com o

próprio tiner, aí viraram uma tocha humana, as duas, a minha sogra, a minha ex-sogra não morreu porque não chegou o dia dela, é tudo sobre o tempo de Deus.

Mas, foi uma coisa séria, ela passou seis meses internada aqui na Restauração, se você ver, hoje em dia se você ver, tem muito tempo que faz muito tempo. Mas se você ver ela hoje em dia, você ainda tem dó dela.

A maneira da situação que ela ficou. Ela não olha pra você, não faz, ela não faz isso que nós faz não, não faz isso, esses movimentos não (ele mostrou com o rosto), ela vai com o corpo todo, todo, atrofiou, todo, todos os dedos, o pescoço, tudo isso aqui, queimou tudo, (ele mostrou a parte do tronco) queimou, saiu queimando (...) a menina se queimou toda. Só salvou um pouquinho do rosto assim, o resto queimou todo, não escapou, com sete dias faleceu. Eu vim de lá da firma.

O homem avisou lá e eu vim às carreiras, quando eu cheguei em Garanhuns. Já tinha sido, ela já tinha vindo pra cá. A criança junto com a vó, quando eu cheguei a vó e ela estavam na UTI, aqui na Restauração e a menina na UTI, com sete dias a menina morreu. Eu tive que fazer o enterro. Depois do enterro voltei pra lá e ela perguntou se eu estava culpando ela por isso, nesse, não, não tô lhe culpando, diretamente não tô lhe culpando, mas indiretamente sim, porque o lugar de uma mãe de família é ao lado de seus filhos.

E vendo o que tá se passando com seus filhos, não é pra deixar na mão dos outros assim. Não, mas tava na mão de mãe ela disse. Eu digo: sim, eu sei que tá na mão da sua mãe, mas tinha que tá na sua mão, não era na mão da sua mãe direto.

Veja que quando você ter seus filhos, não vai deixar na mão da sua mãe, entregar a sua responsabilidade de mãe pra sua mãe, pra vó deles, porque aí você passar um dia na casa da sua vó é uma coisa e entregar uma responsabilidade é outra, pra depois não vim cobrar a responsabilidade da sua mãe pra com seus filhos, a responsabilidade é sua que é a mãe deles, tem que tá ao lado dos seus filhos.

Depois foi, aí ficou esses três filhos. Aí depois disso, mas já tinha os três filhos, ou não, quando a menina morreu, depois disso, a menina morreu, ficou o mais velho, que era com aquela que morreu, e o encostado mais velho, aí depois disso aí ainda nasceu mais uma menina, aí eu deixei pra lá, tudinho, né?

Permaneci vivendo junto, e aquilo ali foi muito sofrimento, né? Mas o tempo passou, aí veio essa outra menina, depois que a menina nasceu, veio a separação, porque ela não conseguiu ser mãe, uma mãe responsável, eu tô falando mãe responsável, porque mãe ela é. Mas, a mãe da criança, eu digo, uma mãe responsável pela criança.

Aí começou acontecendo coisas que a gente fala. Mas, bom, a gente não hoje mesmo, ó, veja bem, você não pode acusar ninguém de nada sem você ter prova, porque se alguém, se você tem seu esposo e alguém, lhe levantou falso testemunho.

Ai de quem levantou falso testemunho! Mas o seu esposo não pode acreditar em conversa que o povo tá dizendo, ele não pode acreditar e querer separar da senhora porque ouviu dizer, não, ele não pode fazer isso, ele tem que acreditar pra gente ver, porque é isso que destrói casais e destrói famílias.

Foi, lá tudinho (...) (parou um pouco, pensou) eu não acreditei. Mas só que aí da parte dela, houve momentos negativos da parte dela. Coisas que ela disse, disse, porque a pessoa também muitas vezes a pessoa comprova. Até que você me prove o contrário, pra mim você não saiu com a pessoa.

Até que prove o contrário, isso que aconteceu, você dizer e fazer é uma coisa, mas dizer é outra. E depois eu cobre dela, eu disse, rapaz o que tão dizendo por aí, um negócio desse rapaz, (nesse momento ficou um pouco sem jeito) se a gente não der pra nós viver, separa, é só, sabe de uma coisa, a gente separa mesmo.

Eu digo: ói, se você não quiser vir comigo, você fica, presta atenção, você é minha esposa, mas você não é obrigada, você não é minha escrava, é esposa, eu não sou seu dono, seu dono é Deus, você não é propriedade minha, não, se não der, você vai viver sua vida e eu a minha. O que eu não quero nem admito é que você fique discutindo comigo. Para que eu vá e faça revanche, ou seja, você me impondo, aí eu revidar sobre você, querer bater, que eu não sou desses. De querer bater, espancar.

Quando chegou esse ponto de ela querer que eu partisse pra ignorância, que eu não sou, aí eu digo, ah, ela tá querendo que eu bata nela, eu não vou fazer isso, eu não bato em mulher, não, o homem pra mim é um covarde, aí eu olhe, sabe de uma coisa, vamos fazer o seguinte, vamos separar, sem briga, sem rancor, sem rancor, sem briga e sem nada de raiva, faz o seguinte, você passa a ser uma amiga minha, uma amigona, a mãe dos meus filhos e amiga minha e você vive sua vida e eu vivo a minha, você pode arrumar quem você quiser, é porque não tá dando mais, eu não vou dizer quê?

Você não é obrigada a viver comigo nem eu com você, você não é minha propriedade nem eu sou sua, você é minha esposa, minha companhia que Deus deu, mas você não tá sabendo preservar tudo que Deus me deu, então quando chega a tal ponto, a gente diz, segue teu caminho que eu sigo o meu, então foi isso que eu fiz, não houve problema nenhum, rapaz eu vou-me embora, eu digo, vá com Jesus.

Quando ela disse isso eu saí, fui pra casa da minha irmã. Quando eu volto ela já tinha saído, foi até um dia de sábado mesmo, aí eu chego em casa, avisaram óia, tua esposa saiu aí, pegou um bocado de roupa aí, umas coisas aí, pegou os meninos e saiu, que quando eu abri a porta deixou a casa daquele jeito, só ficou os móveis mais pesados, mas foi de roupa, guarda-roupa, aí foi, eu disse, vá com Jesus, vá-se embora com Deus! Acabou-se tudo!

Aí eu vim pra Recife, eu vim morar aqui na casa da minha mãe, morava, que era de madeira, ela já morava aqui, minha mãe, aí eu dessa vez agora, aí eu vim, quando houve isso aí. Que eu já não tava trabalhando mais de empresa de ônibus, que eu tava separado, aí eu vim morar com a minha mãe aqui, isso foi em oitenta e nove, eu tinha mais ou menos trinta e dois anos, por aí, de vinte e sete a trinta e dois, não me lembro bem.

Aí eu conheci uma outra pessoa mas, a pessoa também não deu certo, porque a pessoa mentiu pra mim, era casada, eu não sabia, quando eu soube, eu digo: não, não não, não, sai fora. Porque não dá não. Eu já tô correndo de um casamento assombroso. Aí chega perto um negócio desse, aí não deu, ela mentiu, era casada, eu digo, se você não quer viver com seu esposo, arrume outro, eu não! Porque disso eu já corri, desse tipo de coisa.

Aí depois dessa, foi que eu conheci Izabel. Izabel tinha dezesseis anos de idade, eu quase trinta e dois. Quase trinta e dois, mais ou menos e então eu conheci Izabel. Aí dos trinta e dois anos pra cá, foi, aí a gente, eu falei com o irmão dela, que tem o irmão dela é o mais velho aqui, eu falei com ele. Eu disse olha: é o seguinte, você sabe que eu sou separado, mas a sua irmã só tem dezesseis anos e eu tô separado da esposa, você sabe que eu sou um cara que não vivo mais com a esposa e tô pensando numa pessoa pra tomar conta da minha casa e de mim.

Claro, e eu dela, então o homem quando ele é casado que ele se acostuma a ser um dono de casa, responsável, ele não se acostuma mais ficar sem estar ao lado de uma pessoa que queira cuidar dele e ele dela.

É pra cuidar, não é só pra ficar, o casal é pra tudo, pra ser um companheiro, um amigo. Porque a gente gosta, a gente compartilha as coisas que a gente tem com as nossas, onde vão, com a minha esposa, você com seu esposo no caso, compartilha com ele e ele com você, ele é seu amigo fiel, né? O amigo fiel é Deus, mas ele é seu amigo aqui na Terra, né? É seu esposo, é seu companheiro e aí a vida dos dois permanece. E no caso, termina sendo uma só pessoa.

Com Izabel tive seis filhos, foi houve seis, Berlane é a mais velha. Berlane é assim (...) Eu conheci Izabel, quando foi depois de uns oito meses Izabel engravidou e veio Berlane. Berlane nasceu, pequeninha, cabecinha pelada, puxou pra o pai, depois que ela nasceu, vê bem, vê como é que é a coisa, depois de que ela nasceu, ela tinha um ano, um ano e seis meses, a gente, eu vendi o que eu consegui comprar aqui, eu vendi aqui, fui morar lá, porque lá eu tinha deixado uma casinha que eu tinha feito, em Garanhuns.

Que eu vivia com a mulher lá, mas lá ficava a casa, a nossa casa lá, que eu fiz, comprei e fiz lá. Aí eu fui com ela e a menina Berlane. Fui morar lá, não deu certo, por conta que eu não arrumei emprego nenhum e o dinheiro que eu levei daqui pra lá durou pouco. Com menos de seis meses, eu vendi, até a casa vendi, dei a parte dela (se referindo a ex-mulher) que já tava separada, ela tava separada, eu dei a parte dela, fui no juiz, foi feita a separação de bens e ela pegou a parte dela.

O juiz me deu um terço do que eu tinha direito, não tive direito a parte nenhuma com ela, só um terço mesmo, porque três partes, no caso ele dividiu, porque a metade é dos meninos. É das crianças de lá. E da metade que sobrou, uma terço da parte pra ele e outra minha. Quer dizer, ela como responsável ficou com as três partes e eu só com um quarto.

Vim pra cá, com esse quarto de dinheiro, no caso, que tocou a mim, a minha parte. Aí foi que eu comprei um barraquinho de madeira aqui. Aqui no Coque, foi aqui pertinho daqui. Era pra cá do viaduto não tem essas casas ali, quando entra no pé da placa, vem pra cá, era logo no início ali, se eu não me engano era a segunda casinha, era a minha ali, era a nossa ali.

Dali foi que a gente veio pra cá. Pra aqui, pra perto. Comprei uma casinha ali, dali foi que eu vim morar mesmo aqui no Corrimboque, é uma casinha que tinha ali, aqui dentro do Corrimboque e eu troquei com a minha mãe. Aumentando, sempre progredindo. No caso, na perseverança. Muito trabalho, muito esforço.

Depois veio, depois de Berlane, veio o Gilson, foi a galega, veio a galeguinha, galega, Giliane, veio Giliane, depois da Giliane veio Gilson, aí depois veio a Lelê, sim, Leidiane, depois o Genílson, que a gente chama ele de Gegê, que é o magrinho. Depois de Genílson, aí foi que veio o Augusto, é o último. Foi o ponta de rama, foi o sexto filho. E aí ela se operou.

A gente fez uma forcinha pra ela se operar, ela se operou e encerrou, seis com ela aqui, quer dizer que eu tenho seis com ela e três com a de lá. Vivos são nove filhos. Mas, só que com ela (risos) aí você vê, com ela houve seis filhos vivos, mas teve um aborto

também. Quando, a gente foi pra lá, houve um aborto, sim, houve um aborto, da parte dela aqui houve um aborto, mas vivo, com ela são seis, e vivos com a de lá três, no caso, são nove filhos vivos.

Olhe, Berlane é uma bênção de Deus, todos são. Mas Berlane, quando Berlane nasceu, eu vi que algo diferente aquela menina existia, não que ela pudesse ser melhor que nenhum dos irmãos dela, mas eu vi que em Berlane havia uma coisa muito, muito diferente, como que uma iluminação espiritual interna dada por Deus. E, ela já nasceu assim, ela nem bem nasceu e eu já pude perceber, né?

Uma menina obediente, uma menina que desde pequeninha que tem a mente no lugar, viu, é uma pessoa que entende as pessoas, com ela não tem mau educação, a gente deu educação a ela, mas isso aí, ela aprendeu muito com a vida, desde pequeninha, nasceu uma menina muito inteligente. Inteligente, sem rebeldia, nunca foi rebelde, nunca desobedeceu a nós dentro de casa, nunca me deu desgosto nenhum, ao contrário, só me deu prazer, nunca me desobedeceu dentro de casa, só fazia o que me agradava e agradava a Deus.

Tanto é que quando ela tinha os sete anos de idade, ela escolheu entregar a vida pra Jesus, ela tinha uns sete anos, foi quando ela saiu da escolinha ali, ela resolveu ainda criança, com sete anos, entregar a vida pra Jesus e tornou-se uma serva do Senhor. Mas isso, Deus já tinha prometido isso desde o ventre da mãe dela, tenho certeza que ela já nasceu uma menina muito diferente, uma menina querida por todos nós, obediente! Uma menina iluminada, uma bênção de menina.

Na escola era muito, olha, na escola era um espetáculo, um espetáculo na escola, só tirava nota dez, eu, ôxe, ela vinha com o boletim dela, era uma bênção o boletim dela.

A primeira escola dela aqui, foi a que uma menina ensinava aqui, eu botei ela pra estudar, ela era pequeninha, tinha seis anos, sete anos. Tinha sete anos mesmo, de seis e meio pra sete anos, foi a primeira escola dela, foi com uma senhora que ensinava aqui e eu botei ela, fiquei pagando particular. Sim, escola paga e ela é uma bênção.

Dali ela começou, quando ela saiu dali, já estava bem com os estudos adiantados, né? Dali ela foi estudar no Monsenhor. Do Monsenhor, quando ela terminou o Monsenhor, ela foi pra onde mesmo? Foi pro lado de lá. Ela terminou aí mesmo, no Monsenhor mesmo, parece que foi o 3º ano. Dali ela terminou o colegial e foi pra faculdade e até hoje.

A faculdade, foi assim, quando ela disse assim: ô pai, eu vou fazer o Enem, vou fazer o Enem, pra entrar na faculdade, aí quando ela viu na lista aí tinha passado, foi um

chororô aqui dentro, a mãe dela, ela, tinha passado, ia ser uma bênção, graças a Deus. Glória a Deus por isso!

Você passou, agora, tem um pequeno problema, com esse dinheiro que eu ganho minha filha, eu não tenho condições de arcar com a faculdade pra você, mas na verdade eu falei, ela disse: não painho, mas não se aperreie não que Deus vai dar um jeito, e eu quero dizer uma coisa pro senhor, não é lhe desobedecendo porque isso aí é uma coisa que Deus vai me dando, eu tô querendo dizer ao senhor que eu não vou desistir, eu vou insistir até o fim, e o senhor vai ver que Deus vai fazer com que eu me forme.

E eu digo, mas rapaz, eu achava ruim porque eu não podia ajudar ela, nem no carro, na Van que levava ela pra lá, porque se eu tivesse (...)

Da primeira vez, eu não tô bem lembrado, é porque também faculdade eu não entendo muito bem. Mas agora ela disse: eu agora pai, passei, e vou em frente, não vou desistir não, eu vou até o fim. Eu disse: mas e sem dinheiro, minha filha, vai como? Você passou tá certo, mas tem as despesas, tem o transporte, né?

E outras coisas mais e o que eu ganho não dá! Não dá pra eu arcar com a sua despesa e com seus irmãos em casa, dentro de casa, porque requer mais. Mais dinheiro e o que eu ganho é pouco. Ela disse: pai se aperreie não que meu Deus vai dar um jeito. Resultado, ela arrumou um serviço lá em Setúbal pra trabalhar de auxiliar de administração e começou a tomar conta de uma firma de um rapaz lá, fazer umas notas fiscais. E selecionando nota fiscal, essas coisas assim, auxiliar administrativo.

Aí queriam enrolar ela em dinheiro lá, deixando a firma lá, por conta dela e lá era muito deserto, eu tive medo de dar errado. Chegar um ladrão lá, querer entrar, ela sozinha lá, entre aspas e atirar.

Aí no caso, eu disse: não vai dar não, pra você ficar não, diga a ele que você vai sair de lá, aí eu fiz com que ela saísse de lá. Falei com o patrão dela, disse óia, pague o que é direito dela, o que ela tiver direito, pague a ela e deixa ela sair daí, que não dá pra ela ficar, ele disse: tá certo, vou fazer isso. Pagou a ela.

Só que ela já namorava com Adriano, aí foi lá buscar o dinheiro, com Adriano, vá mais ela, eu não tinha tempo, ele foi mais ela buscar o dinheiro, foi e trouxeram o dinheiro, quando eles chegaram cá, Deus abriu. Porque é assim, Jesus é aquele que abre portas, e ele abriu mais uma porta, aí Deus abriu mais uma porta pra ela, ela começou trabalhar.

Porque ela, quando ela começou nesse negócio da faculdade dela, se não fosse primeiramente Deus e o trabalho ela não tinha terminado essa faculdade, porque foi uma



boa porque ela trabalhando e do dinheiro que ela ganhava ela pagava a Van e pagava mais, alguma despesa a mais.

Olhe, geralmente, o filho se espelha no seu pai, que o seu pai seja ruim, ou que seu pai seja uma pessoa boa e iluminada, mas geralmente o filho se espelha no pai e Berlane se inspirou em mim. Porque a minha história é uma história muito sofrida, desde a minha infância, que eu não tive infância como já lhe falei, sofri muito, e permaneço.

Ainda, digamos assim, num caminho meio assim de sofrimento, porque eu não tive infância, mas eu venho nesse caminho de responsabilidade, caminho esse que nem todos querem assumir, porque hoje, você vê, não é todos que dizem assim, eu vou casar com você, eu vou ser o seu esposo, seu amigo, o seu companheiro, e vou dizer a você que vou trabalhar, vou ser o homem que eu sou, e não vou deixar faltar nada nem pra você e nem pra seus filhos, porque Deus me dá para eu te dar, e é isso que eu faço, venho fazendo, e ela sabe o pai que tem e eu sei os filhos que eu tenho, quer dizer, a filha que eu tenho.

Então ela deve ter se espelhado, eu acho que sim, em mim, pra chegar até onde chegou.

Eu fiquei sabendo da universidade através dela. (se referindo a Berlane). Através dela! Eu não sabia nem (...) eu pensei que ela nem podia nem participar disso. Eu digo: e você pode participar de uma faculdade, pra mim faculdade é uma coisa esquisita. Um negócio pra doutor, pra quem tem muito estudo e dinheiro inclusive. Porque faculdade é caro, muitos trancam a faculdade porque não pode pagar, então eu disse: mas pra Deus nada é (...)

Nada é difícil, Lucas 1:37, porque pra Deus nada é impossível, pra Deus tudo é fácil, pro homem é que é difícil, mas quando ele, quando aquele homem, ele acredita que Deus pode, Deus pode e pode, então ela crê em Deus, ela creu em Deus, no meu ver, deve crer, com certeza, e por isso que ela tá aí de pé, mas a gente tem que dar credibilidade ao Senhor Jesus, porque ele é que nos dá forças pra nós vencer e chegar até o lugar desejado, o fim do seu percurso, com perseverança.

Da universidade ela não falou de onde ficou sabendo. Falou assim, que parece que o governo dava, se passasse dava uma bolsa, mas ela ia arcar só com a despesa. Sim, na escola, foi na escola. Não, ela não tinha amiguinha pra tá saindo assim não, não, não, ela era da escola pra casa, de casa pra escola. Aí logo depois que ela começou nessa, no trabalho (...)

Foi criada muito presa, porque assim, da maneira que ela foi criada, porque assim, a gente não tem amigo, o amigo que a gente tem é Deus. Deus é o nosso verdadeiro amigo

é Jesus. Mas assim, ela não conhecia pessoas a tal ponto de confiar pra fazer amizades pra sair, até porque no mundo que a gente vive hoje em dia, a gente não deve confiar, o homem não deve confiar no outro.

Então, festinha, balada, minha filha nunca gostou desse negócio de balada, esses negócio, nunca foi disso, que ela sempre foi uma menina de enxergar o caminho, o caminho do lado de Deus.

Ela sempre enxergou o caminho do senhor Jesus, que não requer que faça amizade com quem não conhece, muito menos confiar em quem não conhece. Mas você pode fazer uma amizade, não confiar, uma amizade, até que eu prove o contrário, eu vou ser o teu amigo, se eu provar o contrário que eu sou uma pessoa decente, uma pessoa do bem, aí você sim vai me dar credibilidade e não confiança.

Era, mais a mãe dela, os irmãos aqui em casa. É, tinha os outros irmãos dela. Ela era a mais velha, tinha os outros, a Galega, o Gilson e a Lelê e os outros tudo pequeninhos, brincavam aqui em casa mesmo. Ela também ensinava eles aqui. É, ensinava assim, é a professora deles (...) aqui.

Muitas vezes, eles chegava e não sabia e ela ensinava mesmo, quando às vezes não sabia, vinha lá da escola, que muitos deles não sabiam a lição de casa, e ela dizia, ensinava, fazia, dizia: faça assim, assim, assim, ensinava.

Então, o seguinte, Berlane, ela nunca quis saber dela mesmo, isso veio dela mesmo, nunca quis saber muito de tá saindo com amizades, fazer amizades, essas amizades que a gente não deve fazer.

É, naquela época também, a gente via que amizade era uma coisa que a gente não podia confiar porque muitas vezes, via em que estava se tornando. Até hoje mesmo, Como estão se tornando as amizades? Essas qualidades de amizade, porque existe uma amizade, fiel e verdadeira que é a de Jesus e a sua amizade com seus familiares e com quem você gosta, os seus entes queridos e os seus amigos que você conhece por fora.

Mas, é uma amizade que você cultiva, que vale a pena. Até que prove o contrário ele tá sendo teu amigo, então você deve cultivar aquela amizade, porque é uma amizade sadia. É uma amizade progressiva. Foi nesse clima amistoso que terminamos nossa conversa e pude me despedir da família, levando comigo o abraço amigo.

### 4.3 FAMÍLIA DE EDSON SILVA: o percurso

No dia vinte e um de setembro de 2017, retomei as pesquisas de campo. A entrevista com a mãe de Edson fora agendada para esta data. Em conversas anteriores com Edson da Silva, combinamos a data e horário. Edson, se prontificou a vir me buscar na Escola de Referência em Ensino Médio Joaquim Nabuco, meu atual local de trabalho, para me ensinar o caminho. Então, no horário marcado, o mesmo chegou de motocicleta. Eu fui no meu carro o seguindo. No caminho, fui observando para ver se encontrava pessoas conhecidas e, como na maioria das vezes, que realizei as visitas tanto as voltadas para a pesquisa, quanto as de cortesia, encontrei alguns ex-alunos.

No percurso, observei o grande movimento de pessoas e transportes, carros, motos, bicicletas e até carroças. Passamos pela rua Cabo Eutrópio, acredito que é uma das ruas mais movimentadas do Coque. Durante o percurso, me detive a observar também as instituições escolares na proximidade da casa de Edson, como a creche Mãezinha do Coque, a Escola Municipal Novo Coque, a Escola Municipal Costa Porto, entre outras. Chegamos à casa de Edson por volta das quatorze horas e quinze minutos, ele me apresentou a sua mãe, D. Cleonice, uma senhora jovem e muito sorridente. Dona Cleonice me convidou a entrar e sentar. Conversamos um pouco, falamos do objetivo da pesquisa, solicitei sua autorização para a publicação, questionei sobre se a mesma gostaria que seu nome fosse omitido na pesquisa, mas ela afirmou que gostaria de ver seu nome nessa história. Logo depois, iniciamos nossa conversa explicando a Dona Cleonice que seria uma conversa e que gostaria que ela voltasse um pouco no tempo e buscasse lembrar do seu passado. Iniciamos!

#### 4.3.1 A mãe de Edson Silva, D. Cleonice Maria de Oliveira

Eu, a minha infância não foi boa! Meu nome é Cleonice Maria de Oliveira, tenho cinquenta e três anos. A minha infância não foi boa. Não foi nada boa! Porque eu tive uma infância assim, muito, com muita necessidade.

Que na época, minha mãe era mãe de sete filhos, não tinha emprego fixo, meu pai era lavador de carro. Assim, então, ele era muito assim (...) muito raparigueiro, tinha muitas mulheres na rua, não ligava para os filhos nem para a mulher de casa que era minha mãe. Então, a gente foi assim se criou pela misericórdia, então não tive estudo, não tive nada, foi uma infância assim, né?

Quando eu cresci, comecei a trabalhar em casa de família, eu morei em tanto canto! Porque eu nasci em Catende e me criei aqui. Aqui na Joana Bezerra. Minha mãe morou em tanto lugar, em tanto canto, porque até eu crescer foi para muito lugar, morei em Jaboaão, morou depois de Jaboaão, naquele lugar que eu não sei o nome, veio pra aqui, pra Joana Bezerra, passou um tempo aqui, depois voltou pra lá de novo, depois foi pra Água fria pra casa da minha tia, passou um tempo lá também.

Era assim, não tinha paradeiro, meu pai não tinha casa própria pagava aluguel e como meu pai era desse jeito, não pagava o aluguel, não pagava as casas direito e o pessoal pedia a casa.

Então, a gente tinha que desocupar, foi assim, a gente foi assim, a infância todinha. Então cresci, quando eu fiz dezesseis anos, quatorze, acho que foi quatorze, a primeira casa que eu fui trabalhar, pronto!

Na minha casa não tinha nada que me chamasse atenção! Porque como eu era a mais velha, minha mãe tinha que sair, tinha que trabalhar, minha mãe sempre trabalhava, trabalhava em casa de família, negociava lá na cidade, então eu tinha que ficar em casa cuidando dos meus irmãos, era o quê, uma televisão ninguém tinha. Não tinha rádio para escutar, não tinha nada!

Só era o quê? Fazer serviço dentro de casa. Era lavar prato, lavar roupa, limpar casa, cuidar de menino, porque eu cuidei dos meus irmãos todinhos pequenos. Pronto essa era a vida! Eu nessa época, eu tinha uns nove anos. À noite a gente dormia, ia dormir. Eu não ia pra rua.

Meu pai não queria que a gente nem brincasse assim no meio de rua. No meio da rua a gente não brincava! Era o dia todinho fazendo serviço, cuidando de menino, fazendo mingau, dando banho, lavando roupa, praticamente não tive boneca. Nenhuma!

Minhas bonecas eram meus irmãos que a gente tomava conta, dava banho, cuidava, tomava conta, fazia serviço de casa, entendeu? Carregar água, lavar roupa em rio, era assim. Em casa não tinha água! Aquele rio de Engenho Velho, lavava roupa lá. É um rio bem grande, lá em Jaboaão. Parece que agora secou, mas era um rio bem grande.

Quando eu tinha uns dez anos pra doze anos eu morava aqui no Coque. Foi na época que a minha avó faleceu. Aí a gente veio pra aqui passou um tempo aqui também, aí foi pro Totó, passou uns dois anos, ou foram três anos, de lá foi que eu vim já grávida de Edson. Lá eu namorei comecei a namorar, eu tinha uns dezesseis anos, né? Me perdi, né? Aí arrumei o pai de Edson, conheci o pai de Edson, fiquei com ele. Aí pronto! Engravidei dele. Aí vim me bora para cá, aí de lá pra cá pronto, não sai mais daqui.

A escola, a escola, eu não estudei. Assim, quando eu era mais jovem eu não estudei. Agora, grande eu fui. Assim, de pequena eu não fui. Nunca a gente foi. Eu aprendi a escrever meu nome, assim quando eu trabalhava nas casas de família, sempre minhas patroas me ensinavam. Entendesse? Por que elas me ensinavam. Sempre elas diziam: Oh Cleonice (...) eu dizia: eu não sei fazer meu nome não. Aí elas diziam: Então, você vai aprender! Elas faziam num papel e eu ia fazendo elas me ensinando.

Eu tinha uns doze ou treze anos e já trabalhava em casa de família. Quem arrumou pra mim meu primeiro trabalho, eu fui trabalhar na casa de uma diretora de lá do colégio do Totó, inclusive a irmã dela também trabalhava aqui, no Costa Porto, não, no Joaquim Nabuco. A irmã dela passou um tempo aí trabalhando, não sei se trabalha ainda. Eu acho que não! Faz muito tempo isso!

Ai a primeira casa que eu fui trabalhar. Eu dormia lá. Só vinha em casa de quinze em quinze dias. Aí de lá pra cá, a gente ficava de lá pra cá daqui pra lá aí foi o tempo que a gente veio pra cá e a minha mãe foi indenizada. Indenizada da casa da Beira da linha e a gente veio pra aqui. Aí pronto, a casa da minha mãe tem esse primeiro andar, o outro aí. Ela ganhou. Ela foi indenizada de lá ai aqui ela ganhou o terreno e ganhou o dinheiro pra construir a casa. Porque, como é o nome?

O pessoal aí do metrô pagou. Do Metrorec Pronto! Ganhou o terreno e deu o dinheiro para ela comprar o material, ela construiu a casinha dela. Eu fui, comprei aquela dali pra mim, eu e Clélia, minha irmã, ai meu marido trocou com ela a parte de detrás porque a minha era a da frente. Trocou com ela, pronto. Agora, a gente tem ela e tem essa daqui. Porque aquela era muito pequena e não dava todo mundo. Era muito menino. Eu tenho cinco filhos.

Mas voltando para a adolescência eu não lembro nada de bom. Porque não me diverti, não brinquei, não tive nada de bom na adolescência! Não me diverti, não brinquei, não estudei! Eu não tô dizendo, foi cuidar de menino e cuidar de casa. Vivi minha vida todinha nisso! Eu vim me soltar tudinho disso, quando meus irmãos cresceram.

Eu comecei a namorar com o pai de Edson em oitenta e dois, acho, ou oitenta e um. A gente se conheceu lá, se conheceu, eu fiquei com ele, comecei a gostar dele, a gente ficou. Ficou uns dois anos juntos. Somente! Depois a gente se separou, porque ele era casado. Ai ele não queria nada sério. Ele já tinha a mulher dele.

Foi na época que eu engravidei dele, separei dele. Deixei ele pra lá e vim embora ficar com minha mãe. Ele morava lá no Totó. Eu vim morar aqui com a avó de Edson. Aqui fiquei até hoje. Aqui eu conheci esse meu marido. Fiquei com ele até hoje. Que é o

padrasto dele. E tenho mais três filhos dele. Porque depois de Edson tenho outro, ele registrou os três e ia registrar Edson também, só que Edson era registrado no meu nome. Porque eu registrei Edson como mãe solteira.

Edson tinha três anos. A infância de Edson foi mais ou menos, porque a gente, meu marido também não tinha emprego fixo, ele fazia bico e eu também fazia bico do outro lado, mas a gente cuidou dele. Botei ele na escola, ele começou a estudar pequenininho, pronto!

O outro também! Meus filhos tudinho sabem ler e escrever, estudaram tudinho. Os quatro terminaram os estudos, não três, a menina agora tá terminando. É o último ano dela. Não sei o que ela vai fazer. Se vai fazer faculdade ou não. Não sei nem o que ela quer ser! Pronto! O outro, o encostado ao mais novo, não quis terminar, porque ele diz que não consegue. Ele foi pai também. Muito cedo também. Tem dois filhos. Ai sai pro trabalho na oficina, na rua imperial. Perto do Joaquim Nabuco. Ele trabalha ali.

Então, tanto faz ele chegar cedo, como chegar tarde. Ele diz todo ano que vai se matricular, matricula, mas no meio desiste. Porque chega tarde lá do trabalho aí não dá tempo de ir para a escola. Aí fica nessa! Aí não terminou o estudo. Mas, graças a Deus os outros três terminaram, os outros dois, terminou. Ela (se referindo a filha) tá no último ano, Edson graças a Deus terminou. São cinco filhos! Quatro homens e uma mulher.

Edson foi o único que foi além do estudo, porque começou a estudar e até hoje não parou mais, porque não para! Ele não para não! Ele faz uma coisa e faz outra, terminou os estudos, fez faculdade, aí se formou graças a Deus. Foi o único que fez a faculdade. Tá querendo mais, ser mais, como é (...) mais pra frente. O único! Porque o resto (...).

A faculdade fiquei sabendo através do pessoal mesmo, ficavam dizendo que faculdade é um lugar bom, é um lugar que a pessoa se forma, estuda pra o que quer, pra o que a pessoa definir na vida. A pessoa, é lá o lugar de se formar de ir mais além. Eu já sabia já! O único foi ele! Ele é a alegria da gente! Tem uma prima minha que estudou também, fez faculdade. Ela tá morando fora também! Se formou e tá trabalhando direitinho também. Só ela! Porque o resto, nenhum mais. Tudinho estudou, estudaram, terminaram o estudo, mas faculdade mesmo, só Edson, sim, mas também tem um primo dele, Thiago.

Quem colocou Edson na escola foi eu. A escola foi importante, foi e muito. Edson começou a estudar de pequenininho. Foi de colégio em colégio (...) Porque veja mesmo, eu não queria o que eu passei pros meus filhos, estudei tudinho! Não só coloquei ele,

coloquei tudinho. Tudinho, essa menina mesmo, ela começou a estudar ela tinha três anos. Ela passou um ano alí, eu paguei, pagava alí pra ela estudar, pronto, que ela era pequeninha e quando ela fez quatro anos eu botei no governo. Tá aí até hoje.

A escola é importante! É alí que o menino aprende. Aprende a ler, a escrever, aprende coisas que a gente não pode ensinar. É na escola que aprende! Eu não posso ensinar o que a escola (...) e também eu vou ensinar o quê? Que eu não sei! A escola é muito boa! A escola explica, ensina muita coisa (risos).

Eu fui na escola, fui depois de grande já. Agora depois de velha. Eu não queria que eles passassem o que eu passei. Porque eu não queria dá para eles o que eu não tinha. Porque eu não tinha estudo. Não sabia do “a”, só sabia do “a” porque eu tomava café em uma xícara. Aí eu queria isso pros meus filhos? Não! Meus filhos, não! Eu queria que tudinho aprendesse, queria não! Quero!

Eu quero que tudinho<sup>36</sup> aprenda. Consiga o que eu não consegui. É isso! Edson, ainda tá tentando. Conseguiu uma parte. Porque ele queria se formar pra filósofo, né? Se formou, tudo bem! Não está na prática ainda porque ele tá tentando ainda arrumar um trabalho. Mas, ele não conseguiu. Tenho fé em Deus e todo dia eu oro, eu peço a Deus pra ele conseguir. E ele ainda tá tentando fazer mais, o que ele quer.

Porque até ai ele não conseguiu ainda fazer o que ele quis né? Ele quer ir mais pra frente. E os outros que não querem, que não vai mesmo, porque, pronto, pra eles, terminaram os estudos.

Terminaram o ano, terminaram assim o tempo, tá bom demais. Eles não querem seguir mais feito Edson. Nenhum quer mais, só essa daí que eu não sei. (se referindo a filha mais nova), essa daí que tá terminando agora o último ano dela, tá na escola pública. Ai eu não sei se ela vai querer ir pra faculdade, não sei! Na universidade tem professores bom. (risos).

Tem os professores, que tem paciência com os meninos, ensina a eles direitinho, tem isso aí! E ensina coisas boas os professores de lá, pronto!

O pessoal da comunidade perguntou se eu tinha pago a faculdade pra Edson. Eles perguntaram: Oh Cleonice, teu menino fez faculdade, mas foi pago? Foi? Eu disse: Não! Ele entrou de graça. (risos). Como foi que ele entrou? Ah menina, sei não! Eu sei que ele fez um negócio aí, fez um teste passou que, foi o Enem, não foi?

---

<sup>36</sup> A palavra “tudinho”, nesse contexto significa todos.

Ele fez o Enem, passou, entrou e tá lá estudando, graças a Deus. Só essa perguntou. Foram poucas pessoas, não foi muito, não. Porque não é muita gente que sabe, não. Porque, na verdade eu tenho até medo, assim, como aconteceu com aquele caso da televisão, que as pessoas com inveja, né? Mataram o menino. Eu tenho até medo. Eu não digo a todo mundo não! Entendeu? Na verdade, eu tenho medo. Medo dessa violência, porque tem gente, gente assim despeitado, porque já não consegue chegar ali, já que não consegui fazer aquilo ali, vê uma pessoa que consegue, Deus o livre faz o mal. Eu tenho medo! Não vou mentir.

Ai eu escondo. Só quem sabe, pergunta. Quando eu vou pros meus trabalhos, aí minhas patroas perguntam: Oh Cleonice, você tem quantos meninos? Eu digo: tenho cinco. E algum menino seu estuda? Faz faculdade? Eu digo: Faz! Tem um que faz faculdade. Ela diz: E, é? E entrou como? Ah ele fez o Enem, passou e graças à Deus entrou pra lá! Ela diz: E foi, foi? Eu: Foi! Entendeu? Mas, aqui mesmo, aqui mesmo eu não gosto de dizer não. Dizer a ninguém não.

Eu tenho medo da violência, quem que não tem? A gente tem medo sim. A gente mora porque é o jeito. Porque a gente não tem pra onde ir, mas, dizer que não tenho medo, tenho medo da violência. Porque tanto faz está calmo, como tá um pega pacapá e a gente fica assustado mesmo! Eu moro aqui a muito tempo, porque na minha infância, eu passei um tempo aqui quando eu era menor. Pronto eu tinha uns dez anos.

Quando a gente morou aqui, passou um tempo aqui. Aí a gente se mudava, minha mãe batia o mundo inteiro, mas sempre vinha pra aqui. Ela gosta daqui porque aqui é um lugar bom e perto de tudo. Da cidade, como ela gostava muito de trabalhar na cidade, que ela negociava, ela gostava. Porque não pagava passagem, entendeu? Aqui é um lugar bom de se morar, apesar da violência, mas é bom! Minha mãe já é morta, mas ela viu Edson crescer, só não viu ele se formar.

Ela não viu ele formado. Mas, ela viu ele crescer. Ela não viu ele entrar na universidade. Ah ela ia ficar muito feliz e então! Ela e meu pai. (nesse momento, um sorriso mais contido, um pouco de tristeza no olhar).

Edson foi criado com eles. Edson chamava meu pai de pai. Ele e o outro irmão dele. Chamava meu pai de pai (...) (nesse momento ela se vira e mostra o quadro com uma fotografia dos avós de Edson), essa foto eu mandei montar, é montagem. Tinha a foto dele e dela. Tinha as fotos separadas aí mandei o rapaz fazer. Esses que passam na porta fazendo foto. Eu mandei fazer. Moravam tudo junto, Edson vivia na casa de mamãe. Era junto, porque minha casa era junto.



A minha casa era ali, não era aqui. Era ali na época que minha mãe era viva. Lá atrás não era casa era um quintal e a porta do meio da minha mãe dava pro meu quintal, era um vai e vem medonho, viviam mais na casa de mamãe do que lá em casa. Aí eu saía pra trabalhar, aí mamãe ficava com eles.

Eles chamavam meu pai de pai! Só quem não chamava era o meu, segundo, terceiro (...) que foi criado com o pai dele, chamava meu pai de Val, não chamava meu pai de pai não. O terceiro, mas os outros, chamava de pai. Olhe, aqui no Coque antigamente era melhor. Porque não era tão violento. Era violento. Mas, não era tanto assim não. Entendeu?

Os meninos que eram errados eles consideravam as pessoas. Os de hoje não consideram não. Porque é uns meninos assim, tudo mais novo. Mais jovem. E eles não respeitam ninguém. Não respeitam não. Não consideram. Antigamente tinha, os meninos errados, eles eram mais maduros. Eram maduros que eu me lembre. Eles respeitavam mais o pessoal que moravam na comunidade. Entendeu? Os de agora, não respeitam não!

Porque a gente não pode ficar com um celular na mão que eles tomam. É o meu mesmo nunca tomaram porque eu não fico, né? Eu não sou besta de ficar, né? Mas, o da menina aí mesmo tomaram na porta dela. Ela mexendo no celular na porta lá.

Eles passaram de moto e tomaram. Quer dizer, a gente vem tá numa parada do ônibus, a minha sobrinha mesmo que mora aqui do lado, largou do trabalho, desceu do ônibus veio andando, tomaram o celular dela. Quer dizer, um povo que, um pessoal que não respeita o pessoal da comunidade.

Antigamente não tinha isso não. Antigamente se um menino qualquer adolescentinho da vida errada deles se eles soubessem que estava roubando na comunidade, ele era morto, era morto! Porque não queriam não, os adultos não queriam que os outros menores mexessem não. Oh, eu não quero ninguém mexendo na comunidade não! Se mexer na comunidade morre! E morria mesmo! Entendeu? Mas, agora não é tudo a vontade, mexe de qualquer jeito, do jeito que eles querem e a agente que fique à mercê.

O menino sai daqui para a parada de ônibus, eu fico com medo. Aí ligo, para saber onde tá (...) Aí não mainha cheguei. A gente fica meio assustado, porque é um bairro que a gente mora, mas a gente fica assim. Infelizmente é isso mesmo! Pode ter uma bala perdida, aí pronto! Quando os meninos saem, ou estão na rua, aí de repente tem um pega

pacapá<sup>37</sup> de um e de outro, aí pronto tá na frente eles não quer saber, não quer saber que tá na frente, quer dizer, tanto a polícia como os caras.

Agora não tá tendo não. Graças a Deus não tá tendo não. Passa um tempo calmo, né? Passou um tempo bem calminho, só assim mais com eles. É mais eles com eles. Um com o outro. Mas, a gente tem medo.

Não, antigamente, não, agora depois que a gente tá morando aqui. (se referindo a casa atual) a gente já viu, Porque a gente morava aí. Aqui não era uma casa, aqui era um bar. Era um bar aí mataram um aqui na frente. E vinham tudo conversando, eles vinham conversando. Aí de repente, pou! Atrás do cara. Na nuca! Assim (...) quer dizer, é eles com eles mesmo.

A gente tem medo porque na hora pode sobrar pra pessoa, porque às vezes eles não querem saber. Quem tá na frente, quem não tá! Entendeu? É isso assim, mas de lá pra cá nunca mais a gente viu nada não. Tem muita gente que não é não, aqui tem muita, muita gente que não é envolvida com criminalidade. Mas, também tem um bocado assim, que não é assim (...) assim os moradores. Que isso às vezes vem mais de fora. Entendeu? E, se encaixa aqui dentro. Às vezes aluga uma casa. Fica entendeu? Aqui mesmo não tem muito não.

Eu tenho medo de divulgar sobre Edson, porque assim, ninguém chega pra me perguntar, aí eu vou sair dizendo ao pessoal é? Não (...) agora assim, eu tenho muito orgulho, graças a Deus tenho. É demais. Eu sinto orgulho, eu só sinto pena da gente não ter mais condições de ajudar mais ele.

Assim, num livro que eu ajudo muito ele em livro, né meu filho? Ajudo muito em livro, passagem, mas eu queria ter mais pra dar, queria mais, entendeu? Dele assim se formou e a gente não fez nada, porque não tinha condições, mas eu queria ter para ajudar mais. Pra fazer mais por ele porque ele merece. Merece mesmo!

Ele merece porque ele estuda e quer o melhor pra ele, então, eu assim como mãe se eu pudesse fazer mais eu ajudava, fazia muito mais, porque ele não está se esforçando? Ele está estudando e querendo melhorar a vida dele, estão é logico, né? Que eu como mãe se eu pudesse eu ajudava muito mais...

Fazia muito mais que é um prazer. Porque ele não tá querendo pra maloquear, ele não tá querendo um livro pra gastar, num tá querendo uma coisa assim pra gastar, estoporar, não. Ele tá querendo um negócio que ele está vendo o melhor para ele, né? Que

---

<sup>37</sup> A frase “tem um pega pacapá” significa ter uma briga.

ele tá vendo que é melhor pra ele. Então, se é melhor pra ele, é melhor pra mim também, né? Pronto, é isso!

É eu tenho uma filha que é mais jovem. Quando os outros também estavam na escola eu falava pra eles continuarem, pra eles ver o que é que eles queriam fazer pra, o que é que eles queriam, porque a gente não obriga eles, a gente não obriga ninguém, eu mesmo não vou dizer: oh você vai ser isso. Não! Ele é quem tem que decidir. Não é verdade? Essa menina mesmo minha, ela tá terminando o estudo (...) eu pergunto: Kely, tu queres ser o quê Kely?

Eu mesmo, já que eu não fui nada, não estudei, não sei de nada. Mas, eu não quero isso para os meus filhos não. Eu quero que eles aprendam, eu quero que eles cresçam, eu quero que eles se formem, consigam alguma coisa, que eu não consegui. Eu quero isso pra eles! Mas, ela diz assim: ah mainha eu quero ser, não sei se eu quero fazer faculdade. Não sei se tenho paciência de estudar, eu não sei e não sei o quê, não porque eu quero ser veterinária, mas eu tenho medo de cachorro (risos), eu quero ser médica, mas eu eu não quero fazer um curativo.

Pronto! O que é que eu vou fazer? Eu vou dizer, pronto, tu queres ser o quê? Decide! Tu tens que ver o que tu queres. Porque eu não posso dizer, você vai ser tal coisa, não! É você que tem que escolher. É isso que eu digo a ela. Você tem que ver o que você quer, porque nisso que você quer é o que você vai estudar, é o que você vai arrumar um emprego pra isso. Isso que você vai mais na frente! Eu tô incentivando, mas sabe como é as coisas, a cabeça ocas deles.

Os outros mesmo não quiseram nada. Que disseram que não tinham paciência. Ah mainha eu não tenho paciência para faculdade não, viu? Tenho paciência de estudar mais não! Né isso que eles dizem. Jeder, Jonas, trabalha.

Pra Edson, eu não falava nada! Eu dizia, Edson veja o que você quer ser e vá em frente meu filho. O que eu puder fazer por você eu faço! O que eu puder ajudar, eu ajudo! Mas, você veja o que você quer. Mainha, eu quero ser filósofo. Filósofo Edson? Isso não é ruim não Edson? Porque isso sei lá, será que isso vai ser bom na área de trabalho? De arrumar trabalho?

Não mainha, não é trabalho não. Eu quero ser professor. Sim, mas será que vai ser bom? Não, já que você quer eu não vou, não vou ser contra e não vou dizer que você não faça. Você faça! O que eu puder fazer eu faço! O que eu puder comprar um livro, se eu puder dar a você, eu lhe dou. Vá em frente, vá embora! Pronto! Ele foi. Até hoje tá aí. Não, eu quero, queria não. Eu quero que ele seja professor. Só que é difícil! É difícil pra

isso! Porque veja ele se formou, tá aí doido pra arrumar uma vaga. Arruma aonde que não tem.

Não tem em lugar nenhum. Não tem vaga! Aonde ele arruma é longe, distante, fora daqui, né? Que não tem família, não tem aonde ficar. Não tem aonde ficar lá. Como é que vai se virar lá? Se não tem emprego, não tem nada! E as vezes não é nem emprego, é o quê? É (...) (nesse momento, uma moça chegou na casa de D. Cleonice perguntando se ela tinha interesse em pegar roupas para revender)

A resposta: Não tenho não! Brigado viu? (E continuou falando bem baixinho) eu vou andar mais (...) Deus me livre! Aqui só tem checheiro! Deus me livre aqui é tanto do checheiro aqui é! (risos). Aqui a turma compra as coisas e não paga. Deus me livre! (risos) bom ele tá aí doidinho, corre pra um lado, corre para outro, é direto aí num negócio e não tem vaga em lugar nenhum.

Quer dizer, foi um negócio que ele escolheu, bom pra ele, tudo bem, ele escolheu. Mas, na área de trabalho, fica difícil. Porque não tem vaga em lugar nenhum. Pronto! É estágio, é um negócio assim, ele se inscreve, já pagou tanto... já deu tanto nome aí se inscreveu pra tanta coisa aí e nada! Ninguém chama, ninguém faz nada, pronto! Sei não, só Deus na causa! É pra o mercado de trabalho foi ruim. Vamos voltar ao tempo de novo!

É sei lá né(...) a pessoa não estudar é muito ruim. Porque a pessoa quer ler uma palavra não sabe, né? Eu agora depois que eu passei uns meses estudando alí de noite. Porque acabou agora. Acabou o projeto aí era bom que só! Eu ia à noite. Passei um tempo aí na escola já melhorou um bocado, já!

Mas, eu não sabia de nada, não! Eu não sabia. Ai agora pelo menos, algumas palavras eu sei. Pequena eu já leio, pequena. Grande, não! Eu não sei não. Minha menina diz que eu sou preguiçosa. Mainha a senhora é preguiçosa! Porque quem sabe ler pequeno ver grande. Eu digo: não tem nome que é mais complicado. Tem palavras assim, que tem, sei lá (...) mais nomes complicados e eu não sei não! Aí assim, é ruim. É ruim uma pessoa que não sabe ler, demais!

E ver Edson assim, um professor que já ensina. Já dá aula, ele passou um tempo num colégio, no Costa Porto, não. Lá no Joaquim Nabuco, participando lá! Pronto! Passou um tempinho lá dando as aulinhas lá, é bom. Eu tenho muito orgulho! Muito orgulho mesmo. Ele é o orgulho da gente! Ele é!

Terminamos a nossa conversa com muitos risos e com o convite para retornar à casa.

#### 4.3.2 O padrasto de Edson da Silva, Sr. Israel da Rocha

No dia treze de novembro de 2017, voltei à casa de Edson da Silva para conversar com seu padrasto e realizar a entrevista que tínhamos agendado anteriormente. A mesma, foi marcada às quatorze horas.

Fui recebida na casa de Edson com muito carinho por sua mãe. Edson me apresentou seu padrasto. relatei o objetivo da pesquisa e a importância da mesma. Questionei se ele gostaria de omitir o nome nesse trabalho, no entanto, ele afirmou que gostaria de se ver na pesquisa<sup>38</sup>. E, logo após iniciamos a entrevista que aconteceu na sala da casa e durou quarenta e cinco minutos.

Meu nome é Israel da Rocha, tenho cinquenta anos, minha vida não foi tão ruim, porque meus pais eram comerciantes e Deus nunca deixou faltar o pão. Porque eles eram cristãos e Deus abençoou o pão de cada dia, a gente não teve uma vida tão bem. Mas o pão a gente sempre teve. Nunca faltou. E também nenhuma veste.

A gente nasceu aqui, nasceu e cresceu aqui no Coque e a gente na idade de adolescente eu comecei a trabalhar com meu pai no mercado e até eu acho até meus dezoito anos eu trabalhei com ele no mercado. Eu vendia frutas, a gente ia pra CEASA ajudar ele, aí carregava e descarregava o carro e ficava vendendo a semana todinha, de domingo a domingo a gente trabalhando.

Ele tinha um banco em Afogados, a gente trabalhava de domingo a domingo, meu pai chama Vamberto. E eu trabalhei com ele até os dezoitos anos e depois fui trabalhar de serviços gerais. Mas, voltando para a infância, a gente morava na Beira da linha, na Avenida Central, chamava Avenida Central.

A minha infância foi jogar bola, ia pra igreja e na escola que era na Cabanga, a Escola Almirante Soares Dutra, eu estudei alí na Almirante Soares Dutra, alí a gente jogava bola, o negócio era brincar de pega, pião, agora não se ver mais isso, antes era brincar de papagaio, pião, bola de gude e bola.

Minha casa era de madeira, era enorme, era aí na Beira da linha, era. Eu tinha quinze irmãos, comigo eram dezesseis, mas, morreram três e ficaram treze vivos. Todos estudaram, fizeram o primeiro grau. A 8ª série, eu acho que um ou dois que terminou o

---

<sup>38</sup> Todos os oito entrevistados que fizeram parte desta pesquisa, aceitaram participar e declararam que gostariam que seus nomes verdadeiros estivessem registrados nesse trabalho. Eles assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

segundo grau. Eu parei no segundo ano do segundo grau. Eu chegava cansado do trabalho, aí chegava na aula e ficava cochilando e muito cansaço.

Na minha infância na escola, as professoras eram muito rígidas. Naquela época tinha o milho, ficava de joelho no milho e tinha também a régua que levava umas lapadinhas com a régua, (risos), eu já levei, com a régua, no milho, ficava de castigo no milho. E tinha um quartinho também escuro. Tinha o quartinho também! Era muito rígido! Era um quartinho bem apertadinho. Uma salinha, bem apertadinho naquela época, e escuro. Pra disciplinar, era uma forma de disciplinar. E aí ficava alí, algumas horas alí, aí quando saía dali saía morrendo de medo.

Eu nunca fui não! Mas, já fiquei no milho. A reguada eu acho que já levei. E ficava também de costa na parede. O tempo todinho na parede. Ela botava lá na quina da parede assim, no cantinho e ficava com a cara na parede em pé. Tinha várias formas de castigo. Era dependendo da trela. O que a gente fazia, aí vinha aquela disciplina.

A escola era boa era divertido, porque atrás da escola tinha um campo. Aí no recreio a gente ia tudo pra lá jogar bola. Aí a gente jogava bola e tinha pião, tinha bola de gude, papagaio, a gente aproveitava àquela hora, só era a hora que a gente tinha, aquele intervalo ali, a gente brincava, jogava bola, pião, bola de gude, empinava papagaio, era muito divertido naquela época!

A parte de estudar era bom também, porque como era muito rígido as professoras, a gente tinha que aprender, porque era muito rígido ali, tinha que fazer o dever, porque elas olhavam e botavam, repetiam não sei quantas vezes e quando errava alguma coisa elas botavam você vai escrever tantas vezes essa palavra que você errou. Aí era muito, muito dura, né? O ensinamento.

É porque no momento que a gente passa a gente não gosta. A criança. Eu tinha sete, oito anos, era criança. No momento a gente não gosta. A gente só vem saber depois. Que aquilo ali lhe fez bem, você aprendeu. E se não fosse aquele modo de disciplinar rígido, a gente não tinha aprendido. Como é o ensinamento hoje aí, os alunos vão, tem uns que não entram. Antes, cantava o hino, ficava em fila, cantava o da bandeira, cantava o hino nacional pra poder entrar, era muito, uma disciplina muito rígida e a gente aprendia.

Eu aprendi. Eu tinha uma cabeça muito boa pra estudo. Porque eu muito cedo eu aos vinte anos, eu conheci a bebida, fui atrás de namorada aí me esculhambei todinho. Mas, ainda cheguei a fazer o concurso do DEER, passei. Mas, eu não fui chamado, saiu

meu nome no diário oficial e tudo e outros concursos também, naquela época era assim, era mais fácil.

E eu tinha uma cabeça muito boa, mas eu não aproveitei. Eu fui até o segundo ano do segundo grau lá no Joaquim Nabuco. É assim, agora eu não tenho mais paciência, mas eu queria terminar o segundo grau e fazer mais alguma coisa. Mas, só se for para trabalhar numa área assim, porque tá tudo difícil e também minha idade, cinquenta anos. Tem muitas empresas que dão prioridade a pessoas mais jovens e eu não tenho cabeça mais de estudar.

Na adolescência, era a vontade de namorar, conhecer as coisas, só conheci a bebida. Mas, assim, nem bebida nem droga, nunca (...) Mas a vontade de namorar. Depois eu deixei de ir pra igreja e conheci a bebida, aí pronto! É eu comecei a trabalhar com meu pai, acho que com quinze anos, quatorze, quinze anos eu já ajudava ele na feira.

A feira tinha os bancos, aí depois é que veio o mercado aí fizeram os boxes, mas, antes eram os bancos de feira, aí tinha, uns vendiam frutas, outros vendiam verduras, outros vendiam banana, outros vendiam essas miudezas, né? Era assim, cada um tinha um boxe e vendia as coisas diferentes.

Naquela época, as feiras eram lotadas, agora não, tem mais mercados. Mas, naquela época as feiras era muita, muita gente. Muita gente mesmo! Muito movimentado. E, ali todo mundo era amigo, um ajudava, ajudava o outro. Passava troco, um ajudava o outro, destrocado dinheiro e era muito divertido! Era muito bom.

Me ajudou, porque a gente amadurece. E, eu sempre tento passar para eles o que eu passei. Tá entendendo? De servente de pedreiro, descarregando caminhão, eu sempre digo a eles, estudem! Eu digo a ela (se referindo a filha mais nova), eu digo a eles pra não passar pelo que eu passei.

Eu descarreguei muito caminhão. Carreguei muito peso eu trabalhei muitos anos de serviços gerais, virando concreto no Sol quente. Então, dentro de maré pescando de madrugada, no inverno debaixo de chuva. De madrugada eu saía. Porque, quem pesca tem que saber o horário da maré para a pesca. Pra sobreviver! Eles eram tudo pequeno.

A gente morava ali na outra casa. Eu saía, as vezes a maré tava de onze horas da noite, meia noite. E a gente tinha que descer. Descer de maré a dentro eu e um outro colega num bote, a gente ia pescar, às vezes no inverno mesmo, chuva, chuva e a gente lá no meio da maré pescando. Pra trazer o peixe pra vender pra comprar o feijão, o arroz a carne.

E, quando não dava, a gente separava uns peixinhos, aqueles mais fraquinhos. Porque o melhor a gente vendia pra pegar um dinheirinho a mais e o mais fraquinhos a gente comia, aqueles mais cheios de espinha, a gente torrava por causa deles, bem assadinho, a gente catava tudinho pra eles não se engasgar e a gente comia, chama o camurim pinho, o que tem bem espinha! (risos).

Aí aquilo ali a gente comia e o melhor a gente vendia. E pra comprar o feijão, o arroz, a fubá. Que era mais em conta na época. Eu tinha uns vinte e cinco a trinta anos nessa época.

Na minha adolescência eu ajudava meu pai. Na minha casa eram dezesseis filhos, eram seis mulheres e dez homens, mas quando eles iam atingindo uma idade maior eles iam embora, porque era muita gente dentro de casa e minha mãe e meu pai era, era pau! Era pau! Era umas tomadas de ferro! Umas correias que ligavam os ferros, (se referindo ao ferro de passar roupas), que ligavam os ferros.

E tinha aquelas escovas que passavam no sapato, de engraxar o sapato. Só que naquela época era umas grandonas maciças assim, a gente apanhava que só. Agora os que primeiro atingiam a maior idade iam embora. Arrumavam logo um trabalho, uma mulher e desapareciam.

As mulheres arrumavam logo um homem e iam embora de casa. E eu também! Eu com dezoito anos eu conheci ela (se referindo a esposa) com dezoito anos! Ai era acocho<sup>39</sup> em casa. E tinha horário para eu entrar. Era nove horas nove e meia. Se passasse daquela hora apanhava ou não entrava.

Muitas vezes eu ficava de madrugada com ela na rua, porque ela (a mãe) fechava e não entrava não! Minha mãe não abre não meu filho, não entra mais não! Dava a hora, a gente namorando, esquecia da hora. Quando chegava lá estava tudo trancado! Eu ia dormir em um quartinho que ela (a esposa) tinha da mãe dela. Atrás da casa tinha um quartinho. Aí já tinha Edson e o outro pequenininho, os dois pequenininhos. Ai eu dormia lá na cama de solteiro, nós quatro dormia na cama de solteiro, (risos).

Com dezoito anos eu fugi. Dormia nós quatro na cama! Quem ia completando a maior idade ia correndo também. Eu corri também, porque era pau minha filha! Apanhava! Apanhava porque não chegou na hora. Era nove horas nove e meia tinha que está em casa. Se não chegasse era pau! Se entrasse, as vezes pai abria. Pai era mais flexível, mas minha mãe era mais rigorosa.

---

<sup>39</sup> A palavra “acocho” nesse contexto, significa normas rígidas.



As vezes mãe tava deitada, tava dormindo. Aí pai abria a porta, a gente entrava. Aí depois ela levantava, quem chegou? Aí pronto! Ai apanhava! Olha a hora! E, apanhava! Ai quando dava a hora a gente pronto, essa hora a gente nem vai mais, porque se entrar vai apanhar.

Ai a gente ficava na rua. Pai era muito calmo, ele era assim um pouco (...) (risos) Dona Cleonice que estava na sala disse: dominado! (risos). Ele era muito manso, aqueles homens manso. Ela (se referindo a mãe) era fervorosa, agitada! Mas, ele era bem pacato. Os dois era cristão. Levou a gente desde pequeno.

Eles levavam a gente para a igreja da Assembleia, desde pequeninhos, mas quando a gente atingiu a idade de quatorze anos aí a gente caiu, ai a gente não foi mais, porque a gente queria conhecer namorada, a gente era criado tudo preso. Foi criado preso!

A gente só jogava bola no colégio na hora do recreio. Porque em casa quando botava o pé dentro de casa era passado o cadeado no portão e não saia mais, brincava só os irmãos dentro de casa, não ia pra canto nenhum mais e dali pra igreja, da igreja pra casa. Aí de manhã pra escola, a gente só tinha aquele momento do recreio pra brincar com a bola. Porque em casa a gente não jogava bola não. Não podia, não! Não podia jogar não. Bola de gude, pião, nada disso a gente jogava dentro de casa, porque ela não deixava.

Era ir pra igreja, ai quando a gente atingiu, quatorze, quinze anos, a gente, ai ficou impossível ela levar a gente, porque chamava, agente se escondia, as vezes pulava o muro da casa do vizinho, pulava pra casa do vizinho e se escondia. Ai ela ia pra igreja e foi perdendo o domínio, a gente foi crescendo, crescendo e a gente saiu da igreja. E depois voltei aos quarenta e cinco anos.

Sobre o início do namoro com a mãe de Edson, eu conheci ela aqui na rua mesmo. Quando eu passava ela ficava no muro da casa da mãe dela, que era na mesma rua. Pronto! A mãe dela morava aqui, nessa casa aqui na frente. Nessa casa que tem um alpendre aqui. Aqui na frente. E a minha era a casa melhor da esquina, ai sempre ela passava pra ir pra venda. Ai ela passava pra cá e pra lá, eu passava.

A gente ficava se paquerando. Ai depois a gente começou a conversar, começou a namorar, ai depois a gente ficou junto. Ela já tinha Edson e Anderson. Edson é de um pai e Anderson é de outro. Sim, e depois fomos morar juntos. Foi logo, porque a pressão era muito grande dentro de casa.

A gente apanhava muito. Apanhava até grande mesmo! Ela pegava cabo de vassoura pra dar na gente. Era (...) Minha mãe e meu pai já faleceram. Ela sempre foi muito braba. Ai quando eu conheci a mãe de Edson, ela já tinha um quartinho, ai eu

ficava dormindo no quartinho dela, que era lá atrás da casa da mãe dela. E fiquei lá e de lá a gente passou aqui para a frente.

Ai a gente comprou, juntou dinheiro e comprou aqui, aqui era um bar. Ai a gente foi reformando, ajeitando devagarinho. Quando eu conheci ela, Edson tinha dois anos e poucos meses, ele ia fazer três anos. Eu e ela criamos eles. A infância de Edson foi tranquila, ele era um menino muito sabido. Ele, eu cheguei a trabalhar de caseiro, lá em Maria Farinha e a mãe dele botava ele no ônibus e ele pequeno, ele ia bater lá em Maria Farinha. Ele era muito inteligente.

Desde Pequeno. Ele é muito inteligente. Ele brincava normal. Estudava, brincava, normal como qualquer criança. Sempre com dificuldade a gente ia buscar o alimento, com dificuldade. Mas graças a Deus não pendeu pra o mal como muitos. Pra o que não presta, pra essas coisas erradas. Nunca, não! Só em casa, brincando, estudando.

Quando eu fui morar com ela, Edson tinha quase três e o outro, acho que um ano. Nós tivemos mais três filhos fora eles dois. São eles dois, mais dois homens e a menina. Quem colocou eles na escola foi a mãe. A mãe sempre tomava a frente, ela sempre foi, tomava a frente, né? Matricular, ir na reunião, ela sempre ia. Essa parte de escola era sempre ela.

Edson era estudioso, sempre estudava. A casa era pequenininha, era um vão só. Era de madeira, bem pequenininha de madeira. Era um vão só. Era assim, dessa geladeira pra cá! Era tudo aberto. Não tinha divisão nenhuma. Naquela época (...) Quando ele cresceu, passou um período trabalhando na bicicleta de anúncio.

Trabalhava e já estudava. Estudava muito em casa. E, trabalhava e estudava. E acho que ele já tinha esse desejo. De ser alguém! Conseguir alguma coisa na vida. Ele trabalhava e estudava. Eu não conversava muito, também porque eu passei um tempo, passei muitos anos na bebida. Eu trabalhava um dia outro não. Aí quando eu estava folgando, eu tava bebendo. Começava umas dez horas, dez e meia, onze horas já estava na porta da barraca bebendo.

Eu bebi vinte e cinco anos, comecei com vinte anos e parei com quarenta e cinco anos. Ai assim, eu não conversava muito com eles. Não conversava. Agora que eu parei, as vezes a gente ainda conversa, assim um pouquinho. Mas, naquela época era bebida, bebida e mais bebida. Ficava muito tempo fora, folgando eu ia beber (...)

Sobre a universidade, foi mais esforço dele, porque assim, a situação da gente precária. A gente ganha tão pouquinho. Pouco assim, a gente só tinha a oferecer a ele o

alimento. E, não tinha coisas boas, eu acho foi interesse e muito da parte dele, dele querer. É porque tinha a bolsa família, bolsa escola e ganhava um trocado.

Mas, assim, a questão dele atingir o objetivo na vida dele foi muita força de vontade dele. Dele querer as coisas, melhorar. Porque os outros, nunca, já teve um mesmo, os meus mesmo, já teve um que disse que odiava estudar. Disse, eu odeio estudar!

A gente fazia de tudo, a gente, eu comprava bicicleta pra ele, pra ele ir lá pro outro lado, porque ele estava com dificuldade, eu comprei umas duas bicicletas, ou foi três, pra ele estudar, eu contava minha vida como era, tudinho, aos meus. Mas já Edson, não. Eu não me lembro de ter, eu não sei se já falei.

Quando falava pra um acho que o outro escutava. Falava da minha situação. E, ele também via a situação, o meu trabalho. É pescaria, aquela escassez dentro de casa, escassez, as coisas. Comprava o mínimo para a sobrevivência, né? O alimento. A roupa, a gente comprava uma roupa só em tempo de festa, nas festas.

E ele teve essa força de vontade. Não sei se ele viu essa situação, minha, da mãe dele, dos irmãos. E ele teve essa força de vontade de querer chegar onde ele chegou, né? Força de vontade de chegar na universidade. Eu não sabia, ouvia falar, a Universidade Federal, a Católica. Mas, eu não sabia, não tinha uma formação assim, não sabia que pra chegar ali tinha que fazer é vestibular, eu me lembro que era vestibular, agora é Enem.

Agora é através do Enem como chega, né? Mas eu sempre achei muita determinação, muita força de vontade. É que ele conseguiu chegar ali na Universidade. E, ele teve essa determinação! Ele teve. E olhe, que não tem, nenhum dentro de casa que fez. O outro que terminou o segundo grau, terminou à pulso, o outro também o Anderson. Kely tá terminando.

Esse ano termina, mas é assim. Essa determinação dele, só ele mesmo! Kely mesmo é o segundo Enem que ela faz, mas não vejo determinação nela, porque ela fica o tempo todinho assistindo filme. Eu digo, tem que ter determinação, porque se tu ficar o tempo todo perdendo tempo com esses filmes aí, quando chega no dia você está despreparado. Aí passa mais tempo assistindo filme do que estudando. Ah claro, e eu falo direto! Olhe, estude viu?

Porque assim, pouco ela ajuda a mãe, eu digo: tem que estudar, porque tu não gosta de fazer as coisas. Tu tem que estudar pra tu ter uma pessoa, pra tu poder pagar uma pessoa pra fazer as coisas pra tu. E pra tu pagar, tu tem que ter uma formação e tu tem que ter um bom emprego. Pra tu pagar uma pessoa pra fazer as coisas pra tu, porque tu

não gosta de fazer. Então eu digo a ela: estude, estude! Pra você ser alguma coisa na vida você vai ter que estudar. Estudar muito, não é pouco, não!

Ela usa mais a internet, ela tem uma prancha ali cheia de livros, ela tem muito livro ali. Mas, ela usa mais a internet. Ela usa a internet pra estudar. Edson estudava sempre na mesa. Ela sempre no quarto, tem o computador com a cadeira e ela fica no quarto.

A universidade hoje tá diferente dos tempos passados, porque pra você chegar à Universidade a uns anos atrás era muito difícil, agora tá mais fácil. Pelo Enem. Eu mesmo, não conclui o segundo grau. Mas, se eu tivesse estudado e me inscrevesse no Enem, eu podia entrar numa universidade. Mas antigamente você não conseguia, hoje você consegue. As coisas estão mais fácil, você chegar à universidade.

Você querer e ter força de vontade. Eu não tenho muito incentivo, assim, muito interesse em fazer, por conta assim, a vista cansada e paciência que eu não tenho mais, paciência! E, a idade, aí vem a idade, a vista cansada e paciência que eu não tenho mais de estudar. Estudar é muito importante!

Pra você conseguir uma coisa melhor, porque veja bem, eu trabalho numa empresa terceirizada. Eu estou lá hoje e amanhã eu não sei. Já está um comentário aí que a empresa pode sair, perder o contrato. Se ela perder, só Deus na causa. E, então você com uma formação pode obter coisas melhores, um emprego melhor, um concurso, participar de um concurso.

Com estudo você pode participar de um concurso. E se chegar a passar você está com um emprego garantido e seguro.

Edson tem essa possibilidade, porque ele estuda muito. Ele entra madrugada a fora estudando e ele se prepara muito. Ele tá preparado pra fazer concurso no nível que ele estudou. Porque ele estuda. Ele se preparou pra fazer! Às vezes eu digo a ele, ele diz tem um concurso em tal canto, eu digo: faça! Se não conseguir de graça, as vezes consegue a isenção, as vezes não, aí a gente paga. Todos que aparecer vá tentando. Vai tentando, vai chegar um dia que você vai conseguir. E ele sempre que aparece ele tá se inscrevendo.

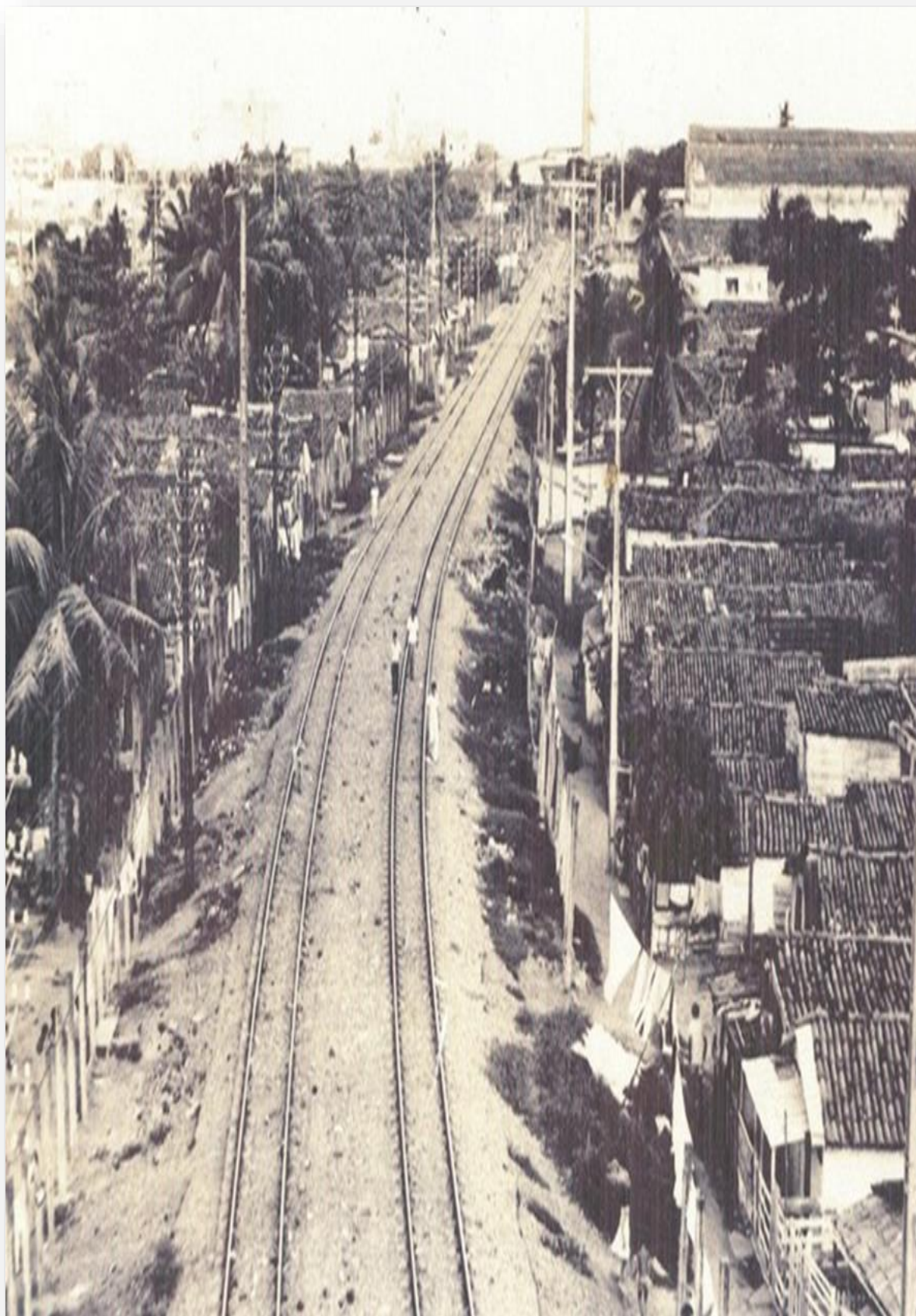
Ele não é o único que tem formação. Tem o primo dele Thiago. Ele faz filosofia e é formado em Teologia também. E tem o pai dele, (tio de Edson), também que é o irmão da mãe de Edson. Ele se formou em Pedagogia. A filha dele parou. Trancou a matrícula. Anderson também terminou a faculdade e está na pós-graduação.

Então, acho que vai melhorar. A questão do país está no jeito que está, mas assim, de vez em quando está abrindo concurso. E eles procurem o espaço. É e se atualizar para

participar desses concursos. Tentar, né? Pra melhorar a vida deles. E as coisas mudar, melhorar. Quando ele passou no vestibular a gente ficou feliz, ele é um menino esforçado, estudioso e me deixou feliz! Terminamos nossa conversa, nos despedimos e recebi o convite para retornar à casa quando fosse preciso.

No próximo capítulo, serão apresentadas as análises das categorias que apareceram nas histórias de vidas dos narradores e, que mais especificamente, dialogam com a perspectiva da importância da família para a formação escolarizada dos jovens.

## 5 TRAJETÓRIAS DE VIDA: ANÁLISES E REFLEXÕES



Fonte: [www.bing.com](http://www.bing.com). (1985).

## 5 TRAJETÓRIAS DE VIDA: ANÁLISES E REFLEXÕES

As histórias de vida, assim como as diferentes atividades de pensamento, operam por descontinuidades, possuem volume e estão localizadas em um terreno fértil. Portanto, elencamos certos acontecimentos, conjunturas e formas de viver para conhecer e elucidar o vivido.

Em diferentes momentos, recordamos apenas dos fragmentos do vivido, parte que destacamos como relevantes, pequenos nada que em instantes, podem ser reconstruídos com significados simbólicos relevantes para a construção da história de vida dos indivíduos.

Nesse sentido, Alberti (2004) auxilia na reflexão dessas experiências dos sujeitos que contam suas histórias a partir das suas narrativas. O autor identifica algumas características da fonte oral, como podemos observar na afirmativa abaixo:

Uma entrevista de história oral não é exceção nesse conjunto. Mas há nela uma vivacidade, um tom especial, característico de documentos pessoais. É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu- e, por isso dá vida a- as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes (ALBERTI, 2004, p.13-14).

A partir desse entendimento, onde cada indivíduo é singular e suas experiências são únicas e relevantes como fonte de pesquisa, que definimos as bases para a análise das histórias de vida dos sujeitos que participaram dessa pesquisa.

Para analisar as histórias de vida, destacamos algumas categorias e subcategorias que apareceram em todas as narrativas dos pesquisados e que igualmente possuíam conexão com a base focal da nossa investigação.

### 5.1 REVISITANDO MINHA INFÂNCIA, MEU LUGAR

As lembranças da infância e do lugar onde se vivia levam os depoentes a se desprenderem do presente e os convidam a remontar as peças do passado. Essas memórias construídas estão permeadas de signos, sentimentos e emoções.

As falas abaixo são partes das lembranças dos depoentes sobre a infância e lugar que viveram.

**Paulina:**[...] infância, infância mesmo a gente não tinha porque a gente não brincava, Nós não tinha boneca naquela época, a gente brincava era de academia, de roda, cantigas antigas[...] À noite às vezes tinha uns vizinhos que ficava contando histórias, a gente sentava ficava contando história, mas a noite pouco se brincava porque, porque não tinha energia.

**Edimilson:** Sou nascido e criado aqui na comunidade do Coque, chama Joana Bezerra, e tenho uma história pra contar a respeito da minha vida, que não foi muito fácil aqui dentro. [...]as dificuldades financeira pra sobreviver era muito complicado porque faltava alimentação, colégio era com dificuldade, às vezes eu queria ir pra escola não podia ir porque era uma roupa pra mim e para o meu irmão pra dividir pros dois, sapato era um conga que tinha que dividir às vezes e, se um atrasasse o outro não ia.

**Izabel:** Nasci aqui mesmo, aqui no Recife. Aqui mesmo no Coque. Minha infância foi trabalhar fora, pra ganhar um trocadinho pra se ajeitar mais melhorzinho, né? E ajudar um pouquinho também minha irmã [...].

**Cleonice:**[...] a minha infância não foi boa! Porque eu tive uma infância assim, muito, com muita necessidade, né? Que na época minha mãe, minha mãe era mãe de sete filhos, meu pai não tinha emprego fixo, ele era lavador de carro [...].

A infância da maioria dos entrevistados foi permeada pelas ausências, por dificuldades financeiras que os levaram ao mundo do trabalho. Alguns relataram que em alguns momentos, passaram por necessidades extremas, como falta de alimentação e vestes, fato que ficou evidenciado no relato de Edimilson.

A depoente Izabel declarou que trabalhou precocemente na infância afim de ajudar no sustento da família. Já Cleonice diz não ter vivido a infância pois, o que marcou sua memória acerca desse período, foram as ausências, a necessidade financeira, o fato de seus pais terem muitos filhos e não possuírem uma boa condição financeira para proporcionar uma vida digna a cada um deles.

Durante a análise dos depoimentos, ficou evidenciado que o trabalho infantil era uma prática comum no período relatado, o relato de Gilberto abaixo dialoga com o de Cleonice, ambos destacam que não tiveram infância.

**Gilberto:** Eu nasci em Garanhuns, Pernambuco, na cidade de Garanhuns no interior. Eu vivi lá até os meus trinta e dois anos. O que



eu lembro da minha infância é muito serviço, né? Eu comecei a trabalhar logo cedo demais, eu tinha seis anos de idade quando comecei trabalhar, porque o meu pai era doente e era eu e minha mãe, né? Eu com seis anos de idade já comecei conhecer o serviço, né? Eu não tive infância não! Não tive infância.

A trajetória da criança e do adolescente no Brasil é sublinhada por privações e ausências. Ao longo dessa história, evidenciam-se os maus tratos, os abusos sexuais, a mortalidade infantil, a miséria, a fome, o abandono, o trabalho escravo entre outros.

Sobre o Brasil do século XIX, foi observado que as crianças em situação de pobreza não tinham acesso à educação escolarizada e que eram conduzidas ao trabalho juntamente com os adultos, como foi destacado por Priore (2013, p.10):

no século XIX, a alternativa para os filhos dos pobres não seria a educação, mas a sua transformação em cidadãos úteis e produtivos na lavoura, enquanto os filhos de uma pequena elite eram ensinados por professores particulares.

Nas falas dos depoentes, ficou demonstrado que ainda no final do século XX o trabalho infantil era uma prática comum, a prioridade para as famílias pobres era utilizar a mão de obra da criança para ajudar no sustento familiar. A busca pela sobrevivência utilizando o trabalho infantil foi identificada em destaque nas falas de Izabel, Gilberto e Israel.

**Israel:**[...] minha vida não foi tão ruim, tão ruim, porque meus pais eram comerciantes e Deus nunca deixou faltar o pão, né? [...] a gente não teve uma vida tão bem, né? Mas o pão a gente sempre teve. Nunca faltou. E, também nenhuma veste. A gente nasceu aqui, nasceu e cresceu aqui no Coque e na idade de adolescente eu comecei a trabalhar com meu pai no mercado[...].

Poucos foram os relatos das brincadeiras, das travessuras de criança, das vivências infantojuvenil. Ficaram evidenciadas as ausências de tempo livre e de lazer que estavam diretamente ligadas à extrema necessidade financeira das famílias e a falta de estrutura do lugar.

Paulina, lembrou que no período da sua infância a energia elétrica era escassa nas periferias da cidade do Recife, dificultando ainda mais a vida dos moradores de comunidades menos favorecidas.

**Paulina:** Nasci aqui na comunidade do Coque[...]. Naquela época aqui o Coque, que era Coque mesmo! Agora que mudou o nome é Ilha Joana Bezerra. Ainda fala Coque os antigos, mas lá pra fora é Ilha Joana Bezerra. Só era maré, as casas tudo de talba era uma coisa muito, as pessoas muito pobres mesmo e quando a maré enchia, entrava dentro das casa [...] pouco se brincava, porque não tinha energia, era naquela época não tinha, era candeeiro.

Na atualidade a comunidade do Coque tem um espaço territorial relativamente grande e que ainda não é delimitado no imaginário dos moradores. Não se sabe exatamente onde termina o bairro São José e inicia o bairro Ilha de Joana Bezerra. Alguns moradores da comunidade do Coque entendem que ela está localizada dentro desses dois bairros.

É identificado no discurso dos moradores entrevistados a ideia de que ela é dividida em partes, como afirma Andréa: [...]a minha infância, a gente morava lá na Rua da Zoadá, era lá dentro!

Nesse imaginário coletivo, existe a divisão entre o Coque de dentro e o Coque de fora. Estas ideias coadunam com o pensamento de que o Coque originário do passado é o de dentro, ou seja, a parte da comunidade que está localizada territorialmente no bairro, Ilha de Joana Bezerra.

O bairro é o lugar onde se vive, um espaço de relevância existencial para o sujeito, podendo ser um motivador ou não de tensões e prolongamentos do eu no mundo. Para (Certeau 2013, p.42), “[...] Um bairro poder-se-ia dizer, é assim uma ampliação do habitáculo; para o usuário, ele se resume à soma das trajetórias inauguradas a partir do seu local de habitação”.

**Mônica:** [...] na época morava na beira da linha, é assim que se chama, né? Ali na beira da linha, aí depois foi quando foi indenizado, aí a gente, aí pai ganhou aqui a casa, a gente começou a ficar aqui também [...].

Mônica, relata que morou em diferentes partes do Coque, vivenciou a construção inicial da linha do metrô Joana Bezerra até que seus pais foram indenizados e se mudaram, contudo, não houve mudança de bairro. A família continuou no Coque e nas proximidades da Estação Joana Bezerra.

A partir de como esses relatos de vida foram realizados, verificou-se que a relação que os indivíduos constroem e passam a desenvolver com o lugar onde vivem tem influência nas trajetórias de vida.

Os entrevistados, falaram sobre o lugar de nascimento e onde viveram sua infância, a maioria, com exceção de Gilberto que é oriundo em Garanhuns, nasceram em Recife e passaram a infância na comunidade do Coque.

## 5.2 ESCOLA, LUGAR ONDE “EU” ESTUDEI

Nos relatos abaixo, observa-se que Paulina teve o ensino inicial na infância realizado por professor ou tutor em residência, os demais com exceção de Cleonice que só foi à escola na fase adulta, iniciaram os estudos em pequenas unidades escolares improvisadas e ou em escolas públicas.

Paulina, Israel e Andréa destacaram que alguns professores se utilizavam da disciplina física através da palmatória, dos castigos sobre o milho, permanência em salas escuras, entre outras violências como forma de punição.

**Paulina:** Eu estudei com um senhor que já faleceu já há muitos anos e apanhava de palmatória [...].

**Israel:** [...] na escola, as professoras eram muito rígidas. Naquela época tinha o milho, ficava de joelho no milho e tinha também a régua que levava umas lapadinhas com a régua [...] eu já levei! E tinha um quartinho também escuro[...] Era um quartinho bem apertadinho[...]. Pra disciplinar! Tinha várias formas de castigo. Era dependendo da trela, né?

**Andréa:** na 3ª série eu tinha a professora Maria José, é a bem carrasca, carrasca mesmo!! Era pau, se não fizesse ela puxava a orelha, danava reguada na mão, mas assim, eu gostava do jeito que ela ensinava, né?

Sobre a escola, Bourdieu (2008) afirma que a escola forma *habitus* que proporcionam àqueles que estão diretamente ou indiretamente submetidos à sua influência, uma disposição geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação aos quais pode dar-se o nome de *habitus* cultivado.

Portanto, a educação escolarizada pode influenciar significativamente a vida dos sujeitos. Pois, mesmo aqueles que relataram os castigos físicos, as marcas simbólicas das

disciplinas rígidas adotadas pelas escolas também identificaram a escola como uma instituição importante para o sucesso educacional dos indivíduos.

Ainda foi narrado que o espaço escolar era um lugar que proporcionava aprendizagem, trocas em que era possível aprender e brincar. Nesse sentido, os discursos de Paulina, Mônica, Izabel e Israel salientaram a relevância da instituição escolar como um espaço também propiciador de vivências e de construção de conhecimentos.

**Paulina:** Eu brincava, estudava, aprendi a ler também lá e estudei. Depois eu fiquei em casa mesmo. Fiz até a 5ª série.

**Mônica:** eu lembro que a gente ia pra fila da merenda, aquela fila enorme, aí cantava o hino antes de entrar, juntavam assim cantava o hino [...]na hora da merenda aquela fila eu gostava quando era paçoca que davam, a gente brigava pra ver quem pegava mais paçoca, eu gostava muito! Dos professores, lembro, assim... agora eu queria me lembrar o nome, eu esqueci do nome [...].

**Izabel:** Tenho saudade de estudar porque não me interessei muito, mas eu gostava de estudar. Na escola eu brincava de amarelinha, brincava com as meninas, conversava, só não queria saber desse negócio de namorar.

**Israel:** A escola era boa, era divertido, porque atrás da escola tinha um campo[...] no recreio a gente ia tudo pra lá jogar bola. A gente jogava bola e tinha pião, tinha bola de gude, papagaio, a gente aproveitava àquela hora. A parte de estudar era bom também, porque como era muito rígido as professoras, a gente tinha que aprender [...].

A reprodução, a disciplina e as tensões fazem parte das realidades das instituições escolares, contudo, o cotidiano escolar também é constituído de encontros, desencontros, trocas de conhecimentos e vivências que marcam significativamente ou não a vida dos indivíduos os proporcionando os processos educativos. Foram nas falas acerca da escola que apareceram os mais destacados momentos das brincadeiras infantis e dos pequenos momentos de lazer.

Os depoentes, descreveram as escolas, suas estruturas e professores, muitos demonstraram incômodo por não recordar dos nomes dos educadores. Paulina, relata que quando a mesma, era criança nas proximidades à sua residência só existia uma escola pública. Para corroborar com esse relato, o depoente Edmilson em sua fala diz que estudou em alguns estabelecimentos de ensino localizados mais afastados da comunidade e mais próximos ao centro do Recife.

**Paulina:** [...] a antiga Anchietá. Eu só me lembro mesmo o nome de uma professora, era a dona Djanira, porque aqui nesse pedaço só existia essa escola Anchietá. [...] Era de graça, naquela época, não sei dizer se era Estado ou prefeitura [...]. Mas, era muito boa!

**Edmilson:** [...] eu não podia comprar uma borracha, tinha que ser com um pedaço de miolo de pão pra poder apagar quando errava. Tinha muito respeito com os diretor com os professores [...] eu estudava, num colégio assim [...] pagava uma taxinha pra estudar a carta de abc, aprender a, e, i, o, u essas coisas, depois passei pra estudar lá no sindicato da Rua da Concórdia, sindicato dos caminhoneiros, passei a estudar no Investigador da luz, na igreja de São José [...]. Ah, eu tinha uns nove anos de idade quando fui pra esse Pão Duro que era um clube muito simples, muito simples mesmo, tinha uma professora, as carteiras que a gente sentava era tudo deteriorada [...] era uma sala pra todo mundo, não tinha divisão de nada, todo mundo junto.

Nas falas de Edmilson, Andréa, Mônica e Izabel existe uma descrição acerca da estrutura das escolas e dos professores. Andréa e Gilberto ainda fazem uma inferência sobre a importância de estudo, algo que foi repassado pelos seus pais.

**Edmilson:** A escola Soares Dutra era grande, tinha muita sala de aula, era bonita, ainda existe hoje na Cabanga, tinha muita sala de aulas, né? Tudo bem arrumadinha, era boa, era.

**Andréa:** Eu lembro a que eu entrei foi o Amaury de Medeiros, eu tinha sete anos. A escola de bairro assim, eu não lembro [...] participava do clube que é ali na Rua do Campo tinha uma associação, esse eu me lembro [...] era uma escolinha pequena que as professoras de bairro ensinavam e a gente participava, eu lembro de Marilene. Sim, ela ensinava em casa mesmo, no terraço com as cadeiras que elas conseguiam de doação, ou era cadeira ou era mesa aí a gente ficava no círculo, com elas, mas não tinha grande coisas não, na escola não. Gostava muito do Amaury. Era bonita. Eu lembro um pouco da sala de como era a sala da educação infantil, mas por exemplo, professora, eu não lembro [...] porque aí como eu gostava de estudar, eu gostava de tá lendo, minha mãe sempre dizia: “tem que estudar, tem que estudar, se não estudar não é ninguém, não é ninguém, se não se educar, não tiver educação, não tiver um estudo não vai ser ninguém na vida” [...].

**Mônica:** [...] minha primeira escola que eu me lembro foi no Joaquim Nabuco. Assim, tudo bonito, tudo diferente, sei lá, eu tenho poucas lembranças assim que eu sou muito ruim de guardar as coisas, mas assim. Acho que é o tempo, memória, aí, mas ainda eu lembro, era muito boa e também só fiz até a 3ª série, eu era ruim pra estudar [...].

**Izabel:** Estudei pouco. Eu gostava de estudar, estou meio arrependida porque não terminei o resto, né? Eu estudei no Joaquim Nabuco.

Quando eu estudei lá, acho que eu tinha uns dez ou doze anos [...] Gostava da escola. Mas, eu não me interessei muito! A escola era bonitinha. Alguns professores eu me lembro, mas eu esqueci o nome deles agora, tem uma que ainda tá fazendo aula lá. Na escola Joaquim Nabuco ou na escola Monsenhor [...]. Algumas professoras eu conheço.

**Gilberto:** minha escola eu lembro sim, ela era tudo lá no sítio, no interior [...] Era um menino sofrido, deixava o serviço, tomava um banho nas carreiras e ia pra à escola, chegava lá, muitos ia e se interessava a aprender[...] Outros não! Iam brincar, fazer arte, mas eu me interessava a aprender, o que o professora tava falando[...] eu escrevia o que tava lá no quadro pra quando ela perguntasse, a gente sabia responder[...] porque também minha mãe cobrava muito isso aí, dizia: fazer a lição de casa logo quando você chegar da escola de noite, chegar, fazer logo, porque no outro dia já quando for pra lá já não vai fazer às carreiras.

O destaque nas falas de Gilberto e Andréa sobre a educação escolarizada e a influência dos familiares sobre o estudo dos seus filhos e ou parentes demonstram que existe um significativo tipo de interferência. Os educadores familiares constroem nexos influenciadores de várias formas, em diferentes momentos e, muitas vezes, eles são imperceptíveis para ambos os atores envolvidos nas tramas cotidianas.

Quando Andréa recorda a fala da sua mãe que a instruía a dedicar-se ao estudo, “tem que estudar, se não estudar não é ninguém, se não se educar, não tiver educação, não tiver um estudo não vai ser ninguém na vida”, ela constrói os nexos educativos entre a família e a escola.

Sobre essa relação de influência da família, Bourdieu (1996) também explica que a família é uma unidade de reprodução social, tendo uma função preponderante na manutenção da ordem social, mas também na reprodução da estrutura social e nas relações sociais.

Nos relatos de Paulina foi destacada a má qualidade do ensino público com defasagens no ensino, ela observa que houve um declínio ainda maior na qualidade do ensino com o passar dos anos. Os depoimentos da maioria dos narradores trouxeram o saudosismo do vivido nas escolas. Como foi identificado na fala de Izabel, “Tenho saudade de estudar porque não me interessei muito, mas eu gostava de estudar”.

**Paulina:** A escola Costa Porto o ensino não era tão ruim não. Agora não era, aquele estudo. Porque você sabe que a escola pública toda vida foi meia defasada, né? Mas, era melhor. Hoje que tá mais, tá mais difícil tanto pra professora quanto pros alunos melhores porque tem alunos que não quer estudar, quer só mais mesmo bagunçar, naquela época não

era um ensino tão bom, mas dava pra se levar principalmente quando a criança quer, né?

Para Edimilson, o fato dele não ter dado prosseguimento aos estudos está diretamente ligado ao fato de não ter tempo exclusivo para a dedicação aos estudos, o mesmo, por necessidades econômicas precisava trabalhar.

Portanto, ficava bastante cansado, fato que interferia diretamente na sua aprendizagem. Já Mônica, relata que tinha muitas dificuldades para estudar e apreender, mas que a sua família mesmo estando em condições financeiras desfavoráveis, decidiu optar posteriormente pelo ensino privado, buscando um melhor ensino como é verificado nos relatos:

**Edimilson:** Minha última escola foi na Cabanga, Almirante Soares Dutra, aqui perto do quartel do exército, mas só que porque lá eu não aprendi muita coisa porque eu não tinha tempo mesmo. Eu ia estudar, mas só que, eu cansado, que eu sempre trabalhei desde pequeno, trabalhei, não parava não[...]

**Mônica:** também só fiz até a 3ª série, eu era ruim pra estudar[...] aí depois minha mãe viu que eu tava com dificuldade, aí me tirou, aí me botou lá no Panamericano, particular já ali em Afogados, aí estudando Panamericano ainda fiz a 4ª série.

Israel realiza uma reflexão sobre a escola e suas possibilidades, observando que a disciplina rígida aplicada durante o período em que ele estudou auxiliou no processo de aprendizagem e faz um tipo de alusão ao ensino na atualidade, onde os estudantes que querem estudar são atrapalhados por outros que perturbam as aulas.

**Israel:** Que aquilo ali lhe fez bem, você aprendeu. E se não fosse aquele modo de disciplinar rígido, a gente não tinha aprendido. Como é o ensinamento hoje aí, os alunos vai, tem uns que não entram, perturbam. Antes, cantava o hino, ficava em fila, cantava o da bandeira, cantava o hino nacional pra poder entrar, era muito, uma disciplina muito rígida e a gente aprendia. Eu aprendi. Eu tinha uma cabeça muito boa pra estudo.

O que não foi vivido na escola aparece nos discursos como a oportunidade perdida, a possibilidade da aprendizagem que fora desperdiçada. Em suas lembranças os narradores destacam ainda os momentos do cotidiano escolar e a rigidez disciplinar. Essas memórias, remetem à refletir sobre o direito das pessoas à aprendizagem que se entende

como fundamental para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e como fonte para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Nessa direção, foi observado que cada indivíduo tem o direito à educação escolarizada e, portanto, essa deverá ser ofertada para todas as pessoas. Sobre as oportunidades educacionais e as ferramentas essenciais para as diferentes aprendizagens destaca-se a leitura, a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas entre outros. Na afirmativa abaixo observa-se algumas dessas necessidades educacionais essenciais:

[...] a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas) como os conteúdos básicos da aprendizagem (conhecimentos teóricos e práticos, valores e atitudes) necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas capacidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de sua vida, tomar decisões fundamentais e continuar aprendendo. A amplitude das necessidades básicas de aprendizagem varia de país a país em sua cultura e muda inevitavelmente com o transcurso do tempo (WCEA, 1990, p.157).

Nesse contexto, a escola tem sua contribuição no desenvolvimento dos indivíduos, pois auxilia na aquisição dos saberes culturais e científicos, em vista disso, a escola incentiva o conhecimento e o gosto pela aprendizagem que podem facilitar ao indivíduo conhecer e desenvolver suas habilidades, competências e através das suas capacidades, o indivíduo pode ser impulsionado a mudar sua trajetória de vida.

### 5.3 EM CASA A GENTE CONVERSAVA SOBRE O QUE ACONTECIA NA ESCOLA

A discussão sobre a relação das famílias pobres com a escola é desafiadora, pois está intimamente atrelada aos preconceitos construídos ao longo do tempo pela sociedade. Pesquisas com a de Nogueira (2015) apontam as dificuldades existentes no entendimento por parte dos educadores escolares, em reconhecer a importância da participação ativa das famílias no ambiente escolar e, também das famílias compreenderem os papéis da educação escolarizada.

Portanto, existe a necessidade de aprofundar esse debate e identificar os dispositivos familiares que possibilitam a transmissão de conhecimentos e motivação para os indivíduos investir na escolarização.



Para melhor refletir acerca da influência da família na formação escolarizada dos educandos é preciso atentar também para as limitações e preconceitos que circundam ambas as instituições. Para Mello (1995, p.52) “o ponto de partida é o (re)conhecimento mútuo.

O conhecimento das escolas a respeito das famílias é, muitas vezes, baseado em preconceitos [...]”. Para os educadores escolares, as famílias, principalmente àquelas que estão inseridas nas camadas populares são “desequilibradas” e, portanto, suas influências são negativas para os estudantes.

Sobre esse prisma, Szymansky (2011, p.107) realiza as seguintes considerações:

“família desequilibrada”- a grande responsável pelos fracassos em língua portuguesa, matemática, geografia, etc. Outros preconceitos muito frequentes são o da “carência cultural” e o do desinteresse das famílias, como vimos. O preconceito se limita a uma interpretação fechada do outro e seu mundo e define as atitudes, sentimentos e ações que guardam a mesma característica de rigidez. Reconhecer significa sair dos limites estreitos do preconceito e abrir-se para as novas possibilidades de ser do outro e de ser com o outro.

O reconhecimento da existência do preconceito sobre as famílias, principalmente as em condições socioeconômicas desfavoráveis, é um avanço e contribui para o alargamento dos debates acerca da relação família e escola.

Portanto, o cenário dos debates sobre a integração família e escola precisa ser estendido, verificando seus desafios e seus possíveis benefícios que podem ser de diferentes ordens, particularmente, quando a escola abre espaço para a participação familiar e reconhece os papéis diferenciados de ambas no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos educandos.

Para tal, se faz necessário atentar para os múltiplos desencontros e o fosso que ainda há na relação família e escola, principalmente quando discutimos acerca dos limites e preconceitos dessas instituições.

As famílias inseridas em contextos desfavoráveis podem produzir situações escolares distintas, visto que a influência familiar se dá no campo das subjetividades, difícil de ser reconhecida por quem é influenciado e por quem influencia. Assim é observado nas falas de Paulina, quando demonstra ter pouca influência sobre o sucesso escolar de Monik, apesar das conversas e incentivos para que Monik desse prosseguimento aos estudos, como verifica-se na narrativa abaixo:

**Paulina:** Até que eu incentivava elas a estudar, mas elas era quem fazia os deveres delas, não isso aí sempre elas fazia, não dava muito trabalho não [...] Em casa a gente conversava sobre o que acontecia na escola. Nós conversava muito, agora só que elas conversava mais com as minhas meninas. Comigo eu não entendia muito sobre essas coisas, mas elas conversava com as meninas.

Nas falas de Edimilson, Cleonice e Gilberto observa-se a deferência à matrícula escolar, nessa perspectiva, identifica-se a importância depositada na instituição escolar pelos familiares.

**Edimilson:** a escola das meninas, fomos nós que matriculou, a mãe dela, né? Eu trabalhava. Foi Elzinha, porque é mãe. Porque foi quem criou. Mônica não criou, não participou da adolescência delas de nada delas. Essa é a verdade! Aí foram estudando na casa de Paulina, sempre estudando, estudando, aí foi, chegaram o que chegaram hoje graças a Deus, né?

**Cleonice:** Botei ele na escola, ele começou a estudar pequenininho, pronto! O outro também! Meus filhos tudinho sabe ler e escrever, estudaram tudinho [...]. Quem colocou Edson na escola foi eu. A escola foi importante, foi e muito. Edson começou a estudar de pequenininho. [...] eu não queria o que eu passei pros meus filhos, estudei tudinho! A escola é importante! É alí que o menino aprende. Aprende a ler, a escrever, aprende coisas que a gente não pode ensinar. É na escola que aprende! Eu não posso ensinar o que a escola ensina e, também eu vou ensinar o quê? Que eu não sei! A escola é muito bom! A escola explica, ensina muita coisa. (risos).

**Gilberto:** a gente deu educação a ela, mas isso aí, ela aprendeu muito com a vida, desde pequenininha, nasceu uma menina muito inteligente, né? [...]. A primeira escola dela aqui, foi a que uma menina que ensinava aqui, eu botei ela pra estudar, ela era pequenininha, tinha quantos anos? Seis anos, sete anos, né? Tinha sete anos mesmo, de seis e meio pra sete anos, uns sete anos mesmo, foi a primeira escola dela, foi com uma senhora que ensinava aqui, e eu botei ela pra, fiquei pagando particular.

Cleonice ainda aponta a escola como um lugar importante que auxilia na aprendizagem, ensinando àquilo que as famílias não têm “capacidade” de repassar para seus filhos e ou parentes. Foi verificado que proporcionar a escolarização aos filhos está diretamente ligado ao sentimento de poder afastar os filhos dos sofrimentos e agruras que ela passou, pois não teve acesso à escola na infância.

Nessa perspectiva, pode-se destacar que a influência dos familiares sobre a educação escolarizada se constrói de várias formas e, em diferentes momentos, é imperceptível para ambos atores, contudo ela se concebe nas práticas cotidianas, nas

vivências compartilhadas e até mesmo nas ausências como são percebidas nas falas de Andréa:

**Andréa:** [...] eu acho que foi o contato mesmo aqui em casa, porque aqui quem ensinava as tarefas da gente era a mãe, assim da escola era ela mesmo, e ela sempre deixava, ela dizia sempre, o que ela dizia pra gente, ela dizia pra elas, vocês tem que estudar[...] vocês tão vendo que a mãe de vocês não estudou aí tá aí ó, batendo cabeça, não consegue arrumar um emprego direito, tudinho, e se vocês não querem ter o mesmo destino, tem que estudar, pra conseguir algo na vida, senão, ela sempre dizia isso, ela nunca deixou de dizer, ela estudou até a 5ª série, mas quem ensinava as tarefas minha, ou da minha irmã, era ela, é ótima em matemática. Aí eu acho que pode ter sido esse contato.

Assim, constatamos que mesmo demonstrando pouca segurança os depoentes em alguns momentos afirmam ter influência na educação escolarizada dos seus respectivos parentes.

Ainda nas falas de Paulina, Izabel, Gilberto, Andréa e Israel nota-se que o sucesso escolar é atribuído aos esforços, à determinação e o compromisso desenvolvidos pelos próprios estudantes.

**Paulina:** No estudo, [...] ela fazia os deveres. Os deveres delas tudinho[...] a Monik também ela ensinava a essa aí. (se referindo a Moniely). A gente ensinava. Eu não sabia muito porque eu na época delas o estudo que eu estudei já era completamente diferente, né? Do que os estudos de agora. Mas, elas sempre estudaram, terminaram os estudos delas, não foram de não querer terminar não. Elas sempre tiveram a finalidade de terminar o estudo.

**Izabel:** Berlane gostava de estudar e ainda hoje gosta. Tudinho! Todos gostam, tudinho! Mas quem mais gosta é Berlane. Os meninos aqui é meio preguiçosinhos pra estudar, mas as meninas não, as meninas são boas de estudo. Berlane era uma bênção, só tirava nota grande (risos...) ela é o maior orgulho da gente, é um orgulho que eu tenho!

**Gilberto:** [...]é uma pessoa que entende as pessoas, entende as pessoas, com ela não tem mal educação, Inteligente, sem rebeldia, nunca foi rebelde, nunca desobedeceu a nós dentro de casa, nunca me deu desgosto nenhum, ao contrário, só me deu prazer, nunca me desobedeceu dentro de casa, só fazia o que me agradava e agradava a Deus. Na escola era muito, era um espetáculo, só tirava nota dez, ela vinha com o boletim dela, era uma bênção o boletim dela.

**Andréa:** Monik é muito dedicada, tem uma disciplina no estudo, excelente, que eu queria ter um pouco da disciplina que ela tem, porque quando ela disse que ia estudar pro vestibular, ela estudou, literalmente ela deixou de fazer tudo, tudo, de passear, de sair, tudo, tudo, era de

domingo a domingo estudando[...], literalmente ela se dedicou, um ano, tanto prova que ela passou em duas faculdades.

**Israel** Ele era muito inteligente. Desde Pequeno. Ele é muito inteligente. Ele brincava normal. Estudava, brincava, normal como qualquer criança. [...] Mas graças a Deus não pendeu pra o mal como muitos. Só em casa, brincando, estudando [...] Quem colocou eles na escola foi a mãe. A mãe sempre tomava a frente, ela sempre foi, tomava a frente, né? Matricular, ir na reunião, ela sempre ia. Essa parte de escola era sempre ela. Edson era estudioso, sempre estudava.

O depoente Israel, em seu relato também enfatiza o caso de Edson mesmo diante às adversidades socioeconômicas da sua configuração familiar não ter se envolvido com a criminalidade.

Nos relatos acima ficou evidente que os estudantes realizavam aparentemente suas atividades escolares sem muitas dificuldades e, nessa perspectiva, os depoentes em seus relatos frisaram que os seus incentivos se “restringiam” a ouvi-los e a conversar sobre o que ocorria no ambiente escolar.

Contudo, essas conversas por mais informais que pareçam elas trazem significados e valorização para os indivíduos e para as atividades desenvolvidas, nesse caso, pelas escolas. Esses pequenos momentos, os detalhes, as conversas familiares trazem para dentro das casas as lembranças e as marcas deixadas pelas escolas.

As falas por mais sutis e descompromissadas que possam parecer, podem ser revertidas em intervenções educativas levando o educando a obter um melhor desenvolvimento na aprendizagem. Portanto, valorização da escolarização pode se dá nos pequenos atos cotidianos no ambiente familiar.

A próxima categoria é referente a universidade e o incentivo ofertado aos estudantes pelos seus respectivos familiares.

#### 5.4 A UNIVERSIDADE, A DECISÃO E OS INCENTIVOS

Ao refletir sobre acesso dos jovens de periferia às universidades e a real influência das famílias pobres de periferia nesse ingresso considerou-se a seguinte questão: “Em que medida consiste e como se traduz a presença das famílias populares no sucesso da educação escolarizada dos jovens moradores das periferias?”

Em primeira análise foi identificado que os processos subjetivos, ou seja, as influências dos educadores familiares sobre os estudantes se apresentam de diferentes formatos, com rupturas, continuidades e ambivalências entre as gerações.

Nesse sentido, se fez necessário atentar para os “sentidos” atribuídos à escolarização pela família e as diferentes formas de relações subjetivas construídas na relação família e escola, família e influência na escolarização dos indivíduos.

Sobre a escolha pelo ingresso à universidade, os depoentes Paulina, Edmilson e Izabel foram enfáticos na afirmação que partiu do próprio estudante, do seu empenho e esforço pessoal como verifica-se nos trechos abaixo:

**Paulina:** Sobre a universidade, na verdade, foi decisão dela mesmo. Não foi nem incentivo. Eu, se eu disser que foi incentivo meu, eu estaria mentindo. Foi determinação dela, o estudo, se esforçou muito, estudou muito e passava as noites estudando e daí foi dela mesmo que perseverando de passar. Eu num falei tanto dos estudos que elas estudava tudinho. Monik, passava as noites estudando... Monik entrou por motivação dela mesmo, ela se esforçou, estudou[...] Ela mesmo que se decidiu. Eu apoiava, mas ela sempre ela quando elas determinam uma coisa que elas querem ela mesmo. A decisão foi delas mesmo!

**Edmilson:** Quem incentivou Monik a fazer universidade foi ela mesmo. Partiu dela mesmo. De Monik, porque foi uma escolha dela[...]

**Izabel:** Bom, quem incentivou ela, foi por ela mesmo, né? Porque o pai dela não tinha tempo de ficar junto dela [...]. Da parte da gente houve incentivo né? Só quem foi meio assim foi a avó dela, que ficou reclamando muito, né? Mas, mesmo assim a gente deixou.

Apesar dos familiares relatar que a influência para o acesso à universidade veio dos próprios estudantes, observa-se que as táticas de incentivo utilizadas pelos familiares estão presentes nos relatos que identificam a importância da educação escolarizada para a mobilidade social e antes disso, serve de orgulho para seus familiares e ou parentes.

Nas narrativas de Paulina, Gilberto, Cleonice, Israel e Andréa são identificadas a utilização dessas táticas, mesmo que de maneira não intencional e despretensiosa, vejamos:

**Paulina:** Estudava lá em cima no quarto delas. Cada uma no seu quarto. Quando elas estavam estudando, Monik as vezes agora estuda pro Enem [...] eu dizia a elas que elas tinha que estudar pra ser uma pessoa de bem, alguém na vida, que já não tinha pai, só tinha os avós que já que os avós já eram os pais e a mãe [...] ser alguém na vida pra já poder ajudar a mãe delas.

**Gilberto:** A faculdade foi assim, quando ela disse assim, ô pai, eu vou fazer o Enem, vou fazer o Enem, pra entrar na faculdade, aí quando ela viu na lista aí tinha passado, foi um chororô aqui dentro, a mãe dela, ela, tinha passado, ía ser uma bênção, graças a Deus, né? geralmente, quando eu tinha lhe falado antes, o filho se espelha no seu pai, que o seu pai seja ruim, ou que seu pai seja uma pessoa boa e iluminada, mas geralmente o filho se espelha no pai e Berlane se inspirou em mim. Porque a minha história é uma história muito sofrida, desde a minha infância. Então ela deve ter se espelhado em mim, pra chegar até onde chegou.

**Cleonice:** Pra Edson, eu não falava nada! Eu dizia, Edson veja o que você quer ser e vá em frente meu filho. O que eu puder fazer por você eu faço! O que eu puder ajudar, eu ajudo! Mas, você veja o que você quer. Mainha, eu quero ser filósofo. Filósofo Edson? Isso não é ruim não Edson? Porque isso sei lá, será que isso vai ser bom na área de trabalho? De arrumar trabalho? Não mainha, não é trabalho não. Eu quero ser professor. Sim, mas será que vai ser bom? Já que você quer eu não vou ser contra. E não vou dizer que você não faça. Você faça! O que eu puder fazer eu faço! O que eu puder comprar um livro, se eu puder dar a você, eu lhe dou. Vá em frente, vá simhora! Pronto! Ele foi.

**Israel:** Quando falava pra um acho que o outro escutava. Falava da minha situação. E, ele também via a situação, o meu trabalho. É pescaria, aquela escassez dentro de casa, escassez das coisas. Comprava o mínimo para a sobrevivência, o alimento, a roupa, a gente comprava uma roupa só em tempo de festa, nas festas. E ele teve essa força de vontade. Não sei se ele viu essa situação, minha, da mãe dele, dos irmãos. E ele teve essa força de vontade de querer chegar onde ele chegou. Força de vontade de chegar na universidade.

**Andréa:** [...] quem ensinava as tarefas da gente era mãe, ela sempre dizia o que ela dizia pra gente, ela dizia pra elas: vocês têm que estudar[...]Aí eu acho que pode ter sido esse contato [...]. Eu acho difícil de falar, mas acho que eu posso ter influenciado um pouco a Monik ter entrado na universidade, eu acho, essa minha insistência porque eu fiz o vestibular 3 vezes, aí fui pra FAFIRE, o mestrado eu tentei 4 vezes. Mas eu acho que tem essa coisa da insistência, essa coisa da mãe, de mesmo com todas as dificuldades da mãe, ela querer ajudar a mãe, no sentido de colocar a mãe na casa. Eu acho que essa coisa minha de Vencer na vida. É, porque você mora no Coque, aí não vai fazer universidade? Os meninos do Coque, as pessoas do Coque, então a gente tá mostrando, assim, os poucos que estão fazendo que a gente do Coque também pode! Também pode fazer, pode entrar na universidade, pode viajar pro exterior [...].

Andréa ainda declara que o fato de Monik ter tido o incentivo de sua mãe (Paulina) nas conversas cotidianas, quando falava sobre a importância dos estudos, pode ter influenciado a estudante Monik a investir na educação escolarizada. Andréa lembra que

a sua própria trajetória educativa também pode ter servido de exemplo e enfatiza o feito de alguns estudantes moradores da comunidade do Coque que romperam às barreiras socioeconômicas e os estigmas para buscar o acesso às universidades.

Portanto, foi identificado que a história de vida dos depoentes deixaram marcas nos estudantes que os impulsionaram na busca do capital cultural. A memória desses familiares, trazem suas trajetórias de vida permeadas por dificuldades econômicas e sofrimentos sociais e nessa perspectiva, seus exemplos de vida servem para os jovens como incentivo na construção de um projeto de vida os impulsionando à escolarização.

É observado que os estudantes e as suas configurações familiares constroem diferentes significados acerca da educação escolarizada. Os mesmos, verificam as possibilidades do capital cultural e realizam conexões com as conquistas socioeconômicas através do acesso aos melhores espaços no mundo do trabalho.

Nos discursos de Paulina, verificam-se algumas táticas como: o cuidado com o tempo dedicado aos estudos, o acompanhamento das atividades escolares, a provisão dos espaços para o estudo e outros.

É importante ressaltar que essas táticas realizadas pelos familiares deixam marcas nos seus respectivos filhos e ou parentes, assim como a própria trajetória de vida de cada um dos familiares.

O fato dos jovens vivenciarem e ouvirem os relatos dos seus parentes sobre os sofrimentos vividos, as ausências e as suas dificuldades sociais e econômicas os fazem refletir sobre a importância das escolhas educacionais, pois ao traçar novos percursos e buscar novas táticas para escolarizar-se esses jovens vislumbram uma melhor condição de vida que os afastem da realidade vivida por seus familiares.

Os relatos apresentados serviram para embasar a afirmativa de que as famílias das camadas populares não agem com indiferença à escolarização dos seus filhos e, ou parentes sob suas responsabilidades como também verifica-se nas pesquisas de Charlot (1996) e Laihire (1997) onde foram realizadas observações acerca da relação das famílias populares com a escolarização dos filhos e constataram que essas famílias não são omissas e indiferentes no trato da escolarização dos seus filhos.

Portanto, esses estudos negam uma renúncia *a priori* dessas famílias, um desinteresse pela escola como atitude típica.

As famílias desenvolvem diferentes formas de intervir, influenciar e imprimir conceitos educativos sobre seus filhos e, ou parentes. Vejamos a seguinte afirmativa:

Uma forma de sustentação mobilizadora pode estar, por exemplo, no fato de que, no caso das relações intergeracionais em contextos populares, no plano do simbólico, cada geração autorize a que lhe segue a ser diferente e, portanto, a emancipar-se das origens. Inspirada nessa fonte teórica, em minha tese de doutorado explorei o tema dos processos subjetivos de ruptura, continuidade e ambivalências entre gerações, defendendo a pertinência explicativa dos “sentidos atribuídos à escola e à escolarização pela família e pelo filho-aluno e as diferentes formas de relações intersubjetivas e intergeracionais” daí decorrentes (VIANA, 1998, p.47-48).

Nessa direção, reconhecemos o papel das famílias na formação humana dos indivíduos, entendendo que a influência dos educadores familiares se constitui de forma subjetiva, com contradições e interdependência entre as instituições escolares e a família.

A distância no entendimento da real influência da família na construção educativa dos jovens, alarga os preconceitos já existentes, entre as instâncias escolares e familiares.

Laacher (1990) apresenta como hipótese que as famílias populares “são dotadas de uma moral educativa, de uma educação governada pela prudência e talvez, sobretudo, pela perseverança”. E, a elaboração desses valores no ambiente familiar pode servir de base sustentadora para a formação educacional dos sujeitos.

Nas pesquisas de Zaluar (2004) foram encontradas diferentes queixas e discordâncias entre a escola e as famílias pobres. Ao mesmo tempo, parte das famílias afirmaram que eram elas que educavam suas crianças, mais do que a própria escola e os docentes apontavam o mau desempenho dos educandos como uma das consequências da “deseestrutura da familiar”. Segundo Zaluar (2009) isso demonstrou que:

[...] “os responsáveis não ignoram suas responsabilidades e obrigações, mas sofrem os limites impostos por situações de vida extremamente duras, em especial nas famílias em que as mães são os únicos ou principais arrimos”. [...]. Os relatos dos professores [...] Com pouca duração dos relacionamentos afetivos, muitas vezes os entrevistados afirmam que a criança estaria sendo indevidamente cuidada pelos avós ou parentes afins, não percebendo que novos arranjos familiares podem ser legítimos e satisfatórios, conforme apontam as análises sobre a família contemporânea. (ZALUAR, 2009, p.159).

Assim, compreende-se que ainda é um desafio debater sobre a relevância da família no sucesso educacional dos estudantes para os educadores, principalmente quando se refere as famílias das camadas populares.



Pois, são muitos os preconceitos revelados e poucos os vínculos firmados entre a família e a escola. Lembrando que o acesso à universidade se dá também no processo escolar.

Nas falas abaixo de Izabel, Edmilson e Israel identificam-se o pouco conhecimento sobre a universidade e sua função na sociedade

**Izabel:** Sobre a universidade teve a primeira vez que ela ganhou, aí o pai dela não deixou que era longe [...] e também a gente não tinha o dinheiro pra estar pagando, porque era um aperto, era um aperto muito grande. Quando ela passou da segunda vez foi muita alegria, aí ela fez: não mainha, agora eu vou. Eu disse: vá, siga o seu sonho, tá com a idade já alta, pode ir agora!

**Edmilson:** [...] a universidade eu vim saber através das pessoas, da televisão, o meio de comunicação que nós temos é televisão que é o maior que nós temos até hoje. [...] universidade, vestibular, essas coisas eu não sabia o que era vestibular, o que era universidade, faculdade, isso eu não sabia de nada disso, aí a gente vai aprendendo com o tempo. Vai vendo na televisão, a universidade. [...]. De antemão eu sei que elas conseguiram o que queria através da universidade. Faculdade, universidade, chegaram e tão aí hoje, né?

**Israel:** Eu não sabia, ouvia falar, a Universidade Federal, a Católica. Mas, eu não sabia, não tinha uma formação assim, não sabia que pra chegar alí tinha que fazer o vestibular, eu me lembro que era vestibular, agora é Enem. Agora é através do Enem como chega, né? Mas eu sempre achei muita determinação, muita força de vontade. É que ele conseguiu chegar alí na Universidade. E, ele teve essa determinação! Ele teve.

Sobre o acesso dos estudantes de periferia às universidades, nota-se que os educadores familiares exercem uma influência na ordem subjetiva, trazem conhecimentos fragmentados sobre a importância do ingresso na universidade, mas ao mesmo tempo, trazem em seus discursos a relevância do estudo para a mudança de vida.

Na próxima subcategoria foram analisados os significados da universidade e as expectativas em relação ao futuro profissional dos educandos.

#### 5.4.1 A universidade e os significados para o futuro

A história da educação brasileira ao longo dos anos trouxe o debate a respeito das políticas de acesso ao ensino superior público, essa discussão tem diferentes proposições e se faz presente na atualidade apresentando suas problemáticas a despeito desse fenômeno educativo, seletivo, excludente e que também é entendido como meritocrático.

Na atualidade, os filhos da periferia estão de alguma maneira transpondo as barreiras impostas e conquistando o ingresso nas universidades públicas do Brasil.

Sobre o acesso dos jovens estudantes à universidade, os entrevistados declararam ter orgulho desse feito. É para eles um privilégio, pois os destacam socialmente podendo contribuir para melhorar as oportunidades profissionais, como declara Paulina:

**Paulina:** Pra mim mesmo é um privilégio ter uma neta universitária, porque pelo menos já tem uma boa profissão um bom estudo que é pra seguir em frente, não tá precisando, tá quebrando a cabeça por aí atrás de algum emprego. Porque se ela souber seguir em frente continuar, melhorar nos estudos, assim como elas pretende mesmo, significa que elas vão enfrente na vida delas e ter um futuro melhor [...].

Para colaborar observa-se a fala de Edmilson, quando destaca a oportunidade que a neta Monik teve de viajar e assim lhe foi oportunizado conhecer diferentes países, ampliando seu capital cultural.

**Edmilson:** Monik formou-se em Turismo. Viajou um pouco. Conheceu alguns lugares fora do Brasil. Alemanha, Amsterdã, né? Alemanha, fica tudo perto, né? [...] chegou o momento que ela tinha que partir, em busca de conhecimento, né? Os lugares, porque uma pessoa que faz turismo, tem que conhecer os lugares, né? E ela foi atrás dos objetivos dela com muita dificuldade ela conseguiu os padrinhos e foi embora, passou um tempão lá. E estuda ainda, porque ela não para de estudar. Sempre tem que ir atrás de coisas melhores, né?

A depoente Andréa relata a sua emoção ao saber que Monik havia passado no vestibular, ela destaca que a estudante conseguiu ser aprovada no mesmo ano em duas universidades.

**Andréa:** Quando fiquei sabendo que ela tinha passado na universidade, fiquei muito feliz, pra mim ela passou era como se eu tivesse passado. Mas, eu disse Monik passou na Federal logo em duas. É como se eu tivesse passado, assim então é como se eu dissesse assim eu tô lá, eu tô lá também, eu me senti representada, que é, eu sempre disse assim, eu vou entrar na universidade[...].

Já Izabel declara que a avó de Berlane ao saber que a estudante iria para a universidade sentiu medo. Pois o desconhecido a assustava e a mesma, temia pela segurança da neta.

No que se refere ao campo do desconhecido o depoente Gilberto afirma que por não ter o conhecimento sobre a universidade, a sua função e a forma de ingresso, não

acreditava na possibilidade de sua filha ter acesso, pois pensava que a universidade era um espaço exclusivo para os filhos dos ricos.

**Izabel:** A avó tinha medo, (se referindo a universidade) porque a gente não conhece o mundo por aí como é, né? Aí ela ficou meio com medo, mas mesmo assim a gente deixou. Eu quero, quero que ela siga em frente (...) Berlane é a mais quieta, nunca se queixou de nada. É, pois foi assim[...] Berlane gosta de estudar!

**Gilberto:** Eu fiquei sabendo da universidade através dela, né? (se referindo a Berlane). Através dela! Eu não sabia nem... eu pensei que ela nem podia nem participar disso, né? Eu digo, e você pode participar de uma faculdade, pra mim, faculdade pra mim é uma coisa esquisita, né? Um negócio pra doutor, pra quem tem muito estudo e dinheiro inclusive, né? Porque faculdade é caro, muitos trancam a faculdade porque não pode pagar, então eu disse, mas pra Deus nada é difícil[...].

Israel além de declarar sua emoção com o acesso de seu enteado Edson à universidade, identifica as mudanças no sistema de ingresso ao ensino superior, observando que no passado a dificuldade era bem maior para os jovens entrarem na universidade e ainda declara que esse fato é algo que os auxiliam nos concursos e no acesso aos melhores campos profissionais.

**Israel:** A universidade hoje tá diferente dos tempos passado, porque pra você chegar à Universidade a uns anos atrás era muito difícil, agora tá mais fácil, né? Pelo Enem. Eu mesmo, não conclui o segundo grau. Mas, se eu tivesse estudado e me inscrevesse no Enem, eu podia entrar numa Universidade. [...] então você com uma formação pode obter coisas melhores, um emprego melhor, um concurso, participar de um concurso. E se chegar a passar você está com um emprego garantido e seguro. Edson tem essa possibilidade, porque ele estuda muito. Ele entra madrugada a fora estudando e ele se prepara muito. Ele tá preparado pra fazer concurso no nível que ele estudou. Às vezes eu digo a ele, ele diz tem um concurso em tal canto, eu digo: faça! Se não conseguir de graça, as vezes consegue a isenção, as vezes não, aí a gente paga. Todos que aparecer vá tentando. Vai tentando, vai chegar um dia que você vai conseguir. Quando ele passou no vestibular a gente ficou feliz, ele é um menino esforçado, estudioso, né? E me deixou feliz!

Nesse sentido o acesso à universidade é visto pela maioria dos entrevistados como algo que possibilita ao indivíduo a mudança da sua condição social, fruto de esforços e uma conquista da família.

A universidade é compreendida como um lugar antes inacessível aos filhos das famílias menos favorecidas economicamente e também desconhecida por alguns

entrevistados que afirmaram ter tomado conhecimento da sua existência a partir dos seus respectivos parentes.

Assim, entende-se que os indivíduos se relacionam com as diferentes configurações sociais, família, escola, comunidade e se transformam em seres mais complexos, eles sofrem diferentes influências e no processo de desenvolvimento nos deparamos com a identidade-nós se sobrepondo a identidade-eu.

Os familiares entrevistados, em sua maioria, se veem como partícipes do feito, se sentem realizados com o acesso à universidade que é uma conquista familiar.

Nas narrativas dos indivíduos, também é observada a expectativa de melhorar a renda familiar com a educação escolarizada dos seus filhos e ou parentes.

Sobre a discussão analítica da educação como anexo da renda familiar, Demo (2009) afirma que existe a possibilidade da qualidade da educação impactar a renda, mas a maior relevância consiste na possibilidade da redistribuição da renda, empurrando a sociedade para uma formação social mais igualitária.

Ou seja, com pessoas mais esclarecidas e com melhor formação educacional o mercado terá que se adequar de maneira mais ética para desenvolver suas atividades e inserir no campo de trabalho esses indivíduos mais críticos e escolarizados.

É perceptível que todos os entrevistados se sentem afetados emocionalmente com a entrada dos seus parentes nas universidades, ficam satisfeitos em vê-los dando continuidade aos estudos.

Contudo, é notória a insegurança no que virá após o chamado “término dos estudos”, pois é inegável a existência da expectativa da mobilidade social. Embora a educação superior seja compreendida pela maioria dos entrevistados como algo complexo e de difícil acesso, também é vista como um componente tático para que os jovens adquiram o capital cultural que pode contribuir para o seu desenvolvimento socioeconômico.

Os filhos da periferia têm pressa, o seu processo educacional precisa “dar certo”, gerar renda. A pressa do discurso imediatista nos faz crer que apenas são as famílias mais pobres que influenciam seus filhos e, ou parentes com discursos de necessidade de melhoria de renda, contudo é observado que uns precisam sair da linha da pobreza, outros querem melhorar e ampliar suas riquezas.

Portanto, as perspectivas econômicas são canalizadas para a educação escolarizada e seus possíveis frutos. Nesse sentido, a sociedade do imediatismo faz uma leitura apressada da educação e identifica como sendo sua finalidade, a elevação da renda.

Já a teoria do capital humano<sup>40</sup> aponta que as competências e habilidades adquiridas através da educação escolarizada aumentam a produtividade do trabalhador, é importante lembrar que, a partir desse ponto de vista, os mais relevantes efeitos educativos estão atrelados ao saber lidar com as situações do cotidiano, os desequilíbrios, as mudanças, as rupturas e fatores inesperados do mundo da vida e do trabalho.

---

<sup>40</sup> Algumas ideias acerca do capital humano surgem no século XVII com pensador, Charles Davenant, que reconhece a importância do homem para o país. “Os corpos dos homens são, sem dúvida, o mais valioso tesouro de um país”. Em 1776, Adam Smith discorre sobre o tema quando escreve “A Riqueza das Nações”, sem utilizar o termo ele se aproxima do que futuramente passaria a compor a teoria do capital humano. Alfred Marshall (1890), discorre sobre a temática do capital humano. Em “*Principles of Economics*”, afirma que, “toda riqueza consiste de coisas desejáveis” e dividiu a riqueza em bens materiais e imateriais. Os bens imateriais são qualidades e habilidades, portanto, qualidades e habilidades são capital humano.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS



**Fonte:** [www.google.com.br](http://www.google.com.br). (2014).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos últimos quatro anos direcionei meu olhar para as trajetórias de vida das pessoas, buscando compreender de quais maneiras os trajetos das famílias inseridas na configuração social da comunidade do Coque influenciaram no sucesso educacional dos seus filhos e ou parentes.

A hipótese foi que as trajetórias familiares estão diretamente imbricadas com o desenvolvimento educacional dos estudantes e, portanto, as famílias em condições socioeconômicas desfavoráveis têm significativa influência no sucesso escolar dos jovens. A inexpressiva formação educacional aliada aos problemas socioeconômicos dos familiares da configuração estudada, contribuiu para que a maioria deles depositassem suas expectativas de mobilidade sociocultural na formação escolarizada dos seus filhos e ou parentes.

Entendo que a escolha da história oral de vida como aporte metodológico foi adequada para o estudo e contribuiu nas diferentes reflexões e na captação das experiências e dos aspectos íntimos dos indivíduos de forma respeitosa. Ainda auxiliou na identificação das respostas à tese em questão.

Na busca para compreender essas questões de ordem subjetivas me deparei com diferentes significados que marcaram minha trajetória de vida, na ordem pessoal e profissional. Pesquisar um tema tão caro e não ser tocada significativamente é algo inimaginável.

Ao reler os escritos de BOSI (2003), sobre a importância da história dos excluídos e dos desprestigiados socialmente, me recordei de um livro de Carlo Ginzburg, **O queijo e os Vermes: o cotidiano e as histórias de um moleiro perseguido pela inquisição** que li durante a graduação. Essa obra marcou minha memória e me fez compreender os processos históricos com outros olhares, respeitando a histórias dos indivíduos e a importância das micro histórias para o melhor entendimento da sociedade.

Ouvir as pessoas, buscar compreendê-las através das suas memórias foi um grande desafio com diferentes obstáculos e melindres contextuais, mas igualmente trouxe o prazer da vivência, do desvelamento do outro e de si. Durante a pesquisa, foi necessário certo desprendimento na busca para entender como o outro se vê no mundo da vida e se relaciona nas configurações sociais.

Ao tecer os temas da educação, da família e suas implicações no desenvolvimento dos indivíduos, me vi totalmente envolvida pelos fios que formam essa trama social e educativa. Sim, fui tocada pela pesquisa! As inquietações da pesquisa, os encontros com os sujeitos, as dificuldades do cotidiano e as respostas encontradas me transformaram enquanto pesquisadora mas, antes disso, como filha da periferia e como filha de pais com baixa renda e escolaridade.

A aproximação e o afastamento se fizeram presentes ao longo de todo o percurso da pesquisa, o fato de ter um contato mais próximo com todos os sujeitos cujas as famílias foram pesquisadas foi um facilitador, algo que me aproximou ainda mais desses indivíduos de forma efetiva.

Eles acolheram a pesquisadora, abriram as portas das suas casas, as portas da memória, me deram a oportunidade de conhecer suas trajetórias de vida, suas conquistas, suas dores, suas brincadeiras, suas ausências, seus feitos, suas frustrações e também os seus sonhos. A confiança e os elos construídos entre os pesquisados e a pesquisadora foram preponderantes para a aproximação efetiva.

Nessa pesquisa, os protagonistas são os depoentes, os relatores, os sujeitos que trazem na memória seus trajetos, percursos e caminhos escolhidos no decorrer das suas vidas. E são essas trajetórias de vida das famílias pobres que de alguma maneira, entendo que afetam o outro e constroem significados marcantes na vida dos filhos da periferia.

Como já foi dito, os sujeitos são partes preeminentes dessa pesquisa. Através dos seus relatos pude escolher os percursos metodológicos, entender a contribuição do campo teórico, enxergar os diferentes formatos que se constituem as configurações familiares e as suas práticas sociais.

Foram observadas que as práticas sociais desenvolvidas pelas famílias, em alguns momentos, se reconstroem e se transformam em táticas. As táticas utilizadas pelos familiares para incentivar a educação de seus filhos e ou parentes se desencadeiam de diferentes maneiras.

As famílias de baixa renda, da periferia, aquelas que são menos favorecidas economicamente igualmente realizam táticas para melhorar o desenvolvimento da educação escolarizada dos seus filhos e ou parentes, mesmo que de forma despretensiosa e, em alguns momentos, menos engajada.

Algumas das táticas empregadas que foram identificadas no decorrer da pesquisa foram: matricular os filhos na escola, mantê-los por mais anos na escola, contar a história de suas vidas, relatar as dificuldades do passado, os problemas causados pela



desestruturação econômica, reservar um lugar para a realização das atividades escolares, evitar que os filhos fiquem muito tempo nas ruas, entre outras.

Ao elucubrar acerca das táticas e das estratégias perscrutadas pelos educadores familiares na perspectiva de um jogo, entendo que essas estratégias e táticas ao serem reproduzidas uma quantidade de vezes, podem se transformar em histórias registráveis assim como as regras e os lances de um determinado jogo. E, dessa forma possam ser repassadas de uma geração a outra, deixando pistas pelo caminho e abrindo possibilidades para que outras famílias possam igualmente experimentar essas táticas e práticas educativas com seus filhos e ou parentes.

Contudo, é necessário elucidar que uma visão maniqueísta da influência dos familiares sobre a educação escolarizada dos jovens é extremamente equivocada, assim como o discurso de que o problema da educação pública está diretamente ligado a desestrutura das famílias dos estudantes. Essa última, é uma afirmativa carregada de preconceitos e desencontros.

São muitas as pesquisas que abordam questões da inter-relação família-escola e encontram-se discussões que apontam as lacunas e a inoperância em determinados momentos, por ambas instituições.

Nesses estudos os educadores familiares expressam suas angústias em relação a escola, avaliam que os professores e educadores escolares em alguns casos, são despreparados e omissos e já os professores e agentes escolares argumentam que as famílias, sobretudo as das camadas populares, não se interessam e negligenciam os estudos dos filhos e/ou parentes.

Embora, considere essa discussão das lacunas e das tensões entre escola e família relevante e com já significativa contribuição para o universo acadêmico, entendo que essa tese buscou outros caminhos que contribuem de forma legítima para futuras pesquisas na área da Educação. Ao invés de travar debates no campo tensionado entre educadores familiares e educadores escolares, realizei o giro no olhar. Fui em busca das aproximações das trajetórias de vida dos sujeitos com a educação escolarizada.

Durante as entrevistas, foi perceptível que a educação escolarizada tem um lugar na memória das pessoas e seus signos trazem significados para suas vivências do cotidiano. Mas, do mesmo modo, a ausência da escola e a impossibilidade de frequentá-la também deixaram marcas. E essas marcas das ausências e das perdas ao serem transmitidas aos filhos e/ou parentes igualmente os marcaram, os tocaram e os

impulsionaram a mudar o trajeto da vida buscando possibilidades para trilhar outros caminhos que os levem para mudança de vida.

O contato mais próximo com famílias economicamente desprestigiadas, a análise das suas trajetórias de vida e a leitura de diferentes pesquisas sobre a categoria família, me fizeram enxergar que as famílias pobres da periferia são estigmatizadas desde a sua constituição, mas elas vão além da desestrutura dos sistemas que as enquadram dentro dos seus problemas sociais.

As famílias pobres da periferia, são famílias que lutam contra a desigualdade socioeconômica e também enxergam na escolarização uma forma de enfrentamento dos problemas sociais, rompendo com o estado de pobreza e vislumbrando a possibilidade de melhorar suas condições de vida.

A compreensão de que a maior escolarização dos filhos, contribuirá para a inserção no mercado de trabalho, não é um fenômeno recente. Estudos de Philippe Ariès (2011), apontam que a relação família e escola alterou-se significativamente ao longo dos anos, principalmente se compararmos o período da sociedade tradicional em que a reprodução social não dependia de títulos escolares com a sociedade moderna, quando o capital dominante é notoriamente escolarizado.

A industrialização da economia brasileira trouxe o fenômeno da urbanização e do aumento do trabalho não manual que gerou uma consequente necessidade de uma mão de obra especializada, ou seja que tivesse um nível de escolaridade. No Brasil, a inserção no mercado de trabalho foi dificultada pelas crises econômicas que geraram desempregos e aumento da exigência em relação a qualificação da mão de obra, fatos que impulsionaram a demanda pela escolarização.

A formação da comunidade do Coque é um exemplo da consequência do êxodo rural e da urbanização não planejada. A maioria dos primeiros moradores do Coque é oriunda do interior pernambucano, que veio para a cidade do Recife fugindo das secas e do desemprego que assolavam o campo. Ao chegar, muitos se depararam com as ausências do poder governamental. Eles mesmos construíram seus abrigos e buscaram nos trabalhos informais uma possibilidade de subsistência.

Para abrigar suas famílias, homens e mulheres construíram suas casas de madeira, papelão, zinco e outros materiais descartados que eram encontrados pelas ruas. O Coque se construiu pelas mãos, força e suor dessa gente, que historicamente se constituiu com resiliência e desejo de mudança da condição social.

Os depoentes trouxeram nas suas memórias da infância partes dessa construção do Coque, lugar onde fincaram suas moradias, passaram fome e outras necessidades, mas também, onde brincaram com os primeiros amigos, jogaram bola, contaram histórias e realizaram diferentes encontros.

No que se refere aos processos educativos dos indivíduos, entendo que se constituem de maneiras complexas, processuais e diferentes. Identificar a existência das influências dos educadores familiares nesse processo foi talvez a tarefa mais simples, pois a complexidade estava diretamente em compreender e analisar como essas influências se constituem e se realizam através das trajetórias de vida.

Assim, continuo questionando. O que é transmitido pelos pais, ou figuras que os substituem, aos filhos? Mesmo que eles não tenham a intenção ou consciência, eles transmitem uma visão de mundo, valores que são repassados socialmente. Os valores de uma dada classe social, como aponta Jessé de Souza (2009). Isso o autor se refere a chamada classe média.

E, aos filhos dos pobres, o que é transmitido pelos seus familiares? Segundo o autor, existe uma discussão em que a classe menos favorecida que ele chama de “ralé” está despossuída desses aprendizados repassados pelos familiares, pois a maioria deles se quer frequentaram a escola. Portanto, seus discursos são esvaziados da experiência pessoal.

Contudo, o entendimento dessa pesquisa vai justamente contrapor parte desse argumento, pois, ao analisar as entrevistas com o auxílio dos aportes teóricos, ficou elucidado que também são nas ausências, nas omissões e nas tensões interligadas ao cotidiano familiar que muitas vezes emergem as influências que tocam os sujeitos. Esse toque, deixa marcas, positivas ou negativas, que impulsionam os filhos da periferia a continuar na caminhada educativa.

A identificação destacada da configuração familiar sobre a escolarização dos jovens não desconsidera a influência das outras instâncias de socialização sobre a vida escolar do sujeito. Com base nos relatos das famílias pesquisadas, observou-se que foi ressaltado o papel ativo do próprio estudante na construção dos seus percursos educativos.

Acredito que o indivíduo se constrói a partir das suas relações com o ambiente doméstico, escolar, na comunidade, no ambiente de trabalho e também a partir das suas escolhas e caminhos percorridos.

No Brasil atual, muitos filhos da periferia estão de alguma maneira transpondo as barreiras, rompendo os grilhões que os aprisionaram durante longos anos.

Os jovens filhos da periferia têm no seu passado, não tão longínquo, as marcas da entrada precoce no mundo do trabalho como algo quase predestinado, como se os trabalhos informais, o subemprego e a prestação de serviço aos filhos da elite fossem os únicos caminhos para a manutenção da sua existência.

É inegável que a crise econômica e política que o Brasil está vivenciando na atualidade tem impactado negativamente nas políticas públicas, alargando o distanciamento entre classes sociais e dificultando o acesso às universidades públicas aos filhos da periferia. Contudo, apesar de ressaltar as políticas públicas implantadas durante a última década, identifico que é a resiliência do estudante pobre da periferia que o impulsiona no caminho que o leva à universidade.

Essa resiliência está intimamente interligada com o seu cotidiano familiar. Nesse sentido, afasto-me da ideia de que a entrada dos pobres nas universidades está diretamente, ou unicamente ligada às políticas públicas implantadas pelas instâncias governamentais. Observo que é no ambiente familiar que esse indivíduo, ouve as histórias, vê os sofrimentos, vivência as dores e se constrói resiliente, ou seja, ele é tocado com as trajetórias de vida dos seus familiares.

Ao término dessa investigação, verifiquei essas como as conclusões parciais que instigaram o meu olhar e provocaram novas questões para trabalhos posteriores. Enquanto pesquisadora, reconheço os meus limites e as lacunas desse trabalho. No entanto, acredito que esta tese poderá auxiliar àqueles que se aventurarem pelos caminhos das pesquisas em Educação e, sobretudo, no campo relacionado às trajetórias de vida dos indivíduos.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar textos em história Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Constituição (1824). **Constituição Política do Império do Brasil**. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%24.htm)> Acesso em 10 de dez. de 2016.

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%34.htm)>. Acesso em 10 de dez. 2016.

BRASIL. Constituição (1946). **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1946. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%46.htm)>. Acesso em 10 de dez. 2016.

BRASIL. Constituição (1967). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1967. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%67.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%67.htm)>.

Acesso em 10 dez. out. 2016.

BRASIL. Constituição (1967). **Emenda Constitucional n.1, de 24 de janeiro de 1969**. Brasília, 1969. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Emendas/Emc\\_anterior1988/emc01-69.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc_anterior1988/emc01-69.htm)>. Acesso em 10 dez. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 dez. 96. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso em 10 dez. 2016.

BRUNER, J. **Actos de significado**: para uma psicologia cultural. Lisboa: Edições 70, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 11º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. (dir.). **A Miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Pierre. **Razões práticas**- Sobre a teoria da Educação. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. Pierre. **Escritos de Educação**. In: NOGUEIRA, M. e CATANI, A. (orgs.). Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. Pierre. **O Senso Prático**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. Pierre. **A Reprodução**. Reynaldo Bairão. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. Peter. **História como memória social**. In: \_\_\_\_\_. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMPOS, Regina Célia Passos Ribeiro. **Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CERTEAU, Michael de; GIARD Luce; MAYOL Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. Michael de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARLOT, B.; ROCHEX, J.-Y. **L'enfant-élève: dynamiques familiales et expérience scolaire**. In: DE SINGLY, F.; BERNIER, L. (Org.). *Lien social et politiques – Familles et école*. Quebec: RIAC, n. 35, 1996. p. 75-85.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Trad. Magna Lopes, 3ª ed. Porto Alegre: Armed, 2010.

\_\_\_\_\_. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3ª ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELAGE, M. **Aide à la résilience familiale dans les situations traumatiques**. Thérapie familiale, Genève, 2002.

DEMO, Pedro. **Qualidade Humana**. Campinas: Armazém Ipê, 2009.

DIÓGENES, Glória. **Cartografia da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2008.

DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

DURKHEIM, Émile. **L'éducation morale**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1925.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Formação do Estado e Civilização. vol. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador**: Uma história dos costumes. Vol. 1, 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria e ALBERTI, Verena. Org. **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

FERNANDES, Fernando Lannes, FERRAZ, Ana Flávia & SENNA, Ana Carolina. Org. **Redes de Valorização da Vida - Recife**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.

FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive. Org. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 3ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e mucambos**: decadência da patriarcado rural e desenvolvimento urbano. São Paulo: Global, 2003.

GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **A Cidadania Negada**: políticas de exclusão na educação e no trabalho. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.



GOFFMAN, Erving. **A representação de eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LAACHER, S. **L'école et ses miracles: notes sur les déterminants sociaux des trajectoires scolaires des enfants de familles immigrées**. *Politix*, Paris: n. 12, p. 25-37, 1990.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LAVERDI, Robson; FROTSCHER, Méri; DUARTE, Geni Rosa; MONTYSUMA, Marcos F. Freire; MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral, desigualdades e diferenças**. Recife: Ed. UFPE, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991.

MEIRELLES, Renato; ATHAYDE Celso. **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira**. São Paulo: Editora Gente, 2014.

NEVES, Paulo Sérgio da Costa. **“Recolocando dimensões temporais: memória, tempo e práxis”** in: *Tomo*, n. 2, São Cristóvão: UFS, 1999.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NOGUEIRA, M.A. **Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação**. In: ANPEd. 28, 2005, Caxambu. CD-ROM.

PAIVA, Ângela; BURGOS, Marcelo Baumann. **A Escola e a Favela**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Ed. Pallas, 2009.

PAIVA, Vanilda. **Educação Popular e Educação dos Adultos: Contribuição à História da Educação Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1973.

\_\_\_\_\_. **Violência e Pobreza: a educação dos pobres**. In: PAIVA, V.; BARRETO, V.; ZALUAR, A. (Orgs.). *Violência e Educação*. São Paulo: Livros do Tatu Cortez, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

REZENDE, Antônio Paulo. **Ruídos do Efêmero: histórias de dentro e de fora**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.

ROMANELLI, G; NOGUEIRA, M e ZAGO, Nadir. **Família & escola**: Novas perspectivas de análise. Petrópolis: Vozes, 2013.

ROMANELLI, G. **Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola**. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M.P.; VILELA, R.A.T. (Orgs.) *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SACRISTÁN, J.Gimeno. **Poderes Instáveis em Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2008.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuh C. **Cidade, Habitus e Cotidiano familiar**. João Pessoa: Editora Universitária- UFPB, 2000.

SINGLY, François. **Sociologie de la famille contemporaine**. Paris: Nathan, 1993.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **Representações de Afro-brasileiros**: depoimentos de dançarinos-atores. Recife: Ed. UFPE, 2008.

SOUZA, Jessé. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os Batalhadores Brasileiros**: Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Liber Livro, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História Oral. 3º Edição. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta**: As organizações populares e o significado da pobreza. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_. **Integração Perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

VALLADERES, Licia do Prado. **A invenção da favela.com**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

WACQUANT, Loic. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros escritos sobre a opressão**. Org. Ecléa Bosi, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

## TESES E DISSERTAÇÕES

CABRAL, Augusto Antônio C. **REASSENTAMENTOS DE MORADIAS POPULARES: controle social, justiça social-territorial ou produção do espaço de cidadania (1980 a 2012) O caso da comunidade Chão de Estrelas – Recife/PE.** 2013. 359 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

FIGUERÔA, Ana Paula R. **QUE SAUDADE DA PROFESSORINHA: histórias e memória da escolarização das Normalistas niteroiense e recifense (1946-1972).** 2017. 317 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Pernambuco, Recife 2017.

FREITAS, Alexandre S. **FUNDAMENTOS PARA UMA SOCIOLOGIA CRÍTICA DA FORMAÇÃO HUMANA - Um estudo sobre as redes associacionistas da sociedade civil.** 2005. 395 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

MORAES, Maria Célia M. de. **REFORMAS DE ENSINO, MODERNIZAÇÃO ADMINISTRADA: a experiência de Francisco Campos – anos vinte e trinta.** 2000 308 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

VALE NETO, João Pereira. **COQUE: MORADA DA MORTE? Práticas e disputas discursivas em torno de um bairro do Recife.** 2010 127f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

REIS, Janete dos S. **FAMÍLIA-ESCOLA: a experiência de uma escola pública da periferia de Salvador – Ba.** 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2013.

REIS, Maglaice M. **A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA EM CONTEXTO RURAL: Mobilização familiar em um subdistrito de Mariana-MG.** 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Repositório Institucional Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto 2017.

SENA, Izabel. A. G de. **EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA SOB OS OLHARES E AS VOZES DOS ESTUDANTES MORADORES DA FAVELA DO COQUE.** 2011. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SOUZA, Tirzá Ben-Hur de A. **EDUCAÇÃO PRIORITÁRIA E SUPERAÇÃO DE DESIGUALDADES EDUCACIONAIS EM CURITIBA: problematização dos efeitos iniciais do projeto equidade articulado ao programa Bolsa Família**. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

VIANA, Maria José B. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade**. 1998. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

## REFERÊNCIAS DAS TESES E DISSERTAÇÕES DO PRIMEIRO CAPÍTULO

ABRANCHES, Ana de Fátima P. de S. **Representações sociais dos professores sobre o sucesso e o fracasso escolar.** 2000. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

ALMEIDA, Ada Maria de. **TRABALHO E EDUCAÇÃO: A Formação dos funcionários da fábrica Kaiser de Araraquara-SP.** 2002. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2002.

ALVES, Adriana. **RELAÇÕES DE SABER E COM O SABER EM JOVENS DAS CAMADAS POPULARES - o caso do programa avizinhar/USP.** 2006. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

BARUFI, Alaide M. Zabloski. **FAMÍLIA E SOCIALIZAÇÃO: um estudo das implicações da situação de presença/ausência paterna.** 2000. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BELLO, Luciane. **POLÍTICA DE AÇÕES AFIRMATIVAS NA UFRGS: o processo de resiliência na trajetória de vida de estudantes cotistas negros com bom desempenho acadêmico.** 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

BORGES, Abel Silva. **CULTURA, FORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE NO PENSAMENTO DE HERBERT MARCUSE.** 2002. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CARVALHO, Adnan de. **A CRIANÇA, O BRINCAR E A APRENDIZAGEM.** 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

COELHO, Luciana Lopes. **A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO SURDO NA CULTURA GUARANI-KAIOWÁ: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola.** 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

DALLABRIDA, Adarzilse Mazzuco. **AS FAMÍLIAS COM FILHOS DEFICIENTES E A ESCOLHA DA ESCOLA: O CASO DO COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS.**

2006. f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

FERREIRA, Adélia Doraci de Oliveira. **A BATALHA PELA SOBREVIVÊNCIA NO MUNDO DO TRABALHO: trajetórias ocupacionais de egressos do ensino fundamental.** 2004 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004.

GOMES, Adriana de Andrade. **MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ.** 2005. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

GOMES, Adriana Leite L. Verde. **LEITORES COM SINDROME DE DOWN: a voz que vem do coração.** 2001. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

KNOBLAUCH, Adriane. **APRENDENDO A SER PROFESSORA: um estudo sobre a socialização profissional de professoras iniciantes no município de Curitiba.** 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LUCIANO JÚNIOR, Ademir Soares. **CULTURA ESCOLAR E PERFIL DISCENTE NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC (1966-1973).** 2010 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PEREIRA, Josué Vidal. **O PROEJA NO INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS - Campus Goiânia: um estudo sobre os fatores de acesso e permanência na escola.** 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

ROCHA, Adair José dos Santos. **A EDUCAÇÃO FEMININA NOS SÉCULOS XVIII E XIX: intenções dos bispos para o recolhimento Nossa Senhora de Macaúbas.** 2008. 2012 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

REINKE, Adalberto. **DIAGNÓSTICO E PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-EDUCACIONAL DOS ASSENTADOS RURAIS DA COMUNIDADE DE VILA NOVA, SANTA ROSA DO SUL - SC E A PARTICIPAÇÃO DO IFECTC - CAMPUS DE SOMBRIO.** 2009. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2009.

RODRIGUES, Ádriana Maria Ribeiro. **O SILÊNCIO E A TRANSGRESSÃO: contribuições das narrativas de uma menina e de um menino com trajetórias marcadas pelo insucesso na leitura e na escrita.** 2009. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

SANTOS JÚNIOR, Cláudio de L. **O Mito da Erradicação do Trabalho Infantil via Escola.** 2000. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

SOUZA, Luiz Eduardo Rodrigues de A. **O PROUNI COMO POLÍTICA PÚBLICA DE AÇÃO AFIRMATIVA: uma análise do impacto sociocultural na trajetória de egressos, oriundos das camadas populares, do Prouni da PUC-MG.** 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

VENTURA, Acácia de Fátima. **O CULTO, INVISÍVEL E INACESSÍVEL: Trabalho infantil doméstico dentro de seu próprio domicílio.** 2007. 136 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2007.



## APÊNDICE A- Trajeto fotográfico do Coque

**Imagem 14** - Praça localizada na Vila do Motorista



Fonte: A autora, (2018).

**Imagem 15** - Praça localizada na Vila do Motorista



Fonte: A autora, (2018).

**Imagem 16** -Vila do Motorista



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 17**-Vila Zenaide



**Fonte:** A autora, (2018).



**Imagem 18-** Vila Zenaide1



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 19 -** Vila Zenaide 2



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 20** - Escola de Referência em Ensino Médio Joaquim Nabuco



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 21-** Escola Monsenhor Manuel Leonardo de Barros Barreto



**Fonte:** A autora, (2018).



**Imagem 22-** Escola Municipal Professor José Costa Porto



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 23-** Escola Municipal do Coque



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 24-** Avenida Sul 1



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 25-** Avenida Sul 2



**Fonte:** A autora, (2018).



**Imagem 26-** Proximidades do Terminal de Passageiros Joana Bezerra



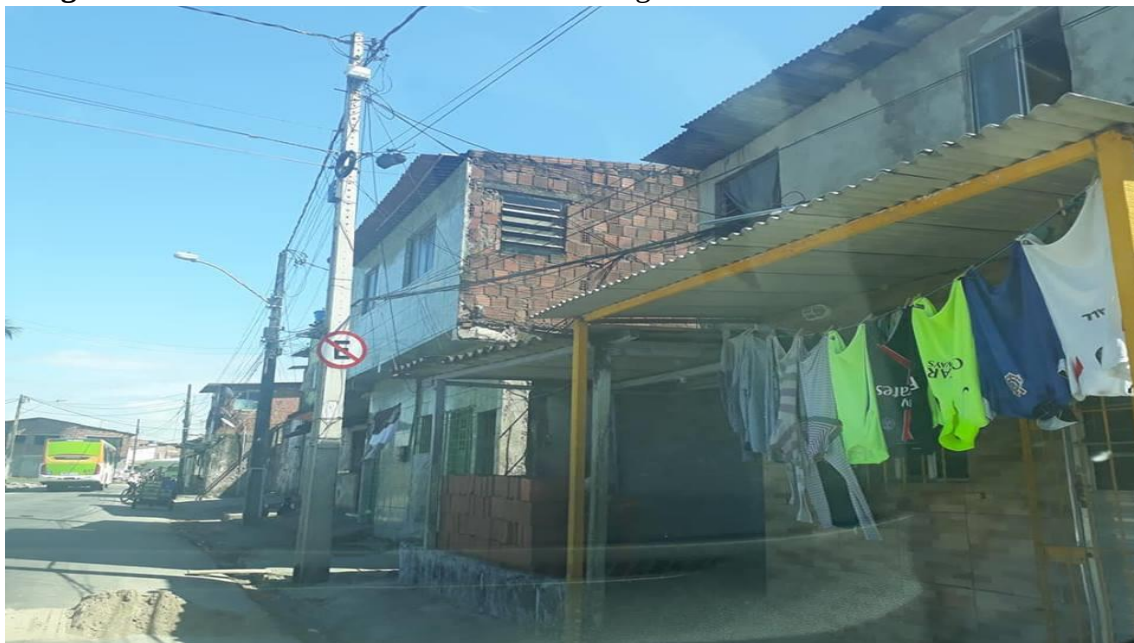
**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 27-** Rua próxima ao Terminal de Passageiros Joana Bezerra



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 28-** Proximidades do Terminal de Passageiros Joana Bezerra 2



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 29-** Proximidades do Terminal de Passageiros Joana Bezerra



**Fonte:** A autora, (2018).



**Imagem 30-** Baía de cavalos instalada em espaço público



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 31-** Núcleo do Programa Saúde da Família Professor Berilo Pernambucano



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 32**-Estudantes no caminho da escola



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 33**-Rua próxima ao NEIMFA



**Fonte:** A autora, (2018).



**Imagem 34-** Rua onde está localizado o NEIMFA



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 35-** Rua próxima ao NEIMFA



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 36-** Ruas que foram pavimentadas recentemente



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 37-** Roupas em varais no meio da rua



**Fonte:** A autora, (2018).



**Imagem 38** - Jovens realizando trabalhos informais: lavagem de carro e entrega de água potável



**Fonte:** A autora, (2018).

**Imagem 39** - Rua Cabo Eutrópio nas proximidades à Escola Professor Costa Porto



**Fonte:** A autora, (2018).

**ANEXO A- Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_ declaro, por meio deste termo que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa intitulada: EDUCAÇÃO E FAMÍLIA: a influência da trajetória familiar no acesso dos jovens de periferia ao ensino superior, desenvolvida por Izabel Adriana Gomes de Sena Simões. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o desenvolvimento da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que pertence a linha de pesquisa Teoria e História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

Por vontade própria, minha colaboração não será anônima. A mesma, foi realizada através de entrevistas gravadas de forma oral, com transcrição e disponibilização de imagens, a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e o respectivo orientador, podendo os dados serem divulgados a fim de gerar fontes para pesquisas posteriores.

Fui informada que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Recife \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador(a) \_\_\_\_\_